

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

FRANCISCA JANE VIEIRA JATOBÁ

A epistemologia unitária da linguagem nas sociedades *matrízticas* amazônicas.

Constant Tastevin e os Katukina-Kanamari

Manaus

**2016**

**FRANCISCA JANE VIEIRA JATOBÁ**

A epistemologia unitária da linguagem nas sociedades *matrízticas* amazônicas.

Constant Tastevin e os Katukina-Kanamari

Tese apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação Sociedade e  
Cultura da Amazônia. Linha 2 – Redes,  
Processos e Formas de  
Conhecimento. Orientadora: Profa.  
Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas.

Manaus

**2016**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

### **Catálogo da Publicação Serviço de Documentação PPGSCA / ICHL / UFAM**

J39e	<p>Jatobá, Francisca Jane Vieira A epistemologia unitária da linguagem nas sociedades matrízicas amazônicas. Tastevin e os Katukina/Kanamari / Francisca Jane Vieira Jatobá. 2016 237 f.: il. color; 31 cm.</p> <p>Orientadora: Marilene Corrêa da Silva Freitas Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. teoria da complexidade. 2. sistemas. 3. sociedades matrízicas. 4. Katukina. 5. Kanamari. I. Freitas, Marilene Corrêa da Silva II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
------	---

JATOBÁ, F. J. V. A epistemologia unitária da linguagem nas sociedades *matrízticas* amazônicas. Constant Tastevin e os Katukina-Kanamari. Teoria da Complexidade e Sistemas. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura da Amazônia, ICHL/UFAM para a obtenção do Grau de Doutora.

**Aprovada em:**

**Banca Examinadora**

Prof. Dr.

\_\_\_\_\_

Julgamento:

\_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.

\_\_\_\_\_

Julgamento:

\_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.

\_\_\_\_\_

Julgamento:

\_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.

\_\_\_\_\_

Julgamento:

\_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.

\_\_\_\_\_

Julgamento:

\_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Dedicatória**

Minhas memórias ecoam o tom na voz da minha mãe, Senhora Maria das Graças Vieira, exprimindo o alvo a ser alcançado.

- Você será Doutora, minha filha!

Aquela frase me invadia totalmente, despertando energia e curiosidade. Aqui estou, minha mãe, em explosão racional e fluidez emocional.

Concretizando!

## **Agradecimentos**

À Universidade Federal do Amazonas, Instituição Federal de Ensino Superior em complexidade sistemática administrativa, estruturada para o desenvolvimento teórico e científico amazônico;

À Profa. Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas, condutora oficial desta produção acadêmica e orientadora teórica das razões e emoções científicas;

A Monsieur Éric Beaussart, cujos argumentos do conhecimento do conhecimento científico executaram em mim o fazer, fazer discurso teórico;

A todos os Professores do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura da Amazônia com os quais mergulhei fundo em nossa produção teórica e científica;

A todas as pessoas pertencentes e participantes da matrix de relações pessoais e cotidianas;

A família ou tribo à qual pertenço;

## RESUMO

JATOBÁ, F. J. V. **A epistemologia unitária da linguagem nas sociedades *matrízticas* amazônicas. Constant Tastevin e os Katukina-Kanamari.** 2016. 290 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

A teoria da complexidade e os sistemas permitem verificar a dinâmica textual/discursiva dos documentos escritos por Constant Tastevin sobre as etnias indígenas amazônicas Katukina e Kanamari durante a missão religiosa da Congregação do Espírito Santo no início do século XX, elaborada em interdisciplinaridade e/ou transdisciplinaridade. O diálogo permanente entre a antropologia, a etnologia, a linguística e outras disciplinas constrói os pensamentos diferentes constituídos pelos sistemas filogenéticos e ontogenéticos, elaborando ontologia em mitologia dos povos *matrízticos*. As dependências de outro meio social e cultural não só tornam o sistema simbólico identificável pela realidade composta nos elementos físico-químicos em complexas relações viventes não redutíveis ao processo analítico elementar, mas também, porque elaborados pelas partículas elementares universais da física quântica, constroem, através da linguagem mitológica dos nativos amazônicos em contato com pensamentos e a linguagem dominadora dos colonizadores europeus, os sujeitos discursivos encontrados nos textos de Constant Tastevin. Em constituição evolutiva, a complexidade existe a partir de geradores em outras escalas de tempo, não havendo campo fechado, isolado e imutável. O método hermenêutico/histórico/científico explora em vários ângulos os dados empíricos existentes nos textos encadeados pelo processo neuronal da linguagem dos povos Katukina e Kanamari e sua ontologia mitológica entremeados aos sujeitos discursivos de Tastevin. O resultado surge no formato dimensionado no cubo matemático, apresentando não um, mas inúmeros sistemas atados em nós em três perspectivas: através da epistemologia unitária encontrada na linguagem das etnias indígenas, os Katukina e os Kanamari, representando as sociedades *matrízticas*; através da linguagem dos povos civilizados nos textos de Constant Tastevin; e também da linguagem subjetivada da Tese. A constituição da epistemologia unitária da linguagem nas sociedades *matrízticas* amazônicas está sistematizada em complexa produção textual surgida dos sujeitos discursivos de Constant Tastevin atando os nós da antropologia, etnologia, linguística, cartografia, filosofia (mitologia), religião (xamanismo e pajelança) em racionalidade contemporânea.

Palavras-chave: teoria da complexidade, sistemas, sociedades *matrízticas*, Katukina, Kanamari.

## RÉSUMÉ

JATOBÁ, F. J. V. **L'épistémologie unitaire du langage aux sociétés *matricielles* amazoniques; Constant Tastevin et les Katukina-Kanamari.** 2016. 250 f. Thèse (Doutorat) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

La théorie de la complexité et les systèmes permettent de vérifier la dynamique textuelle et discursive des documents écrits par Constant Tastevin sur les ethnies des indiens amazoniques Katukina et Kanamari pendant la mission religieuse de la Congrégation du Saint-Esprit au début du XXe siècle, élaborés par l'interdisciplinarité ou la transdisciplinarité. Le dialogue en cours entre l'anthropologie, l'ethnologie, la linguistique et d'autres disciplines construit les différentes pensées basées sur les systèmes phylogénétiques et ontogénétiques en développant l'ontologie mythologique des sociétés matricielles. Les dépendances d'un autre environnement social et culturel non seulement rendent le système symbolique identifiable par la réalité composée dans les éléments physico-chimiques dans les relations de vie complexes non réductibles au processus d'analyse élémentaire, mais aussi parce qu'ils ont développé les particules élémentaires universelles de la physique quantique, construisent à travers le langage mythologique des indigènes amazoniens en contact avec les pensées et la langue dominatrice des colons européens, des sujets discursives dans les textes de Constant Tastevin. La complexité en relation évolutive existe à partir des générateurs d'échelles de temps où il n'y a pas de champ clos, isolé et immuable. La méthode herméneutique/historique/scientifique exploite plusieurs angles empiriques dans les textes liés par des processus neuronaux du peuple exprimé en langage et la langue Katukina-Kanamari, leurs ontologies en mythologies mélangées aux discours de Tastevin. Le résultat apparaît dans le format mis à l'échelle dans le cube mathématique présentant non pas un mais de nombreux systèmes liés en trois perspectives : l'épistémologie unitaire trouvée dans le langage des Katukina et Kanamari représentant les cultures *matricielles* ; le langage des sociétés civilisées aux textes de Tastevin ; et aussi la subjectivité du langage de la thèse. Le cube mathématique présente plusieurs systèmes textuels et discursives écrits par Constant Tastevin. La création de l'épistémologie unitaire de la langue dans les sociétés de l'Amazonie est systématisée dans la production textuelle complexe résultant des sujets discursifs de Constant Tastevin en liant les nœuds de l'anthropologie, l'ethnologie, la linguistique, la cartographie, la philosophie (mythologie), la religion (chamanisme et *pajelança*) dans la rationalité contemporaine.

Mots-clés: théorie de la complexité, systèmes, sociétés matricielles, Katukina, Kanamari.

## Lista de Ilustrações

Figura 1 - O neurônio individual e suas relações durante as sinapses. .... 34



Figura 2 – Alain Cardon e a estrutura sistemática das sinapses e cognições em complexidade biológica ..... 220

### **Lista de Gráficos em Cubo**

Cubo Gráfico 1 – Elementos Sistematizados das estruturas .....	81
Cubo Gráfico 2 – Estrutura dos argumentos em observações das hipóteses .....	91
Cubo Gráfico 3–Pluraridade científica nos documentos de Constant Tastevin .....	101
Cubo Gráfico 4 – Os sujeitos discursivos .....	108
Cubo Gráfico 5 – Alternância dos sujeitos: emoção e razão .....	109
Cubo Gráfico 6 – Sistemas em complexidade: objetos empíricos .....	148
Cubo Gráfico 7 – Dimensões do tempo .....	150
Cubo gráfico 8 – Múltiplos sujeitos discursivos .....	255
Cubo gráfico 9 – Documentos grafados manualmente, datilografados e desenhados. ....	255
Cubo Gráfico 10 – Nós atados entre os sujeitos discursivos nos textos de Constant Tastevin. ....	256
Cubo Gráfico 11 – O teor dos textos surge em complexidade múltipla de estilos .....	256
Cubo Gráfico 12 – Sistemas dos elementos sociais estruturados em dados Antropológicos. ....	257
Círculo gráfico 1 – relações elaboradas entre ciência e mitologia .....	257

### **Lista de Tabelas**

Tabela 1 – Estruturas materiais, mentais e intelectuais; localização geográfica das tribos Katukina e Kanamari .....	119 a 123
--	-----------

### **Lista de abreviaturas e siglas**

Sigla 1 – Association Française de Science des Systèmes Cybernétiques Cognitifs et Techniques (AFSCET) .....	19
Sigla 2 – Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) .....	48
Sigla 2 – École Pratique des Hautes Études (EPHE);	
Sigla 3 - Instituição Federal de Ensino Superior (IFES);	
Sigla 4 - Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA).....	18
Sigla 5 - <i>La Théorie de l'Information Intégrée</i> (ITT).....	31
Sigla 5 - Universidade Federal do Amazonas (UFAM);	
Sigla 6 - Universidade de São Paulo (USP). .....	56
Sigla 7 – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).....	56
Sigla 8 – Universidade Federal do Paraná (UFPR).....	56

### **Lista de fotografias**

Fotografia 1 (Anexo 1) – Constant Tastevin. Documento do Arquivo da Prelazia de Tefé – Am. 604.3.1 Escritos publicados no periódico *Pentencote sur le monde*. Deux savants disparaissent. Le Père Constant Tastevint

### **Lista de Mapas**

Mapa 1 - (Anexo - Documento 5) - TASTEVIN, Constant. 1926. “Le haut Tarauacá. La Géographie, Paris, vol. XLV, p. 34-54, 158 - 175. In CARNEIRO, Manuela. Organizadora. Tastevin Parrissier. Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá. Museu do Índio – FUNAI. Rio de Janeiro, 2009;

Mapa 2 – (Anexo – Documento 6) - TASTEVIN, Constant. Haut-Juruá et Affluents. La Géographie, Paris, tomo XLIX, n.3-4, p. 205-215, mapa. In CARNEIRO, Manuela. Organizadora. Tastevin Parrissier. Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá. Museu do Índio – FUNAI. Rio de Janeiro, 2009;

## Sumário

### Caminho das Águas

<b>1. Introdução.....</b>	<b>14</b>
1.1. Nascente: A missão	
<b>2. Constant Tastevin e a Missão Etnoantroporreligiosa na Amazônia .....</b>	<b>58</b>
<b>3. As Sociedades <i>Matrízticas</i> Amazônicas: Katukina e Kanamari, etnias primitivas do sistema social em harmonia .....</b>	<b>81</b>
<b>4. Sistemas Estruturados; Epigenética dos Katukina-Kanamari .....</b>	<b>142</b>
4.1. A Filogenia; A Ontogenia	
4.2. Elementos universais <i>in natura</i>	
4.3. Ontologia em epistemologia mitológica	
4.4. Elementos Materiais, Elementos Mentais e Elementos Intelectuais;	
<b>5. A Linguagem e seus Fundamentos – elementos teóricos .....</b>	<b>199</b>
<b>6. Reflexões .....</b>	<b>228</b>
6.1.O porto	
<b>Referências .....</b>	<b>259</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>276</b>

### Exergue

Sete Cenas De Imyra  
Taiguara

Nação doente, Tupi  
Por isso vou me curar

Da algema dentro  
de  
[https://www.you  
tube.com/watc](https://www.youtube.com/watc)

[h?v=UQBIS1ViH0o](https://www.youtube.com/watch?v=UQBIS1ViH0o)

m  
i  
m

Imyra, Tayra, Ipy  
Primeira cena: o nascer  
Do beijo de Ara rendy  
Jemopotyr - florescer

É gema, é germe, é  
gen-luz

Imyra brilha no ar  
Corou vermelho e azul  
Por sobre o virgem  
rosar

É rosa gente, é razão

É rosa umbilical

Jukira, sal, criação

Potyra, flor-animal

Imyra, Tayra, Ipy

Segunda cena: crescer  
o espaço e abrir

A flor primal de mulher

Figura, cor, rotação

Calor, janela, pombal

Palmeira, morro, capim

Moreno, ponte, areal

Retina, boca, prazer

Compasso, ventre,  
casal

Descanso, livre lazer

Loucura, vida real

Imyra, Tayra, Ipy

Terceira cena: saber

Que o índio que vive

em ti

Por isso vou encontrar

A gema dentro de mim

Imyra, Tayra, Ipy

A quarta cena é

mostrar

O que há de pedra no

chão

O que há de podre no

ar

Criança em frente ao

pilar

Imaginando seu mar

O mastro imenso, o

navio

A vela, o vento, o

assobio Ferir

É caravela, é alto-mar

Até de novo acordar

Pr'o que há de podre

no chão

Pr'o que há de pedra

no ar

Imyra, Tayra, Ipy

A quinta cena é sofrer

Cunhã curvada a

chorar

Tayra tensa a temer

Fui companheira dos

sóis

Fui protetora das leis

Fui braço amigo de

avós

É  
o  
l  
a  
d  
o  
m  
a  
g  
o  
e  
m  
t  
e  
u

s  
e  
r

S  
e  
v  
i  
m  
d  
o  
s  
C  
a  
m  
a  
i  
u  
r  
á



## 1. Introdução

### 1.1. Nascente: A missão

Nestes dias escrever uma tese científica requer extrema consciência da linguagem no dizer instantâneo do dito. Entre o valor do estudo e o valor da escrita há uma enorme fenda a ser preenchida antes da passagem pelo portal realizada na sinapse com a intenção de adentrar a cientificidade explícita do texto e do discurso. O tempo, o espaço, os processos. Chegamos ao mundo das moléculas. Nano e macro cosmos fornecem dimensões jamais concretizadas em toda a história da filosofia e da religião, através dela, a ciência contemporânea.

A ciência adentra a consciência. As inúmeras pesquisas científicas recentes em múltiplas áreas desvendam o sistema do funcionamento neurológico humano nos conduzindo a elaborações etológicas correspondentes à nossa moralidade, expandindo em nós a energia e velocidade do tempo, enquanto a gravidade das massas moleculares elabora o espaço do cosmos.

Sendo a Etologia, a ciência dedutiva das leis que determinam a formação das características em nossa espécie percebemos as alterações mentais envolvendo os fatos morais pertencentes à composição das atuais pesquisas científicas providenciando adequações ao pensar e, pensar compreendendo o viver em nossa existência. Acreditar no mundo molecular restando-nos saber o que fazer diante destas constatações, é fato.

O segredo está nas respostas epistemológicas de Jean-Paul Baquiast<sup>1</sup> e Christophe Jacquemin<sup>2</sup> na apresentação do livro de Etienne Klein, *Discours sur l'Origine de l'Univers*, no fato de pensarmos que a ciência progredirá mais rapidamente se ela interrogar, não sobre os últimos confins do mundo exterior, que ela mesma não pode observar e, menos ainda, racionalizar, mas sobre seu

---

<sup>1</sup> BAQUIAST, Jean-Paul. Criador do site <http://www.automatesintelligents.com/edito/2000/oct/edito.htm> consagrado à robótica, inteligência artificial, vida artificial, transhumanismo e a seus prolongamentos sociais, políticos e filosóficos.

<sup>2</sup> JACQUEMIN, Christophe. Doutor em geofísica, cofundador e copresidente do site <http://www.automatesintelligents.com/edito/2000/oct/edito.htm>.

próprio processo de aquisição do conhecimento. Isto significará a apropriação das crenças e das mitologias numa atitude digna da racionalidade científica. Com a certeza das incertezas possíveis e prováveis através da consciência realizada através da linguagem em metalinguagem, nos direcionando a perceber nosso lugar, nossa existência.

Os seres humanos produzem pensares, reflexões. Juntos elaboramos estratégias da sobrevivência. Alívio amenizando as tragédias. Tragédias anunciadas. Urge mudarmos a direção retornando ao contemplar as ações naturais do movimento em ajustes cósmicos.

A composição do manifesto de Arne Naess<sup>3</sup> cujos princípios foram formulados com a colaboração de George Sessions (cf. Deep ecology, de Bill Devall, George Sessions. Salt Lake City: Gibbs Smith, 1985), é imprescindível a esta perspectiva ecológica.

#### **Manifesto da Ecologia Profunda<sup>4</sup>**

1. O bem estar e o florescimento da vida humana e não humana sobre a Terra são valores em si mesmos. Esses valores são independentes da utilidade do mundo não humano para os fins do ser humano;
2. A riqueza e a diversidade das formas de vida contribuem para a realização desses valores e também são, em consequência, valores em si mesmos;
3. Os humanos não têm o direito de reduzir essa riqueza e essa diversidade, salvo para satisfazer as necessidades vitais;
4. O florescimento da vida e das culturas humanas é compatível com uma redução substancial da população humana. O florescimento da vida humana requer esse abaixamento;
5. A intervenção humana no mundo não humano é atualmente excessiva. E a situação vai degradando rapidamente;
6. No plano das estruturas econômicas, tecnológicas e ideológicas, temos de mudar nossas orientações políticas de forma drástica. A situação resultante será profundamente diferente da atual;
7. A mudança ideológica consiste principalmente em valorizar a qualidade da vida (de viver em situações de valor intrínsecas), mais que em tratar sem cessar de conseguir um nível de vida mais elevado. Terá de se produzir uma tomada de consciência profunda da diferença que há entre o crescimento material e o crescimento pessoal, independente do acúmulo de bens tangíveis; (citação do site)
8. Os que assinam os pontos que acabam de ser enunciados têm a obrigação direta ou indireta de agir para que se produzam essas mudanças, necessárias para a sobrevivência de todas as demais espécies do planeta, incluindo a do ser humano.

A Ecologia Profunda por outro lado é um conceito filosófico, que considera a natureza, possuindo valor intrínseco independentemente da utilidade que tem

---

<sup>3</sup> NAESS, Arne Dekke Eide. (27 de janeiro de 1912 – 12 de janeiro de 2009) foi um filósofo e ecologista norueguês, inventor da teoria da ecologia profunda.

<sup>4</sup> Disponível em <http://ecologiaviva.com.br/blog/manifesto-da-ecologiaprofunda/#sthash.uHbNSR89.dpuf>. Acesso em: 28 mai. 2013.

para o ser humano. A sua ideia central é a de que fazemos parte da natureza e não estamos à parte dela. Cada elemento da natureza ser vivo ou não vivo, inclusive os seres humanos, deve ser preservado e respeitado para garantir o equilíbrio.

O conceito de Ecologia Profunda foi proposto pelo filósofo e ecologista norueguês Arne Næss em 1973, mas já existia muito antes em diversas sociedades humanas, particularmente indígenas (grifo meu), como forma de pensar e agir.

Leandro Tocantins<sup>5</sup> trata o processo ecológico da Amazônia sob a regência da sociologia de A. Goldenweiser<sup>6</sup> (1940 apud TOCANTINS, Leandro. Amazônia, Natureza, Homem e Tempo. Biblioteca do Exército Editora, 1982. p. 100) formulando, na supremacia humana sobre seres e coisas inferiores, o seguinte postulado:

1. Ambiente físico: “tijolo e argamassa” da sociedade; 2.

Fatores culturais: o poder da modelagem, a forma.

Leandro Tocantins afirma que mesmo se tratando do homem numa região agreste, de características naturais muito peculiares, como é a Amazônia, o homem também reagiu e dominou o meio. Reagiu sem deixar subordinar-se à mata e interrelacionar-se com plantas e animais para conseguir o equilíbrio biótico. Assim sendo, verifica-se através do Manifesto da Ecologia Profunda não apenas a queda da pirâmide com o homem no topo, mas também a igual composição de todos os seres vivos, minerais, vegetais, animais, estabelecendo fauna e flora em relação sistematizada em natural harmonia. A pirâmide não representa mais a escala do todo poderoso *homo sapiens, sapiens*. Os humanos são nada mais do que uma entre as espécies vivas. A forma circular representa melhor a composição biológica.

---

<sup>5</sup> TOCANTINS, Leandro. Amazônia, Natureza, Homem e Tempo. Biblioteca do Exército Editora, 1982. P. 100.

<sup>6</sup>GOLDENWEISER, Alexander. Leading Contributions of Anthropology to Social Theory, 1940.



Assim, elaborando questões sobre nós mesmos seguimos a razão filosófica cuja cientificidade atrela, compõe, ata os nós da complexidade universal.

Responder é encontrar argumentos à questão do que fazer com as explicações necessárias ao entendimento das dimensões envolvendo tempo, espaço, existência, ou não da realidade?

Somos criacionistas ou evolucionistas?

Formulamos teorias ou especulações? Ou

as duas atividades mentais coexistem?

Os cientistas e as ciências, entre elas a cosmologia, no momento em que as observações não fornecem mais elementos suficientes à construção das hipóteses verificáveis concernentes aos eventos do cosmo, reagem. Hipóteses, momentânea ou definitivamente inverificáveis, são elaboradas. Mas como estas hipóteses poderão se distinguir das construções puramente imagináveis, sejam inspiradas na mitologia (religiosa), ou na romanesca (ficção científica)? Consideremos a lógica das incertezas que preside a criação e a manifestação de uma ciência das incertezas?

No século XIX, o termo, metafísica foi muito utilizado. O vocábulo inclui hoje inúmeros sentidos. No campo científico podemos considerar que designa o que é (meta) ao lado da física, ou ciência. Abarcando as significações tão numerosas, a palavra metafísica é geralmente evitada pelos cientistas justamente por incluir questões sobre a alma, a existência de Deus, o sentido da vida, a origem do mal ou o estudo do ser, a ontologia. Por tratar-se de hipóteses espiritualistas não podem e nem devem ser discutidas por uma ciência considerada materialista ou naturalista?

EmPhiloscience<sup>6</sup> de Jean-Paul Baquiast e Christophe Jacquemin, encontramos argumentos importantes a esta reflexão:

“Se pensarmos um pouco, filosoficamente sobre o papel do cérebro na produção de hipóteses concernentes à natureza profunda do Universo, seremos obrigados a fazer uma constatação que não é um retorno ao religioso, mas que surge de um fato comumente observado na antropologia humana. As sociedades mais primitivas (talvez algumas espécies de animais) sempre geraram espontaneamente o conceito de infinito, aplicado ao tempo, ao espaço, ao contido, ao conteúdo dos conhecimentos. Não seria que, de certo modo, elas estariam em relação com as formas de conhecimentos ultrapassando a única racionalidade, tal qual nós a queremos limitar, hoje?”. (tradução pessoal ver Índice Remissivo - A)<sup>7</sup>

O teórico Gilbert Chauvet<sup>8</sup> formula os princípios de funcionamento do vivente.

Chauvet afirma ser o biológico de natureza puramente matemática. Para ele há evidências da existência das leis gerais que regem a matéria viva não somente do ponto de vista da morfogênese mas também da filogênese. Se não como explicar o extraordinário fenômeno da embriogênese, ou da aprendizagem, ou ainda da recuperação dos traumatizados, ou a existência de patas nos caranguejos ou em camarões?

Para Chauvet a integração deve ser observada em seu sentido matemático: além de colocar em correspondência os mecanismos trata-se de considerar os acoplamentos entre estes mecanismos produzindo a função global.

Incluída nesta perspectiva penso ser necessário observar as cognições acontecidas em meu cérebro durante os cursos das disciplinas do PPGSCA, os estudos e pesquisas, o resultado de encontros surpreendentes com a produção teórica da ciência através da ciência de Constant Tastevin sobre os povos Katukina e Kanamari, índios da Amazônia.

Jean-Paul Baquiast e Christophe Jacquemin asseguram que o fim do século XX e o início deste século XXI anunciam imensas mudanças no modo

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://philoscience.over-blog.com/> Acesso em: 18 jan. 2014

<sup>7</sup> BAQUIAST, Jean-Paul. Disponível em: <http://philoscience.over-blog.com/> Acesso em: 25 fev. 2014

<sup>8</sup> CHAUVET, Gilbert. Fundador e redator chefe do Jornal Integrativo da Neurociência, professor honorário da Faculdade de Medicina em Angers, pesquisador no EPHE, de Paris além de professor/pesquisador na Universidade da Califórnia do Sul, Los Angeles, matemático, físico e médico de formação.

como a espécie humana poderá agir neste mundo e conseqüentemente sobre a própria consciência que ela terá deste mundo e de si mesma.

O meu percurso acadêmico iniciado com a Licenciatura em Letras, os cursos frequentados, as aulas recebidas, o benefício das bolsas de estudos, via embaixadas, da França e do Canadá, proporcionaram aos meus neurônios, múltiplas questões relacionadas à linguagem executante em nós, humanos, portadores da capacidade da metalinguagem.

A academia institucionalizada, as teorias científicas, as propostas das epistemologias elaboradas na neurociência, física, química, matemática, enfim, aos domínios das ciências biológicas, exatas e humanas, a fim de perceber o movimento existencial da nossa espécie, são incursões necessárias aos fundamentos das argumentações textual/discursivas desta Tese. Sem formação acadêmica nestes domínios impossibilitada a resolver equações atendo-me ao discurso dos cientistas executados na linguagem. Privilégio ontofilogênico da nossa espécie nossa razão o lugar da ciência nos possibilita usufruir a linguagem presente e a metalinguagem existente, (as teorias científicas só existem na linguagem, a filosofia, também). Enfim adentrar ao momento da produção da linguagem no cérebro também é um desafio. Programados a pensar, o pensar.

Neste momento creio que Teoria da Complexidade encaixa-se perfeitamente ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA). A multidisciplinaridade executada na interdisciplinaridade do Programa durante mais de uma década ainda não se tornou palpável academicamente. Ininteligível a alguns, em vez de constituir-se rumo ao nada nos conduzo todo. A Epistemologia contemporânea assume esta mesma direção. Neste sentido o PPGSCA revela-se para não perdermos o foco amazonicamente pertencente à ciência mundial.

O que representa esta Teoria da Complexidade, na contemporaneidade científica? Encontra-se no texto *L'Approche systémique: de quoi s'agit-il? Síntese dos trabalhos da Association Française de Science des Systèmes Cybernétiques Cognitifs et Techniques (AFSCET)*<sup>9</sup> a Difusão do Pensamento Sistemico

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.afscet.asso.fr/> Acesso em: 21 fev. 2013.

produzido textualmente por Gérard Donnadieu, Daniel Durand, Danièle Neel, Emmanuel Nunez, Lionel Saint-Paul, o seguinte discurso explicativo/argumentativo:

A grande aventura intelectual do fim do século XX foi a descoberta da extraordinária complexidade do mundo que nos cerca. Complexidade do cosmos, dos organismos vivos, das sociedades humanas, mas também de todos os sistemas artificiais conhecidos pelo homem e que são, as empresas, os avanços técnicos, organizacional, econômico e social. O fenômeno da mundialização das trocas quer sejam comerciais, financeiros ou culturais, só acelera esta tomada de consciência da complexidade, acentuando seus efeitos.<sup>10</sup>

De fato a melhor produção escrita sobre a Teoria da Complexidade e os Sistemas objeto da Tese sobre os escritos de Constant Tastevin e os Katukina-Kanamari é concebida na íntegra com o apoio dos argumentos em diálogos realizados via endereço eletrônico dos teóricos de peso como Monsieur Beaussart, Alain Cardon, Michel Bitbol, Monsieur Baquiast, Edgar de Assis Carvalho, Marilene Corrêa entre outros, ao dedicarem a atenção aos meus contatos acadêmicos.

Assim a explicação constitutiva do trabalho da tese de doutorado, as suas origens conceituais muitas vezes escondidas estão no centro de pertencimento à ciência. Com autorização a "entender de forma diferente", mesmo o texto clássico com resultados já explorados incorpora pesquisas e olhares agregados em outras disciplinas compondo uma imensa liberdade de pensamento constituindo a intenção teórica da produção argumentativa incluída na física da linguagem.

A ciência é construída através da abertura de pensamento sobre o outro às vezes no jogo das polaridades existindo graças aos diferentes pensamentos de exploração complementar. Sem colocar-me no processo de competição e disputa, especialmente em face da antropologia e etnologia da Tastevin, desenvolvida no Brasil, eu acho que é possível, abrir o diálogo com a antropologia e outras disciplinas.

"Como é o caso com objetos complexos torna-se muito difícil, *a priori*, para dizer o que é um sistema simbólico". Esta é a declaração de Jaques e Gerard Donnadieu Lorigny na Res-Systemica, vol. 9, 2011. A edição especial da Revista

---

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.afscet.asso.fr/> Acesso em: 24 fev. 2013.

lidou com a abordagem sistêmica dos sistemas simbólicos em uma seqüência argumentativa apropriadamente associada.

Os objetos a serem identificados pertencem à realidade compostas na história da vida do *homo sapiens*. E sempre dependente de um ambiente social e cultural.

A complexidade está dentro dos sistemas e os sistemas dentro dos círculos. O adágio conhecido por biólogos e de tomada de decisão sistemática é: não há matéria viva, e muito menos o pensamento, mas sim, o pensamento sistêmico e de vida.

Isto significa para Donnadieu Lorigny que a vida e pensamentos não podem ser explicados pela redução de processo analítico elementar de acordo com a hipótese materialista de positividade. Vida e pensamentos refletem uma situação de emergência de fato relacionados com a complexidade do trabalho uma vez que a física quântica revela partículas elementares universais e construções socioculturais desenvolvidas pelo homem.

Esta declaração condiz como desejo de conhecimento como conhecimento. Qualifica, aparece e implanta. Este é o segredo, se é que podemos dizer da noção de complexidade: embora existam alguns próprios geradores para outras escalas de tempo evolucionárias.

Estruturando os argumentos da Epistemologia Unitária da Linguagem nas Sociedades *Matrízicas* Amazônicas permitindo:

- Tese de Doutorado – Ciência: permite compreender diferentemente e com uma imensa liberdade de pensamentos constituintes nas produções argumentativas; Preciso apresentar as intenções da composição teórica totalmente soltas e dispersas nas inúmeras possibilidades em contínuas ebulições. Desta forma desenvolver a intenção teórica da produção argumentativa sobre a mecânica neurofísica da língua faz parte das conjecturas ainda imaturas em mim e o Monsieur Alain Cardon me socorre elaborando a estrutura e varrendo dúvidas.

- Construção da Ciência: a abertura do pensamento sistematizado sobre o outro, o jogo das polaridades nos pensamentos diferentes, nas explorações complementares;
- Desta forma é possível abrir o diálogo com a antropologia, etnologia e outras disciplinas;
- Os objetos complexos tornam difícil *a priori* identificar o que é um Sistema Simbólico;
- Objetos a serem identificados:
  1. Pertencem à realidade composta na história da vida no mesmo tempo que o *homo sapiens*;
  2. É sempre dependente do meio social e cultural;
  3. Os Sistemas Simbólicos situados na físico-química ao longo da história dos sistemas complexos viventes terminam em seres humanos e sociedades.
- A Complexidade está dentro dos sistemas e os sistemas em círculos;
- A vida e os pensamentos não podem ser explicados pela redução ao processo analítico elementar segundo a hipótese materialista do positivismo. Vida e pensamentos refletem um efeito de urgência ligado à complexidade do trabalho a partir da física quântica das partículas elementares universais das construções socioculturais elaboradas pelo homem.
- O desejo de saber está no conhecimento e se qualifica, surge e se modifica. Este é o segredo da complexidade: tudo existe a partir de geradores em outras escalas de tempo evolucionário. Tudo está na relação evolutiva, não há campo fechado, isolado e imutável em um contexto desprezível. As noções de sistemas de campo fechado estão mortas. Em meu cérebro elaboro algumas premissas:

A Complexidade Sistêmica surge na(s):

- Ciências Sociais – atestando;
- Epistemologia – formulando;
- Filosofia – pensando; • Ciências da Natureza – provando.

Podendo é claro expandir a cada uma destas áreas científicas o desdobramento fornece inúmeras possibilidades constitutivas aos sistemas existentes em cada uma delas.

Certo, mas a complexidade sistêmica é uma descoberta ou apenas uma constatação?

É no discurso sobre a abordagem sistêmica o lugar onde os cientistas declaram que a complexidade sempre existiu embora a percepção da existência em composição seja recente. Durante muito tempo, em suas pesquisas sobre o conhecimento e a sabedoria os homens buscaram explicações simples e lógicas à exuberância do mundo. Surgindo no programa da filosofia, depois na idade moderna a ciência positiva fundada no método cartesiano e caracterizado pela tentativa de redução da complexidade a seus componentes elementares. Os fabulosos pensamentos filosóficos e os métodos pertencem à evolução racional humana dos séculos XIX e XX.

O fato é que o método dos sistemas estáveis constituídos por um número limitado de elementos com interações lineares (podendo ser descritos por leis matemáticas contínuas e aditivas) não convém mais se considerarmos a complexidade organizada dos grandes sistemas biológico, econômico e social.

Mudança de perspectiva com o foco nas novas representações da realidade levando em conta a flutuação, o caos, a desordem, a imprecisão, a ambiguidade, o paradoxo. Todos estes aspectos que foram considerados a-científicos pelo positivismo reinante são considerados importantes para compreender a complexidade do real.

Albert Einstein afirmava que se nós não mudarmos nossa maneira de pensar não seremos capazes de resolver os problemas que nós criamos com nossos modos atuais de pensamento. Esta nova maneira de pensar tem um nome: abordagem sistêmica.

O contínuo tempo nos fez chegar aqui. A história conservando o tempo no espaço deste planeta conduz à plena certeza de que chegamos a isto graças aquilo. Melhor não condenarmos, negarmos ou abandonarmos nossa existência filosófica, espiritual e científica, mas sim, abraçarmos, acoplarmos e incluirmos

nossa história à consciência de hoje sobre nós mesmos: somos moléculas ativadas em energia.

A sistêmica dos sistemas será melhor detalhada nos argumentos sobre a linguagem textual de Tastevin sobre as sociedades *matrízticas*, teoricamente através de Alain Cardon<sup>11</sup>, em produção do livro *Les systèmes de représentation et l'aptitude langagière*, Alain Cardon dispôs seus argumentos científicos demonstrando a mecânica neuronal ativada na linguagem fundamentando os argumentos desta tese.

Encontramos a definição de sistêmico como uma nova disciplina que reagrupa os aspectos teóricos práticos e metodológicos relativos ao estudo do que é reconhecido como muito complexo para poder ser abordado de maneira reducionista e que elabora problemas de fronteiras internas e externas, de estrutura, de leis, ou de propriedades emergentes caracterizando o sistema como tal, ou de problemas do modo de observação, de representação, de modelização ou de simulação de uma totalidade complexa.

Sendo a linguagem produto elaborado das fronteiras internas e externas de leis e com propriedades emergentes continuamente pertencente à complexidade exposta em aspectos teóricos práticos e metodológicos relativos ao estudo, trato de estabelecer os nós da estrutura sistemática neuronal da capacidade de comunicação humana.

É preciso compor a Teoria da Complexidade em uma Epistemologia Unitária. Reconhecer a ontologia das sociedades *matrízticas* em outros sistemas. Sistematizando o todo. Vida sendo mitologicamente condensada ao *religare*, filosoficamente unificada à ciência, *in natura*, *In Dios*.

O que dizer sobre os relatos encontrados nos textos de Constant Tastevin etnólogo e antropólogo que registrou o encontro com as etnias Katukina-Kanamari na Bacia Amazônica? Quantos sujeitos discursivos participam da

---

<sup>11</sup> CARDON, Alain. *Les systèmes de représentation et l'aptitude langagière*. Disponível em: <http://www.admiroutes.asso.fr/larevue/2013/136/LivreACmai07.pdf>. Maio 2013. Acesso em: 15 jan. 2013.



complexidade textual das narrativas perceptíveis na linguagem (escrita)? Quais os processos sistêmicos em funcionamento neuronal durante a escrita (ação)?

A linguagem nos permite entender que os gregos estudaram as formas elípticas simplesmente porque eram belas; dois mil anos depois Kepler se deu conta de que essa abstração geométrica correspondia ao trajeto dos planetas em torno do Sol. Riemann pensava apenas em matemática quando propôs a curvatura do espaço; Einstein recorreu a ele para explicar o universo. Milagres da evolução dos pensamentos?

A Teoria da Complexidade constituindo o contemporâneo painel científico comprovado através das certezas nas incertezas científicas precisa de epistemologia aos postulados das descobertas reveladoras devidamente comprovadas.

O panorama do caleidoscópio científico contemporâneo ainda é fronteiro. Mesmo quando o pesquisador é graduado em múltiplos domínios os prêmios científicos, a aclamação social é formatada sectariamente em disciplinas, domínios ou áreas.

Baquiast lembra a propósito do livro *L'Origine des Individus*, que Jean-Jacques Kupiec<sup>12</sup> apresenta duas escolas convergentes de pesquisadores das causas epistemológicas: uma delas exercida na ontofilogenética biológica, a outra, no *Méthode de Conceptualisation Relativisé* a partir de um substrato quântico indefinido.

Em *Perdons-nous connaissance? De la mythologie à la neurologie*, Lionel Naccache<sup>13</sup> propõe uma teoria geral da consciência se apoiando em duas disciplinas nas quais o autor é expert: a observação dos cérebros funcionais e os comportamentos das pessoas portadoras de anomalias neurológicas em maior ou menor grau afetando a expressão da consciência. Trata-se das duas

---

<sup>12</sup> KUPIEC, Jean-Jacques, *L'Origine des individus*, Le Temps des Sciences, Paris, Fayard, 2008. Trad. angl. *The Origin of Individuals*, World Scientific, 2009. Disponível em: AUTOMATES INTELLIGENTS. <http://www.automatesintelligents.com/biblionet/index.html>. Acesso em: Agosto, 2013.

<sup>13</sup> NACCACHE, Lionel. *Perdons-nous connaissance ? : De la Mythologie à la Neurologie*. Éditions Odile Jacob, coll. « Sciences ». 2010.

vias mais eficientes para compreender o modo de construção e expressão do que chamamos também o espírito humano.

Entre o conhecimento e a informação segundo Naccache o homem contemporâneo elabora uma descrição de si mesmo e de sua história, melhor dizendo, de seu Eu. Deverá mostrar como o Eu cria ou utiliza a informação detalhadamente ou como organiza os inúmeros sistemas de conhecimentos a fim de melhorar sua adaptação no conflito darwiniano pela sobrevivência que se diferencia das outras espécies e a seus semelhantes.

Desta forma Naccache propõe uma incursão na mitologia onde a precisão surpreende aqueles que esqueceram a história das filosofias e das religiões. Sucessivamente refere-se à mitologia grega e as propostas de Platão, as escrituras da Bíblia e os comentários do Talmud, as lendas mais recentes do renascimento europeu, com o mito de Fausto, etc. Em todos estes casos os que desconhecem as lendas, aqueles que se alimentam do conhecimento submeteram-se a destinos atroz mesmo portando nobres intensões.

O roteiro estruturado desta Tese comporá o caminho em direção a demonstrar a quais tipos de conhecimento faziam referência os nossos mitos e por que excluem o *vulgum pecus* ou o pensar do mais comum dos mortais? Cadentemente.

Em direção às possibilidades exequíveis destes paradigmas apresentados pela ciência contemporânea encontramos em Thomas Kuhn a afirmação de que os conhecimentos científicos se organizam em torno de vastas construções conceituais nomeadoras dos paradigmas. Estas construções elaboradas a partir do trabalho cotidiano das ciências conferem às novas descobertas um sentido geral cujo conjunto se impõe a todos. Não só os pesquisadores se interessam mas também epistemólogos e parteda sociedade. Esta evolução dos paradigmas científicos são rupturas. Kuhn diferente de Popper afirma que as teorias científicas não são rejeitadas quando são refutadas por novas experiências mas sim quando são substituídas por novas teorias com a mesma ambição totalizante. Esta substituição é por um lado um fenômeno social no sentido de engajar uma comunidade de cientistas e filósofos de acordo com uma explicação global de alguns fenômenos ou de algumas experiências.

O panorama contemporâneo da ciência e da epistemologia está composto nas formulações teóricas envolvendo a ciência, a filosofia e a religião na observação dos fenômenos físico/químico/matemáticos da biologia humana na crença ou não da existência do espírito. Pelo que pude constatar pululam inúmeras hipóteses incluindo o não lugar ou o momento da criação, a explosão do Big-Bang e ainda a não existência de Deus. Pontuei três escolas e suas principais linhas de pesquisa formulando construções conceituais e epistemológicas:

- 1) Teoria Espiritualista;
- 2) Teoria Materialista; 3) Teoria do Nada.

Ao tratarmos da Epistemologia Unitária incluímos a complexidade do tema coordenando as hipóteses pensadas. A existência da energia vital em nós humanos pode representar a essência do espírito ao fazer funcionar o motor, a mente no cérebro, direcionando o corpo em perfeita sintonia. Divina trindade?

O grupo de cientistas tratando o objeto empírico em múltiplas áreas ou domínios, os recursos tecnológicos disponíveis à psicologia cognitiva, a ressonância magnética, a física neuronal das sinapses realizadas executando a consciência humana todos os percursos observáveis pertencentes às pesquisas mais avançadas sobre este tema mostram-se inquietantes e reveladores.

O livro só disponível em inglês do Pr. Stanislas Dehaene<sup>14</sup>, psicólogo cognitivo e neurocientista francês cujos domínios de pesquisas concernentes às bases cerebrais da aritmética e da numeração, a leitura e a consciência temáticas que exploram através de experiências em psicologia cognitiva e da imagem cerebral (imagem de ressonância magnética funcional, magnetoencefalografia e eletroencefalografia), *Consciousness and the Brain: Deciphering How the Brain Codes Our Thoughts*, examina as respostas possíveis às questões fundamentais. Como nosso cérebro gera um pensamento

---

<sup>14</sup> DAHENE, Stanilas. *Consciousness and the Brain: Deciphering How the Brain Codes Our Thoughts*. Disponível em: *The Journal of Undergraduate Neuroscience Education* 12 (2): R5–R6. Retrieved 25 July 2014 Consulta em: 02 fev. 2013.

consciente? Por que o essencial da nossa experiência do mundo torna-se inconsciente? Como nosso cérebro continuará evoluindo?

Estas questões desde há muito tempo objeto das reflexões filosóficas deram lugar à neuroimagem tecnologia disponível destes últimos vinte anos. Numerosas experiências clínicas visando identificar os centros nervosos implicados no processo cognitivo quando ele é parcial ou totalmente destruído por acidentes iniciaram a possibilidade da compreensão. A neuroimagem permitiu um progresso decisivo nas pesquisas. Este progresso continua e nos obriga a atualizar ou modificar nossas conclusões até então adquiridas.

Ao entrar no Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia para a obtenção do Grau de Doutora acionei as memórias da Dissertação do Mestrado em Educação da FACED/UFAM buscando os elementos do foco paradigmático via neurociência e esclarecendo o processo de cognição sináptica exequível na *autopoiese* me perguntando o que restava investigar. Os elementos epistemológicos da complexidade constituída na forma interdisciplinar deste Programa de Pós Graduação propiciam a conjunção estrelar das ciências.

A dissertação Epistemologia e *Autopoiese*: uma educação futurista nas idéias de Maturana defendida em 2006 na Faculdade de Educação precisa ser referenciada por ser um processo acadêmico resultado das sinapses acontecidas durante o encontro com a análise do processo biológico via Humberto Maturana. Ao receber das mãos do Dr. Carlos Rojas orientador do mestrado o livro de Humberto Maturana intitulado “A Ontologia da Realidade” descobri “coisas”. Estas “coisas” eram cientificamente comprovadas gerando energia suficiente ao impulso em direção à complexidade da circularidade universal da filosofia, da religião através da razão científica.

Posso considerar sim a sintonia perceptiva em conjunção equacional na matemática perfeita do movimento molecular físico caótico da energia elaborando a química das realizações sinápticas produzindo cognições neuronais em minha biologia? Será esta observação o “conhece-te a ti mesmo” socrático?

Os escritos de Humberto Maturana adentram à cibernética em *continuum* avanço entrelaçada ao caminhar das descobertas dos processos neurológicos.

Caminhando nesta direção encontrei na cibernética desenvolvida por tecnólogos, físicos, astrônomos e matemáticos uma ordem desordenada explicando tudo isto além de compor a tecnologia necessária à inteligência automática ou robótica.

Decidi não sem conflitos adotar só as mais recentes teorias científicas em mutação evolutiva perdendo o medo de falhar na ausência das referências necessárias aos argumentos uma vez que os cientistas representantes das experiências científicas em uma nova epistemologia tem *know-how* ainda que em domínios além dos já classificados como escolas áreas temáticas, etc. Físicos tratando da Filosofia? Entre ganhadores do Nobel e do *Prix Scientifique* elaboro um caminho considerando a importância da contínua evolução ao pensar a existência humana na linguagem.

A consciência artificial é o objeto de pesquisas entre neurologistas, físicos, químicos, engenheiros da informática. Há os seguidores de Darwin com a teoria do darwinismo neuronal entre estes Gerald Edelman<sup>15</sup>, Nobel em 1972 com trabalhos sobre imunologia desenvolvendo pesquisas resultantes em obras sobre como a matéria torna-se consciência, *Comment la matière devient conscience*<sup>16</sup>, ou ainda os sistemas de representação e as atitudes da linguagem de Alain Cardon<sup>17</sup>

Ora esta trajetória da ciência da informática ao atuar na elaboração dos argumentos científicos sobre a linguagem, a consciência, a mente, o pensar, muda a perspectiva do objeto ao fazer pulsar a linguagem do pertencimento às Ciências Humanas e Filosóficas.

Os contatos impressionantes com os argumentos e composições discursivas sobre a linguagem e a consciência diferentes das abordagens na linguística, na psicanálise, na filosofia estabeleceram novas sinapses e

---

<sup>15</sup> EDELMAN, Gerald. Traduction française de "A Universe of Consciousness. Gerald. Editions Odile Jacob 2000.

<sup>16</sup> TONONI, Giulio. *Comment la matière devient conscience*, Éditions Odile Jacob, 2000, Paris

<sup>17</sup> CARDON, Alain. Matemático e membro permanente do Laboratoire d'informatique de Paris 6 (LIP6) de l'Université Paris VI desde 1996.

cognições ao percorrermos este caminho explicativo. Sem ser excludentes uma vez que permitem e admitem a permanência das teorias desenvolvidas em múltiplos domínios ao longo da nossa história reconhecendo a lógica dos fatos de que sem as abordagens nas Humanas seria impossível chegar a este lugar neste momento estabelecendo ao pensar pensar os processos neurais sobre a linguagem utilizando-se dela. É esta a capacidade diagnosticada por Maturana ao distinguir nossa espécie entre todas as outras espécies dos seres vivos. Somos capazes de pensar sobre a linguagem. Exercemos a meta-linguagem. Portanto, portamos a meta capacidade.

Então a Epistemologia Unitária da Linguagem inclui todos os domínios perceptíveis em múltiplas ciências produtoras de pesquisas tanto na filosofia, onde mora o conceito da epistemologia e do pensar a linguagem, quanto nas outras ciências humanas, produtora da linguística enquanto ciência responsável pelo desenvolvimento das inúmeras teorias da linguagem. Inclui a neurociência biológica. A produção energética da física neural gerando uma química apresentada em nossa mente em cada corpo humano calculáveis matematicamente. Embalagem perfeita ao que creio ser o objeto da minha curiosidade em relação à linguagem. Vejamos.

Tendo percebido a linguística tratando a linguagem enquanto produto existente no ato da comunicação desenvolvi a curiosidade relacionada ao lugar onde produzimos esta linguagem. Como e onde geramos o pensar. Ainda procurando entender este processo creio estar em um círculo por iniciar na filosofia esta caminhada após percorrer a linguística e suas inúmeras portas e retornar ao caminho da filosofia através do ato do pensar só que desta vez considerando os processos da nossa filogenia e nossa ontogenia biológica buscando a ontologia da nossa espécie entre os seres vivos. Ora se este círculo compõe-se de pensamentos buscar explicações na mitologia dos povos *matrízicos* é condição *sine qua non* neste processo circular uma vez que todas as civilizações apresentam em sua cultura explicações confortáveis à presença da energia vital em nós humanos. Nossa consciência existe na linguagem. Acreditando nesta composição única da linguagem nas sociedades *matrízicas* da Amazônia buscarei nos textos/discursos de Constant Tastevin, assegurar a

manutenção da epistemologia unitária da civilização Katukina-Kanamari sobre as quais ele escreveu em suas missões na Amazônia.

Na realidade creio ser este meu processo muito longo, iniciado há algum tempo resultando agora na elaboração deste texto acadêmico/científico. Todo o percurso teórico da Graduação recebido no Instituto de Ciências Humanas e Letras assim como os estágios de aperfeiçoamento linguístico, as disciplinas cursadas durante o Mestrado em Letras e o Mestrado em Educação, onde finalmente encontrei Humberto Maturana e a “Ontologia da Realidade” compõem o sistema das hipóteses, os problemas, as indagações e respostas.

Quando conheci a formatação neural *autopoiética* busquei autodidaticamente procurar conceber a melhor cognição possível deste movimento ao abrir os livros de medicina com verdadeiros tratados específicos neste domínio e naquela época totalmente novos a mim. Resultou na necessidade argumentativa de responder as seguintes questões hoje apresentadas desta forma:

- a) Qual modelo utilizar na apresentação escrita desta proposta da epistemologia unitária da linguagem, e sob qual paradigma, sabendo que os modelos clássicos equacionais são inadequados pelo tipo de fenômeno estudado?
- b) Que entidades da linguagem definir, com quais estruturas lidar, sabendo que elas estão em constante evolução e, a princípio, comunicação para evoluir e só então se adaptar?
- c) Como formular compreensão existente diante das inúmeras pesquisas em diferentes teorias tais como *La Théorie de l'Information Intégrée* (ITT) elaborada por Giulio Tononi<sup>18</sup>, que visa explicar o que é a consciência, como ela pode ser medida, como ela é produzida pelo cérebro, como ela desaparece durante o sono sem sonhos e como ela retorna em formas diferentes nos sonhos, durante o percurso vertical de aprofundamento destas relações com a linguagem?

---

<sup>18</sup> TONONI, Giulio. "Consciousness as Integrated Information: a Provisional Manifesto" du Biologique" paru dans le Bulletin (Biol. Bull. December 2008 vol. 215 no. 3 216-242).

Direcionando esta configuração contemporânea da ciência creio que ao observar as sinapses da elaboração de um discurso científico em conectividade impulsionada pelas leituras nas cognições em busca da epistemologia unitária da linguagem acabo sendo no mínimo cobaia de mim. Humberto Maturana diz ser esta a ciência entre parênteses. Embora não mesurável.

Henri Stapp<sup>19</sup> apresentado por Jean-Paul Baquiast ressalta a questão e a direção focada. *A quoi sert la conscience humaine? La question de l'observation en physique*, dinamiza a cientificidade no tema da consciência nos fazendo crer conscientemente no fato de que acessível na linguagem a consciência tem efeitos secundários ou induzidos não sendo portanto, a primeira ação da mente humana, o primeiro movimento. Cadenciando a afirmação de que nós somos seres que pensam que o modo como os cérebros conscientes representam hoje a natureza mesmo com abordagens incontornáveis da física quântica no domínio do que costumamos chamar para simplificar o microscópico poderia ser utilmente estendido ao domínio do universo macroscópico ordinário como no domínio da cosmologia – onde retomamos a física quântica. Concretamente esta proposição significa que existem hoje bons argumentos para duvidar dos postulados científicos “realistas” ou objetivistas que consideram após Newton que a boa ciência só pode ser feita eliminando o espírito do observador introduzindo a subjetividade.

Neste sentido a ciência para os científicos “realistas” deve ser objetiva e não subjetiva. Do ponto de vista deles a ciência macrocômica estuda o “real em si” que deve coletivamente ser demonstrada eliminando todas as referências aos cérebros e espírito dos pesquisadores assim como os valores e suas motivações pessoais.

O que existe só existe em mim e através da minha linguagem no meu sistema cognitivo. Mas por que falar em sistema cognitivo? O que é um sistema cognitivo? pergunta Jean Paul Baquiast;

---

<sup>19</sup> STAPP, Henri. Article. A quoi sert la conscience humaine? La question de l'observateur en physique. A propos de Mindful Universe, Quantum Mechanics and the Participating Observer, de Henry Stapp (2e édition, Springer, 2011) Jean-Paul Baquiast 17/07/2012 Disponível em: [www.agoravox.fr](http://www.agoravox.fr) Actualités › Technologies. Acesso em: 25 out 2013.



- Nomeamos sistema cognitivo um organismo biológico ou artificial dotado de um corpo cujas fronteiras físicas bem definidas lhes permitem ser distinguidos em seu meio<sup>20</sup>; responde Etienne Klein.

Ora as cognições surgem nas ações do processo *autopoiético* configurado a partir da relação interna (processo biológico fechado) e a relação externa (o mundo em composição interna, disponível a mim) dos nossos neurônios exercendo as funções para as quais estão programadas: seleção, armazenamento, composição, configuração, reação à ação, memorização em nascentes das sinapses desta cognição a cada segundo em todos os espaços culturais da nossa espécie.

Assim é o nosso orgânico funcionamento mental. Em um movimento contínuo dos neurônios exercendo as funções para as quais foram programados, conectam, desconectam, armazenam, rejeitam, compõem tudo o que está sendo captado pelos sentidos vindos do mundo exterior. Nossos cinco sentidos são antenas. Antenas recebem energia (dados, informações), direcionam as sinapses e criam todas as possibilidades. Aqui, cabe perguntar: tudo é sinestesia?

A contemporaneidade da ciência caminha ainda com resistência em direção ao que Jean-Paul Basquiat profetisa em *Pour un principe matérialiste fort*:

Nós veremos que assim, as novas ciências e as novas filosofias nos desenham paisagens onde o esplendor e a inspiração, passam longe das propostas das religiões. Novas definições da vida, do homem, da inteligência e da consciência estão surgindo. Sem nos distanciar da natureza, estamos em uma fase em que, talvez, seja competência profunda cosmológica<sup>21</sup>.

Poderão estas novas definições mexer com nossas ideologias, nossas crenças, nossas filosofias, nossas razões, nossas emoções, rumo a não separação do ser? O segredo se protegendo a si mesmo?

---

<sup>20</sup> Disponível em: La Presse, Collection *décohérences*; março 2007. Acesso em: 02 fev. 2013.

<sup>21</sup> Disponível em: AUTOMATES INTELLIGENTS. <http://www.automatesintelligents.com/biblionet/index.html>. Acesso em: 27 mar. 2013.

Insistentes questões foram respondidas ao constatar a impossibilidade de ignorar Humberto Maturana e Francisco Varela revelando a ação da programação *autopoiética* do nosso cérebro. Fritjof Kapra, Edgar Morin e muitos outros cientistas expressaram curiosidades comprovadas em múltiplos domínios teóricos do Ocidente e do Oriente.

As questões se multiplicaram e se impuseram ao encontrar estas pesquisas publicadas resultando em epistemologias concebidas.

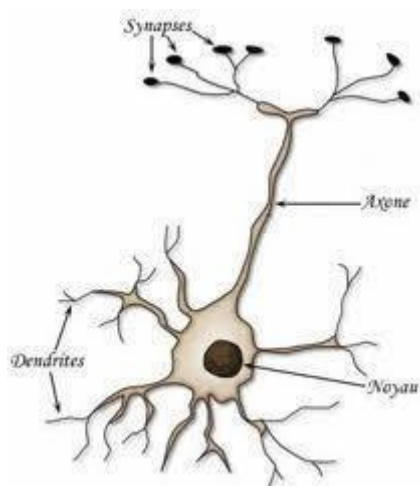
Como não acessar na memória a chegada dos homens de preto em plena sexta-feira na sala de aula do curso de Filosofia do período noturno da UFAM? Diante dos alunos ouvi a batida na porta olhei e vi uma cabeça pedindo licença e desculpas, precisava falar comigo. Imediatamente atendendo ao chamado uma vez que os alunos presenciaram o fato, saí. Ouvi os homens de preto, eram dois, me convidando a estar na segunda-feira seguinte no auditório da Suframa a fim de traduzir o curso de nano tecnologia durante toda a semana. Na sala ao lado da minha estava a Professora Luiza Nery ministrando as aulas da disciplina Francês Especial I. Os alunos também eram de Filosofia.

Luiza também fora convidada a comparecer e exercer a atividade de tradução instantânea daquela jornada extremamente pesada a nós, das Humanas, totalmente formatadas longe das ciências exatas e biológicas. Dois matemáticos, um físico e um químico seriam os professores da vanguardista pesquisa no Universo Nanomolecular. Após acertos administrativos confirmamos a presença e aceitamos a função completamente estarecidas. Uma semana depois percebendo as nanomoléculas na química da mecânica quântica em enormes cálculos matemáticos, física e mentalmente exaustas concluímos a missão acadêmica e profissional.

Recebemos o certificado do curso por merecimento creio sem falsa modéstia. Mesmo porque conseguimos efetuar toda a tradução das ciências exatas e biológicas em uma linguagem acessível através da narrativa nas múltiplas estruturas visando à compreensão. Isto me levou a constatar mais uma vez o fato, certamente lógico, de que as realizações científicas só existem na

linguagem. Minha memória havia armazenado dados da Ontologia da Realidade e A Árvore do Conhecimento, revelando a *autopoiese*: estrutura neuronal devidamente sistematizada por Maturana e Varela.

Henry Stapp<sup>23</sup> em relação à questão da consciência no movimento neural é assim apresentado:



- O neurônio individual e as relações que mantém, via sinapses, com seus vizinhos. ele

O conjunto neurônio+sinapses pode ser considerado, por ter uma formulação que não é a de Stapp, como uma máquina a produzir incertezas. Quando ele se excita, o neurônio envia um sinal elétrico (potencial de ação) através seu axone(?) através dos dentritos até seu terminal. Se o sinal chega ao comutador terminal, ele abre os pequenos canais, os canais iônicos, que transmitem (ou não) os ions (átomos elétricos carregados) em direção as micro-vesículas dos neurotransmissores. Chegando à membrana do comutador terminal, os ions se movimentam (ou não) na abertura das micro-vesículas contendo os neurotransmissores, os quais se propagam na fenda sináptica, antes de

STAPP, Henri. Doutor em física de partículas pela Universidade da Califórnia, em Berkeley, sob a supervisão dos laureados com o Prêmio Nobel Emilio Segrè e Owen Chamberlain.

serem captados – ou não, pelos receptores da membrana pós-sináptica do neurônio vizinho.

Esta incerteza geral envolve mecanismos microscópicos não funcionando de forma linear, mas descontínua (saltitando). Além disso, trata-se de sistemas biológicos que não tem relativa fiabilidade dos componentes eletrônicos.

Isto quer dizer que a possibilidade de ver um potencial de ação chegar ao neurônio vizinho e ativá-lo não ultrapassa os 50%. Em consequência, o estado do terminal nervoso passa a ser uma superposição de estados, abertos ou fechados, de acordo com o transmissor o aguarda, ou não. Cada um dos trilhões de terminações nervosas no cérebro também é superposição de estados. Estes diversos elementos deveriam, em princípio ser descritos, não de maneira clássica utilizada para analisar os resíduos elétricos materiais, mas pelas equações de Heisenberg (funções de ondas).<sup>22</sup> (Ver IR B).

FIGURA 1 - O neurônio individual e suas relações durante as sinapses com seus vizinhos

Constatando também a necessidade em estar cada vez mais conectada ao universo disponível em tecnologia da informática, casa da ciência de ponta em uma epistemologia no mínimo ajustada ao fazer, fazer o conhecimento do conhecimento durante o aprender a aprender; abri o mapa apresentado por Edgar Morin em *O Método*. A biologia trata a filogenia e a ontogenia executante ao produzir uma ontologia representada na linguagem dos pensamentos, nos movimentos circulares resultando na proposta de uma epistemologia unitária.

<sup>22</sup> STAPP, Henri. Mindful Universe. Quantum Mechanics and the Participating Observer. Disponível em: AUTOMATES INTELLIGENTS. <http://www.automatesintelligents.com/biblionet/index.html>. Acesso em: 27 mar. 2013.

Simples assim?

Certificamos o fato de ser a linguagem a possibilidade de poder atestar, ou não, o todo vivente, existente, *omnipresente, omnipotente, omnisciente?*

Quando entramos em contato com o mundo exterior via escrita lemos, organizamos o cérebro em direção ao dito. Neste processo nós, leitores, concordamos ou discordamos. Analisamos. Isto, na ciência da linguagem, a Linguística, é a Análise do Discurso. Nesta ação neural, é possível acessar as sinapses realizadas nos produtores dos múltiplos discursos em um único texto. Este processo possibilita ao leitor localizar nos interdiscursos, na expressão do sentir em relação contínua ao exprimir semióticas linguagens. E será a Semiótica a reveladora do conteúdo das sinapses enquanto a Análise do Discurso tratará da presença dos sujeitos discursivos nos documentos de Constant Tastevin através dos interdiscursos textuais (forma).

Os movimentos neurais comandando tanto a razão quanto a emoção se revelam. Ao aceitarmos esta proposta razoável da ciência neural encontramos a *autopoiese* biológica de Maturana e Varela, a presença de Ilya Prigogine<sup>23</sup>, na Química Termodinâmica do Não-Equilíbrio e na Teoria das Estruturas Dissipativas. Damos uma guinada na racionalidade enquanto penetramos a mecânica quântica. Fuçamos os cálculos matemáticos das ações universais aleatórias.

Todas estas descobertas obrigaram novos caminhos na física fundamentada em sistemas estáveis e deterministas. A matemática também se transformou. Adentra-se à complexidade explicando os processos resultantes dos cálculos matemáticos caóticos em uma física executando a química mutante do biológico, da vida, da existência. Tudo isto na linguagem e unicamente nela. Tentando ordenar o caos. Compreendendo o movimento ininterrupto molecular. Elaborando a existência do tempo neste espaço planetário universal.

---

<sup>23</sup> PRIGOGINE, Ilya. Recebeu o Nobel de Química de 1977, pelos seus estudos em termodinâmica de processos irreversíveis com a formulação da teoria das estruturas dissipativas. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilya\\_Prigogine](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilya_Prigogine). Acesso em: 08 abr. 2013

Uma consideração importante das flutuações resultantes nas bifurcações tratadas por Ilya Prigogine é o fato das ciências humanas terem através da linguagem o poder da busca ontológica por uma epistemologia unitária, embora sejam das ciências exatas as descobertas comprovadas para esta condução discursiva afirmativa. Prigogine utiliza a linguagem das ciências exatas com argumentos das ciências humanas. Assim como Fritjof Capra os cientistas durante nossa existência fizeram suas descobertas a partir de questões pensadas na linguagem. Em múltiplas direções a linguagem confirma ser capaz de só existir *autopoieticamente*.

Isto advém nestas condições de um imenso sistema dos sistemas massivamente paralelos mas também podendo ser geradores das ações de retorno (feed-back) também massivamente. Estes sistemas podem individualmente, ou em grupos, serem descritos, de forma clássica, determinista (estatística) ou, na forma quântica, integrando incertezas e possibilidades de resolver através das escolhas - conscientes.

O cérebro também é também um sistema altamente não linear constantemente sujeito a milhões de eventos ou nãoeventos (um neurônio é animado ou não animado). Exceto em circunstâncias extremas, que criam uma resposta coordenada e determinista do cérebro, ele aparece no estado mental atual de pontos de bifurcação em que uma parte da nuvem de quantum do potencial ou intenções que representa o cérebro, vai, em uma direção, e outra parte, em outra direção. Nenhuma razão substantiva vai opor-se à suposição de que a escolha em favor de um ou outro resultado potencial da intervenção de "realidades" do componente auxiliar de consciência.

Henry Stapp chamou essas realidades, auxiliares da consciência, dos modelos para a ação (templates de ações)<sup>24</sup>(Ver IR C).

Ilya Prigogine fala da ciência dos processos e expõe a físico-química como uma delas. Assim como Franklin William Stahl afirmou a interseção fecunda entre físico-química e biologia onde nasceu a biologia molecular no exercício dos avanços das pesquisas da medicina. Esta é a Teoria da Complexidade. Atenta aos processos sistematizados.

A Semiótica teoria da linguagem se apresenta há alguns anos em desenvolvimento *continuum* e em todas as direções. A Teoria Semiótica da Complexidade é uma teoria científica de âmbito ontológico que estuda a

---

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.automatesintelligents.com/biblionet/index.html>. Acesso em: 30 mar. 2013.

aplicação dos conceitos semióticos na análise dos sinais obtidos no domínio das ciências exatas.

Encontro na Semiótica o local apropriado à apresentação da Linguagem enquanto existência da espécie *homo sapiens, sapiens*, na ciência. Engajada ao mesmo tempo ao rigor lógico-matemático e às reflexões teóricas com inovadoras questões. Estabelecer um discurso convincente entre o laxismo epistemológico e a técnica metodológica ignorada, não será uma tarefa fácil ainda que pareça esplendorosa.

Confirma-se a afirmação de Chassott<sup>25</sup> de que “a Ciência, que iniciara o século (referindo-se ao século XX), arvorada em certezas no seu ocaso as havia abandonado”. Afirma ainda Chassott: “Foi, muito provavelmente, Prigogine, quem muito nos ajudou a entender de uma maneira diferente a linguagem usada para compreender o universo. [...] a abandonar uma ciência dogmática e neutra e tê-la também como um instrumento para contribuir para a existência de uma sociedade mais justa”.

É o Caos? Sim. A noção de instabilidade dinâmica associada ao “caos” desconhece a diferença entre passado e futuro. Esta formulação tradicional atemporal se contrapõe às descrições fenomenológicas que incluem a seta do tempo. Observem que estamos tratando da termodinâmica como teoria fenomenológica da matéria e, como tal estabelece seus conceitos diretamente das experiências.

As estruturas dissipativas ou “auto-organizadas” tratam também do nível molecular e para nosso espanto a mecânica quântica demonstrou a sensibilidade das moléculas à luminosidade, às direções espaciais sob o olhar do observador. Não podemos ignorar que em 2013, chegamos à Molécula Deus, O Boson de Higgs, coroado pelo Prêmio Nobel em Física. A energia vital de tudo, em tudo. O Todo? O fluir eterno da energia.

Onde está a mente? Como lidamos com a energia dos pensamentos? Neste sentido, “Penso, logo existo”, é uma certeza?

---

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.automatesintelligents.com/biblionet/index.html>. Acesso em: 01 abr. 2013.

Na Semântica podemos apesar das inúmeras epistemologias desenvolver neste momento o esforço não só de unificação mas também de homogeneação instaurando não a qualquer preço, um lugar de proximidade, de comparação e de avaliação das Sociedades *Matrízticas* da Amazônia a partir da linguagem nos documentos e das linguagens de Tastevin, surgidas nos textos, nos interdiscursos. Agora é a hora. A Epistemologia Unitária da Linguagem das Sociedades *Matrízticas* da Amazônia nas certezas das nossas incertezas filosóficas, religiosas e científicas deve existir. Sobrevivendo na fé.

A Orientadora da Tese, Dra. Marilene Corrêa afirma ser este, o núcleo da construção da Tese: a possibilidade de demonstrar a unificação onto e epistemológica (delineada nos estudos em desenvolvimento). Na evidente razão da razão objetivamente acadêmica e com segurança, sigo nesta precisa direção. Vejamos então que de fato o discurso epistemológico em Maturana, Varela, Ilya Prigogine, Fritjof Capra, Edgar Morin, Jacques Monod, Hugo Assman, Michel Bitbol, só para aproximar ao contexto argumentativo, escrito, carimbado e assinado, publicado em livros, revistas e eletrônicos, sobre a ciência e a filosofia, busca a linguagem adequada no sentido de tornar crível a programação programada para se autoprogamar, executando assim a complexidade das possibilidades. Não é fácil nossa razão assimilar a pluralidade por termos dificuldades a realizar sinapses sem referências da nossa memória. Ora de fato trata-se da necessária composição do Uno e somos memorialmente repartidos. Ciência Filosófica tratando pelo jogo dos conceitos as experiências em sua riqueza concreta disponível neste mundo, neste planeta, aqui, agora, em mim e em ti. Em nós.

“Passar da ciência ao sonho e inversamente”. Conduz “a imaginação que atravessa os domínios, as ordens e os níveis, abatendo os compartimentos, coextensiva ao mundo, guiando o nosso corpo e inspirando a nossa alma, apreendendo a unidade da natureza e do espírito”. Ao realizar esta atividade pensante Deleuze oferece o prazer em ser observador das metamorfoses da natureza.

O que dizer da utilização nesta tese sobre a epistemologia unitária da linguagem nas sociedades *matrízticas* da Amazônia? Os registros de Constant

Tastevin portam o processo das sinapses tornando possível a comprovação de uma linguagem portadora dos signos ocultos em um único universo? Dra. Marilene insere a questão de pesquisa operatória para a narrativa e para a coleta documental de Constant Tastevin.

As correntes ou escolas científicas contemporâneas se apresentam entrelaçadas entre as várias áreas integrando a filosofia e a religião neste abraço. Kapra, Jean-Michel Bitbol, Francisco Varela, Trinh Xuan Thuan (tratando a espiritualidade), caminham via fundamentos milenares do Oriente. Há pesquisadores inseridos em outros movimentos em outros processos, em outras crenças. Distante da presença do espírito, alma, divindades, estabelecem a existência das moléculas orgânicas precursoras do sistema vital, no macro cosmos. A presença de elementos químicos compondo a possibilidade surpreende todos: gregos e troianos, Katukina e Kanamari.

Vejamos:

Resulta de tudo isso que a química prebiótica necessária para o surgimento da vida, nunca foi limitada à Terra Primitiva. Ao contrário, é em torno do cosmos (sem prejuízo de formas mais complexas que descobri hoje). Teria sido muito provavelmente feito por cometas ou meteoritos na Terra, onde poderia prosperar no momento em que as condições geológicas, do mesmo, terem se estabilizado.<sup>26</sup>(Ver IR D)

Em 1980 Jacques Monod radicaliza ao ser obrigado a reconhecer que a antiga aliança animista está morta e bem morta. Está morto o mundo finalizado, estático e harmonioso destruído pela revolução copernicana quando lançou a Terra nos espaços infinitos. Ao tratar “O Acaso e a Necessidade”, Monod adentra ao espaço epistemológico em um ensaio sobre a filosofia natural da biologia moderna abandonando o postulado da objetividade.

Neste sentido parece estarmos caminhando muito rápido no avanço científico e tecnológico inserindo a compreensão da epistemologia unitária da relação física, matemática, química e biológica das espécies vivas deste Planeta.

---

<sup>26</sup> CALEB, Scharf. The Copernicus Complex : Our Cosmic Significance in a Universe of Planets and Probabilities Edition Scientific American, Farrar, Strauss and Siroux (2014).



O saber científico extraído dos sonhos de uma revelação inspirada quer dizer, sobrenatural, pode descobrir-se hoje simultaneamente como “escuta poética” da natureza e o processo natural nela. Processo aberto de produção e invenção num mundo também aberto, produtivo e inventivo. Chegou o tempo de novas alianças há muito tempo firmadas mas, também ignoradas entre a história dos homens, de suas sociedades, de seus saberes: é a aventura exploradora da natureza”, diz Prigogine.

É este o objeto empírico desta pesquisa, buscado nas sociedades *matrízticas* amazônicas. Descobrir os elementos na unidade da filosofia, da ciência e da religião entre os Katukina-Kanamari. É Constant Tastevin o produtor dos registros do encontro com a cultura dos humanos da floresta. O foco será a busca deste universo cultural apresentado através da linguagem a existência de outra forma (mental?) programada e direcionada ao ser índio.

Constant Tastevin com suas anotações era um Antropólogo. Suas impressões, nos escritos são esfuziantes. Narram dia mês e ano do encontro dele com os Katukina-Kanamari. Detalhadamente descreve também o calor estafante do bafão amazônico dentro da floresta quando o sol faz as árvores realizarem a fotossíntese sugando o ar podre do planeta e devolvendo a pureza na leveza oxigenada das respirações vivas.

---

Literalmente Constant Tastevin inteiro em seu processo *in vitro*. O laboratório era a Amazônia, a experiência, cristianizar, o objeto empírico, seres humanos das sociedades *matrízticas*.

Entre seringueiros, cabocos, índios, entre donos das terras e dos outros seres, entre crianças nuas e mulheres cruas, diante das multidões de humanos da floresta onde o encanto do ser era perdido para a cultura capital do ter, em nome do progresso, Tastevin anotou. A escrita manual muitas vezes é inacessível pela dificuldade visual (leitura) e também por ausência de referências (cognição). Mas encontramos em Tastevin uma produção quantitativa e qualitativa. O pesquisador escreveu anotando os fatos detalhadamente

observados. Preenche todos os espaços das folhas de papel, desenha, ilustra, explica. Os textos datilografados revelam uma disposição de recursos e do tempo na fabricação dos documentos. Registros impreteríveis ao etnólogo e a todos os teóricos e cientistas envolvidos pelas descobertas do século XX.

Como reconhecer a filogênese e ontogênese dos Katukina-Kanamari nos escritos de Tastevin? Qual o método? Qual a forma? Em que foco? E a Epistemologia Unitária da Linguagem em nossa linguagem? A Ontologia dos Katukina-Kanamari precisa neste caso de uma ligação estreita entre neurogênese - em sentido lato - e sociogênese, tanto no plano filogenético como no plano ontogenético, testemunhada pelo fato de meios socialmente pobres em estímulos não fomentarem o desenvolvimento cerebral rico em conexões interneuronais.

A teoria da noosfera é espiritualista porque usa a teoria da linguagem criadora do homem como princípio de inteligibilidade científica da história da humanidade: a base real da história da humanidade não é a materialidade das condições sociais existentes mas sim, a "imaterialidade" da noosfera, esse «reino das ideias e do conhecimento», cujo vazio - o vazio da sua imaterialidade - só pode ser preenchido com a ajuda do Espírito ressuscitado do espiritualismo convencional de Chardin<sup>27</sup>.

O espiritualismo também resgatado por Capra, Francisco Varela, Michel Bitbol, entre outros, estabelece conexões da física moderna às ideias fundamentais das tradições filosóficas e religiosas do Oriente.

O Ocidente encontra o Oriente apresentando a relação yin e yang, energia positiva e negativa que mesmo em forças contrárias, são complementares, portanto, universais. O Ocidente caminha via ciência enquanto o Oriente aprofunda a espiritualidade, pensando, filosofando, cientificando. Segundo Capra este encontro não é no entanto, intuitivo mas baseado em experiências sofisticadas e de grande precisão e num rigoroso e consistente formalismo matemático.

---

<sup>27</sup> CHARDIN, Teilhard de. Foi um padrejesuíta, teólogo, filósofo e paleontólogo francês que construiu uma visão integradora entre ciência e teologia. Através de suas obras, legou para a sua posteridade uma filosofia que reconcilia a ciência do mundo material com as forças sagradas do divino e sua teologia.

As duas criações da Física do século XX – teoria quântica e teoria da relatividade – obrigam a perspectivar o mundo assimilando a descrição do fenômeno do mundo microscópico, nano. Capra afirma serem as aproximações entre a física moderna e o misticismo oriental ao revelarem frequentemente proposições onde é quase impossível distinguir a autoria de físicos ou místicos orientais referindo-se às filosofias religiosas do hinduísmo, budismo e taoísmo. Em *O Tao da Física*, Capra constata *in presentia* que as interações entre os átomos dão lugar aos vários processos químicos de modo que toda a química pode agora em princípio ser entendida com base nas leis da física atômica. Ainda revela também terem encontrado a formulação matemática precisa e consistente dessa teoria. Sendo assim podemos pensar a possibilidade deste encontro também nas Sociedades *Matrízicas* da Amazônia através dos escritos de Tastevin? Constatar a partir das leis físicas das partículas em sinapses e cognições as partículas do interdiscurso em Tastevin, a enrança ontogenética dos Katukina e Kanamari cuja ontologia é mitológica.

Esta perspectiva existencial responde a razão ao nosso ser? Existe culturalmente, esta possibilidade ocidental? Qual a formatação, ou o processo comandante em nós, humanos nesta direção? Como funcionamos nesta proposta não fragmentada?

Adentramos ao formato biológico. E será aqui o encontro da física, da química em uma perfeição matemática da nossa constituição biológica, neural, *autopoieticamente* presente nos processos da espécie *homo sapiens, sapiens*?

É de Humberto Maturana e Francisco Varela a responsabilidade da descoberta do processo *autopoiético* humano. Esta ação científica está detalhadamente explicada em “A Árvore do Conhecimento” a revelação e os argumentos atrelados ao processo neural. O comando da fisiologia e ontogenia organizada em nosso organismo, em nosso corpo. Tudo potencialmente ativado nos bilhões de ações sinápticas ininterrupta e continuamente. Todas as ações vitais em conexões, em redes, em interações automáticas. Ao descobrir esta relação biológica, Maturana e Varela, distinguem nossa diferença dos outros seres orgânicos e inorgânicos na existência da linguagem, em pensar racionalmente sobre nós mesmos. Nossa ontogenia da linguagem.

Krishnamurti esclarece o domínio fragmentado da *autopoiese* em nosso cérebro, em uma mente enganadora e invisível à percepção do uno, do todo em nós. Assim caminhando nesta direção adentramos aos documentos de Constant Tastevin ensaiando a empreitada na compreensão discursiva desta ação de dominação entre outras ações semânticas na semiótica encontrada exposta nos textos, nos desenhos, nos comentários, observações, surpresas, incompreensões dos registros discursivos sobre os Katukina-Kanamari produzidos por Tastevin.

Isto significa a apropriação dos argumentos etnológicos e antropológicos já elaborados nas produções ocidentais de Tastevin além do dizer e dito nas inúmeras e detalhadas observações constituídas em todas as produções científicas tratando os seus escritos.

Entre 1905 e 1926, a vida de Constant Tastevin na Amazônia envolve desde a missão religiosa enquanto pertencente à Congregação do Espírito Santo, em Tefé, Amazonas até o testemunho escrito do encontro com a civilização Katukina-Kanamari. O turbilhão das responsabilidades diante das possibilidades na marcação da presença francesa na Amazônia encontra a antropologia em Priscila Faulhaber<sup>28</sup> e Ruth Monserrat<sup>29</sup>, organizadoras da coletânea de textos produzidos em Tefé, do livro Tastevin e a etnografia indígena, publicado no Rio de Janeiro pelo Museu do Índio/FUNAI em 2008, na Série Monografias.

Diversas pesquisas nos escritos de Tastevin revelam múltiplos olhares e inúmeras percepções dos vários domínios científicos. Entre estes, vale ressaltar a Dissertação com a análise descritiva e teórica da língua Katukina pertencentes ao grupo Pano feita por Maria Sueli de Aguiar,<sup>30</sup> e os estudos do Antropólogo Lino João.

---

<sup>28</sup> FAULHABER, Priscila. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D - CA CS - Antrop., Arqueol., C. Política, Direito, Rel. Internacionais e Sociologia.

<sup>29</sup> MONSSERAT, Ruth. Filósofa. Em 1961, concluiu o bacharelado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). De 1964 a 1967, cursou o mestrado em Ciências Filológicas pela Patrice Lumumba People'S Friendship University (U.PATRICE), em Moscou. E em 1975, terminou o doutorado em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É autora do livro "A língua do povo Mýky", publicado, em 2010, pela editora Curt Nimuendajú.

<sup>30</sup> AGUIAR, Maria Sueli de. *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. Orientação: Charlotte Marie Chambelland Galves. Doutorado, Unicamp, 1994.

No domínio da Antropologia adentrei curiosamente em uma disciplina de um crédito, ministrada pelo Dr. Alfredo Wagner. Investiguei tudo o que podia naquelas partituras teóricas fornecidas em sala de aula sob a regência deste maestro competente.

Em Tefé, na biblioteca do Instituto Mamirauá encontrei Frédéric Rognon autor de “Os Primitivos, Nossos Contemporâneos”, aprofundando mergulho nesta área. Rognon forneceu a necessidade e o sentido respondendo: O que é traduzir?

Essa questão deve ser levantada para evitar que se interprete sem reduzir a cultura a um sistema de signos. Os filósofos disseram: a interpretação é fator constitutivo de toda apreensão do mundo. Em antropologia, foi Remo Guidieri que abordou esse problema temível: confrontar-se com a alteridade é entrar de imediato em logoi diferente considerado em sua totalidade. E para isso elaborar dupla interpretação: pensar o outro pensamento e assim pensar o distanciamento entre os dois logoi. Interpretar o outro mas no mesmo movimento interpretar nossas próprias categorias que manejamos para manter um discurso sobre o outro. Isto é trabalhar com nossos próprios conceitos que definimos sempre mal e empregamos como se fossem claros e neutros, como se fossem óbvios.<sup>31</sup>

Os escritos de Constant Tastevin sobre as sociedades *matrízicas* Katukina-Kanamari estão em língua francesa e precisam ser traduzidos para a nossa língua portuguesa duplicando a minha tarefa enquanto doutoranda e com prazo limitado escrever acerca de documentos importantes ao desvendamento contextual discursivo sobre nós, os descendentes dos primitivos índios.

Nos escritos sobre o livro de Faulhaber e Monserrat, Tastevin: uma história da etnografia indígena a Dra. Heloísa Maria Bertol Domingues, Pesquisadora Titular do Museu de Astronomia e Ciências Afins, do Ministério da Ciência e Tecnologia brasileiro, encontramos a provável explicação da escolha sinestésica dos documentos de Tastevin. Confirmando esta opção na afirmativa da Dra. Heloísa Domingues, de que:

Do ponto de vista dos estudos sobre o homem, Tastevin se alinha àquele que já não o viam como simples objetos da natureza, visão que havia predominado no século XIX e que continuava predominando nos estudos antropológicos. A etnologia que então valorizava a cultura dos índios, ao lado da geografia humana que também se afirmava como ciência, foi decisiva para transformar o homem em objeto das ciências sociais. Ou seja, era a época em que se iniciava historicamente, um

---

<sup>31</sup> ROGNON, Frédéric. Os Primitivos, Nossos Contemporâneos. *Pag 139/140*

corde nas ciências naturais, introduzindo-se as ciências sociais. O trabalho de Tastevin situa-se nessa franja do novo campo de pesquisa científica.<sup>32</sup>

Considerando esta possibilidade, exatamente por saber do movimento de Tastevin passando pela fresta epistemológica creio ser possível encontrar os processos sinestésicos do encontro dele com as sociedades *matrízticas* amazônicas percebendo infinitos traços das ciências naturais atrelados às ciências sociais. Os interdiscursos exporão essas possibilidades aos leitores atentos a este foco: a presença ou ausência da Epistemologia Unitária da Linguagem nas Sociedades Matrízicas Amazônicas descrita por Tastevin entre as etnias amazônicas Katukina-Kanamari.

Inúmeras peculiaridades atestam o choque cultural de Tastevin ao encontrar uma sociedade onde o comunismo era exercido sem operários, hierarquias, mercado, valor, e todas as possibilidades pensadas ideologicamente nas sociedades urbanas ocidentais.

Durante o exercício da escrita em constantes observâncias dos processos diferentes da existência dos humanos amazônicos Tastevin revela-se atônito demonstrando a incompreensão por exemplo da inabilidade dos Katukina-Kanamari em domar as espécies animais sem no entanto se preocuparem em criá-los mesmo diante da extinção de algumas espécies.

Outro ponto importante no foco procurado a saber a existência de outra epistemologia constituída na linguagem uma vez que não havia palavra para exprimir a fecundidade constituindo-se no mínimo diferente das outras línguas e da linguagem nas sociedades urbanas contemporâneas.

Como tratar o objeto empírico fonte de uma realidade interdiscursiva inserido na epistemologia unitária da sociedade *matríztica* Katukina-Kanamari na Amazônia?

---

<sup>32</sup> DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol. Pesquisado, Belém, v. 4, n. 1, p. 195-197, jan.- abr. 2009. Tastevin: uma história da etnografia indígena (apresentação) Pag 196ra Titular do Museu de Astronomia e Ciências Afins, do Ministério da Ciência e Tecnologia brasileiro. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v4n1/v4n1a16.pdf>. Consulta em: 28 dez. 2012.

Buscar o encontro da epistemologia filosófica regendo a ciência e a religião em unicidade gerada significa estabelecer decisões ousadas e não autorizadas cientificamente, academicamente. Buscar este encontro nas culturas Katukina-Kanamari através do Padre Constant Tastevin torna a hipótese subjetiva, impressionista, gravada nos interdiscursos produzidos durante o processo neuronal das linguagens tanto no próprio antropólogo quanto em mim. Revelar sinapses do outro significa participar da produção discursiva usando os sentidos fazendo o percurso das sensações, das emoções escondidas em todo o processo sinestésico humano em semiótica da complexidade a teoria científica de âmbito ontológico que estuda a aplicação dos conceitos semióticos na análise dos sinais obtidos no domínio das ciências exatas e biológicas. É assim a realização dos fundamentos do encontro não mais da separação dos processos neurais ontogênicos, metafísicos, hermenêuticos, na filosofia analítica e continental presentes em nossa contemporaneidade.

O método hermenêutico/histórico/científico propiciará o desenvolvimento textual encadeando o discurso das mais recentes descobertas do processo neural da linguagem à apresentação dos povos *matrízticos* longe da primitividade crível, ontologicamente existindo nas certezas mitológicas.

Ao roteirizar o Projeto de Tese visando pertencer a este Programa de Pós-Graduação elaborava ideias fluindo a partir de algumas certezas científicas da Dissertação de Mestrado, Epistemologia e *Autopoiese*: Uma educação futurista nas ideias de Maturana estabelecendo o encontro e o mergulho na Teoria de Humberto Maturana propiciou a produção de sinapses portadoras dos argumentos ao caos molecular dos meus pensamentos. A Linguagem. Claramente explorei o neurocientista chileno, Humberto Maturana exaurindo os meus limites. Alimentando as sinapses das questões as respostas foram sendo produzidas enquanto me dava conta deste fato e corria em busca da sequência e continuidade aos paradigmas elaborados durante o mestrado aprofundando meus argumentos em direção a buscar a outra fonte parceira de Maturana: a produção científica de Francisco Varela.

A minha relação com Humberto Maturana é quase direta. Após devorar a Ontologia da Realidade, A Árvore do Conhecimento, Cognição, Ciência e Vida

Cotidiana, escritos por Maturana ancorando meu discurso em seus argumentos, falando aos quatro ventos sobre a *autopoiese*, em alguns momentos, poucos, era ouvida por alguém. Alexandre Victor, aos 19 anos prestava atenção e trocávamos figurinhas sobre o *Holos* e o *Cosmos*. Ele já pertencia à Ordem Rosacruz, praticava yoga, ingeria ayahuaska, se guiava pelo Calendário Maya, era Viajante do Espaço, viajava na Tribo da Paz. Enfim, buscava em *ions* ativos, inteiramente. Eis que ele decide ir, apenas indo, até a Venezuela, para o Forum Social da Juventude. Ano 2004. Saiu a pé, chegou à estrada, pegou carona e venezuelou escovando os dentes com o *kit* recebido do Hugo Chaves, ele mesmo.

Eis que na programação está Humberto Maturana. Alexandre inscreveu-se na Oficina. Humberto Maturana ao vivo, ele mesmo em carne e osso. Ao relatar o acesso ao local do encontro com Maturana, na porta, estavam empilhadas cadeiras e seria necessário passar por elas sem retirá-las. Cada um elaboraria o como. E aí Maturana explica o funcionamento mental programado para se programar individualmente munido por bilhões de neurônios em conexões.

Fiquei durante umas duas horas parada ouvindo o seu relato pós fórum. Trazia a mochila surrada, papéis, e três outros amigos *nerds*, doutores e também viajantes do espaço. Anotara tudo inclusive o endereço eletrônico do Patrício Garcia Ascenci, Gerente de Projetos e Processos no Instituto Matrízico.

Mantenho sim este contato. Através de Patrício, Maturana diz. Convida e oferece parceria aos escritos da Tese. A realidade financeira não me permitiu ir à Santiago do Chile adiando, mais uma vez, o contato pessoal entre nós. Lamentando muito tomei a direção dos argumentos científicos de Francisco Varela. Budista Francisco Varela depois de ter trabalhado nos EUA, mudou-se para a França, onde passou a ser diretor de pesquisas no CNRS - Centro Nacional de Pesquisas Científicas - no Laboratório de Neurociências Cognitivas do Hospital Universitário da Salpêtrière, em Paris, além de professor da Escola Politécnica, também em Paris. Considero o Prix Scientifique, um Nobel. Após fuçar as descobertas sobre o sistema neuronal, Humberto Maturana e Francisco



Varela abriram o portal da complexidade em sistemas, incluindo a estrutura da linguagem em meta processo. Nós humanos pensamos o pensar.

Varela estava na França desenvolvendo pesquisa no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). Eu também. O mesmo CNRS onde eu participava de imersão linguística estruturada em filosofia e metodologias do texto e dos discursos dos manuais e artigos publicados por editoras no mercado científico. Publicando, enfim produzindo estávamos em dimensões teóricas de domínios diferentes. Pensar a distância do tempo faz a aura dos interesses científicos de Francisco Varela parecer bem maior e ao alcance do processo biológico da linguagem, agora sim, tomando forma.

A teoria de Varela me levou ao encontro com Michel Bitbol. Afinado teoricamente a Francisco Varela pelo budismo e pela ciência, Bitbol é investigador no CNRS e professor na Universidade de Paris-I. Formou-se em Medicina, Física e Filosofia e a sua obra foi galardoada pela Academia de França.

Envio um e-mail ao Monsieur Bitbol e recebo resposta indicadora de elementos teóricos. Sigo alinhavando e costurando as ideias.

Outro sumário. Outro processo motivado pela busca e acesso às teorias científicas e filosofias contemporâneas por um lado e o universo dos autores obras tanto dos cientistas quanto dos aventureiros e literatos cuja produção racional está impressa em livros roteirizando o conteúdo das disciplinas religando os saberes amazônicos.

Eram dois os rios navegados assim como eram múltiplas conexões. Movimentando a razão enxugo as ideias. A pluralidade dos diversos capítulos que iam sendo escritos acompanhava o processo *autopoiético* da elaboração. Isto tornou o ato de escrever fascinante. Quando engato em um dou um salto em direção a outro tema. E a canoa segue flutuando sobre os rios, boiando na leveza da correnteza, passando por ilhas, entrando nos furos da produção.

O objeto empírico, os textos de Constant Tastevin, já estava em minhas mãos há pelo menos 20 anos. Tornava-se importante além da elaboração teórica

provar em estruturas sistemáticas a complexidade textual/discursiva. E provar através de. Olhei de um lado a outro e sem mais nem porque a memória forneceu os elementos amazônicos. Tastevin e seus escritos. Tastevin antropólogo. Tastevin religioso. Tastevin etnólogo. Tastevin linguista. Enfim, a perfeita Complexidade em Sistemas, nele.

A direção segura da orientação incluindo confiança e a confiança, a liberdade das moléculas se constituem na produção neuronal *autopoietica* em sinapses cognitivas dos pensamentos racionais encadeados nos discursos produzidos. A Dra. Marilene Corrêa confirma assim o conhecimento do conhecimento dela me fazendo fazer a atividade de aprender a aprender. Este é o sentido dado por Edgar Morin ao mapear os processos cognitivos. Este é o nosso processo. Eu pendurada na corda teórica segurapelas mãos da Marilene Corrêa da Silva Freitas, a Orientadora de Tese. Oficialmente isto é muito positivo e reluz.

Paro diante do entroncamento dos rios. Qual das duas direções seguir? Que rumo tomar? Percebo que os escritos são ainda puramente teóricos. Como provar? E eis Monsieur Beaussart me salvando deste conflito. Eric Beaussart me enviou um e-mail se apresentando como coorientador da tese. Fora encaminhado por M. Baquiast a quem eu havia enviado via correio eletrônico um texto discursando sobre o site Automates Intelligents, onde eu havia encontrado a produção científica contemporânea europeia e alhures, em múltiplos domínios com uma gama de teses explicando o explicar a explicação produzida, e que eu era doutoranda no PPGSCA, falando sobre Tastevin, enfim, discorrendo sobre a tese.

M. Beaussart é um Sistemático da AFSCET, Association Française de Science des Systèmes Cybernétiques Cognitifs Et Techniques, e durante o encontro com de M. Jean-Paul Baquiast em reunião da AFSCET durante a qual foi lido o e-mail enviado por mim e segundo M. Beaussart, M. Baquiast afirmou ser impreterível o apoio à minha pesquisa científica por tratar-se da Teoria da Complexidade e dos Sistemas.

Creio ter despertado no M. Eric Beaussart a responsabilidade de executar esta relação teórica formal acadêmica com a Teoria da Complexidade e

Sistemas em magia pura dos fundamentos finos entrelaçando os nós, religando. Xamã, cientista, paciente, observando os rumos tomados diante da quantidade de áreas linearmente apresentadas até então a mim querendo demonstrar isto e provar aquilo para, enfim, constatar o que já havia sido provado, M. Beaussart me abrigou. Mesmo porque eu esquecia que era das humanas querendo dar conta da matemática do quântico da química e da biologia em nós. Não precisava dizer o dito mas sim elaborar algumas hipóteses em mais de uma dimensão saindo da linearidade fracionada passando ao cubo pluridimensional em existência perceptível, afirmava M. Beaussart.

Propondo direções executáveis cientificamente. E assim produz texto/discurso em magia nascida na Academia:

“Assim, mesmo sem o uso de um formalismo da física quântica, à uma matematização da autopoiese em química e elaboração de entidades biológicas”.<sup>33</sup>

Fui percebendo uma a uma as dimensões. Estas dimensões devem estar textualmente apresentadas em Tassein ao tratar dos Katukina-Kanamari. E estão. Já vi. Os textos de Tassein há pelo menos 25 anos estavam em minhas mãos e até então eu desconhecia os motivos. E o cérebro não interrompeu as conexões. Mesmo sem percebermos, as sinapses acontecem. Mesmo diante do desespero ao dar-se conta da impossibilidade de comprovar a Teoria da Complexidade em um Sistema com a Estrutura fragmentada. Tratar da Teoria da Complexidade só é possível no todo unicamente singular do múltiplo acontecimento possível e caótico, previsível entre imprevisões.

“- A autopoiese neuronal existe somente para a permanência da existência!”<sup>34</sup>

Lembrava Monsieur Beaussart a cada sequência de parágrafos escritos.

---

<sup>33</sup> BEAUSSART, Éric. e-mail [eric.beaussart@orange.fr](mailto:eric.beaussart@orange.fr). 2013.

<sup>34</sup> BEAUSSART, Éric. e-mail: [eric.beaussart@orange.fr](mailto:eric.beaussart@orange.fr). Em 2015. *L'autopoïèse neuronale existe seulement pour la permanence de l'existence*.

Isto torna “tudo possível, ou não.” Esta consideração filosófica ata a metafísica existencial expandindo a necessidade de “aprender a aprender”.

Isso é o que você pode mostrar e demonstrar, como a "evidência" reivindicada pela probabilidade de sua conjectura inicial, (ou seja, que as etnias indígenas da Amadônia são unitárias, holísticas, portanto resistentes aos cortes lineares ou quebrados em tais tentativas de apreensão.<sup>35</sup>

Retomo o Sumário e defino a partir do objeto empírico a comprovação dos elementos teóricos. Bem simples, explicou M. Beaussart. Reatando os nós apresentando não mais as partes nem o ângulo reto mas o cubo pluridimensional das observações estruturadas na racionalidade meta-explicativa das Ciências Humanas.

Definindo para comprovar a Tese de que o dizer de Tastevin como objeto empírico demonstra o Sistema da Teoria da Complexidade encadeando os sistemas individuais e coletivos das matrizes sociais dos Katukina- Kanamari. A linguagem bidimensional em múltiplas metalinguagens surgidas no processo da escrita. História antropológica plena de elementos moleculares possíveis na Unicidade Biológica. Afirma M. Beaussart ser este o *"Cadre" défini par la "Science de l'Ethnologie" en Europe depuis au moins 1880*. Isto revela o pertencimento há muito tempo estruturado pela ciência.

As indicações de morfologia em Durkheim fornecem a estrutura da Sociologia. Estampados nos escritos de Constant Tastevin os dados fornecem estas dimensões elaboradas pela Doutora Marilene Corrêa e aqui serão fornecidos a partir dos documentos constituintes dos argumentos científicos a serem elaborados nesta tese. Esta estrutura social também é usada pela etnologia, antropologia, elaborada nos elementos materiais, mentais e intelectuais. Desta forma explorei contextos disciplinares do arcabouço científico

---

<sup>35</sup> BEAUSSART, Éric. e-mail eric.beaussart@orange.fr . em 2015. *Voilà en quoi vous pourrez Montrer, et Démontrer, puisque les*

« Preuves » réclamées par la Prouvabilité de votre Conjecture Initiale, (à savoir que les Sociétés Amazoniennes sont Unitaires, Holistiques, donc résistent aux Découpages Linéaires ou sont brisées dans telles tentatives d'appréhension.

assim como na linguística textual e nos discursos apresentados estruturamos os sistemas em Sujeitos Produtores dos discursos encadeados a cada elemento (dado) presente.

I. Fatos de estrutura: Volume, densidade e distribuição da população. Organização territorial. Objetos materiais incorporados na sociedade: edifícios, meios de comunicação, monumentos, instrumentos tecnológicos, (máquinas, etc).

II- Instituições III. Fatos de funcionamento:

A. Regras e normas formais – exprimindo-se nas fórmulas fixas do direito, nos preceitos da moral, nos dogmas religiosos, nas formas políticas e econômicas, nas definições das funções profissionais -, ou determinando as convenções de linguagem, os deveres das categorias sociais;

B. Regras e normas informais aplicando-se aos campos precedentes: modelos habituais, hábitos e crenças coletivas;

II- Representações coletivas:

A. Valores societais, ideais coletivos; opiniões; representações que a sociedade faz de si mesma; lendas e mitos; representações religiosas;

B. Correntes livres, “efervescentes”; ideação coletiva criadora; valores e representações emergentes.

Desta forma o método da sociologia cuja sistematização dos fatos após a observação destes é definida como caracteres científicos das hipóteses sociológicas segundo as quais as formas variam de acordo com a vida afetiva, intelectual e ativa do indivíduo, lhe pré-existem e sobreviverão marca o encontro como tempo. É porque é o homem que come, pensa, diverte-se mas, se for determinado agir por tendências que lhe são comuns com todos os homens, as formas precisas que toma a sua atividade a cada momento da história dependem de todas as condições que variam de uma sociedade à outra e alteram com o tempo em uma mesma sociedade: é o conjunto dos hábitos coletivos marcando o espaço. Os hábitos são de diferentes espécies. Alguns o chamam a reflexão

consequentemente da sua importância mesma. Toma-se consciência e consigna-se em fórmulas escritas ou orais que exprimem como o grupo tem o hábito de agir e como exige que os seus membros entrem em ação; estas fórmulas imperativas são as regras do direito, os maxims da moral, os preceitos do ritual além dos artigos do dogma.

Os outros continuam a serem inexprimíveis e difusos mais ou menos inconscientes. São os costumes, superstições populares que se observa sem perceber a presença nem em mesmo qual consistem exatamente. Mas nos dois casos o fenômeno é do mesmo modo a natureza. Trata-se sempre de maneiras de agir ou pensar consagrados pela tradição e que a sociedade impõe aos indivíduos. Estes hábitos coletivos e as transformações pelas quais passam é o objeto limpo da sociologia.

Da mesma maneira que toda ciência a sociologia deve começar o estudo de cada problema por uma definição. É necessário indicar o campo e sobretudo limitar o campo da investigação a fim de saber do que se fala. Estas definições são prévias e consequentemente provisórias. Não podem nem não devem exprimir a essência dos fenômenos a serem estudados mas simplesmente designá-lo clara e distintamente.

No entanto por mais externas que sejam não continuam a ser indispensáveis. Por falta de definições qualquer ciência expõe-se a confusões e erros. Sem elas durante um mesmo trabalho um sociólogo dará diferentes sentidos a uma mesma palavra. Cometerá assim graves confusões: assim no que diz respeito à teoria da família muitos autores empregam indiferentemente os nomes de tribo, de aldeia, de clã, para designar só uma e mesma coisa. Além disso sem definições é impossível entender-se entre cientistas que discutem sem estar a falar muito do mesmo assunto. Uma boa parte dos debates que levantou a teoria da família e do casamento provem da ausência de definições: assim o que uns chamam *monogamie* e que os outros não designam por este nome; uns confundem o regime jurídico que exige a *monogamie* com a simples monogamia de fato; os outros pelo contrário distinguem estas duas ordens de fatos realmente extremamente diferentes.

Naturalmente definições deste tipo são construídas. Se reúne e designa-se um conjunto de fatos cuja similaridade prevê-se fundamental. Mas não são construídas *a priori* trata-se do resumo de um primeiro trabalho de uma primeira revista rápida dos fatos da qual se distinguem as qualidades comuns. Têm sobretudo por objeto substituir às noções do sentido comum por uma primeira noção científica. É que com efeito é necessário sobretudo libertar-se dos prejuízos correntes mais perigosos em sociologia do que em nenhuma outra ciência. Não é necessário pôr sem exame como definição científica uma classificação usual. Muitas ideias ainda utilizadas em muitas ciências sociais não parecem mais fundadas porque com efeito devem ser banidas de uma terminologia racional, por exemplo: a noção de paganismo e mesmo a de fetichismo não correspondem às de real. Outras vezes uma investigação séria é conduzida a reunir o que o vulgar separa ou a distinguir o que o vulgar confunde. A ciência das religiões reuniu num mesmo tipo os tabus de impureza e os de pureza porque são todos tabus; pelo contrário distinguiu com cuidado os ritos funerários e o culto dos antepassados. Assim não é pela nossa ideia mais ou menos racional do sacrifício que devemos definir este rito é pelos caracteres externos que apresenta como facto social e religioso exterior a nós trabalhado independente de nós.

Após os argumentos da sociologia devidamente recebidos alcanço mais uma dimensão científica cuja teoria sistematiza estruturas em direção à unicidade epistemológica uma vez que a antropologia também estruturada em sistemas contribui para a complexidade científica dos caminhos nas pesquisas contemporâneas. Desta forma a epistemologia rege a orquestra racional da ciência. O foco das lentes amplia em direção ao observar-se a si mesmo em todo o espaço cosmológico no nano e macro cosmos.

Embora com ar enciclopédico em vôo rasante, as inserções elaboradas não são as únicas cognições da metalinguagem dos humanos possíveis e passíveis à execução. Trata-se de apresentar os argumentos da epistemologia unitária em complexidade sistêmica atuante na razão subjetiva das memórias estruturadas em auto constituição ininterrupta dos movimentos moleculares.

Desta forma munida dos elementos constituintes dos sistemas apresentados na produção escrita de Constant Tastevin nos permite desenvolver pluri argumentações das ciências evidentes nos discursos. Ora surgem elementos da Linguística, ora da Etnologia, ora da História, ou ainda da Geografia, Antropologia, Filosofia, Sociologia entre outras.

Constituirá ainda qual das ciências surgirá como argumento hipotético desta conjunção científica durante a exposição discursiva desta produção escrita da tese tratando A Epistemologia Unitária da Linguagem nas Sociedades *Matrízticas* Amazônicas.

Os argumentos científicos no domínio da genética dos primeiros habitantes das Américas. Arqueologia geneticamente comprovada.

Os primeiros momentos das pesquisas arqueológicas e genéticas dos ameríndios já surgem em pluralidade teórica. As hipóteses se apresentam constituindo dois momentos: 1. O contemporâneo plural diante da tradicional teoria unificada por um pensamento; 2. Duas teorias plurais em hipóteses prováveis. Desta forma o fato da multiplicidade de hipóteses confirma pertencer ao paradigma da ciência contemporânea da complexidade. Os sistemas são geneticamente comprovados até os limites possíveis.

Dispondo fragmentos do artigo de Reinaldo José Lopes, colaborador da Folha, publicado em 21 de julho deste ano corrente, introduzo a história da ocupação humana das Américas e seus personagens pesquisadores brasileiros.

Povos indígenas da Amazônia e do cerrado carregam em seu DNA as marcas de um parentesco insuspeito com aborígenes da Austrália e nativos de Papua-Nova Guiné. O resultado reforça a ideia de que o povoamento original do continente americano foi muito mais complexo do que os arqueólogos costumavam imaginar.

A questão é como explicar exatamente essa complexidade. Enquanto uma das pesquisas diz que duas populações diferentes se misturaram logo no início da presença humana nas Américas, outra defende uma única grande onda



migratória no começo, com a vinda posterior de grupos aparentados aos povos da Oceania.

Os levantamentos estão na "Science" e na "Nature", as duas maiores revistas científicas do mundo, e ambas têm participação de pesquisadores brasileiros. No caso da "Science", a arqueóloga Niède Guidon, da Fundação Museu do Homem Americano (PI), é coautora da pesquisa, enquanto o estudo da "Nature" teve participação de Tábita Hünemeier, da USP, Francisco Salzano e Maria Cátira Bortolini, da UFRGS, e Maria Luiza Petzl-Erler, da UFPR.

Creio definitivamente poder fechar o círculo dos escritos desta tese. Sem dúvida a pesquisa continuará seguindo o curso institucional podendo ser apresentada em um projeto maior de tradução dos documentos de Constant Tastevin, da língua francesa para a língua portuguesa que uma vez publicados constituirão objetos empíricos em múltiplos domínios científicos.

Embarquemos. O motor da teoria científica move o barco e desce o rio carregando os povos primitivos e seus rituais herdados geneticamente dos ancestrais vivos em círculo expansivo cosmológico inscrito na oralidade das tradições mitológicas. Eternidade mantida em nós, os índios.

Diante da complexidade executada em subistemas dimensionados tanto no conteúdo quanto na forma, a tese ancora em múltiplos portos dos polos científicos das Américas. Constituir o sistema e entender a complexidade teórica das ciências possíveis em omniciência da mecânica expansão do Universo. *In vitae.*

## **2. Constant Tastevin e a Missão Etnoantroporreligiosa na Amazônia**

Os tratados escritos sobre a Amazônia realizam-se em dimensões sociais reciprocamente atreladas aos nós atados entre os europeus ao cruzarem oceanos e mares pouco navegados chegando aos territórios virgens e encontrando os habitantes nativos. O fato da selvageria dos colonizadores europeus diante dos nativos das Américas, da África e alhures terem executado a eliminação e dominação de muitos destes povos proporcionou à floresta esconder a magia possível ao momento de encontro das culturas europeia e amazônica sintonizando as diferenças. Ao chegarem munidos da superioridade na força das armas os civilizados aventureiros instalaram o medo. E o medo instala a farsa necessária à sobrevivência dos índios.

Os discursos científicos produzidos em sujeitos vindos do além-mar estabelecem prerrogativas ao fio condutor nos escritos dos intelectuais e teóricos diante desta prerrogativa: “para ser é preciso nascer”.

Aqui nesta produção teórica investigada nos documentos escritos por Constant Tastevin sobre as etnias indígenas amazônicas, os Katukina e os Kanamari, a racionalidade argumentativa é além de importada dos colonizadores assegurando a perspectiva dos exploradores estrangeiros sobre nós inclusive em nossa própria perspectiva, a saber: os nativos pensadores executantes da ciência em primitiva observação de si mesmos. Não se trata da negação ou rejeição aos escritos teóricos dos estrangeiros sobre a Amazônia abrigo do espírito das descobertas científicas pertencentes à história acadêmica mundial mas sim de tratar do pertencimento biológico dos seres com os mesmos traços genéticos herdados e presentes em nós nativos amazônicos cujas perspectivas usadas são particulares à subjetividade conceitual.

Considerar a competência teórica dos cientistas amazônicos ao fazer ciência inclui pensar os pensamentos produzidos diante dos nossos olhos sobre nós mesmos. Ignorar nossos próprios discursos nos distancia da nossa imagem no espelho. Diante da globalização, do mercado editorial, dos eventos científicos

mundiais, da própria história científica cuja produção teórica contém a sequência dos fatos nos perguntamos incluindo os por quês, as razões, as investidas, os resultados da chegada dos civilizados ao nosso mundo selvagem.

Não estou sozinha. Apenas sigo o curso dos intelectuais e teóricos no movimento científico e filosófico contemporâneo cuja racionalidade argumentativa se apresenta nas produções institucionais acadêmicas. Renan Freitas Pinto, Marilene Corrêa, Marcílio Freitas, Neide Gondim, Milton Hatoum, Antonio Paulo Graça, Graça Barreto, Neiza Teixeira, Ribamar Bessa, Socorro Jatobá, José Alcimar, Selda Vale, Nelson Noronha, Gilson Monteiro, Lino João e todos os companheiros em antropofágica ação dos pensamentos científicos, aprimorados pelos métodos em profunda pedagogia, os professores dos vários Institutos Científicos da Ufam com os quais usufruí a complexidade do conhecimento no máximo da competência possível, em constituição teórica explosiva do movimento neuronal cognitivo.

Curiosamente a produção científica local reflete inquietações elaboradas estrategicamente no olhar sobre o olhar ou o formato da forma das cognições dos pesquisadores europeus em “A Invenção da Amazônia”. Ao escrever relatos científicos e filosóficos inscrevemos nossa racionalidade diante dos pensamentos no mundo sobre nós e sobre o nosso universo intelectual neste mesmo mundo.

Sistematizar é preciso. A produção científica *made in Amazônia* existe e insiste, portanto não há pioneirismo nestes “escritos diante do espelho”. A pesquisa científica explícita de Neide Gondim surge com dados empíricos diante da produção europeia mantendo coesão e coerência textual e discursiva nos argumentos fornecidos pela razão acadêmica dos primitivos.

A Invenção da Amazônia trata de observar o observador constituir as cognições resultantes do encontro com o Novo Mundo. Os aventureiros navegantes cruzavam oceanos em expansão colonial financiada por reais aristocratas. Relatar é preciso. Escritos narrando os acontecimentos forneciam os dados. As epopeias surgem em aventuras narrativas. Os civilizados estabelecem a relação com os amerídeos nominando-os “primitivos” e “selvagens”.

Neide Gondim demonstra o tema da narrativa da Amazônia revisitada por Jules Verne, Conan Doyle e Vicki Baum em formato de romance:

“a tensão oriunda entre o homem e a natureza, cujos resultados imprevisíveis encaminham questionamentos inquietantes por não resolverem a incompatibilidade da fusão”.<sup>36</sup>

Elaborada estrutura das informações romanceadas fornecidas por Jules Verne na cuidadosa composição dos personagens na história do Brasil ambientando o leitor ao contexto Neide Gondim demonstra que as ações, os produtos, os animais nativos pertenciam ao roteiro narrativo. Datas estruturam tempo e espaço dos viajantes. Enriquecidos por informações geográficas, número de habitantes, explicações de fenômenos naturais, peixes, descrições de tribos indígenas, alimentação, miscigenação, indumentária, etc. O narrador transita em vários tempos narrativos, 1880 e 1852. Revisita e contextualiza. Percebendo e atestando a teoria segue argumentando, mostrando *paripasso* a cadência das observâncias cognitadas. Surpreendente por ser diferente a narrativa primitiva não pertence à ciência europeia. Neste estado apenas seguimos os rumos pessoais das nossas cognições desvendando os nós da subjetividade surgida em novos significantes à construção da epistemologia contemporânea mitológica confirmando os espíritos existentes em nosso nano universo. Aqui está a fenda para a entrada do cosmos em expansão contínua das dimensões.

A dimensão pluralizada na obra *O Paiz da Amazônia em Sociologia do pertencimento de Marilene Corrêa*<sup>37</sup> administrando as três estruturas sistematizadas das culturas dos povos da floresta. Após a posse e a conquista a Amazônia Luzitana é construída sobre os pilares da igreja dos colonos e índios. A Amazônia revolucionária forma verdadeira nação revolucionária. Os Cabanos. Dá-se início à ação reformista. O Brasil é elevado à categoria de Reino atendendo as expectativas dos segmentos dominantes luso-brasileiros. Os desdobramentos dessas medidas aceleram o processo da Independência e a constituição da Nação brasileira. O discurso do último parágrafo do livro é

---

<sup>36</sup> GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. Marco Zero, 1984. P. 139.

<sup>37</sup> FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. *O Paiz do Amazonas*. Valer, 2012. P. 11 a 42

arrepiante. Marilene expõe a tragédia da repressão do Império à Revolução Cabana surge refletindo as consequências.

A repressão do Império à Revolução Cabana deixou, para a Amazônia brasileira um saldo de 40.000 mortos e uma massa de sobreviventes que degenerou em movimentos messiânicos, esclerosando uma alternativa de Nação que se apresentou como promissora para a maioria popular, para as etnias, para as nacionalidades de origem da região. A autodeterminação do Paiz da Amazônia ressurgiu, vez por outra, e assume dimensão de problema nacional. O Estado manipula com o discurso da soberania, da integridade da Nação, da unidade territorial e política todas as questões da história e da sociedade amazônica também tem fundamentos de outra natureza que não estão em circunsritos à história, à cultura, à sociedade nacional: a luta pela terra, pela autonomia de organização comunitária, pelo usufruto dos recursos do subsolo que repõem a questão indígena e questão agrária no contexto das classes e da luta de classes nacionais e internacional dão, à questão amazônica, uma qualidade nova e outras perspectivas de encaminhamento da questão nacional brasileira. Nessas perspectivas, o Paiz do Amazonas passa pelos trabalhadores da cidade e do campo, pelos posseiros, pelos sem terras do Sul, do Sudeste e do Nordeste, pelos seringueiros acreanos e bolivianos, pelas guerrilhas das populações andinas, que extrapolam os cinturões fortes do poder autoritário da América Latina.

Entrelaçar os mundos só é possível àqueles seres humanos em dimensões ontológicas diferentes que de alguma forma permitiram a si mesmo a convivência transformadora. O movimento expansionista das moléculas busca adaptações pertencentes ao sistema *autopoiético* dos seres vivos independente da civilização à qual pertença o *homo sapiens, sapiens*. Isto nos permite virar a página, ampliar a lupa do observar a antropologia de Tastevin entrelaçada a razões sinápticas em nossa perspectiva produzindo argumentos particulares.

Neste momento abrimos a porta desta dimensão em união epistemológica demonstrada nos complexos sistemas textuais/discursivos dos relatos escritos por Constant Tastevin.

Os escritos do Padre Constant Tastevin durante a Missão Religiosa na Amazônia sobre seu encontro com as etnias Katukina-Kanamari são documentos importantes para as ciências. Antropologia, etnologia, linguística, etnogeografia, sociologia, cartografia, mitologia revelam os processos mentais do padre missionário em textos devidamente arquivados no Mosteiro Católico da Congregação do Espírito Santo em Chevilly-la-Rue, França, assim como no Arquivo da Prelazia de Tefé. Estes textos/discursos constituem o objeto empírico desta tese em complexidade estruturada nos sistemas presentes das etnias indígenas amazônicas por ele apresentadas.

A missão cristã católica apostólica romana iniciada no final do século XIX com a chegada da Congrégation du Saint-Esprit e seus sacerdotes na Amazônia dá início a uma empreitada evangélica no território de águas e florestas vivas das Américas. Ao iniciar a atuação religiosa Tastevin se depara com sua falta de conhecimentos racionais sobre o lugar no qual se encontrava. Nada ou quase nada estava escrito sobre aquele mundo. Um mundo virgem e preenchido por seres vivos selvagens. Percebe também que o desconhecimento era seu. Os seres nativos demonstravam perfeição primitiva derivada do conhecimento mantenedor da própria existência naquele espaço. Surge então a composição racional elaborada através da necessidade explicativa à compreensão das descobertas dos complexos sistemas estruturados naquelas civilizações. Tastevin escreve. A missão pluraliza-se.

Transforma-se em missões das pesquisas etnoantroporreligiosas.

No ano de 1997 celebrou-se o centenário de presença evangelizadora dos missionários da Congregação do Espírito Santo e do Coração Imaculado de Maria, em Tefé, Estado do Amazonas, Brasil.

Segundo o relato da publicação impressa e distribuída aos fiéis durante a comemoração dos 100 anos da Missão dos Espiritanos na Prelazia de Tefé, já em 1845, Francisco Libermann, o fundador da Congregação dos Padres do Espírito Santo tinha planos de enviar missionários para o Brasil, onde, como ele mesmo disse: - Há três milhões de escravos negros.

A África explorada por países europeus era vítima de atrocidades em humanos e isto tornava necessário ações religiosas em busca da salvação. O

Congo, colônia do Reino Belga, fora transportado ao mundo das atrocidades em nome da riqueza. Aproximando a lente à forma da colonização europeia ficamos aterrorizados com a história. Vejamos: Leopoldo II nascido em Bruxelas, a 9 de abril de 1835 morto em Laeken, a 17 de dezembro de 1909, foi o segundo rei dos belgas. Era o segundo filho do rei Leopoldo I, a quem sucedeu em 1865, permanecendo rei até sua morte. Foi irmão da imperatriz Carlota do México e primo-irmão da rainha Vitória do Reino Unido. O regime da colônia africana de Leopoldo II, o Estado Livre do Congo, tornou-se um dos escândalos internacionais mais infames da virada do século XIX para o XX. O relatório de 1904, escrito pelo cônsul britânico Roger Casement, levou à prisão e à punição de oficiais brancos que tinham sido responsáveis por matanças a sangue frio durante uma expedição de coleta de borracha em 1903 (incluindo um indivíduo belga que matou a tiros pelo menos 122 congolezes). Leopold acreditava fervorosamente que colônias ultramarinas foram a chave para a grandeza de um país, e trabalhou incansavelmente para adquirir território colonial para a Bélgica. Leopold, eventualmente, começou a adquirir uma colônia de modo privado, como um cidadão comum. O governo belga emprestou-lhe dinheiro para este empreendimento. Em 1876 Leopold organizou uma companhia privada disfarçada como uma associação científica e filantrópica internacional, o que ele chamou de Sociedade Internacional Africana, ou a Associação Internacional para o Estudo e Civilização do Congo. Incontáveis mulheres e crianças tiveram seus braços cortados fora, simplesmente porque suas famílias não conseguiram bater a cota de trabalho. Os escravos que eram considerados "preguiçosos", estavam sujeitos a uma punição brutal. Em 1878, ele contratou o famoso explorador Henry Stanley para explorar e estabelecer uma colônia na região do Congo. Grandes manobras diplomáticas resultaram na Conferência de Berlim de 1884-1885 sobre assuntos africanos, em que representantes de catorze países europeus e os Estados Unidos, reconheceram Leopold como soberano da maior parte da área para a qual ele e Stanley haviam reivindicado. Em 05 de fevereiro de 1885, o Estado Livre do Congo, uma área 76 vezes maior do que a Bélgica, foi estabelecido sob as regras pessoais e exército privado de Leopold II, a "La Force publique". Adam Hochschild<sup>38</sup>, em seu livro King Leopold's Ghost, escreveu que

---

<sup>38</sup> Autor e jornalista norte-americano. Artigo disponível em: <http://www.omundoreal.com/2016/02/as-brutais-atrocidades->

houve um "grande esquecimento" depois que o rei transferiu a posse de sua colônia à Bélgica. Ele cita várias linhas de investigação, pelo antropólogo Jan Vansina e outros, que analisaram fontes locais (registros policiais, registros religiosos, tradições orais, genealogias, diários pessoais, e "muitos outros"), que geralmente concordam com a avaliação da comissão do governo belga de 1919: cerca da metade da população pereceu durante o período de Estado Livre. Hochschild lembra que, em sua visita ao Museu Real da África Central na década de 1990, nada era mencionado a respeito das atrocidades cometidas no Estado Livre do Congo. Outro exemplo dado por Hochschild é o monumento, em Blankenberge, de um colono "trazendo a civilização" com uma criança negra aos seus pés, ilustrando mais o chamado "grande esquecimento". Adam Hochschild dedicou um capítulo inteiro do seu livro ao problema da estimativa do total de mortes. Chegou a um número aproximado de 10 milhões de pessoas. Os registros fotográficos registraram o seguinte fato: Durante o governo Belga, o povo congolês viveu na miséria.

O Brasil do novo continente pertence aos que chegam. Os aventureiros e suas formas de colonização registram a loucura da consideração semiológica dos europeus ao substantivo adjetivado aos nativos: "povos selvagens".

A decisão da Congregação do Espírito Santo apresentava uma boa razão. A escravidão naquele momento não pertencia mais às civilizações judaico-cristãs. Os escravos do Brasil eram trazidos da África e este era o continente alvo da Congregação resultante da fusão, em 1848, de duas Congregações missionárias voltadas para os africanos.

No Brasil, a antropóloga brasileira Manuela Carneiro da Cunha<sup>41</sup>, responsável por boa parte das publicações nacionais sobre Constant Tastevin, afirma sobre as duas Congregações serem, uma fundada por um aristocrata francês no início do século XVIII, outra fundada em 1841 por um judeu alsaciano, filho de rabino, convertido ao catolicismo, François Marie Paul Libermann (H. Wennink, 1985: 27-38).



<sup>41</sup>CUNHA, Manuela Carneiro da (organizadora). Tastevin, Parrisier. Fontes sobre os índios e seringueiros do Alto Juruá. Série Monografias. Museu do Índio – FUNAI. Rio de Janeiro, 2009. p. XI.

O motivo da vinda dos espíritanos ao Brasil narrado por Manuela Carneiro acrescenta o fato histórico de que a Congregação passava por um período de perseguição numa França anticlerical, ampliando nossa compreensão atrelada a fatos históricos sem negar a intenção provável de vir ao Brasil apresentada no discurso comemorativo da Prelazia de Tefé. Mesmo porque a justificativa encontrada nos documentos foi igual: a presença de descendentes de escravos africanos em nosso país.

Após 11 anos em Belém do Pará, os espíritanos estabelecem-se em Manaus no ano de 1897.

No dia 23 de maio de 1897, cinco a sete padres franceses e mais dois irmãos, sendo um deles, Xavier Libermann, sobrinho do fundador alsaciano, principal da missão a quem cabia o poder de visitador, chegam da França adentrando a selva amazônica. Floresta virgem. Terra dos seringais e seringueiros, os soldados da borracha, e os índios nativos primitivos.

O início das explorações apostólicas nos grandes rios foi quase imediato. Manuela Carneiro<sup>42</sup> relata:

... ao que tudo indica no intuito de requerer depois esses “terrenos de missão” à Santa Sé.

Manuela Carneiro dirige nosso pensamento ao provável interesse da Missão pela posse da terra. Talvez o Tratado das Tordesilhas (1494) e a catequização dos indígenas do Império Espanhol no Alto Amazonas pelo padre Samuel Fritz (1654 – 1725) cuja intensa atividade evangélica e as disputas territoriais o levariam à prisão por incomodar a Coroa Lusitana pela proximidade das áreas da colônia portuguesa, expliquem este pensamento. O confronto por causa dos limites entre os impérios espanhóis e portugueses foi complexo e deixaram rastros uma vez que os dois reinos ibéricos haviam dividido as terras entre “descobertas e a descobrir” acentuando a corrida pela posse dos territórios.

---

Mas ao chegarem na Amazônia os olhos dos missionários da Congregação do Espírito Santo abandonam a obra para negros da África e inauguram a obra direcionada aos índios da América. Havia muito a descobrir e poucas descobertas registradas. A Missão da Congregação do Espírito Santo inicia a epopeia amazônica com a viagem de reconhecimento ao Juruá em setembro de 1897, feita pelo padre Cabrolíe e no mês seguinte pelo padre Parrisier até o Alto Juruá. Após dez anos em 1907, o bispo do Amazonas Monsenhor Frederico Costa anuncia o campo missionário dos espiritanos estabelecido pelo Vaticano enquanto o próprio bispo marca a paróquia exclusiva desta Congregação, a cidade de Tefé.

O Médio Amazonas. Em um espaço territorial extenso indo das duas margens do Rio Solimões chegando a Fonte Boa, na boca do Coari, abarcando todo o Rio Tefé, o Jutá e parte do Juruá até o Médio Juruá amplia a missão dos missionários pioneiros da Congregação do Espírito Santo. O Alto Juruá situado no Acre passa a pertencer à paróquia dos espiritanos em 1912. Era a década de ouro da borracha no Acre.

Tastevin exprimiu uma preferência por esta nova e longa missão confiada à Congregação do Espírito Santo durante sua Consagração ao Apostolado expedida para o embarque nos confins do Brasil, a Amazônia, onde parecia que seus estudos superiores e seus diplomas não teriam grande utilidades. Por isso foi com entusiasmo que ele se dedicou ao ministério itinerante ao longo das margens do Juruá e do Purus e outros afluentes do Alto-Amazonas.]

O ciclo da borracha na Amazônia determina o tempo no espaço deste cenário. O mundo amazônico composto em uma biodiversidade naturalmente selvagem das culturas dos índios e seringueiros. O látex é o ouro exportado.

A missão de Tastevin de conversão daqueles pagãos ao cristianismo permite usar as estradas navegáveis para chegar às comunidades ribeirinhas, aos seringais e alcançar o que restava nas tribos dos índios. Muitos eram os índios destribalizados porém, a vida nas aldeias ainda representava a resistência ao acultramento. Os índios nativos apresentavam diferentes culturas em suas línguas desconhecidas.

Tastevin chega na Amazônia em dezembro de 1905 e em 1912 os relatórios o citam como missionário há longos anos nos rios. Tastevin em sua própria história apresenta alto nível intelectual através de uma formação científica e religiosa. O Padre Constant Tastevin era bretão nascido em Lorient no dia 21 de fevereiro de 1880. Tendo sido criado em Pont-Scorff, passou por Cléguer, onde o reitor orienta sua vocação em direção a Seyssinet. Após o noviciado e um ano de filosofia em Chevilly, ele foi enviado ao Seminário Francês de Roma, para continuar seus estudos clericais na Universidade Gregoriana onde conquistou o doutorado em filosofia e em teologia e recebeu em 1903, a medalha de ouro pela tese sobre a inspiração da Santa Escritura.

Após sua ordenação sacerdotal no dia 2 de agosto de 1904, Tastevin foi enviado à Escola Bíblica aberta pelos Padres Dominicanos, próximo a Jerusalém. Este era o lugar dos eruditos e deveria gerar para a ciência bíblica católica eminentes serviços. A crise modernista é a razão do retorno de Tastevin à França. Após alguns meses é enviado ao Brasil, um território selvagem pouco explorado: a Bacia Amazônica.

A Amazônia confiada à Congregação do Espírito Santo tem características inóspitas. O inferno verde. Assim a chamou Euclides da Cunha talvez herdando o vocábulo usado por seus antecessores, os primeiros exploradores da Amazônia. A Missão dos padres é desafiadora. Por isso, é com entusiasmo que Tastevin deu a si mesmo neste ministério itinerante ao longo das margens do Juruá e outros afluentes do Amazonas. Amplia seus relacionamentos ao falar com os brancos e mestiços, mas também ao entrar em contato com os índios, aprender suas línguas, viver com eles e se servir deles assegurando a confiança no conhecimento deles durante as viagens.

A guerra de 1914 provocou o retorno de Tastevin à França. Brigadeiro simples serviu na artilharia, depois na enfermagem e, finalmente, foi intérprete do contingente português. Ele escapou sem danos ou ferimentos daquela guerra. Recebeu a patente de Marechal e a Cruz de Guerra com as devidas condecorações.

Em 1919, voltou ao Brasil e retomou o seu ministério religioso. Porém, seu conhecimento científico propiciou o desenvolvimento em múltiplas áreas indo

desde a geografia, a cartografia das terras e rios amazônicos, a linguística nos registros de línguas indígenas e trabalhos etnográficos orientados pelo Professor Rivet, do Museu do Homem, e subsidiado pelo Governo francês, até ao âmbito dos rituais xamânicos; Tastevin registrou em seus escritos tudo o que foi possível. Publicou uma gramática e um dicionário da língua tupi além de numerosos artigos em revistas científicas, o que lhe valeu o recebimento do *Palme Acadêmico* como prêmio.

Antes da Primeira Guerra Mundial, Tastevin já aprendera a Língua Geral, *Nheengatu*, e publicara três artigos na revista austríaca *Antropos*. Em 1910 saíra em Viena seu livro contendo uma gramática, vocabulário e textos *Nheengatu. A Língua Tupi*. No mesmo ano Tastevin encontrou os Kanamari (Canamaris, assim grafado nos documentos) que estavam morando dentro da jurisdição religiosa dos padres, no Médio Juruá. A revista *l'Anthropologie* publica em 1921 tudo o que Tastevin escreveu sobre os Kanamari e os Kulina com dados etnográficos do Alto Juruá.

Na França, o rico desenvolvimento da antropologia durante o século XIX, não foi suficiente para institucionalizar esta ciência, academicamente, até o início do século XX. A publicação de revistas e a criação do Museu de Etnografia de Trocadéro em Paris apresentavam os acervos das pesquisas realizadas além-mar, no exterior, de onde emergiam inúmeras importantes sociedades nas colônias da França. A Europa expandia seu território dominando civilizações mundo afora.

Em 1910 uma nova geração de estudiosos se propôs a organizar a própria invasão dominadora ao encontrar civilizações nativas. Precisavam para isto oficializar o apoio financeiro do poder público para as pesquisas. René Verneau, Arnold van Gennep e Marcel Mauss autor do artigo publicado em 1913 na *Revue de Paris* sublinha a urgência da organização da antropologia na França considerada atrasada em relação a outros países. Mauss propõe três relações existenciais da etnografia: pesquisa local, museus para os arquivos e formação acadêmica relacionando o corpo dos etnógrafos, profissionais ou não, observando com os olhos, fornecendo documentos e recolhendo material.

Este material devidamente organizado em arquivos dos museus que se ocupariam de expor e publicar os estudos feitos enquanto o ensino em diversos graus prepara técnicos, estudantes e o público nesta ciência da observação do homem sobre o homem: a Antropologia.

As linhas desenhadas na organização de Mauss compuseram as ideias desta disciplina. A guerra adiou a formalidade institucional, mas, foi entre as duas grandes guerras com o apoio das colônias francesas que a antropologia passa a ser ciência da formação universitária com a criação de um Instituto de Etnologia.

Tastevin está neste período no olho do furacão. As terras da Amazônia eram o seu laboratório. Sua missão religiosa e científica flui no fluxo estabelecendo importância de sua presença espacial/temporal na floresta amazônica lidando com a observação da vida *in loco*. A antropologia o conduzia a um campo multiforme conglomerando a etnografia, a linguística, a sociologia, a arqueologia pré-histórica, a paleontologia humana, a antropologia física, e os estudos das raças em voga no século XIX.

O período pós-primeira-guerra trouxe a colaboração de Paul Rivet. Isto faz com que a produção de Tastevin se direcione à sociedade científica. Do Médio Amazonas as correspondências chegavam à Europa e Norte América. Textos cheios de descobertas. Enquanto Constant Tastevin era o escritor pesquisador, Paul Rivet oficializava os documentos em diferentes contextos científicos na França. Missões em dimensões. Ambos, etnólogos e linguistas, Tastevin em movimento selvagem na saga das pesquisas, Rivet fundando o Museu do Homem em 1937. As redes de Resistência em Paris e do Museu do Homem abrigavam antropólogos, socialistas, intelectuais antifascistas, enquanto Tastevin desenhava signos em um fluxo quase literário nas correntezas vorazes dos rios em plena selva amazônica. Tastevin inscreve sua importância científica durante a efervescência da antropologia francesa ontem e hoje. Tratamos agora dos documentos deixados por ele. Podemos afirmar continuarmos desvendandoos interdiscursos das suas descobertas.

Assim, após dezessete anos de estadia ao longo do curso imenso das águas nos confins do Brasil, no Peru e na Colômbia, o Padre Tastevin volta à

França exausto, mas com uma documentação extraordinariamente rica sendo divulgada através das inúmeras conferências e publicações, incluindo a ciência e missões francesas beneficiadas entre os Americanistas.

A contemporaneidade de Constant Tastevin permite a complexidade dos elementos apresentados em seus escritos multiplicando-se as imersões científicas nos documentos dele munindo as pesquisas durante mais de um século. Esta multiplicidade sistemática dos relatos minuciosos em descrições produzidas em cada um dos “eus” (sujeitos produtores dos discursos) permitem leituras dos sistemas em domínios da antropologia, etnologia, etnogeografia, linguística, sociologia. Estas áreas científicas são apenas algumas das possibilidades. Há porém inúmeras outras dimensões possíveis a serem estudadas.

A Teoria da Complexidade e os Sistemas nos possibilitam ampliar a lente ao nos debruçarmos nos relatos de Tastevin sobre as sociedades Katukina-Kanamari. Tastevin em Tastevins.

Os termos usados para designar os meandros do campo do desenvolvimento histórico ao qual Tastevin pertencia variaram entre etnografia, etnologia, antropologia. A princípio, Tastevin concretiza suas pesquisas nestas três inserções. E vai além já que não podemos deixar de considerar a Linguística (os estudos das línguas tinham um caráter histórico iniciado com a fase gramatical dos gregos, passando pela filologia, pela gramática comparada e neogramática, e não conseguiam delimitar um objeto de estudo) nascida em 1916, com a publicação do *Curso de Linguística Geral (CLG)*, organizado pelos alunos Bally e Secheyne e baseado nas ideias expostas nas aulas de Ferdinand de Saussure a nova ciência se apresenta. O século XX demarca territórios sistemáticos ampliando os campos da pesquisa.

O laboratório de Tastevin composto por significantes e significados dos vocábulos nas línguas indígenas constituía-se na oralidade dos momentos. Inédito objeto de estudo devidamente preenchido por ele em constituição histórica das raízes ou troncos linguísticos das línguas indígenas. Tastevin portava as condições das elaborações teóricas partindo da fonética e fonologia chegando à criação de um dicionário da Língua Tupi. Encontrava-se imerso na

ciência recém-nascida, a linguística, estabelecendo todas as referências denotativas e conotativas das línguas enraizadas nos troncos engalhados em variações das línguas indígenas.

José Ribamar Bessa Freire<sup>39</sup> (1923 apud Tastevin: 8) em *Rio Babel – A História Social das Línguas na Amazônia* ao tratar do *Nheengatu*, a fala boa na língua entendida e usada entre nativos, seringueiros e estrangeiros da Amazônia.

Em *As línguas indígenas: o rio Babel*, Ribamar Bessa apresenta o cenário diante da perplexidade dos exploradores europeus ao encontrar multiplicidades das línguas desconhecidas nas sociedades tribais. A comunidade clerical e política tratou o plurilinguismo elaborando a unicidade comunicativa.

No Norte ela é conhecida por *nheên gatu*, ‘a boa língua’, o que supõe a existência de outras línguas, mas esta é a boa, fosse porque era a língua dos civilizados, ou melhor, dos senhores da terra, ou porque simplesmente lhe reconhecessem uma certa superioridade sobre os demais dialetos caraíbas, aruacos e outros, ou ainda, porque ao contrário das outras, constituísse como traço de união entre todas as hordas de línguas diferentes.

A dinâmica textual segue a pluralidade de sujeitos discursivos na narrativa de Tastevin:

- Apresentador [S I] - *No Norte ela é conhecida por *nheên gatu*, ‘a boa língua’;*
- Pensador [S II] – *o que supõe a existência de outras línguas;*
- Comentarista [S III] – *mas esta é boa, fosse porque era a língua dos civilizados,*
- Explicativo [S IV] – *(1a) ou melhor, dos senhores da terra,(2b) ou porque simplesmente lhe reconhecessem uma certa superioridade sobre os demais caraíbas, aruacos e outros, (3c) ou ainda, porque ao contrário das outras, constituísse como traço de união entre todas as hordas de línguas diferentes. Obtemos dados acionando os arquivos referentes aos enunciados:*

<sup>39</sup> FREIRE, José Ribamar Bessa. DA LÍNGUA GERAL AO PORTUGUÊS: PARA UMA HISTÓRIA DOS USOS SOCIAIS DAS LÍNGUAS NA AMAZÔNIA. Tese de Doutorado em Literatura Comparada apresentada ao Programa de Pós- graduação em Letras. UERJ, 2003. p. 54.

- Espaço temporal: *No Norte; é;*
- Vocábulo indígena: *nheên gatu, a boa língua;*
- Referências quantitativas: *outras línguas (plurilinguismo); entre todas as hordas de línguas diferentes;*
- Referências antropológicas: *língua dos civilizados, senhores da terra, caraíbas, aruacos e outros;*
- Política: *constituísse como traço de união entre todas as hordas de línguas diferentes.*

O colonizador europeu - português, espanhol, francês, inglês e holandês – embora nem sempre fosse letrado, usava línguas de tradição escrita, cujas categorizações não davam inteligibilidade à realidade cultural e ecológica da região. Ele compreendeu logo, desde os primeiros contatos, que a comunicação com os índios era condição fundamental de sobrevivência na Amazônia. Em primeiro lugar, porque os índios podiam proporcionar conhecimentos acumulados, sem os quais não era possível elaborar as estratégias de ocupação da região. Em segundo lugar, porque os índios podiam fornecer a força de trabalho necessária para viabilizar o projeto colonial, assentado na extração de produtos da floresta, as chamadas “drogas do sertão”. A expedição de Orellana, por exemplo, só conseguiu chegar ao seu final graças às informações coletadas junto aos Cocama do rio Napo e aos Omagua, do alto Solimões, que permitiram aos espanhóis uma leitura da região, de sua geografia, dos recursos aí existentes e das formas de usá-los, conforme reconhece o cronista Gaspar de Carvajal.

Assim como navegar é preciso, sobreviver na Amazônia naquele momento também era. De todas as partes do mundo pessoas chegavam humanas estrangeiras ao *habitat* do mundo da Floresta Amazônica. Os índios forneciam a ciência em si. A capacidade biológica era igual ou superior a dos colonizadores europeus fossem estes franceses, portugueses, espanhóis, ingleses ou holandeses. O projeto colonial dependia somente da ciência dos índios. Sabiam tudo de cor e salteado sobre tudo. Os colonizadores só sabiam



ler as letras. A Amazônia era selvagem demais às restritas capacidades neuronais das sutis diferenças naturais.

Este era o cenário histórico, social e lingüístico do sistema de trabalho colonial que exigia, para funcionar, um nível mínimo de comunicação entre os diferentes agentes da produção. No entanto, a nova comunidade de fala que estava sendo edificada na Amazônia não estava cumprindo “a máxima inalteravelmente praticada em todas as Nações, que conquistaram novos domínios”, que consistia em “introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma”, com o objetivo de “desterrar dos Povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes” (Diretório dos Índios, in Beozzo 1983: 132). Os índios dos núcleos coloniais, tanto os ‘livres’ como os escravos, não falavam o português entre si e nem com o colonizador; também a língua usada pelos jesuítas na catequese não foi o português. No caso, a língua do colonizador ficou limitada à função de comunicação com a metrópole. Foi em base a uma língua indígena, como será discutido em seguida, que acabaram se organizando as relações sociais na Amazônia ao longo de todo o período colonial, perdurando até mesmo depois da Independência. Quando em 1823 as duas ex- colônias lusas - o Estado do Brasil e o Estado do Grão-Pará - foram unificadas sob o nome de Brasil, a língua portuguesa já era hegemônica em grande parte do litoral brasileiro, mas continuava minoritária na Amazônia.<sup>40</sup>

Em condições de inacessibilidade comunicativa, o colonizador produz ignorância. Trata os índios com a força positiva dominante e encontra a força negativa e perturbadora: a não aceitação de dominados. Diante das armas de fogo, aparentemente, nada a dizer. As línguas indígenas são exclusivas dos índios assim como exclusivos são os conhecimentos do bio na floresta. Trata-se então da superioridade nativa dos seres armados na tocaia lingüística. Mais uma vez, Ribamar Bessa dá sentido ao entrelaçar as línguas às culturas milenares amazônicas.

Essas línguas indígenas haviam codificado experiências milenares preservadas pela tradição oral, abrangendo tanto o campo das chamadas etnociências – medicina, farmácia, botânica, zoologia, astronomia, religião, etc. - como o das manifestações literárias, ou seja, das diferentes narrativas denominadas pelos cronistas de ‘mitos’, ‘fábulas’, ‘lendas’, ‘palavras ancestrais’, ‘poesia’, ‘cantos’, ‘baladas’, ‘provérbios’. Os povos que as falavam haviam classificado e explicado o complexo mundo amazônico, atribuindo-lhe significados, e acumulando, dessa forma, milhares de anos de conhecimentos sobre a vida e a adaptação a ecossistemas tropicais.<sup>41</sup>

Ao coletar palavras de línguas indígenas junto aos anciãos, Tastevin compartilhava a preocupação de Paul Rivet com a "salvação" das línguas indígenas que estavam desaparecendo. A realidade nos dias em que Tastevin

<sup>40</sup> FREIRE, José Ribamar Bessa. DA LÍNGUA GERAL AO PORTUGUÊS: PARA UMA HISTÓRIA DOS USOS SOCIAIS DAS LÍNGUAS NA AMAZÔNIA. Tese de Doutorado em Literatura Comparada apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras. UERJ, 2003. p. 50.

<sup>41</sup> FREIRE, José Ribamar Bessa. DA LÍNGUA GERAL AO PORTUGUÊS: PARA UMA HISTÓRIA DOS USOS SOCIAIS DAS LÍNGUAS NA AMAZÔNIA, p. 46. Tese de Doutorado em Literatura Comparada apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, UERJ, 2003.

coleta os dados, era cruel. Diante da relação quantitativa refletindo seu pensar qualitativo estruturando os estudos científicos. Estudos linguísticos, as línguas, as raízes ou troncos, a fonética, a morfologia, a sintaxe significante da comunicação.

O roteiro amazônico de Tastevin determinado pela natureza, encontrando seres humanos em plena selva, em missão religiosa de catequização dos pecadores profanos (índios e seringueiros), é digno de louvação. Tastevin aventura-se em correntezas sobre canoas remando. Perde os remos, mas segue vencendo as distâncias. Sob o sol, temporais em sonoras trovoadas e relâmpagos iluminando as nuvens carregadas de água Tastevin segue adentrando e mapeando os rios que serpenteiam a floresta. Improvável crença das novidades primitivas na necessidade da sobrevivência.

Em 1914, por indicação de Jacques Hubert, Diretor do Museu do Pará, Tastevin escreveu a Paul Rivet pesquisador no Equador e com artigos publicados sobre as línguas dos Cocama, Campeva, Miranha, Tikuna, Tukano. Rivet percebeu que Tastevin traria contribuições importantes à linguística do oeste amazônico brasileiro. Entre 1914 e 1918 os contatos entre os dois foram interrompidos. Ao final da guerra a colaboração entre Rivet e Tastevin produz artigos assinados por ambos. Rivet atende aos pedidos de Tastevin e consegue a ele duas condecorações.

As correspondências entre Tastevin e Rivet revelam as condições das pesquisas na Amazônia. O grande território propiciava a gigantesca coleta de dados ao sabor das circunstâncias, em sedes dos municípios, de seringais em barracões ou colocações, em extensas viagens. Os sobreviventes dos povos indígenas massacrados misturavam-se uns aos outros. Índios perdidos entre o ontem e o agora. Formando tribos urbanas. Formatando o social com ideologia individual e competitiva.

O Padre Constant Tastevin em missão religiosa da Congregação do Espírito Santo, em 1924 sobe o rio Muru no início do ano, em fevereiro chega a

Seabra (Tarauacá), em maio sobe parte do Tarauacá e o Jordão, em junho e julho sobe o Tarauacá até suas cabeceiras, e encontra as aldeias Kaxinawá, índios amansados trabalhando nos seringais. Estes defendiam os seringueiros dos índios bravos. Rivet publica as cartas de Tastevin e em 1926 lhe dedica um resumo no *Jornal da Sociedade dos Americanistas*.

O tempo passado em cada uma das viagens de Tastevin, o trajeto na floresta virgem o faz chegar às aldeias. Suas cartas narram o êxtase dos múltiplos sujeitos produtores dos discursos dele. A narrativa das descobertas incluindo a necrografia Kaxinawá. Os dias passados nas aldeias em visitas mais prolongadas deveu-se à substituição de um padre residente em Seabra que atendia aos habitantes dos rios Tarauacá e Muru, ter sido designada a Tastevin. A pesquisa era feita por todos os sentidos. Ouvir as narrativas mitológicas e escrever os movimentos neurológicos deste povo o fazia entrar em crise com superiores religiosos.

Em 1924 Paul Rivet recebe carta de Tastevin queixando-se do superior de sua Congregação, Mgr. Le Roy que lhe pedira relatos escritos das ideias religiosas dos índios. É Manuela Carneiro<sup>42</sup> quem recolhe esta declaração:

“É muito árduo. Se as têm [idéias religiosas], não o deixam entrever... falta-me sobretudo leitura: sou muito ignorante...”

Diante dos desejos apresentados pelos superiores missionários, Tastevin se atém às necessidades. Os artigos sobre o Juruá e o Purus são importantes para a etnografia. Tastevin lista alfabeticamente os grupos indígenas da região, localizando-os e identificando os grupos linguísticos. Rivet assina com Tastevin o artigo publicado na revista *La Géographie*. As descrições de vários rios e afluentes, dados sobre as populações indígenas, sobre os seringueiros, sobre os padrões. Os detalhes dos mapas traçados com bússola ficaram famosos.

---

<sup>42</sup> CUNHA, Manuela Carneiro da (organizadora). Tastevin, Parrisier. Fontes sobre os índios e seringueiros do Alto Juruá. Série Monografias. Museu do Índio – FUNAI. Rio de Janeiro, 2009. p. XVII. (Tastevin a Rivet, Teffé, 7/11/1924).

Na Congregação do Saint-Esprit, Tastevin foi nomeado Vigário Delegado pelo seu Prefeito Apostólico o Arcebispo Barrat. Mas a fadiga e a doença o obrigam a voltar para a França em 1926.

Assim, após 17 anos vivendo e trabalhando na floresta virgem plena de rios, lagos, paranás, igarapés, no chamado confins do Brasil, do Peru e da Colômbia, o Padre Tastevin retorna à França, munido dos documentos escritos por ele. Anotações extraordinariamente ricas. Faz conferências, publica e beneficia a ciência até hoje.

Em Paris, Secretário da Maison-Mère, Tastevin segue ministrando cursos no Seminaire du Saint-Esprit de Chevilly em acadêmica oportunidade às suas pesquisas científicas de vida vivida e relatada inscrevendo os encontros humanos na Amazônia mostrando as diferenças em conotações e denotações não fixas na selva sobrevivente. Tastevin em missão religiosa de catequisar os índios converte-se aos propósitos científicos. Etnologia de outra ontologia.

Como missionário Tastevin buscava interagir com índios considerados passíveis de se converterem ao cristianismo e adotarem costumes “civilizados” incluindo a nacionalidade brasileira. Ao procurar proteger os índios colaborava com a política assimilacionista do Estado Nacional Brasileiro que desde então já se configurava em termos da proteção paternalista. Sua inserção no campo antropológico o levava a distanciar-se das Políticas de Estado no Brasil uma vez que buscava apoio para o aprofundamento de suas pesquisas para melhor conhecer os índios com os quais interagia como missionário mediante o contato com os etnólogos americanistas franceses. Através deles conseguiu subvenções do governo francês para realizar pesquisas representando seu país na área científica.

Segundo Priscila Faulhaber<sup>43</sup> a pesquisa etnográfica consiste em um registro sistemático de fatos observados diretamente sobre a cultura de um

---

<sup>43</sup> FAULHABER, Priscila. Socióloga. Graduação em Sociologia e Política pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1978. Tornou-se mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília, em 1983. É doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas desde 1992. Atuou como pesquisador visitante no IRD (1984), na Universidade Livre de Berlim, no Museu de Etnologia de Berlim (2003) e na Universidade da Califórnia em Los Angeles (2007-2008), quando realizou pós-doutorado com bolsa do CNPq. É pesquisadora do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCTI). Tem experiência na área de História da Antropologia, com ênfase em Antropologia Histórica, atuando principalmente nos seguintes temas: fronteiras e colonialismo, movimentos indígenas, objetos fronteiriços e museus. É autora do livro “O Lago dos Espelhos. Etnografia do Saber Sobre A Fronteira Em Tefe/Amazonas”. Publicado pela BELEM: MPEG/FUNTEC, em 1998.

determinado povo em um determinado território, a partir de análises comparativas das intenções dos sujeitos, suas traduções e possibilidades de trocas interpessoais, não se resumindo a um sumário inventário de informações coletadas.

Deve-se esta definição à necessidade esclarecedora do desenvolvimento da antropologia do início do século XX em todo o planeta, cenário do padre Constant Tastevin. Os modos de pensamento da antropologia resultam em Tastevin uma performance entre o indigenismo e a etnologia francesa.

Em 1922, Tastevin solicitou ao Ministro da Instrução Pública uma subvenção anual para custear seus estudos geográficos, linguísticos e etnológicos na região ocidental do Brasil, afirmando esperar que o Ministro o julgasse suficientemente preparado para "fazer uma obra útil à ciência e ao bom renome da França". A seguir, mencionou que os alemães, com os estudos de Paul Ehrenreich e Theodor Koch-Grünberg, haviam praticamente adquirido na época o monopólio sobre a região, e que desejaria continuar a tradição de "grandes franceses" como Crevaux, Castelneau, Marcoy e D'Orbigny. Mencionou, ainda, que, assim como "enfrentara os alemães no campo de batalha durante a Primeira Guerra Mundial, na qual foi duas vezes condecorado, desejaria colocá-los em cheque no terreno científico, onde as nações científicas almejam se distinguir".

O parecer do etnólogo René Verneau, que acompanhou a petição de Tastevin, fez referência à sua pesquisa entre os Mura do Autaz e outros índios da região (Cocama, Omágua, Jamamadi, Tucano, Caxineri, etc), a seus estudos sobre as lendas e inscrições rupestres, bem como contextualizou a importância dos levantamentos etnográficos e a coleta de artefatos, por Tastevin, para o Museu de História Natural e para o Museu de Etnografia, comparando seus registros geográficos com os de outros viajantes naturalistas franceses, destacando seus serviços à ciência e recomendando que a subvenção fosse concedida, com vistas à finalização de suas observações científicas. Em outro parecer, referente à petição de 1926<sup>4</sup>, Verneau informou que se tratava de um projeto de interesse nacional (francês), afirmando que os americanos e alemães, que dispunham de fortes recursos financeiros, armavam estratégias para dificultarem ao Pe. Tastevin a consecução de suas pesquisas, que, a seu ver, podiam contribuir para sustentar a "bandeira francesa".

Diante dos fatos narrados envolvendo a pesquisa científica atrelada às instituições oficiais do estado francês, verificamos a seriedade de Tastevin no envolvimento com a etnologia e a antropologia tratada oficialmente pelo estado em sua terra natal, a França.

A competição científica entre países como a Alemanha e os Estados Unidos da América disponibilizando recursos financeiros e uma França insustentável em território amazônico corria risco caso não reconhecesse o

interesse e importância das pesquisas científicas de Constant Tastevin estabelece o tom dos documentos oficiais.

O parecer de René Verneau inclui os estudos já realizados sobre os Mura do Autaz e outros índios da região (Cocama, Omágua, Jamamadi, Tucano, Caxineri), as lendas e inscrições rupestres, os levantamentos etnográficos e a coleta de artefatos para o Museu de História Natural e para o Museu de Etnografia, fundamentando os argumentos na necessidade de subvenção estatal aos estudos do padre Tastevin em nome da bandeira francesa.

Tastevin indianizou-se. Assumiu a luta a favor daquelas civilizações, das culturas, da forma em outra vivência social. Percebeu o outro ser humano na linguagem das outras línguas organizadas em outros sistemas significativos da complexidade, outra *autopoiese* da existência em harmonia cósmica.

Tastevin tratou de anunciar seus encontros e descobertas. Mobilizou instituições francesas, publicou, professorou, enfim expos suas pesquisas e suas lutas. Participou do CIMI<sup>44</sup>, envolveu o governo francês, financiador da pesquisa, foi e voltou. Viveu, participou, observou, anotou.

O missionário-etnógrafo atendia a demanda incentivado pelos etnólogos americanistas e por Paul Rivet a registrar palavras ainda lembradas pelos anciãos dada a preocupação com o desaparecimento de línguas indígenas.

Coletava relatos, palavras e artefatos com o objetivo de fornecer um *corpus* de informações para o museu e para os estudos etnológicos bem como para artigos publicados no Jornal da Sociedade de Americanistas e em outras revistas do campo científico da época. O *habitus* colonial e a cristalização da estrutura de poder característica da colonização europeia propiciavam o estabelecimento de vínculos de clientela acadêmica em troca de orientação antropológica. Tais vínculos de clientela científica levavam-no ainda, a marcar seus registros com a perspectiva do americanismo francês evidente, por exemplo na noção de 'raças indígenas'.

---

<sup>44</sup> CIMI - O Cimi é um organismo vinculado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) que, em sua atuação missionária, conferiu um novo sentido ao trabalho da igreja católica junto aos povos indígenas.

Empregado no plural o termo sugere que tais raças poderiam ser nuançadas além de abranger indivíduos muito diferentes entre si (Todorov, 1989, p. 118). Sugere ademais que, aos olhos do missionário, alguns indígenas de uma forma ou de outra poderiam ser convertidos, nacionalizados (ou melhor, transformados em brasileiros), em suma, eram suscetíveis de ser aperfeiçoados à moda do "bom selvagem" de Jean-Jacques Rousseau.

Aos 82 anos Tastevin morre na Maison-Mère no dia 25 de setembro de 1962. Sessenta e hum anos de trabalhos. Dezessete anos na Amazônia. Reconhecido como missionário e cientista no dia 17 de julho de 1955, o Ministro Louis Marin recebe Tastevin como membro titular da Academia de Ciências d'Outre-mer. Reconhecimento e gratidão governamental. Tastevin segue comprometido com as pesquisas realizadas sobre a Amazônia. Alguns destes estudos orientam a direção desta tese. Seguiremos o compasso dos pequenos sistemas apresentados em médios sistemas nos grandes sistemas observados na complexidade textual/discursiva de Constant Tastevin. Encontraremos pelo menos três produtores discursivos nos textos escritos por ele narrando perspectivas etnológicas, antropológicas e religiosas. Buscaremos compor a epistemologia unitária da linguagem manifestada na mitologia de composição genética explicando a existência de tudo nas etnias indígenas. Procuraremos os fenótipos e genótipos da ontologia social *matríztica* em exercício social selvagem de um povo vivente In Dios.

O final do milênio em seu primeiro ano do último decanato deste século produz em plena selva as ciências racionais do mundo civilizado. A seiva do conhecimento resguarda nas memórias resquícios elaborados desde 1500, chegando aos 800 anos da colonização europeia nas Américas. Deslumbrantes seivas em atrozes encontros narrados das descobertas e invasões no mais novo continente vivo, incluindo humanos, tornavam-se documentos escritos e desenhados. Os autores desta empreitada imperial, os civilizados, deviam tornar aquelas terras propriedades dos reinados através dos aventureiros atrelados aos governos. Europeus derivados dos gregos e troianos herdando de Alexandre, o Grande, o sangue das conquistas e superioridade escravagista mexendo as estruturas e saindo em busca do além mar.

A civilização colonizadora havia desenvolvido recursos tecnológicos para as guerras. As armas passavam os nativos primitivos a ferro e fogo. Afinal seriam os europeus os primeiros humanos a descobrirem as Américas? Roland Stevenson<sup>45</sup> ao adotar a Amazônia, propôs isto. Sua teoria explica os traços físicos dos índios herdados dos asiáticos. E demonstra a teoria em um artigo publicado apenas em língua inglesa que propõe uma nova visão acerca da origem do homem das Américas intitulado “Rethinking Our Pre-History”. De fato, nem todas as relações foram invasoras. Muitos imigrantes chegavam munidos do sentido da cooperação entre os povos. A relação de dependência dos conhecimentos e prestações nativas de índios nas Américas, é colossal.

A etnometodologia permitiu a Constant Tastevin ser pragmático na relação das línguas europeias e das línguas indígenas. Resguarda as línguas naturais possuidoras do carácter específico tendo um conjunto de meios através dos quais a declaração se refere não apenas a um conteúdo conceitual simples, mas ao ato de enunciação, ou seja, a atividade pela qual o discurso é produzido. As características intrínsecas das línguas naturais, o significado e funcionamento, não pode ser compreendido sem referência à atividade em que a língua é utilizada. A pragmática aqui, não aparece mais como língua sobreposta, é parte integrante. Por um lado, o uso da linguagem envolve sempre uma perspectiva relativa, que organiza a representação do ponto de vista do ator mudando e dando origem a um conjunto complexo de centralização e descentralizações. Outra característica importante são as marcas dêiticas e a sua polifuncionalidade: por trilhas espaço-temporais com relação ao aqui e o agora do enunciado as marcas podem ser sobrepostas ou intradiscursivas contendo substitutos mais complexos.

Esta razão suporta as narrativas do Padre Constant Tastevin em missionárias atividades da ciência e da religião, incluindo as aventuras encadeadas em magestoso cenário selvagem dos tempos paralelos da civilização e da primitividade completando e complexificando as ideias. Seus textos encadeados em natural complexidade dinamizam os relatos em sistemas

---

<sup>45</sup> Roland Wilhelm Vermehren Stevenson (*Chile, 15 de Agosto de 1932*), ou apenas Roland Stevenson como costuma assinar sua obra, é um artista plástico e pesquisador Chileno que veio ao Brasil em 1964, apaixonou-se pela região amazônica onde realizou importantes descobertas e vive até os dias de hoje.



cognitivos. O sistema textual e discursivo apresentado em complexidade fornece estruturas sistemáticas plurais atadas em nós oferecendo a dinâmica constituída pela linguagem. A narrativa fornece elementos suficientes ao pragmatismo permitido pela teoria da complexidade.

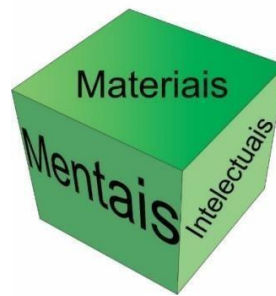
A semiótica permissível é produzida pragmaticamente em cada um dos elementos expressos em palavras, frases, orações e períodos constituindo o material empírico a ser analisado ao produzir argumentos científicos da majestosa complexidade existencial desta tese.

**3. As Sociedades *Matrízticas* Amazônicas: Katukina e Kanamari, etnias primitivas do sistema social em harmonia: Estrutura: Descrição Morfológica e Tipológica; Comunistas em comum**

Os índios Katukina e os índios Kanamari constituem civilizações ameríndias cujas sociedades são descritas nos textos escritos pelo Padre da Congregação do Espírito Santo, Constant Tastevin em complexidade sistemática estruturada pela racionalidade científica. A estrutura social e cultural dos Katukina e Kanamarisurge no emaranhado de dados dos textos/discursos cujos elementos são apresentados em narrativas sistematizadas em estruturas:

- Materiais (alimentação, cuidados pessoais, vestimentas e ornamentos, habitação, mobiliário, utensílios, técnicas cinérgicas, agrícolas, artesanais, industriais e comerciais);
- Mentais (regras de vida familiar, social, obrigações cívicas e eletivas, modos e regras de urbanidade e polidas);
- Intelectuais (língua, simbologia, mitologia, as ciências, os conhecimentos naturais, as artes, as belas artes, a moral, a filosofia e enfim, a religião).

## Elementos



Cubo Gráfico 1 – Elementos Sistematizados das estruturas

A “matrix intelectual” dos indivíduos e suas relações em sucessões de visões cruzadas além da sequência dialogada unidimensional explica o comportamento, ações e reações inerentes às sociedades indígenas amazônicas e devem ser descritas em coordenadas científicas e teóricas, afirma Monsieur Beaussart.

O vocábulo referente à cultura dos povos indígenas representa o modelo social em constituição circular de matrizes organizacionais. O sistema configura-se em estrutura viva de todos os viventes nas tribos. A ortografia do vocábulo levanta dúvidas entre os intelectuais ao encontrarmos ambas as formas grafadas textualmente: sociedades *matrísticas* ou sociedades *matrízticas*? Adoto o vocábulo *matríztica* portando a adjetivação substantivada de matriz. Gerando significado as *sociedades matrízticas* dos grupos viventes em matrizes sistematicamente organizadas.

Claude-Levy Strauss já havia diagnosticado o erro racista e preconceituoso do vocábulo “primitivo” considerado como selvagens, atrasados, menos evoluídos. Atestou apenas a operação distinta da civilização ocidental: o pensamento mítico-religioso pleno de magia. Este pensamento selvagem não se opõe ao pensamento científico. Considera Strauss o nível das propriedades sensíveis (caso do pensamento selvagem), e o nível das propriedades abstratas (caso do pensamento científico).

Desta forma não excludente, ambas civilizações encaixam as estruturas sistemáticas das funções nos sistemas mentais.

Humberto Maturana faz uma diferença histórica sobre o termo *matríztico*, dizendo<sup>46</sup>:

"Quando o pastor chegou com o patriarcado houve um encontro violento entre cultura patriarcal e cultura matríztica, que eram diametralmente opostas. Enquanto na cultura patriarcal tinha a posse na cultura matríztica não; enquanto na cultura patriarcal havia sinais de hierarquia na cultura matríztica nenhum sinal de hierarquias; enquanto a cultura patriarcal estava focada em guerra, a cultura matríztica não. [...] Quando a cultura patriarcal englobou a cultura matríztica, eles mataram os homens e guerreiros patriarcais se apropriaram das suas mulheres, deixando o matríztico sendo realizado apenas em relação materna-infantil e o patriarcal como a imagem externa pública. Eu acho que as culturas são nem dos homens nem das mulheres, homens e mulheres em uma cultura patriarcal são patriarcais; homens e mulheres na cultura matríztica, são matrízticos. Assim, as mulheres ao serem apropriadas por homens patriarcais guardaram um núcleo matríztico que ainda está presente em nossa cultura matríztica ocidental. Permanece na relação mãe-filho. A relação materno-infantil e no jardim de infância é um convite contínuo a colaboração, participação, para resolver conflitos na conversa, a não apropriação; o corpo é legítimo e as crianças podem andar nuas.

Quando propomos viver juntos em respeito mútuo, em colaboração e não em competição, chamado utopia, é um desejo idílico próprio às crianças.

A vida adulta é de competição, de luta, defesa dos interesses, as discrepâncias são conflitos, os argumentos são armas. Fazemos polêmica, a palavra polémico tem a ver com a guerra. [...]

Mas não é um conflito de masculino e feminino. Somente na cultura patriarcal original havia um conflito entre masculino e feminino. O que vivemos com hoje como um conflito entre o masculino eo feminino é um conflito entre o patriarcado e o matríztico.

Nossas crianças têm outra dificuldade fundamental, que é a adolescência. A adolescência é a transição cultural de passar de uma cultura matríztica para a cultura patriarcal. A cultura matríztica e a cultura patriarcal são completamente adversárias: nós crescemos em certas relações de parcerias, respeito e participação, depois passamos a viver em competição, em negação, em luta". (Ver IR E).

A Sociedade *Matríztica* é usada por Maturana e Verden-Zöller intencionalmente para designar uma cultura na qual homens e mulheres podem participar de um modo de vida centrado em uma cooperação não hierárquica. Tal ocorre precisamente porque a figura feminina representa a consciência não hierárquica do mundo natural a que nós seres humanos pertencemos, numa relação de participação e confiança e não de controle e autoridade e na qual a vida cotidiana é vivida numa coerência não hierárquica com todos os seres vivos mesmo na relação predador-presa.

---

<sup>46</sup> Patriarcado, Matrilinialidad y Matríztico. Postado por Carlos Boyle em 7 janeiro 2009 às 13:34. Escola de Redes. *conflicto entre lo patriarcal y lo matríztico*. Acesso em 20.11. 2013.

Segundo os pesquisadores a julgar pelos restos arqueológicos encontrados na área do Danúbio, nos Bálcãs e no Egeu, a cultura *matríztica* pré-patriarcal europeia deve ter sido definida por uma rede de conversações completamente diferente da patriarcal. Apesar de não termos acesso direto a tal cultura, Maturana pensa que a rede de conversações que a constituiu pode ser reconstruída pelo que se revela na vida cotidiana daqueles povos que ainda a vivem e pelas conversações patriarcais que constituem nossa cultura patriarcal de hoje.

Assim o cientista afirma que devemos deduzir com base nos restos arqueológicos acima mencionados que os povos que viviam na Europa entre sete e cinco mil anos antes de Cristo eram agricultores e coletores. Tais povos não fortificavam seus povoados, não estabeleciam diferenças hierárquicas entre os túmulos dos homens e das mulheres ou entre os túmulos dos homens ou entre os túmulos das mulheres.

Também é possível notar que esses povos não usavam armas como adornos e que naquilo que podemos supor que eram lugares cerimoniais místicos (de culto depositavam principalmente figuras femininas. Mais ainda desses restos arqueológicos podemos também deduzir que as atividades de culto (cerimoniais místicos) eram centradas no sagrado da vida cotidiana num mundo penetrado pela harmonia da contínua transformação da natureza por meio da morte e do nascimento abstraída como uma deusa biológica em forma de mulher ou combinação de mulher e homem ou de mulher e animal.

Após apresentar como vivia esse povo *matríztico* desperta a crença de que a natureza deve ter sido uma contínua fonte de recordação no qual todos os aspectos de sua própria vida compartilhavam a sua presença e estavam plenos de sacralidade.

Na ausência da dinâmica emocional da apropriação esses povos não podem ter vivido na competição pois as posses não eram elementos centrais de sua existência. Ademais uma vez que sob a evocação da deusa-mãe os seres humanos eram como todas as criaturas expressões de sua presença – e portanto, iguais. Nenhum melhor do que o outro apesar de suas diferenças – não

podem ter vivido em ações que excluíssem sistematicamente algumas pessoas do bem estar vindo da harmonia do mundo natural.

Por tudo isso podemos afirmar que o desejo de dominação recíproca não foi parte da vida cotidiana desses povos *matrízticos*. Esse viver deve ter sido centrado na estética sensual das tarefas diárias como atividades sagradas, com muito tempo disponível para contemplar a vida e viver o seu mundo sem urgência.

O respeito mútuo não a negação suspensa da tolerância ou da competição oculta, deve ter sido o seu modo cotidiano de coexistência nas múltiplas tarefas envolvidas na vida em comunidade. A vida numa rede harmônica de relações como a que evoca a noção da deusa não implica operações de controle ou concessões de poder por meio da autonegação da obediência.

Por fim já que a deusa constituía, como foi dito, uma abstração da harmonia sistêmica do viver, a vida não pode ter estado centrada na justificação racional das ações que implicam a apropriação da verdade. Tudo era visível ante o olhar inocente e espontâneo daqueles que viviam como algo constante e natural na contínua dinâmica de transformação dos ciclos de nascimento e morte. A vida é conservadora. As culturas são sistemas conservadores porque são os meios nos quais se criam aqueles que as constituem com seu viver ao tornar-se membros delas, porque crescem participando das conservações que as produzem.

Maturana afirma ainda que com base nessa maneira de viver podemos inferir que a rede de conversações que definia a cultura *matríztica* não pode ter sido constituído em conversações de guerra, luta, negação mútua na competição, exclusão e apropriação, autoridade e obediência, poder e controle, o bom e o mau, tolerância e intolerância – e a justificação racional da agressão e do abuso. Ao contrário é crível que as conversações de tal rede fossem de participação, inclusão, colaboração, compreensão, acordo, respeito e coinspiração.

Não há dúvida de que a presença dessas palavras em nosso falar moderno indica que as coordenações de ações e emoções que elas evocam ou conotam também nos pertencem nos dias de hoje, apesar de nossa vida agressiva. Contudo em nossa cultura reservamos o seu uso para ocasiões especiais porque elas não conotam na atualidade que vivemos nosso modo geral de viver. Ou então as tratamos como se evocassem situações ideais e utópicas mais adequadas para as crianças pequenas do jardim de infância, do que para a vida séria dos adultos – a menos que as usemos nessa situação tão especial que é a democracia.

A democracia ocidental permite existências paralelas dos povos e suas culturas. Ao lado da urbanidade das cidades a Amazônia registra a presença das etnias dos povos *matrízticos* na floresta. Estes povos nascem, vivem e morrem envoltos em sua própria ontologia, mantendo a unidade circular existencial em harmonia. As moléculas vivas dos neurônios mantêm a filosofia, a ciência e a religião presentes no Universo Mitológico atravessando gerações através das narrativas orais.

A grandiosidade da Bacia Amazônica ultrapassando fronteiras resguardava muitas nações de povos “primitivos” em múltiplas civilizações culturais. Tudo era virgem. Rios surgiam traçando as artérias ligadas à veia principal em liquidez aquática. Sem perder tempo Tastevin produziu manuscritos.

Estes documentos formatam as etnias indígenas amazônicas agrupadas em tribos. Constituem as tribos todos os indivíduos e cada um destes pertence ao modo vivente estabelecido em coordenação com a natureza. Assim perpetuam sua cultura eternizando a biologia herdada nos fenótipos e genótipos presentes em seu DNA. Desta forma harmoniosa os Katukina e os Kanamari existiam em ontologia mitológica. Tudo é explicado na magia vivida em transcendência observada na linguagem e nos discursos explicativos dos próprios índios atribuindo espíritos no mundo ao seu redor: vegetais, animais e humanos. Seus hábitos cotidianos são diferentes e regidos pelas mudanças climáticas da floresta. Dominavam a pesca em águas regidas por fluxos de cheias e vazantes; das matas retiravam carnes e frutas disponíveis de acordo com as estações e períodos lunares. Moviam-se no espaço terrestre com a

necessidade ecológica disponível e necessária à recuperação do espaço físico explicando o fato de serem nômades. Cultivavam pouca variedade de alimentos e raros eram os animais criados em cativeiro. Realizavam rituais xamânicos em curas espirituais e físicas.

Explicar o novo mundo faz Tastevin agir em movimento neuronal mais lúcido do que crente. A realidade transpirava magia. O tempo era medido pela distância do espaço percorrido. A dimensão fazia desaparecer a luta em dualidade só revelando a harmonia. A farsa pertence à necessidade dos sobreviventes. Exploradores chegaram sem avisar matando índios no Continente Americano. Explodiram tiros em extermínios fenomenais. Dizimando. Cunhantãs e curumins corriam desesperados diante da mira. Poucos alcançaram a liberdade adentrando a floresta rumo a lugar nenhum. O instinto movendo a sobrevivência. Duas irmãs ataram as mãos e as pernas velozes na correria até alcançarem uma cabana ocupada por homens seringueiros, mulheres serviçais e crianças adaptadas e preparadas à sobrevivência na floresta.

Detalhes multiplicados das narrativas amparam a complexidade envolvendo a ciência do encontro das diferentes programações neuronais entre povos. A civilização europeia “explora” o território e as tribos indígenas da Amazônia, nas Américas. Explorar, dominar. Dominar, mandar. Matar, ignorar. Ignorar, matar. Matar, escravizar. O medo presente na ausência do conhecimento sobre o outro. Dominar é ter.

Os índios amazônicos organizados socialmente em tribos permanecem na consideração parental. Ser parente representa a irmandade nascida biologicamente e reconhecida entre humanos cuja programação biológica é igual ou semelhante. Quando Tastevin chega à Bacia Amazônica muitas tribos já haviam sido dizimadas: morte e escravidão eram as alternativas neste encontro entre as civilizações.

Assim foi. Assim era. Os olhos de Tastevin carimbavam os dados fornecidos compondo outras dimensões. O incrível cenário molecular onde Tastevin respirava ar e se nutria com elementos sólidos, líquidos e gasosos era

pura biologia. *In natura* o maior laboratório das ciências daquelas descobertas em nascentes e plurais perspectivas.

As tribos eram matrizes de todos os índios em cada um deles. Unidos por traços culturais inerentes à nossa espécie elaboravam a dinâmica social. Munidos da ciência racionalizada em mitologia explicando a magia e as crenças, os índios herdavam os ancestrais. *In vita. In vitro*. Presença filogenética e ontogenética traduzida em harmonia e conhecimento dos elementos sistematizados no bio da natureza.

Vale lembrar que os textos escritos por Constant Tastevin pertencem ao período em que os seringueiros haviam invadido a floresta. O contato entre os nativos e os invasores não havia sido realizado com tranquilidade. O medo dominava tanto colonizadores quanto nativos. As armas de fogo não eram páreo para as flechas dos índios. O látex era matéria prima da indústria automobilística em expansão. Pneus e até goma de mascar (chicletes) saíam das fábricas movimentando a epistemologia do valor capitalista. Os índios, únicos habitantes e, portanto, proprietários das árvores da seringa, precisavam ser mortos ou dominados. Os países assinavam acordos para a implantação dos seringais organizando o extrativismo mata adentro. As condições de vida dependiam da infraestrutura, nos acampamentos em barracos construídos lá dentro da floresta. Índios ora atacavam, ora morriam durante as expedições dos invasores.

Diante do quadro confuso onde tribos se misturavam em sobrevivência financeira os nativos eram usados pelos colonizadores em todos os sentidos presentes na relação dominadores/dominados. Naquele momento Tastevin agia tentando anotar o máximo de dados coletados por ele e por alguns informantes. Diante daquela realidade pertencente à sua missão religiosa a ciência surge abundante na complexa e sistematizada estrutura textual. Tastevin produz múltiplos discursos inerentes à religião, a ciência, a filosofia em mitologia dos Katukina e Kanamari.

As descrições morfológicas e tipológicas a partir dos dados recolhidos nos documentos escritos por Constant Tastevin estarão dispostas a fim de concretizar a hipótese da vida social em matrizes. Estes povos vivem a cultura



sem hierarquias, sem dominadores e dominados, em harmonia sistemática funcional.

Usando variados elementos da complexidade discursiva entre estes os elementos literários a escrita do Padre Constant Tastevin preenche o local das estruturas em epopeias científicas sem absolutamente pertencer ao gênero da ficção. O punho exercendo missões na selva amazônica gravava letras em palavras encadeando frases e orações aos períodos desenhados no papel emitindo discursos produzidos em um cérebro estupefato: surpreendente este mundo novo! Convertê-lo, é preciso. O amparo da Congregação do Espírito Santo, em missão religiosa católica evangelizadora dos povos pagãos faz Tastevin perceber o tesouro que possuía.

Complexidade exposta. A teoria da complexidade concebida em epistemologia unitária torna-se diferente da teoria unitária concebida em múltiplas epistemologias. Elaborar argumentos dos sistemas pertence a diferentes paradigmas em movimento contemporâneo na ciência. Pertence a ter ciência da consciência neste cenário grandioso.

A floresta de textos apresenta elementos estruturados na floresta de dados. Decifrar os códigos pertence ao primordial. As estruturas sistemáticas fornecem a compreensão. Entrando lentamente nos documentos escritos sobre os Katukina e os Kanamari chega o meu momento da escolha. Eleger, entre a quantidade de documentos produzidos por Constant Tastevin, os dados empíricos desta tese argumentada em hipóteses, não é tarefa fácil. Os silogismos dos sistemas das dimensões complexas dos sujeitos textuais e discursivos frequentes nos escritos de Constant Tastevin emitem pluralidade conceituais.

“Une rencontre avec les Indiens Canamaris” é um documento escrito à mão em língua francesa, a língua natural a Tastevin. As ciências surgem embrenhadas à experiência da, e na narrativa. Antropologia, etnologia, história, geografia, cultura, linguística, epistemológica ontologia mitológica herdada geneticamente comportando filogenia e ontogenia *in natura* a movimentar moléculas nos neurônios produzindo sinapses e cognições dos selvagens amazônicos, nativos da floresta e das águas, nutrindo-se das ofertas produtivas

em harmoniosa natureza, transparece sinestesticamente nos relatos das pesquisas de Tastevin. Alinhando, alinhavando os pensamentos detalhados em períodos de orações coordenadas explicativas nascidas no biológico cérebro do escritor.

O diálogo de Tastevin é assim apresentado:

- Tu compreendes a língua dos Katukina?
- Eu compreender. Katukina é nosso parente.
- Então, até amanhã! (Ver IR F)

A narrativa romanceada encadeia o diálogo apresentado a seguir cujas palavras são explicitamente Tastevin pensando Tastevin.

A noite chegou, como de costume a aldeia se reúne para a oração da noite e confissão anual. Eu acho que eu estava com mais fervor ao pensar no encontro que eu faria no dia seguinte. Esta primeira abordagem em uma nova tribo como ministro de Jesus Cristo teria por minha culpa um resultado desfavorável ou eu teria a felicidade de impressioná-los? A dúvida era angustiante: vir de tão longe com um propósito específico, ter a oportunidade de realizar o sonho de sua vida e estar prestes a ter sucesso ou falhar tornava necessário levar a oração de Jesus, todas as orações dos amigos dos índios. Lá tem muitos. Este é o segredo de Deus. (tradução pessoal, Ver IR G).

Avassalador, eu digo. Inquietante também. Cada pensamento executado pela escrita apresenta elementos dos vários sujeitos produzindo discursos. Iniciada a apresentação do cenário com a chegada da noite chegam também os rituais cristãos em execução. Preces noturnas e confissões anuais. A seguir Tastevin escreve sobre o resultado positivo do fervor nas orações graças à subjetiva presença da ansiedade dele diante do encontro com os índios em uma nova tribo, no dia seguinte. Apresentar Jesus Cristo só seria possível se ele conseguisse impressionar os índios, caso contrário, o resultado seria desfavorável.

O segredo do seu desejo exposto na declaração escrita surge entremeando a missão de conversão a Jesus Cristo ao ineditismo do encontro com os índios, revelando subjetiva curiosidade no racional processo científico. O fervor e o encaminhamento das orações dos amigos dos índios ao coração de

Jesus o fizeram revelar o segredo a Deus: a grande quantidade de humanos índios.

Os sujeitos se apresentam em variantes e significativas sinapses condutivas das emoções em Tastevin na produção *autopoiética* do cérebro. Desta maneira percebemos a complexidade envolvida nos sistemas. Encadeando a programação para programações cerebrais, Tastevin surge entre esta estranha realidade dimensionada no espaço/tempo dos habitantes da selva amazônica.

Elaborando a dissecação textual/discursiva organizando as perspectivas em formato geométrico do cubo, estabelecemos o contexto recheado dos dados científicos partir dos seguintes elementos:

- Os sujeitos textuais do discurso de Tastevin;
- Os objetos materiais, intelectuais, mentais e sociais das sociedades indígenas das Américas;
- Os sistemas da teoria da complexidade: as matrizes das etnias em epistemologia unitária através das linguagens executadas durante as narrativas.

## Elementos



Cubo Gráfico 2 – Estrutura dos argumentos em observações das hipóteses

Compromisso e esforços empreendidos nesta missão acadêmica buscando a cada segundo ancorar os argumentos científicos ao concretizar a

pesquisa teórica no objeto empírico provando através da Teoria da Complexidade e dos Sistemas as razões destes passos no panorama científico contemporâneo cuja entrada precisa da senha das outras dimensões pluraliza minhas perspectivas.

Encadeando os sentidos Tastevin detalha suas constatações em narrativas expressas no tempo e no espaço estruturando eficazmente explicações ancoradas na missão religiosa à qual se destinara. O único acesso às comunidades é através das águas. A distância entre os humanos da floresta e o difícil acesso aos seres humanos deste lugar pertencem ao plano das dificuldades ao exercício da Missão Católica de cristianizar os infiéis: índios, seringueiros e ribeirinhos. Os acontecimentos aconteciam. E assim como vinham eram registrados por ele. Relatórios religiosos traziam explicações palpáveis às ciências.

O interesse despertado por suas narrativas torna Tastevin autor de detalhadas aventuras. Os acontecimentos transformam-se em cenas cinematográficas por serem narrados em inúmeros contextos. Marcas impressas na razão e na memória cicatrizam os fatos. Aos poucos revelam não a conversão cristã dos índios mas sim a conversão do Padre Tastevin ao universo mitológico e xamânico das tribos.

Historicamente diante da queda do império da borracha, a crise leva seringueiros e seringueiros à miséria. E Tastevin passa também por situações de fome compartilhando a decadência passando a alimentar-se do que aparecesse.

Não poderam me oferecerem café antes da partida. Não há nem café nem açúcar no barracão..E na minha canoa não era diferente. "Coma o que tem!" Esse é o conselho que seguimos. Me ofereceram três ovos fritos na gordura de peixe. Eu comi com farinha de mandioca e compartilhei com os dois remadores! Em cima tomei um copo de água do rio, e retomamos o caminho! (Ver IR H).

O difícil percurso amazônico rumo ao encontro com a tribo dos índios transpira uma aventura radical.

De cinco em cinco minutos, durante duas horas, foi necessário se lançar corajosamente nestas lagoas com água até a cintura. Warma nos dava o exemplo. A travessia não era considerável, mas nós tivemos medo de encontrar uma serpente ou alguns desses animais nocivos e estranhos que rastejam sob o verde da floresta virgem.<sup>51</sup> (Ver IR I)

Verdadeira saga desta missão religiosa nos escritos científicos movendo a curiosidade de Tastevin em direção ao mundo primitivo. A selva apresentava condições quase insuportáveis a Tastevin. Água, terra, barrancos, plantas e animais durante dias e noites o faziam perceber a diferença entre eles, o estrangeiro e os homens nativos que o guiavam: os índios.

Depois de meia hora, o que pareceu bem longa para mim, meu homem voltou com suas brincadeiras e começamos a escalar uma segunda colina. Como é lindo o passeio na vasta floresta virgem! E como nós entendemos que os índios nunca se perdem, se divertem circulando como animais sob um teto verde, onde a luz solar não penetra!(Ver IR J).

---

Poder usufruir das cognições explicativas em sensação de prazer torna a escrita dos acontecimentos comovente. Em detalhes primorosos Tastevin discorre sobre o *acangaratá*, proteção ao sol inclemente sobre a cabeça, usada pelos índios. Arte e elegância na excelência composição das plumas vermelhas ou azuis das araras e plumas amarelas do yapó.

Um pouco mais adiante outro Tastevin em outro processo cognitivo ao se perguntar como fazer o catecismo a um homem de uma mentalidade tão rudimentar? Desta forma propõe uma ação explicativa docemente com Baway, um dos seus condutores.

-Ouça-me Baway, o pai que está no céu nunca teve uma cabeça!  
 -Ele não tem cabeça? Pai do céu? Isso é muito engraçado! Ele não está morto? -Não! Ele não tem braços, também.  
 -Não há armas?  
 -Não! Ele tem pernas, sem barriga, nada, nada podemos ver ou tocar. -Ei!  
 Disse meu Baway, e manteve-se pensativo.

Ao chegarem ao local da tribo dos Canamaris sob um sol encandecente ao pé de uma colina em direção ao sol se deitando no meio de um campo de mandiocas próximo a centenas de palmeiras das copunhas balançando ao ritmo da brisa formando uma gama de elegância verde. Entre brincadeiras e decepções por encontrar poucos índios na maloca e sem nenhuma emoção Tastevin ouviu de Baway:

-Se os Katikinas não estão aqui, diz ele, é que eles pararam no caminho. Amanhã vamos vê-los.<sup>52</sup>

Aqui Tastevin expressa a “confusão” a qual me refiro sobre as etnias Katukina e Canamari.

Por um momento fiquei tentado a empurrar a minha excursão até o Bião de outros Canamaris faziam a colheita de popunhas mas de acostumado a andar, eu me sentia cansado. Então eu acertei a instalação da terceira Ajoupa que Baway colocou à minha disposição para mim e meus companheiros. (Ver IR I).

---

Mais uma vez instaura-se a dúvida sobre as etnias. Seguindo o texto encontramos mais uma vez referência de Tastevin não aos Katukina mas aos Canamari. Vejamos:

Ele permaneceu sozinho com as três índias e meus acompanhantes, provando assim a que ponto eu havia adquirido a confiança dos meus anfitriões, comecei a examinar as habitações dos Canamaris. (Ver IR J).

Enquanto aguardava a chegada dos Canamaris multiplicam as observações da cultura exposta a olhos vistos. Gatos e cachorros alimentados com popunhas em visível estado de desnutrição cambaleavam docemente. O cipó Timbó usado para a pesca garantia o almoço. Enfim o grande encontro de Tastevin com a tribo acontece.

Cerca de duas horas o péerner (?) foi ouvido em uma grande árvore que dominava a aldeia a bordado pau: "Katatan! Katatan!" Aí vêm eles, disseram as três índias simultaneamente. - Quem? Eu perguntei. - Os Canamaris! E elas pareciam convencerem uma a outra. (Ver IR L).

O encontro de Constant Tastevin com os Canamaris revela a pulsação civilizada diante dos humanos selvagens. Pluripolaridade racional oscilante, ora o deslumbramento, ora rejeição, ora compreensão, ora explosões verborrágicas cristãs preconceituosas.

Dez minutos depois de terem ouvido a canto do Urú, pequena e bonita galinha da floresta. - "Courou, Courou, Courou, Courou, Courou!" - Tu vês? Warma me disse, triunfante.

Eu não conseguia ver nada, mas eles imitavam com perfeição e todos em coro do grito do Urú para se anunciar. Eles não tardaram a surgir na floresta. Na frente, um homem jovem, Marawi, balançando suas flechas e seu arco na mão, avançou com um passo e respiração elástica. Atrás dele Panawan seu amigo e companheiro da mesma idade tão ágil quanto ele, mas mais tímido e Owano (Iepapillon) o cacique da tribo; Kaimon (a água pequena tartaruga); Aro e sua segunda esposa Eyawi (sardinha). Esta estava carregada como uma pobre besta, com uma cesta que descia do pescoço por uma haste, cheia de pupunha descascadas e sem sementes. E foi isso. Eles estavam todos pintados de vermelho como demônios, vestido apenas da cintura para cima. Aro tinha desenhado em seu ventre, um pequeno navio negro testemunhando a habilidade de sua campanha. (Ver IR M).

Diferente do imaginário de Tastevin o encontro dele com os homens Canamaris foi muito cordial. Após presentear os homens índios Tastevin inicia um diálogo perguntando sobre as mulheres deles. De repente Tastevin se surpreende.

Logo surgem as cantoras. Tastevin segue a narrativa esmiuçando deslumbramento diante da elegância e beleza explícita naquele cenário. Cada um e todos os detalhes do espetáculo especificam a presteza das observações. Durante a escrita as memórias resplandecem a sinestesia em complexos elementos surgidos em sistemas de reativação biológica. Até os sons vibram ecos em fluxos sobre um tronco de árvore, alcançado com pés “de olhos fechados” das mulheres índias Canamaris. Tastevin se pergunta: “- Eu testemunhei uma cerimônia (ritual) para comemorar o retorno ao acampamento? Ou a cena foi organizada em nossa honra?”.

Aquela sociedade *matríztica* recebia o Padre Constant Tastevin com honras e glórias ritualísticas. O ritual incluía a participação dos visitantes. As cuias na cabeça continham uma bebida. Após ser alertado por Baway Tastevin se entrega e bebe o líquido sem no entanto identificá-lo textualmente. Todos os visitantes participam da oferenda ouvindo cânticos. Oficialmente aceito pela tribo em um evento ritualístico. Entre acontecimentos e pensamentos Tastevin acentua aqui e ali a “carga pesada” de pupunhas carregadas pelas mulheres. Em *matrizes* os Canamaris vivem os círculos sistemáticos estabelecidos em uma cultura não hierárquica onde os sistemas se entrelaçam no cotidiano da floresta. A colheita havia sido feita pelos homens na árvore da pupunheira repleta de espinhos ou ainda a colheita estabelecida aos seres femininos em igualdade de funções sociais. Os índios Canamaris respondem as questões feitas por Tastevin

sobre as crenças em diálogos dirigidos na essência cristandade da missão religiosa.

Os elementos conceituais das crenças estavam em dimensão religiosa imperadora das verdades. Baway mostra ao seu povo o fato apresentado por Tastevin de que o Pai do Céu não tinha cabeça fazendo todos olharem para Tastevin para saber o que ele tinha a dizer. Parece não haver significado da palavra Deus apresentado como o Pai do Céu na tribo dos Canamari. E Tastevin afirma ser impossível conhecer Deus com pernas e braços enfim, nada que pudesse ser visto, porque era um espírito que via sem olhos, que escutava sem orelhas e que sabe tudo, até o que o homem pensa em seu coração portanto, era necessário fazer tudo o que ele quer.

Tastevin os convida a rezar o que os entusiasma. Ele os faz ajoelharem-se na terra crua, as mulheres de um lado e os homens de outro, permanecendo no centro do círculo com os índios cristãos. Os índios participam felizes dos rituais cristãos apresentados pelo Padre Constant Tastevin. Nada podemos afirmar sobre a conversão dos Canamaris ao cristianismo. Tastevin, sim. Garante a presença de cristãos católicos reverenciando o cumprimento da Missão Religiosa da Congregação do Espírito Santo à qual era oficialmente vinculado.

De fato os acontecimentos contados pelos tefeenses durante conversa informal e histórica, mostram até que ponto os índios foram convertidos. Durante a Santa Missa na Igreja da Matriz em Tefé, homens e mulheres, jovens e crianças Canamaris lotavam a igreja devidamente vestidos com roupas. A população aglomerava-se dentro e fora da igreja tornando a temperatura quente e insuportável durante o ritual cristão. Uma a uma as mulheres índias foram se desnudando diante do clero e da população. A conversão ao cristianismo tinha limites até ao calor.

A rotina de Tastevin segue após providenciar alimentos enviando seus acompanhantes à Monte Douro a fim de procurar farinha e se fosse possível peixe seco permanecendo até a próxima lua cheia enchendo o cérebro com todo e qualquer objeto empírico incluindo uma apresentação das danças. O que Tastevin viu lhe pareceu ter um caráter religioso acentuado (pensa que poderia



ser por causa da sua presença). Era mais um canto mímico do que uma dança o que explicaria porque só há uma palavra: *waipa* para exprimir a dança e o canto.

O céu, a imobilidade do olhar, o contemplar, entoando:

Kadian, Kadian, atedek toek adda

Aithani heñ

Wakuma Kudyáde!(Ver IR N).

Em círculos, as mãos nos ombros uns dos outros mulheres e homens se separam e três a três giram em espiral no terreiro andando lentamente como os monges em procissão cantando cantigas em tom grave que parecia um lamento ou uma súplica. O detalhe importante surge nos cânticos. A língua não era Atekena. Havia cantos Colinas, Miranhas, Cunibas que os índios Canamaris sabiam de cor apesar de não compreender, afirma Tastevin.

Levados pela curiosidade e pela necessidade explicativa de Tastevin de manter o seu ensinamento em bases sólidas, conhecer, para depois converter Tastevin ouviu que Djano não merecia o nome de Deus. Os Canamaris seguem fornecendo sequências narrativas cujos fatos envolvem significados fortes sem muita ordem significativa a Tastevin. Páginas e páginas de infinitas dimensões históricas contadas pelos índios envolvendo cânticos em Atekena:

Kodoho naki, Kodoho naki

Itoek atcha nimoi

A certeza da religiosidade cristã na cultura *matriztica* dos Canamaris faz Tastevin não permitir a nudez dos corpos em natural existência. A cada novo contato com Canamaris de outras tribos, o texto produz elementos explicativos envolvendo a solução da nudez com qualquer vestimenta, emitindo o grau de civilização dos “primitivos”. Todos os índios deveriam desvendar a nudez e cobrir os corpos diante dos padres.

Os dias passam atando os nós dos sentidos em acontecimentos inimagináveis. O texto chega a ficar pesado tamanha a quantidade das narrativas científicas. Em rede os sistemas estruturais do texto incluem dados iluminando os caminhos escolhidos em pesquisas acadêmicas desatando os nós dos discursos de Tastevin.

Em *Um Encontro com os Índios Canamaris*, Tastevin produz textualmente uma imersão na mitológica cultura dos Canamaris em uma dimensão religiosa pessoal. Assim o mingau discursivo precisa da separação dos ingredientes, da observação encadeada dos nós atando os sujeitos produtores. Entram as ciências e as lutas explicativas. O texto manuscrito permitiu ao escritor realizar sinapses cognitivas em multiplicidade observativa de si; em si mesmo via discursos elaborados na perspectiva religiosa de Tastevin. A etnoantropologia realiza-se na linguística das línguas das diferentes etnias indígenas dos povos da floresta. Habitantes do espaço territorial guardado pelos segredos do conhecimento *autopoietico* da existência naquele povo que trazia a história das Américas na memória genética das mitologias. Cada tribo pertencia ao processo de matrizes culturais envolvendo crenças em espíritos existentes nas elaborações mitológicas e mentais. Os rituais elaborados para a contemplação tornam impossível convertê-los. Eles eram verdadeiramente espíritos divinos em existência natural.

Translúcidos objetos empíricos em atividades neuronais da religiosidade científica de Tastevin produzem incontáveis discursos expostos via culturalismo europeu em racionalidade superior exercida sob a forma de dominação dos povos em mitológica existência. Decorre que racionalmente só agora a ciência comprova a vida em nanoenergia quantificada no impulso divino.

Etnolinguística das linguagens indígenas e línguas; Pano, Arawak e Katukina.

O texto assinado por Paul Rivet e Constant Tastevin, publicado em 1921, *Les tribus indiennes des bassins du Purús, du Juruá et des régions limitrophes*<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> RIVET, P. TASTEVIN, C. Les tribus indiennes des bassins du Purus, du Juruá et des régions limitrophes. La Géographie. Ed. Société de Géographie. Paris, 1921. Plub. M. G. Grandidier.

apresenta considerações etnogeográficas do Purus e do Juruá dentro da abordagem no domínio da Linguística durante a representação das etnias através das línguas indígenas faladas nas tribos. Esta imensa área territorial constituída na estrutura das duas bacias destes rios era habitada por pessoas agrupadas em tribos falando línguas quase idênticas. Tastevin afirma ser o Purus o rio mais conhecido por já ter sido explorado por Chandless<sup>48</sup> e Ehrenreich<sup>55</sup> relatores anteriores a ele do conjunto informativo sobre as tribos indígenas daquela região.

Tastevin classifica as múltiplas tribos que habitam os rios desta grande Amazônia de acordo com a língua falada a fim de elucidar as falhas dos primeiros exploradores ao encontrar nomes idênticos ou parecidos nas línguas indígenas. Tastevin fornece especificidades dos povos indígenas ao mesmo tempo decidindo que as tribos desaparecidas não constariam da classificação dele, feita em ordem alfabética, mesmo tendo conhecimento da existência dos povos através dos primeiros contatos dos missionários com as tribos indígenas.

Detalhes elaborados em narrativas documentadas apresentam a necessidade suprida do desejo de anunciar as descobertas. A história detalhada e específica do *antropos* é o *logos*. Antropológicos dados ricos em detalhes etnológicos. Sistemáticamente surgem os nós de nós mesmos.

Após nove anos de residência na Amazônia foi possível estabelecer a carta etnográfica desta bacia com dados relativamente satisfatórios comparáveis aos existentes sobre o Purus antes dos registros de Tastevin.

A região do Solimões ou Médio-Amazonas estabelecida pela Santa Sé fora dividida entre os missionários das diversas congregações. Ao norte da Prefeitura dos missionários franceses do Espírito Santo, também conhecida por Prefeitura Apostólica de Tefé, onde Tastevin passou dezesseis anos entre 1906 e 1926 o território cuja extensão era maior do que alguns países da Europa. A Santa Sé dividira o Médio Amazonas ficando ao norte os Salesianos italianos encarregados do Rio Negro, a oeste os Capuchinhos italianos que evangelizavam o alto Solimões, a leste e ao sul a Diocese de Manaus ou do

---

<sup>48</sup> CHANDLESS, William. Explorador inglês, guiado pelo Bandeirante do Amazonas, João da Cunha Corrêa;

<sup>55</sup> EHRENRECHI, Paul. Pesquisador alemão.

Amazonas. Os limites territoriais, porém variavam de acordo com as missões envolvidas nas execuções das conversões. Tastevin sobe os rios chegando às fronteiras do Brasil com Peru e Colômbia. Mapeia e referencia os braços dos grandes rios constituindo os elementos científicos em terras ainda não conhecidas ou exploradas.

A saga missionária religiosa leva o padre a narrar tanto os aspectos solicitados pelo *Ministère de L'instruction Publique* quanto pela *Association por L'Avancement des Sciences*. Os aspectos gerais da Bacia Amazônica são descritos em uma inspiração expirada por Tastevin diante da magnitude, da riqueza, dos encantos encantando o sacerdote missionário europeu.

As numerosas etnias indígenas da Amazônia encontradas e descritas por Tastevin expressam os resultados imagináveis da quantidade dos seres humanos viventes na floresta antes da colonização. Mesmo após o encontro com os exploradores e depois com os seringueiros, restavam índios se agrupando em tribos das diversas etnias. Estudos analíticos das tribos do Juruá e do Purus revelam Tastevin afirmando que um grande número de índios permaneceu fora do agrupamento. Alguns pela incerteza dos dados fornecidos, outros talvez por passarem a pertencer aos grupos estabelecidos pelos estudos dos documentos existentes ou quem sabe por novos documentos escritos por viajantes.

Esta imensa região do Juruá e do Purus é povoada por grupos existente em duas famílias linguísticas: os Pano e os Arawak além do grupo maior e diverso dos Katukina. De fato vale ressaltar a enorme lista sequenciada no discurso confuso em tantos detalhes explicativos. Tastevin demonstra a necessidade de estudar as etnias indígenas amazônicas antes que elas desapareçam:

Nosso mapa demonstra as zonas mais urgentes a explorar, as tribos que seriam indispensáveis serem estudadas antes que desapareçam. Servirá a orientar as pesquisas dos viajantes ávidos pelo desconhecido e terras inexploradas, assim teríamos atingido nosso objetivo essencial<sup>49</sup>.(Ver IR O)

---

<sup>49</sup> RIVET, Paul. TASTEVIN, Constant. P. 80/XXXV – N 5.

Estas palavras expressam o dizer de Tastevin sobre os exploradores da Amazônia. Chama-os de “aventureiros ávidos pelo desconhecido em terras inexploradas”. Assegura seu objetivo principal na execução de suas missões. O mapa desenhava as artérias por onde fluíam águas caudalosas inundando terras ocupadas por seres conhecedores dos segredos da imensa floresta.

Das montanhas na América do Sul nos Andes brota um filete da nascente no olho d'água doce adquirindo velocidade descendo e sugando gotas de água das chuvas e dos temporais, correndo em cachoeiras e desenhando as veias das correntezas dos rios. As águas eram a única forma possível de caminho no percurso dos desbravadores. A aventura pertencia aos elementos da estrutura científica. Descobertas faziam sentido ao adentrar aquela selvagem e virgem mata. Longe, muito longe era a palavra usada para explicar distâncias vencidas em muitos dias de viagens entre uma comunidade e outra, de um seringal a outro. E as tribos dos índios escondidas se refugiam na imensa floresta amazônica das Américas.

Ao longo do artigo de Tastevin os dados linguísticos pipocavam nas línguas dos povos indígenas. Pluraliza os sujeitos sintaticamente analisados quantitativamente em informações geográficas:

As tribos da língua katukina ocupam um lado contínuo cuja referência seria o Juruá formado por territórios adjacentes dos Tukundiapá, os Parawá, os Bendipá, os Tawari, os Kayarara, os Kanamari, os Burué, os Katukina, os Katawisi.<sup>50</sup>

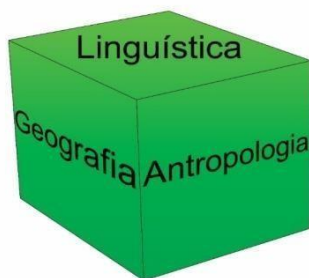
O parágrafo é assim estruturado em seus elementos sistemáticos:

1. Discurso realizado pelo Sujeito Narrativo (descrevendo);
2. Este sujeito textual/discursivo apresenta dados inerentes às seguintes ciências.
  - Linguística: *As tribos de língua katukina;*
  - Geografia: *...uma banda contínua cujo eixo seria o Juruá formado por territórios contínuos...;*
  - Antropologia: *etnias dos Tulundiapá, dos Parawá, dos Bendipá, dos Tawari, dos Kayarara, dos Kanamari, dos Barué, dos Katukina, dos Katawisi.*

---

<sup>50</sup> RIVET, Paul. TASTEVIN, Constant. Pág. 479.

### Sujeito textual discursivo



Cubo Gráfico 3 – Pluraridade científica nos documentos de Constant Tastevin

Estes são exemplos dos valerosos encadeamentos dos discursos científicos de Tastevin. Elaborando a estrutura apresentada nos sistemas complexos da cientificidade comprometida pela descoberta Constant Tastevin produz quem sabe, a elaboração da razão das razões indígenas.

A filosofia revela a ciência e as crenças em um universo linguístico formatado nos vocábulos das línguas. Esta união atrela todos os nós da ontologia presente na filogenia e ontogenia herdadas geneticamente dos ancestrais desta espécie de *homo sapiens, sapiens*, viventes na floresta sobreviventes na liquidez fluvial.

O conhecimento científico na racionalidade do índio é elemento da natureza. Propicia a estrutura explicativa dos mitos. Determina a matemática perfeita em física energia resultando na química necessária à biológica nascença harmoniosa da selva. Tudo isto é percebido embora não necessariamente compreendido mas escritos com todas as letras por Tastevin. A estrutura dos signos linguísticos das línguas só faladas revela a movimentação neuronal das memórias da própria história produzindo registros na oralidade comunicativa.

Verdadeira Babel assim como são numerosas as etnias da Bacia Amazônica assim são também as línguas. Variações, dialetos, incursões, abandono dos vocábulos movimentam os troncos linguísticos. Tupi? Guarani? Katukina? Kanamari? Panos? Arawak? A cada língua, povos. Em cada povo, um

lugar. Em cada lugar os elementos estruturais sociais. Em cada sociedade mutações elementares da ciência em filosofia religiosa dos rituais xamânicos.

Deus, Jesus, pecado, morte na cruz, salvação, perdição, céu e inferno, comunhão, são elementos apresentados pela Missão Católica Cristã perdendo-se nos insignificantes significados ausentes nas linguagens das línguas em pluralidade étnica. A programação *autopoiética* no imaginário neuronal dos indígenas ou seja, a programação biológica de autoprogramação se desenvolvia buscando estruturas conversíveis e convertíveis. Como entender o cristianismo surgido na violência da relação estabelecida pela ideologia superior dos europeus na força maior da comunicação entre colonizadores e colonizados onde a fé era primordial ao povo que vivia da crença no que via. Estes destemidos colonizadores não sobreviverem sem as ciências dos primeiros donos do mundo: nós, os índios. Como ter fé na fé deles?

Sobreviver é preciso. Os cadáveres dos índios levaram consigo o universo das culturas das etnias em tribos mortas. A oralidade viva mantinha a própria vida. Agora era diferente. Tastrevin gritava ao atestar a necessidade de registros antes da extinção ou desaparecimento das civilizações indígenas. Ou mortos ou matados os elementos racionais transpareciam confusos: ou índios domesticados ou índios selvagens e agressivos permanecendo intocáveis naquele emaranhado de gente matando ou morrendo no âmago da floresta traçada em ruas de rios e entrâncias das águas. Passagem do fluxo máximo em velocidade suficiente para rasgar a terra em forma de igarapés, cachoeiras, lagos, ilhas equalizando a beleza da selva. A linguística daquela região é finalmente elaborada:

Resumindo, apesar das numerosas lacunas, o mapa linguístico das Bacias do Juruá e das regiões vizinhas, há alguns anos é ainda tão confuso e tão extraordinariamente complexo, preciso e simplificado. A etnologia deste território que é sem dúvida o mais conhecido da América do sul se desenha nitidamente em suas grandes linhas.

Não só a linguística mas também a etnologia desta região da América do Sul, a Bacia do Juruá e áreas vizinhas cujos dados e confusos e complexos se

tornaram precisos e simplificados graças ao conhecimento científico de Tastevin. A consciência de Tastevin é revelada em extraordinária *práxis* da pesquisa esclarecendo, buscando, elaborando direções aos fatos.

A história escrita dos tempos. O desenho cartográfico do espaço. O espaço das línguas e linguagens das etnias. A invisibilidade revelava um incrível mundo de gente sob as árvores, sobre as águas. Matrizes existenciais diferentes.

O Rio Babel de José Ribamar Bessa Freire<sup>51</sup> narra a trajetória histórica das línguas na Amazônia brasileira afirmando que o século XIX na Amazônia demograficamente estabeleceu o declínio da Língua Geral Amazônica (LGA) perdendo a hegemonia para a Língua Portuguesa. Esta situação só mudou a partir da segunda metade do século XIX quando passou a predominar o monolingüismo na língua européia.

A língua de comunicação interna da Amazônia, ao longo de todo o período colonial e até mesmo nas primeiras décadas do século XIX, foi, incontestavelmente, a Língua Geral Amazônica (LGA) que desempenhou aquelas funções básicas exercidas tradicionalmente por toda e qualquer língua numa comunidade, o que acabou retardando o processo de hegemonia do português. A memória desse fato, porém, se perdeu fragmentada nos próprios falantes que restam. Quanto aos atuais descendentes daqueles que falavam a LGA, eles nem sequer sabem que ela existiu e que foi falada, até muito recentemente, por seus antepassados, e ignoram que ainda hoje é bastante usada na região do rio Negro. Esse apagamento, em grande medida, é o resultado do desinteresse dos pesquisadores pela história social da língua, que ao desconsiderar essa dimensão, não levaram em conta a sua força ativa, organizadora da sociedade e do próprio tecido histórico. Em consequência, foi criada uma lacuna, que acabou sendo preenchida por "observações marginais, que expressam muito mais os preconceitos de seus autores sobre os grupos indígenas, do que uma análise sobre a questão lingüística colonial" (Barros 1982:1). Os raros estudos contemporâneos realizados se enquadram numa perspectiva filológica e lusófona, com o objetivo muito mais de dar conta dos empréstimos lexicais das línguas indígenas ao português falado no Brasil, do que refletir sobre o uso dessas línguas.<sup>52</sup>

Ao alcance da perspectiva de Jeremy Detuche<sup>53</sup> ao afirmar que Tastevin deveria ser capaz de falar um pouco Kanamari-Katukina apesar de não saber em que língua ele fez suas investigações concluindo ter sido usada a língua portuguesa. Tastevin era plurilíngue. Português para a comunicação e a língua

---

<sup>51</sup> FREIRE, José Ribamar Bessa. Rio Babel – A História Social das Línguas na Amazônia. Professor da Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-Rio), onde orienta pesquisas de doutorado e mestrado e da Faculdade de Educação da UERJ, onde coordena o Programa de Estudos dos Povos Indígenas. Obteve os diplomas de professor normalista pelo Instituto de Educação do Amazonas (1965), de graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969), de Especialização em Sociologie du Développement pelo IRFED, França (1971-72) e de Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003).

<sup>52</sup> FREIRE, José Ribamar Bessa. Rio Babel – A História Social das Línguas na Amazônia. Pág 39.

<sup>53</sup> DETUCHE, Jeremy. Les Katukina do rio Biá. Université de Paris Ouest, Nanterre, La Défense. 2009 (Nota de Rodapé) Pág 02.



francesa para os escritos documentais. Como pode ser visto muitas incertezas se apresentam no contexto científico das indagações.

Esta declaração encontra-se na nota de rodapé escrita por Jeremy Deturche em um movimento neuronal da incerteza dos fatos envolvendo Tastevin em narrativas etnológicas do seu contacto com os Katukina. A tese *Les Katukina do Rio Biá* pertence ao domínio da Etnologia, domínio de Deturche.

Claramente, as questões que Tastevin tenta resolver no início do século XX ainda são relevantes. Especialmente que entre ele e um trabalho recente (Reesink de 1993, sobre a mitologia; Neves 1996 na história; Labiak 1997 sobre os rituais, Carvalho de 2002 [1998] sobre a história, a mitologia, os rituais e o xamanismo e Costa 2007 sobre a organização social, história e mitologia), tem havido um grande vazio etnográfico.<sup>54</sup>

Os documentos textuais *Les tribos indiennes des bassins du Purus et du Juruá* assumem a importância argumentativa sobre os Katukina-Kanamari. Mesmo tratando de todas as outras etnias desta região a descrição sobre os Kanamari é bem maior e mais detalhada. Os Kanamari representam um conjunto de tribos cujas línguas são diferentes. Os Katukina também são designados como tribos de línguas diferentes. Isso explica os detalhes etnológicos, geográficos, linguísticos imprimidos por Tastevin ao apresentar o Sistema em sistemas menores. Katukina e Kanamari são parentes? O território ocupado por tribos com línguas diferentes pertencentes ao mesmo tronco linguístico permitem visualizar o sistemas elaborados na representação de cada tribo formando o Sistema maior, se visualizarmos o todo.

Tastevin fornece em ordem alfabética a classificação das diferentes tribos. Segundo ele isto facilitaria aos americanistas a consulta fácil. Tastevin afirma que sistematicamente eliminou desta lista um grande número de nomes de tribos desaparecidas sobre as quais haviam falado os primeiros missionários e viajantes. Afirma que sobre estas tribos Spix<sup>55</sup>, Martius<sup>63</sup> e Markhain<sup>56</sup> já haviam fornecido a enumeração completa da nomenclatura das tribos amazônicas.

<sup>54</sup> DETUCHE, Jeremy. *Les Katukina do rio Biá*. Université de Paris Ouest, Nanterre, La Défense. 2009, Pág 07

<sup>55</sup> MARKHAIN, Clements. A list of the tribus of the valley of the Amazons, including those on the banks of the main stream and of all the tributaries in *The Journal of the royal anthropologieul Institut*, Londres, vol. XI. 1910, p. 73 – 140 <sup>63</sup> MARTIUS, Carl Friedrich Phil von. *Beitrag sur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*, Leipzig, 2 vol. 1867.

<sup>56</sup> SPIX, John Bapt von e MARTIUS, Carl Friedrich Phil von. ...on Bresilien, Munich, 3 vol. I atlas. 1828 – 1831.

A lista inicia com os Amabuaka e encerra com Yurimagua, Zurimagua. Quando chega aos Katukina Tastevin empenha-se a descrever detalhadamente as diversas línguas classificando as tribos em três grupos distintos. Em nota de rodapé Tastevin afirma que neste trabalho um deles distinguiu cinco grupos Katukina diferentes e que naquele momento era possível os reduzir a três. Diz ainda Tastevin que a palavra Katukina porta uma etimologia mais satisfatória do que a anteriormente usada [Kanamari].

Não se trata apenas de estudos linguísticos a produção textual sobre cada uma das tribos da região do Juruá. Constant Tastevin indica a presença de diferentes estruturas na coletividade dos Katukina-Kanamari.

Os elementos descritos sobre as etnias Katukina-Kanamari apresentam dados inclusivos das ciências em frases atadas aos nós discursivos e em diferentes textos. A ordem da produção assim como a apresentação dos escritos podendo ser manuscritos ou datilografados, são elementos dos quebra cabeças a serem montados durante a constituição dos dados científicos apresentados. Neste sentido, o texto *Une rencontre avec les Indiens*

*Canamaris*, precede o documento *l'Ethnographie du Yuruá*, onde encontram-se os detalhes das etnias Katukina (línguas e tribos) e Kanamari (línguas e tribos), organizando os dados confusos até então. Iniciaremos a demonstração dos elementos tratando de um fragmento narrativo sobre o encontro de Tastevin com os Canamari (assim grafado por ele) e o desenrolar dos fatos. Escolhemos o tratado lógico produzido por Constant Tastevin através de um fragmento do texto *Une reencontre avec les Indiens Canamaris*, onde os elementos apresentados narram os fatos descritos dos primeiros contatos com os Katukina e os Kanamari.

... É extraordinário é preciso concluir. – De onde vocês vêm? – Barracão! Foi a resposta. Quanto laconismo! – De qual barracão vocês vem? – Aquele ali! Cada vez mais forte! Vocês vêm de Pau Furado, sem dúvida. – In, in. Com esta resposta eu percebi que eu encontrara os índios e fui transportado de vez. Há muito tempo eu desejava ver os índios deste lugar, fossem os Canamaris que habitavam entre o Jutuhy, a oeste e o Juruá a leste, fossem os Colinas que percorrem a floresta virgem entre o Juruá a oeste e o Purus a leste. Eu teria permanecido com eles, mas já em curso realizado, o meu barco, e nós não nos entenderíamos, não há nenhuma linguagem comum entre nós. - Aonde vocês vão? Perguntei-lhes de novo. - Itanga, eles responderam. Itanga é um lago formado pelo antigo Juruá, bem na frente de onde estávamos. Eu sabia que ali havia várias casas. Diga a todos que você encontrar - que o Padre está em Pau Furado, eu gritei aos índios. Ao ouvir a palavra Padre, eu vi surgir na canoa uma quinzena de cabeças de homens e mulheres. Estes têm seus cabelos cortados estilo 'filhos de Edward'. Em seguida, houve gritos de alegria e músicas, e sob a pressão de remar o barco desapareceu em um piscar de olhos nas ondas. Fiquei encantado com este encontro que pressagiava outro no dia seguinte, e o desejo de chegar rapidamente ao lugar, remei com o dobro da energia e cheguei por volta das quatro horas ao barracão Pau Furado (bois fercé). (Ver IR P).

Facilmente identificáveis tratamos desta vez de delimitar, especificar, elaborar na produção neuronal das linguagens dos Sujeitos Discursivos de Tastevin o narrador envolvido pelos sentidos semióticos em semântica consonância na linguagem produzindo frases ou orações. Não se trata unicamente da coleta de dados já que torna-se a expressão realçada pela racionalização daqueles momentos através do narrador, da elaboração do observador, do interlocutor, da reflexão, em atos da linguagem apresentada na complexidade neuronal em sistemática vivência. A discursivização permite estruturas em dois tipos: seminarrativas e discursivas. A enunciação, lugar de exercício da competência semiótica é ao mesmo tempo a instância da instauração do sujeito (de enunciação). O conjunto dos procedimentos suscetíveis de instituir o discurso com um espaço e um tempo, com outros sujeitos além do enunciador constitui a competência discursiva. A *semiosis* ou a sequência contínua de atos semióticos é chamada manifestação. Esta manifestação textual enunciativa de Tastevin é aqui demonstrada. Unidimensional e linear, mas também pluridimensional e plana. A abolição da linearidade é realizada do ponto de vista do enunciador. É possível observar também a metalinguagem descritiva (mas não científica) da enunciação, atando os nós das ciências. Sujeitos

- ✦ Sujeito emocional 1; ... *É extraordinário* ✦ Sujeito racional 1; *é preciso concluir.*
- ✦ Sujeito direto 1; – *De onde vocês vêm?*
- ✦ Sujeito interlocutor 1; - *Barracão!*
- ✦ Sujeito reflexivo 1; *Foi a resposta. Quanto laconismo!*
- ✦ Sujeito direto 1; *De qual barracão vocês vem?*
- ✦ Sujeito interlocutor 1; *Aquele ali!*
- ✦ Sujeito reflexivo 1; *Cada vez mas forte.*
- ✦ Sujeito direto 1; *Vocês vêm de Pau Furado, sem dúvida?*
- ✦ Sujeito interlocutor 1; *In, in!*
- ✦ Sujeito emocional reflexivo 1; *Com esta resposta eu percebi que eu encontrara os índios e fui transportado de vez. Há muito tempo eu desejava ver os índios deste lugar...*

- ✦ Sujeito racional 1; *... fossem os Canamaris que habitavam entre o Jutuhy, a oeste e o Juruá a leste, fossem os Colinas que percorrem a floresta virgem entre o Juruá à oeste e o Purus à leste.*
- ✦ Sujeito reflexivo 1; *Eu teria permanecido com eles, mas já em curso realizado, o meu barco, e nós não nos entenderíamos, não há nenhuma linguagem comum entre nós.*
- ✦ Sujeito direto 1; *Aonde vocês vão?*
- ✦ Sujeito emocional 1; *Perguntei-lhes de novo.*
- ✦ Sujeito interlocutor 1; *- Itanga*
- ✦ Sujeito emocional 1; *eles responderam.*
- ✦ Sujeito racional 1; *Itanga é um lago formado pelo antigo Juruá, bem na frente de onde estávamos.*
- ✦ Sujeito emocional 1; *Eu sabia que ali havia várias casas.*
- ✦ Sujeito direto 1; *Diga a todos que você encontrar - que o Padre está em Pau Furado,*
  
- ✦ Sujeito emocional 1; *eu gritei aos índios. Ao ouvir a palavra Padre, eu vi surgir na canoa uma quinzena de cabeças de homens e mulheres. Estes têm seus cabelos cortados estilo 'filhos de Edward'. Em seguida, houve gritos de alegria e músicas, e sob a pressão de remar o barco desapareceu em um piscar de olhos nas ondas. Fiquei encantado com este encontro que pressagiava outro no dia seguinte, e o desejo de chegar rapidamente ao lugar, remei com o dobro da energia e cheguei por volta das quatro horas ao barracão Pau Furado (bois fercé).*

## Diagramas Lógicos

A1 – Sujeito Produtor: o ser existencial de Constant Tastevin;

A2 – Sujeitos atados em nós. Encadeados. Sequenciados. Anotados.

Escritos. Registrados;

A3 – Sujeito Racional Argumentativo. Objeto empírico. Dados. É o Sujeito da Razão Científica e Religiosa.

Sistema dos Sujeitos Discursivos ou

Discursos estruturados em Sistemas



Cubo Gráfico 4 – Os sujeitos discursivos

As Variáveis ultrapassam estas três e pertencem as estruturas sequenciadas produtoras.

Desta forma apresentamos os dados constitutivos dos sujeitos discursivos (C) estruturados em Sistemas.

**C1** – O Sujeito Emocional é o Narrador dos fatos do início ao fim do parágrafo;

É extraordinário! É preciso concluir. Fiquei encantado com este encontro que pressagiava outro no dia seguinte, e o desejo de chegar rapidamente ao lugar, remei com o dobro da energia e cheguei por volta das quatro horas ao barracão Pau Furado (bois fercé).

**C2** – A Sequência dos Sujeitos é alterada a partir das respostas. Podem ou não seguir uma ordem;

– De onde vocês vêm? – Barracão! Foi a resposta. Quanto laconismo! – De qual barracão vocês vem? – Aquele ali! Cada vez mais forte! Vocês vêm de Pau Furado, sem dúvida. – In, in. Com esta resposta eu percebi que eu encontrara os índios e fui transportado de vez.

**C3** – O Sujeito Racional assegura a narrativa por representar os dados e os fatos da ciência em si.

Com esta resposta eu percebi que eu encontrara os índios e fui transportado de vez. Há muito tempo eu desejava ver os índios deste lugar, fossem os Canamaris que habitavam entre o Jutuhy, a oeste e o Juruá a leste, fossem os Colinas que percorrem a floresta virgem entre o Juruá a oeste e o Purus a leste. Eu teria permanecido com eles, mas já em curso realizado, o meu barco, e nós não nos entenderíamos, não há nenhuma linguagem comum entre nós.

## Sujeitos discursivos



Cubo Gráfico 5 – alternância dos sujeitos: emoção e razão

Os Katukina são duas nações indígenas de línguas muito diferentes: os Katukina do Jutaí, do Juruá, do Tefé, do Tapauá (aparentados dos Kanamari, cujo dialeto eles falam; os outros, a se julgar pela sua língua, estão ligados ao grupo Pano (o grande tatu), assim chamado por causa do nome de uma tribo que o compõe).

Compreende-se bem porque os primeiros se chamam Katukina. Este nome é a deformação da palavra Atekena ou Hatekena que significa “os homens” – através da qual, seguindo o costume índio, os Katukina se distinguem do resto das pessoas, os outros homens não sendo para eles mais do que uma caricatura deles próprios e aqueles do Gregório e do Acurauá (com que direito arvoram eles este nome, que não tem nenhum sentido no seu dialeto?).

Médio Juruá: Môa ao Tarauacá, 770 km. Katukina de língua Pano. Afluente do Riozinho da Liberdade, o Rio Branco, margem esquerda do rio Gregório onde se encontra sua aldeia de origem às margens do Reconquista e do Curu que eles atravessam para ir do Gregório para o Liberdade.

O texto traduzido e publicado no livro Tastevin, Parrissier. Fontes

Sobre Índios e Seringueiros do Alto Juruá organizado por Manuela Carneiro da Cunha inclui a tradução de Nicolás Niyimi Campanário intitulado: Entre os Índios do Alto Juruá.

Inicia com os escritos de Tastevin, a Procura dos Índios Katukina. Constant Tastevin relata em 1924, afirmando fazer a desobriga (quaresma) do Médio Juruá com extensão territorial de 770 quilômetros. Lá ele encontra os índios Katukina de língua Pano.

Estes índios trabalhavam na borracha sob o comando de um civilizado. Ao chegar na embocadura do Curu, depois do Reconquista, Tastevin diz que os índios não tinham parado lá. Havia esperança de encontrá-los em Gregório. Chegando à boca do rio, em Rivaliza, o gerente do seringal o aguardava e os Katukina estavam ali acampados. Subir o Gregório com a missão de realizar um casamento em Santo Antonio foi acordado em troca da ajuda a Tastevin para chegar a Atalaia a 150 quilômetros subindo o rio. Há uma hora de canoa mais acima, onde desembocava o Igarapé ou o rio de Maciel, na margem direita, estavam os Katukina.

Tastevin ao exercer a escrita documental inclui tudo: missão religiosa, locais, datas e circunstâncias. Mesmo utilizando o recurso dos informantes Tastevin não se esquece.

Em véspera de Natal, a Rivaliza tinha atraído um grande número de pessoas. Ladainhas, confissões, proibições das danças dos não convertidos, cerimonial no altar com a descida do Verbo-Encarnado adorado pelos cristãos católicos, foram celebrados com cânticos de Natal.

Constant Tastevin afirma o fato de que alguns só ouviam falar desta festa católica e agora participavam pela primeira e última vez em suas vidas da celebração.

As narrativas das várias cerimônias religiosas seguem escritas em minuciosos detalhes. Só no dia seguinte Tastevin vai para Atalaia. O rio em plena cheia precipitava suas águas com uma rapidez vertiginosa. Após 24 voltas abaixo do Recreio chegam à casa de um rapaz que deseja ir ao barracão. O

rapaz conhecedor dos atalhos faria o percurso durar três horas. Após chegarem à casa do patrão, catecismo às crianças, ladainha e confissões.

Para chegar a Santo Amaro ainda precisava mais um dia contrapondo os costumes aceitos ou seja, era muito mais longe que o tempo cronometrado por Tastevin. Dois remadores conhecedores dos atalhos conduzem a canoa e às oito da noite chegam a Santo Amaro. Após uma hora e meia de Rivalina finalmente atracavam a caminho do Alto Gregório. A bordo os recém-casados de Atalaia. Pausa para mais uma missa dominical. Atalaia 40 ou 45 quilômetros depois ainda estava longe. Com um boi e uma carona no reboque da canoa a motor o ano de 1922 findava na abundância e no bem estar para Tastevin. Os serviços religiosos tomaram a manhã seguinte e após o almoço três horas mais tarde, Tastevin encontra os Katukina.

#### Os Katukina que não eram Katukina

Vários elementos se apresentam tornando as mentiras necessárias na cultura da Amazônia. Os detalhes elaborados pelos neurônios durante as narrativas obrigam aqueles vindos de longe a acreditar. As façanhas realizadas e contadas pelos super-heróis humanos tornam-se críveis. As dúvidas permanecem nos relatos imaginados misturados a fatos comprovados. Os indivíduos perdidos procuram explicações à magia, aos enfeites, aos encantos das populações da floresta.

Constant Tastevin elaborando seus escritos sobre a Amazônia, as etnias em comunidades, os seringais, os espaços geográficos, o tempo percorrendo os rios, igarapés, lagos, paranãs transpondo a floresta, organizando os significados dos vocábulos, as raízes e troncos linguísticos elaborava mentalmente conclusões sobre os encontros com as etnias.

A aldeia era composta por cinco choupanas abertas ao vento onde morava o mesmo tanto de famílias sendo que as outras se encontravam no rio Branco. A maloca estava situada a certa distância de lá em frente ao Dara, ou Charcão, afluente do Gregório. O cacique acumulando as funções de médico, padre e feiticeiro chamava-se Mame. Tastevin apresenta a estatura dos índios, homens e mulheres assim como os nomes, um a um. Observa a aparente velhice



das mulheres índias. Revela a causa do envelhecimento precoce. As meninas índias casam aos dez, doze anos portanto envelhecem rapidamente.

As tatuagens distintivas da tribo é uma linha azul que desenha os contornos da boca e que do canto dos lábios se junta à base da orelha: parecendo arreados por um freio. Para traçar estas linhas que tem regularidade perfeita eles utilizam um longo espinho da palmeira pupunha, “wani”. Também deram na picada o suco da fruta genipa em língua tupi.

Tastevin observa que a pintura está só nos adultos e chega à conclusão de que após entrarem em contato com os brancos em torno de 1888 estes Katukina abandonaram o “costume bárbaro”.

Duvidando da verdadeira etnia daqueles índios Tastevin expõe enfatizando que os verdadeiros Katukina, os Atekena não se tatuam com cores indeléveis. Eles cobrem o corpo inteiro com desenhos vermelhos e negros mas são desenhos que duram no máximo quinze dias. Os Katukina têm o cuidado de renovar e mudar a cada manhã as pinturas. Tastevin observa subjetivando ao ativar o pensamento: “- Dá mais trabalho mas é bem mais elegante”.

Tastevin narra o momento em que abordou a questão usando o argumento da língua. Eles falavam Kachinaua. Negavam. Tastevin insiste: - Mas por que vocês não falam a língua dos outros Katukina; Hon-dyapa, Benh-dyapa, Wandyu-paraninh-dyapa? A qual dyapa, pertencem vocês? Vocês não respondem? É porque vocês não são Katukina. Não seriam vocês Huni-kui (verdadeiros homens) como os Kachinaua?

*- Não Padre. Nós nos chamamos Nuke(?) os homens.*

Os argumentos de Tastevin eram verdadeiros. Ele conhecia as estruturas linguísticas. Encurralado Mame admitiu ser um Wani-nawa a palmeira (*guglielmaspeciosa*) produz um fruto oleaginoso muito nutritivo e muito apreciado por todos os índios e mesmo por alguns brancos.

Esse grupo étnico não era portanto Katukina sob nenhum título: o seu nome genérico era Nouke(?) e o seu nome específico era Wani.

A partir deste momento relata sua produção mental explicativa neste falso argumento: a farsa. Por que se diziam Katukina? Supõe-se que para evitar a perseguição dos brancos. Quando estes apareceram na região eles se apresentaram acompanhados de índios Katukina e Kanamari que eram amigos dos civilizados havia tempo. Todos os índios do grupo Pano tinham então uma reputação talvez exagerada de ferocidade selvagem e cruel. Centenas de etnias foram massacradas sem piedade pelos civilizados e sobretudo pelos semicivilizados do Peru. Para escapar dessas matanças os Wani-nawa se proclamaram Katukina e não quiseram se reconhecer ligados aos Kachinaua que foram as principais vítimas desses massacres. Outras tribos Pano adotaram o mesmo expediente: as do Acarauá por exemplo. Elas se submeteram por volta de 1908 a um conquistador brasileiro de nome Angelo Ferreira que com sua ajuda submeteu várias outras tribos entre outras os Kachinaua e os Tachi-nawa (Arara macaco).

Os fatos são estes. Assim os habitantes da Bacia Amazônica permaneceram vivos. Esta é a forma da construção da nossa história. Os Waninawa eram portanto, falsos Katukina. Adotaram este nome para escapar à inimizade dos brancos contra os Nawas.

Estabelecer esta correlação poderá servir ao encaixe da constituição biológica nos elementos em relações sistemáticas. Nós primitivos herdamos os elementos vitais dos nossos descendentes. Procuramos estabelecer explicações racionais através dos rituais em sistemas do Sistema da nossa estrutura existencial.

#### Kanamari e Katikuna

##### a) Os Kanamari

A inclusão do texto original favorece a compreensão do leitor diante de uma estrutura confusa a partir da constituição dos elementos fornecidos. De certa forma acrescenta dados novos compondo o quadro estruturado das etnias já apresentado por etnólogos europeus.

Kanamari - Este nome é utilizado para designar um conjunto de tribos de línguas diferentes, como Chandless já havia observado (11,302). Resulta desta homonímia uma grande confusão susceptível de criar erros.

Tastevin constitui a existência da etnia Kanamari em três grupos:

1) O primeiro grupo são os Kanamari ou Kanawari habitantes do Rio Purus subindo o Rixalá, afluente à direita deste rio e principalmente sobre o Curumahá afluente à esquerda, falantes da língua Pano (da família linguística Pano);

2) O segundo grupo compreende:

2.1. Os Kanamari vivendo dentro das terras ao lado esquerdo do Juruá, do rio Pupunha descendo a boca do Tarauacá subindo em direção à fonte do Jutahy e do seu afluente à direita do rio Biá. Os Kanamari encontrados por Chandless no Juruá e que disseram habitar há algumas milhas subindo o Acará, pertencem sem dúvida a esta tribo; eles não compreendem a língua dos Kanamari do Curumahá e não eram Pano;

2.2. Os Kanamari que segundo Marcoy vivem depois do Tarauacá (em direção aos Katukina) até as fontes do Pauhiny e ao sul deste rio até o Purús. As possibilidades dos Kanamari instalados na bacia do Jurupari afluente à direita do Baixo Envira e do Missipiri, afluente do Jurupari, são os representantes mais ocidentalizados deste grande grupo ao qual pertencem também os Kanamari da fonte do Tapauá que se originaram entre Pauhiny e Jurupari.

Ao vasto grupo Kanamari se agrupam os Parawa, os Bendiapá, os Tawari, os Kayrára, os Tukundiapá, todas as tribos que listamos no terceiro grupo Katukina e provavelmente os Katawísi e os Buruê.

O nome genérico de todos estes índios é Atukôna ou Tukôna de onde vem o nome Katukina ao qual pertence grande número de tribos. A língua é Tukôna Kône.

Os nomes especiais que eles se dão a eles mesmos são os seguintes:

- \* Kanamari do lado direito do Juruá: Wili ou Wélè-dyapá (tribo dos javalis)
- \* Katukina do Biá: Pidá-dyapá (tribo dos jaguars)
- \* Katukina do Jandiatuba: Kutia-dyapá (tribo das lontras)
- \* Tukundiapá:Tukano-dyapá
- \* Bendiapá: Beã-dyapá (tribo dos mutuns ou hocco)
- \* Tawari: Kadekili-dyapá (tribo dos macacos sawin)
- \* Kayarara: Wandyo-paraniã (tribo dos macacos kayarara)
- \* Kanamari do lado direito do Juruá (entre Pauhini e Envira): Tyumã-dyapá (tribo das cutias).

3. O terceiro grupo são os Kanamari do Hyaçú saindo do Irriapé afluente da esquerda do Aquiry, bem como aqueles que o Coronel Labre havia encontrado saindo do Ituxy, entre o Caramanú ou Abunã, afluente do Madeira e do Aquiry. A verossemelhança no vocabulário kanamirim ou kanamare reconhecido por Spix a oeste da boca do Juruá representa a língua do terceiro grupo. Esta língua assemelha-se ao Contakiro Pano ao Kuniba do Juruá, ao Kampa, a Ipuriná, ao Maneteri e ao Inapari, todas estas línguas pertencendo ao grupo Arawak que nós chamamos “pré-andinas”.

#### b) Os Katukina

Tastevin alerta ao fato de que este termo Katukina serve para designar tribos de línguas diferentes classificados em três grupos distintos:

1. O primeiro grupo instalado na margem esquerda do Gregório nas águas saindo de Reconquista que falam o dialeto Pano. Foi sem dúvida esta tribo dos índios que Chandless encontra no Juruá um pouco antes de chegar ao Mu ou Liberdade. A única palavra desta língua que o explorador inglês pode anotar: wary, sol é exatamente a mesma dos Katukina. A este grupo deve sem dúvida pertencer os Katukina do Alto Javari ou Yaquirana, aparentados, diz Stiglich<sup>5</sup>, aos

Nawa e aos Kapanawa que também são Pano e sem dúvida também os Katukina assinalados por Linhares sobre o rio Katukina, afluente do Tarauacá e no Alto Envira.

2. O segundo grupo são os Katukinarú que vivem entre os rios Embyra e Embryasu afluentes do Tarauacá perto do Paraná do Jaturana. Sua língua só conhecida por um curto vocabulário recolhido por Bach, pertence à família linguística tupi e não como diz Brinton, à família Arawak. Tastevin elabora a conclusão de que a língua Guarani foi adotada como língua de relação recentemente. A língua primitiva permitia sem dúvida ser classificada (linguisticamente) seja no grupo precedente seja no grupo seguinte. Estas elaborações mentais expostas devem ser analisadas a partir do sujeito reflexivo de Tastevin diante dos escritos dos antropólogos precedentes. Nota-se a interferência dele sobre os dados da sua própria pesquisa diante dos exploradores anteriores a ele.

3. O terceiro grupo compreende:

3.1. Os Katukina ou Pidá dyapá tribo dos jaguars vivendo no Médio Jutahy e particularmente sobre os dois afluentes o Mutum e o Biá e onde uma parte deles os Kutia-dyapá, tribo das lontras ou focas vive no Igarapé Preto afluente à direita do Jandiatuba. Mais uma vez o sujeito reflexivo em Tastevin elabora pensamentos expostos. Diz ele que Spix e Martius não indicam no mapa étnico esta tribo Katukina fazendo supor ser dela o vocabulário recolhido por Spix sobre um afluente do Juruá (sem nome) com águas negras. A hipótese de Tastevin é que provavelmente os Kanamari da margem esquerda do Juruá em guerra com estes Katukina falam a mesma língua que eles e que precisamente a língua recolhida por Spix é estreitamente parecida à língua dos Kanamari;

3.2. Os Katukina que após Marcoy se estendem do lado direito do Tarauacá ao lado esquerdo do Purus ao sul de Tapauá em frente ao Mucuím é uma grande tribo à qual pertencem diante das semelhanças os Katukenas que Chandless encontra no Juruá há uma semana subindo o Igarapé Acará, alguns dias antes de chegar ao curso do Tarauacá provavelmente ao ponto onde o

explorador inglês marca no mapa o lago dos Catuquenas, os Katukinas assinalados por Bates sobre o Chiruan, os Katukinas que um dos informantes de Castelnau lhe mostra sobre o Purus e sobre o afluente da direita deste rio, o Oiday, quinze ou dezoito dias subindo o Tapauá e a doze dias do lago de Cacuatán [sem dúvida Igarapé Caquataha apresentado no mapa de Chandless descendo ao lado do Mucuim, os Katukina que Marcoy indica entre o Juruá e as águas de Coari cujos representantes ainda viviam sobre o Teffé em 1909 e que se retiraram depois indo para o Tapauá].

Linguisticamente os Katukina deste grupo são parentes dos Kanamari do segundo grupo.

Os dados fornecidos por Tastevin fornecem referências de estudos realizados anteriormente pelos antropólogos Chandless e Spik. O ato de referenciar os antropólogos enumerando os dados fornecidos propicia nossa certeza no fato do conhecimento anterior ser valorizado dispondo a cadência do cientista em avanços sólidos naquele momento das razões apresentadas no texto produzido sobre os Katukina e os Kanamari. No entanto as confusões não se dissipam deixando rastros de incertezas das razões científicas apresentadas. Portanto separar os Katukina e Kanamari através das línguas faladas representa uma escolha fiel aos propósitos de compreensão disponível fornecida pelos informantes envolvidos naquele tratado.

Carece de mais, muito mais conteúdo onde possamos distinguir estas etnias vivas ao final do século XIX. Precisamente o que nos cabe neste momento é comprometer a busca pela cognição exata das empreitadas documentadas durante as realizações em pesquisas científicas. Não são raros estudos realizados sobre as etnias Katukina e/ou Kanamari.

Ao estabelecer correlações com os dados apresentados pelos primeiros antropólogos sobre as relações espaço/temporais assim como com a existência das múltiplas etnias e suas línguas propicia a entrada de Tastevin com os pés firmes na etnologia e antropologia dos últimos anos do século XX fazendo a razão civilizada entender os percursos dos primeiros aos últimos colonizadores europeus e suas missões fossem estas religiosas ou científicas. O Ocidente se

orientando diante das civilizações milenares do outro lado do mundo. Mais uma vez a razão dissipa a constituição biológica provendo motivos plausíveis à ordem e ao progresso. Mais uma vez esquecidos os elementos constituídos em nossos sistemas. Nós primitivos em comunhão expressa em outros sistemas demonstramos imperfeição diante das civilizações. Os índios estabeleciam a racionalidade através dos rituais em sistemas do Sistema Mitológico. Os lugares eram os mesmos embora disfarçados em outros. Em vez da medicina, cura. Em vez dos desejos, necessidades. Em vez de progresso, plenitude. Em vez de hierarquias, matrizes. Em vez de desesperos, certezas. Xamãs dispostos a compartilhar os segredos da vida em consciência da plenitude.

Os relatos de Tastevin formata a complexidade envolvida aos sistemas específicos dos contextos sociais e nas relações privadas ou seja, individuais. A antropologia e a etnografia surgem entre narrativas linguísticas; os mapas dos rios localizam as tribos; a esperteza assegura a sobrevivência gerando a produção literária; a saga construída em conjuntura histórica; a sociologia das relações sociais entre primitivos e civilizados; a magia encadeando os rituais em mitologias; as crenças em vivências são as imagens produzidas nos cérebros e mentes. Desencadeados em semióticas produtoras das linguagens. Os significados em correlação aos significantes memoriais dos pensamentos.

Desvendar os documentos é buscar os significados dos significantes vocábulos atados em nós dos eus produtoras das ideias em frases e orações cadenciadas nos parágrafos manifestando os discursos (orais ou escritos). Requer extrema sutileza à pesquisa acadêmica. Separar, escolher, decodificar os elementos da escrita dos documentos peneirando os dados dimensionados em discursos.

Em “A Etnografia do Juruá”, Tastevin lança desafios aos neófitos. O que significa, por exemplo, “*l’equateur américain visible*” assim chamado por ele o grande curso de águas cujas terras são habitadas pelos Katukina?

Sem dúvida, o fato da localização dos povos (nação, para Tastevin) Katukina entre os cursos médios dos rios Javari (Javarý) e Purús sendo o Javari o rio que faz fronteira entre o Brasil e o Peru ao sul do Amazonas e o rio Purús juntar-se à margem direita subindo o rio Madeira não localiza os leitores, apenas

conduz. A não ser que este indivíduo esteja diante das memórias semiológicas produzindo a compreensão do espaço territorial ocupado pelas águas dos rios. Tastevin desenha o roteiro mapeando o espaço mostrando-se exímio conhecedor da grande Bacia Amazônica, tendo traçado a carta geográfica dos rios desenhado em mapas os rios, os lagos, os povoados, as aldeias, as tribos, as etnias, os seringais, os ribeirinhos, as entradas e saídas da terra.

O detalhamento das estruturas materiais, mentais e intelectuais dos Katukina e Kanamari encontra-se em “*L’Etnographie du Yuruá*”, A Etnografia do Juruá. Estruturar as estruturas requer visibilidade graças à quantidade de etnias indígenas localizadas entre o Javari e o Purus, o Jutai e o Tefé, o Jupurá e Pauhiny. Todos estes rios são o Rio Amazonas cuja nascente em grandiosidade produtora cria espaços em cursos de braços aquáticos descansando em lagos, furando o meio das terras arredondadas nas proporções descendentes da força e da velocidade das águas.

A primeira relação estabelecida com a estrutura social dos povos Katukina-Kanamari pertence de todos os modos aos estruturados grupos étnicos ocupando espaços de terras amazônicas onde as águas correm no Planeta Terra cruzando matas, montes, ribanceiras em direção ao mar. À medida que avançamos a leitura dos textos adentramos ao emaranhado narrativo do conhecimento de Tastevin. Após a apresentação da nação Katukina feita no primeiro parágrafo do texto encontra-se no segundo parágrafo a presença de outros grupos indígenas localizados nesta região. Os Katukina (habitando o médio Jutahy e Tefé) e os Kanamari e Tawari (lado esquerdo do médio Juruá e nas fontes do Pauhiny).

Sobre os Kanamari Tastevin afirma encadeando o parágrafo a relação linguística estabelecida na utilização do nome totêmico terminado por dyapá equivalente da palavra homem. Apresenta os Bén-dyapá e os Tukano ou Cõwe-dyapá e enfim os Parawa. Surge a dúvida na afirmação seguinte de Constant Tastevin ao dizer que todos se nomeiam “*Takana* que significa o homem”.



Os sujeitos surgem nos dados fornecidos misturados aos parágrafos e também precisam de estrutura sistemática. Observemos na página 1 a quantidade em complexidade discursiva:

A nação Katukina é localizada entre os cursos médios do Javary e do Purús: o Javary é o rio fronteiro entre o Brasil e o Peru ao sul do Amazonas onde o Purús junta-se à margem direita em direção ao Madeira. Não existe prova que permita supor que os Katukina vieram às margens do grande curso d'água à qual podemos chamar o equador americano visível.

Sujeitos:

Reflexivo 1 (SR1) – Linguística (fonologia da Língua Portuguesa):  
evolução apropriação de fonemas, significantes.

Narrativo 1 (SN1) – reflexão mental sobre as relações estabelecidas socialmente. Ignorância civilizatória.

Político (SP1) - Tastevin (ser humano) críticas sociais.

Delimitando seguimos argumentando:

O discurso explicativo de Tastevin apresenta um sujeito reflexivo (SRL1) em abordagem da linguística nas línguas indígenas além de tecer considerações sobre o sistema fonético da Língua Portuguesa. Este SRL1 afirma o desaparecimento dos sons presentes nas partículas /a/ ou /há/ que pode ter sido /ka/ (de acordo com o gênero da língua). O SRL1 afirma a escolha do vocábulo Katakana que os Portugueses transformaram em Katukina por não terem o som em seu sistema fonológico.

O próximo parágrafo apresenta outro elemento produtor fornecendo a presença do sujeito narrativo (SN1). Este sujeito apresenta o conhecimento dos civilizados sobre índios de línguas e costumes diferentes daqueles situados ao sul com os quais chegamos a falar e em contato direto com eles habitantes do Gregório e do Acuraua também chamados Katukina.

O SN1 afirma ser este erro (a confusão quanto aos nomes das tribos é dizimada) consagrado na carta oficial do Acre de M. Mazô. Sendo estes últimos Katukina pertencentes ao grupo Pano e se dão a eles mesmos o nome de Huni e Huni-Kiu os homens, os verdadeiros homens.

O SN1 mostra argumentos linguísticos ao esclarecer que ao seu nome totêmico é acrescida a palavra nawa que também significa homem em Pano.

Entre estes estão exemplificados os Wani-nawa (palmeiras: *gulielma excelsa*) e os Kamã-nawa (tigres, jaguars), Wari-nawa (sol), Nai-nawa, Sata-nawa (lontras), .....-nawa (pomba), os Yawa-nawa (javali) os Runu-nawa (serpentes). A partir da quantidade de grupos indígenas apresentados podemos crer em uma população de índios grandiosa representando o vocábulo, “nação”, usado pelos civilizados pesquisadores entre eles Constant Tastevin.

O parágrafo seguinte segue apresentando causas e consequências das relações entre civilizados e índios. O SN1 questiona: - De onde vem esse erro?

A resposta a esta questão surpreende:

- Ela é causada principalmente pela ignorância do civilizado.

Estes são os fatos ditos pelo sujeito reflexivo (SR1). Neste momento o SR1 imprime seu pensar sobre a civilização dos civilizados. “Grande parte dos trabalhadores não sabia ler, e os poucos empregados nos escritos não tinham curiosidade sobre as questões de ordem etnológicas. Para eles os índios eram um único povo ou animais da floresta com a face humana.” Segue o sujeito narrativo SN1 considerando:

Os esforços da imprensa mas, principalmentedos índios civilizados e do clero bem como aqueles da "COMISSÃO para a proteção dos Índios do Brasil" conseguiram fazê-los compreender que os índios são homens mas poucos iniciados sobre o fato de que eles pertencem a várias nações de línguas diferentes.

Podemos estabelecer a partir deste discurso a existência do sujeito Político (SP1) em um Tastevin que vomita críticas ao seu mundo pertencente. Antes durante e após a Primeira Guerra Mundial surgem seres inquietos ao panorama do laboratório vivente. Os desafios em sua trajetória viraram histórias. O ser religioso assume toda e qualquer missão. O *selfie* europeu relacionando os elementos das Américas e seus índios ainda sendo descobertas elevando os sistemas aos sinestésicos sentidos. Decididamente pensando. Aventurando-se vivente em novo e desconhecido mundo. Habitando-se.

O texto segue o formato explicativo na linguística dos sentidos: A relação semântica do vocábulo “katukina” envolve a extensão deste nome aos índios Pano, vizinhos dos Katukina. Envolve o vocábulo o sentido pensado pelos

próprios povos Pano ao admitirem ser esta a palavra usada para chamá-los na língua dos civilizados. Desta forma eles mesmos se diziam Katukina diante dos civilizados. Além desta consideração Tastevin apresenta outra vantagem: o fato de que os verdadeiros Katukina viveram em harmonia com os invasores. Duas razões explicam a explicação: 1) O caráter pacífico destes índios; 2) ou porque estes habitavam fora do local onde estava sangrando a *hevea*. Isto porque os Pano ou Nawa encontravam-se em plena região da borracha e foram os primeiros a serem massacrados pelos civilizados enquanto estabeleciam represálias sem preparação alguma. O nome Nawa inspirava aos seringueiros um verdadeiro terror. Os índios tinham vantagens ao se apresentarem com outro nome e aceitaram com entusiasmo a palavra Katukina apesar de ignorarem o sentido.

Este fato merece considerações sobre as relações entre os povos. Os índios desconhecem outras etnias pertencentes a diferentes troncos linguísticos das línguas, compõem culturas e mitologias diversas, enfim não representam uma única nação mas sim um continente e seu contingente. Tastevin conta uma anedota representando a confusão causada no espírito dos índios ao participarem de uma reunião dirigida por um civilizado que os havia reunido onde estavam os Yawa-nawa, os Arara, os Kachinanawa, os Ruru-nawa, etc. Um dia em um momento de cólera uma índia gritara: - “Não é verdade, não são os Katukina, são os Yawa-nawa quer dizer, os javalis”.

Acentuar a confusão no espírito dos índios inclui também outros vocábulos em uso pelos Berenas ao chamar Kariru a todos os brasileiros civilizados. Kariru lembra o nome pelo qual são designados os Guarani do Paraguay nas antigas crônicas. Tastevin considera “erros” e explica pelo fato de que os índios as margens do Amazonas chamam de Kariwa (Caraíbas, estrangeiros) a todos os civilizados, e principalmente aos brancos puro sangue e aos patrões (mesmo que estes sejam negros).

Considerar como Kariwa passou a ser Kariyu é relevante diante do fato de ser esta a palavra usada pelos índios selvagens referência a todos cristãos somente mudando para Parinim, Branco, Teknin e Negro quando falavam sobre nós em sua própria língua. Assim Tastevin formula diferentes conexões

sistemáticas neuronais na complexidade filogênica herdada em ontologia selvagem.

Descrevendo o caminho sequencial da pesquisa em missão o SN1 reinicia a fala do pensar a demografia das tribos. É relevante o alerta ao constatar o caminho do desaparecimento destes povos. Os Katukina do rio Tefé iniciam a trajetória referencial sinestésica por serem índios e estarem próximos dos missionários. Naquele ano, em 1926, somente três casais idosos e muito integrados aos civilizados, sobreviviam. Eles viviam a 4 dias de canoa subindo a cidade de Tefé à beira da lagoa Wirapagé afluente do rio Tefé; Eles eram batizados mas sem nenhuma instrução religiosa sem nunca terem ido às vilas cristãs; Eles viviam da agricultura e da pesca como todos os índios civilizados às bordas do Amazonas; eles mantêm relações comerciais com os grandes negociantes nas vilas, com os cooperadores dos rios e com os índios cristãos ou outro que adotaram o mesmo gênero de vida e que são estabelecidos mesmo que em pequena quantidade no baixo Tefé, subindo a lagoa. Eles conseguiram conservar seus dialetos assegurando também suas crenças como se verifica no seguinte relato:

Eutinha ficado em casa por duas horas para coletar um pequeno vocabulário da língua, um deles, Alfredo, um homem de sessenta anos, o único com quem eu tenho relações e que afirmava ter somente três anos, o que nos mostra entre parênteses a ideia que tinham de numeração.

De fato a representação quantitativa do registro conector é sistematizada em outra estrutura representada na língua cognitivamente funcionando em programação biológica em singular herança filogenética no DNA. Assim é o índio. Compondo a estrutura complexa da vida na floresta. Imbatíveis em suas mitológicas explicações do Universo. Contrariamente selvagem porque não pode ser dois. Após o contato com o civilizado finge ser outro. Participante ativo da exclusão social imposta por valores não valorados pelos civilizados. Abstrair o valor requer uma epistemologia desconhecida ao pertencimento coletivo. O grupo se agrupava em perpétua execução da harmonia usufruída por todos em cada um.

Segue a narração constatando os fatos das declarações feitas pelos índios do Yuruá serem usadas como estímulo ao recolhimento sobre as crenças de Alfredo. Afirmando as identidades:

Sim, nós também chamamos Tama Tamakuri, Kirak, Kirak, mas és tu o sábio, os outros sacerdotes não sabem nada de nada, mas tu, tu sabe as coisas!

Tastevin assegura o fato na impossibilidade de tocá-lo assim como o de não conseguir obter mais informações suplementares tampouco individuais. O silêncio impunha os segredos inalcançáveis.

Impossibilitado à realização ritual nas aldeias os índios recorrem à dormência da embriaguez. O ritual urbano de felicidade. O estado de torpor ritualísticos dos civilizados. Estes eram valores aos quais os índios deveriam se submeter.

Todos, os índios, os pescadores, os ribeirinhos quando estavam nas cidades alcoolizavam-se até se entorpecerem afirma Tastevin.

Esses índios são muito propensos à embriaguez, como em geral todos os índios pescadores civilizados das margens do Amazonas, e quando eles vêm para a cidade, eles só pensam em se embebedar. Eles são verdadeiros pilares de cabaré. Nesse estado, eles não se atrevem a se apresentar para o missionário e principalmente eles não gostam de "perder o seu tempo" em conversas que estão longe de ter o valor merecido por eles e que aos olhos deles era inferior ao valor que nós lhes damos. Quando eles re-embarcam, é com dificuldade que eles encontram a canoa.

Dadas essas condições e a repugnância que sentem, eles começam a contar suas lendas religiosas, especialmente durante o dia, o que nos dá dupla aflição ao enterdemos que este índio não queria acrescentar nada ao que eu tinha acabado de lhe dizer, mas esta maneira de louvar o nosso conhecimento parece-me provar claramente que ele mesmo o tinha se perguntado sobre a ausência do conhecimento deles, os índios, nos sacerdotes cristãos. A língua destes Katukina é essencialmente a mesma dos Kanamari com certas particularidades dialetais que são explicadas devidos ao seu isolamento.

Este parágrafo demonstra o estilo textual desenvolvido nos documentos. Não há limites para os dados empíricos subjetivados no cérebro de Tastevin. Angustiado ao observar a constatação do fracasso da missão de conversação ao cristianismo, diante do alcoolismo e percebendo a situação da ignorância dos sacerdotes sobre o universo mitológico dos índios causa pensamentos em profusão complexa. Neste momento Tastevin encontra-se perdido em dimensões traçadas em missões. A razão e a fé translúcidas diante daquele pensamento reluz o insight compreensivo no texto. Tastevin se revela nos discursos em dois momentos:

- Quando percebe que os índios não gostam de perder tempo em conversas onde a superioridade do sacerdote se impunha diante do índio;
- Quando escuta as lendas religiosas dos índios narradas em repugnância à superioridade sacerdotal.

Isto proporciona a montagem dos quebra cabeças na cabeça dos pesquisadores. Alinhar os dados é tarefa individual dos acadêmicos. Vejamos quais e quantos sujeitos compõem as informações deste parágrafo.

O SN1 assegura a informação sobre o alcoolismo dos índios e nativos pescadores civilizados. Importante o fato constatado sobre os índios se embebedarem nas vilas. Os índios são considerados os pilares dos cabarés. O SR1 surge pensando a escolha destes índios em estado de embriaguez de manterem distância dos missionários. A expressão “perder tempo” está atrelada ao pensamento dos índios sobre os missionários. Atestando a incapacidade dos missionários em compreendê-los é perda de tempo manter o diálogo. Estratégicos os índios elogiam os missionários mas se mostram surpresos com o desconhecimento dos padres cristãos sobre as lendas religiosas indígenas. O discurso pertence ao sujeito narrativo imediatamente composto com o sujeito reflexivo ao explicar com argumentos o pensamento particular de Constant Tastevin.

O Sujeito Linguístico (SL1) conclui o parágrafo com depoimento sobre a língua destes Katukina. É a mesma língua dos Kanamari com algumas particularidades dialetais explicadas pelo isolamento destes.

#### A etnografia do Juruá - *L'éthnographie du Yuruá*

##### Os Katukina do Rio Tefé

Os Katukina do Rio Tefé para começar por aqueles que são os mais próximos de nós estão em via de desaparecimento. Em 1926 não existia mais que três casais de sobreviventes idosos e quase incorporados aos civilizados. Eles viviam a 4 dias de canoa acima da cidade de Tefé sobre as margens do lago Wirapagé afluente do rio Tefé. Eles são batizados mas sem nenhuma instrução religiosa não tendo nunca vivido em aldeias cristãs. Eles vivem da

agricultura e da pesca como todos os índios civilizados das margens do Amazonas; eles têm relações de comércio com os negociantes da cidade, em grande quantidade, com os mascates do rio e com um índio ou outro que adotou o mesmo estilo de vida e que se estabeleceram, ainda que em pequeno número sobre o baixo Tefé acima do lago. No entanto conseguiram conservar seu dialeto e seguramente também suas crenças como testemunha o fato a seguir: Eu tinha retido em minha casa durante duas horas para obter um pequeno vocabulário de sua língua, um dentre eles, Alfredo, homem sexagenário, o único entre eles com quem eu mantive relações e que pretendia não ter mais que três anos, o que entre parênteses nos mostra a ideia que eles fazem da numeração. Para obter dele a informação sobre suas crenças eu lhe falei de algumas noções que eu tinha obtido sobre este tema na casa dos

Kanamari do Juruá. Depois de ter me escutado, ele me diz simplesmente: “Sim. Nós somos também Tama Tamakuri, Kirak, Kirak. Mas, tu cientista, conheces as coisas, os outros padres não sabem de nada! Eu teria colhido informações suplementares e pessoais com ele, mas, eu não pude obter nada mais.

Estes índios são bastante propensos à bebedeira assim como o são os índios pescadores civilizados das margens do Amazonas. Quando chegam à cidade só pensam em se embriagar. São frequentadores assíduos de cabarés. Neste estado eles nem ousam se apresentar ao missionário e, sobretudo eles não gostam de “perder seu tempo” em conversas que estão longe de ter aos olhos deles o valor que nós lhe damos. Dá pena vê-los embarcar na canoa. Levando em consideração as condições e a repugnância que eles experimentam ao contar suas lendas religiosas, principalmente de dia, o que dá azar duplamente, compreende-se rigorosamente que este índio não quisesse acrescentar nada ao que eu ia dizer-lhe, e que o modo de gabar-se dos nossos conhecimentos me parece provar evidentemente que ele mesmo possui o conhecimento, pois ele pareceu surpreso ao constatar a falta de conhecimento dos padres cristãos sobre as línguas indígenas. A língua desses Katukina é essencialmente a mesma dos Kanamari com algumas particularidades dialetais explicáveis facilmente por seu isolamento.

Em 1891 eles formaram um clã importante sobre as margens deste mesmo Wirapagé e de outro lago da mesma região. Eles foram quase exterminados pelo sarampo.

Me disseram que eles subiram a Tefé por terra e relacionaram-se com outros Katukina que habitavam o baixo Tapawá afluente do baixo Purus.

#### Katukina do Baixo Tapawá

Eu encontrei descendentes dos Katukina do baixo Tapawá em uma tribo Kolina ou Korina do Marary: havia cinco ou seis mulheres, jovens e velhos, e um homem. As mulheres me contaram que vieram quando elas ainda eram crianças em companhia dos seus irmãos que em seguida voltaram para seus lugares. Elas me deram algumas palavras da sua língua que elas haviam esquecido. Seriam exatas estas informações? O homem se apresentara como um prisioneiro de guerra. As mulheres não o eram também? Aos Kolina faltavam mulheres a tal ponto que a poliandria se introduziu entre eles. Eu tinha visto um caso em 1920 e vi outros dois anos mais tarde. Uma mulher casada tinha desaparecido alguns dias antes assim como um jovem solteiro. Eles os procuraram durante três dias sem poder encontra-los. Após a lua de mel eles voltaram tranquilamente a vila; a cólera do marido foi apaziguada. Para não perder todas as vantagens eu o vi aceitar repartir a mulher com seu rival. Como os Kanamari da margem esquerda tinham ao contrário um grande número de mulheres, eu aconselhava aos Kolina se entenderem com eles, mas sendo inimigos, eles não fizeram nada até hoje, isso me fez supor que os Katukina que eles têm por esposas foram conquistadas pela força sobre os índios Tapawá. Uma outra versão diz que os jovens que levaram suas irmãs aos Kolina teriam sido mortos por inflamação quer dizer seja por anemia ou por beribéri, ou ainda por envenenamento.

#### Os Katukina da Margem Esquerda do Chiruhã



No momento da invasão dos civilizados nos encontramos ainda alguns Katukina sobre a margem esquerda do Chiruhãn afluente direito do médio Juruá, o maior afluente a olhos vistos. Eles moravam nos fundos da propriedade Manichy e pouco se entendiam com os Kolina acusados de serem a causa de todas as desgraças que pairavam sobre eles e se vingavam. Eles se queixavam ao Coronel Contreiras, homem mais importante sobre a terra que eles habitavam e este, de boa fé acreditava ser seu dever assustar os Katukina se eles fossem molestar os Kolina. Ele intervinha em seu favor. Assustados os Katukina deixaram o Chiruhãn e se refugiaram sobre o Alto Pauny: são sem dúvida os Teguma-dyapá (Lyumã, Cumã, Agouti).

Sobre a margem esquerda do Jupurá encontram-se um agrupamento de índios cujos membros pertenciam a várias tribos totêmicas e eram conhecidos tanto por Katukina quanto por Kanamari. Encontra-se entre eles os Kawadyo-dyapá (nasua), os Wili-dyapá (javalis), os Kawa tyõnin-dyapá (tartaruga média das águas negras) e os Wadyu-teknin.

Seu chefe de 1911 a 1923 chamava-se Awano e pertencia aos Kawadyo-dyapá. Ele tinha trabalhado durante a juventude às margens do Pajurá um dos formadores do Mutum afluente do Jutai que os Kanamari chamavam Ahébenin. Ele conhecia o alto Pauhiny e tinha morado às margens do Chiruhã com os Teguma-dyapá. Como chefe deste agrupamento precisa concluir a primeira casa e esta era a mesma que tinha pertencido aos Kawadyo-dyapá. Em todo o caso o maior número entre eles são Wili-dyapá, os javalis. Estes são originários do baixo Tarauacá e vieram para Itucuman e deviam descer até o baixo Bocas, atravessar o Jupurá e juntar-se sobre o Pajurá aos Kawadyo dizimados sem dúvida por alguma epidemia. Os encontramos nas fontes do Biá.

Quanto aos Kawõ-tyõnin-dyapá eles vieram das fontes de um rio bastante frequentado pelos vapores e que os Kanamari chamavam Waihá: que só podem ser os Pauhiny pois os Kanamari não se distinguem no Purus. Eu conheci esta tribo desde 1911 primeiramente sobre as margens do lago Itanga no Seringal Pau Furado sobre a margem direita do Jupurá perto da foz do Anachiqui depois em 1913 sobre as margens do Jararé no Seringal Aurora muito mais acima. Após

a guerra eu os reencontrei no interior do Seringal Sumahuma, depois no ano seguinte um pouco mais acima sobre as margens do Pupunha. Eles passaram um ano sobre a margem esquerda do Anachiqui e eu os deixei em 1925 no Seringal monte Calvário em vista da desagregação e da assimilação aos civilizados.

Ao lado deles na embocadura dos Kanamari encontrava-se um grupo que às vezes desdobrava-se: uns diziam-se Kamudya-dyapá (macaco barrigudo) outros Wadyu-tekin-dyapá (macaco prego). Os primeiros vieram de Sobral no baixo Tarauacá como os Wiridyapá com quem eles brigaram. Eles viveram longo tempo sobre as margens do Gaviãozinho afluente esquerdo do Jupurá que desemboca no Venesa. Desde o início eu os conheci no Palermo onde eles eram os caçadores preferidos do patrão depois, em 1921 sobre a margem esquerda de um riacho que se lança no Jupurá em Chibauá. No ano seguinte eles estavam em São Tomé mais acima e agora eles encontravam-se um pouco mais acima como eu já havia dito mas com o mesmo patrão. Fato bastante curioso por eles terem deixado Palermo para juntar-se ao Caruary seu antigo patrão veio a ser prefeito do Anachiqui. Supõe-se que seja o medo dos Katukina do Biá afluente do Jutai que os Wiri-dyapá chamam Pidda-dyapá (os jaguars) que habitam como nômades os dois lados do Biá e as bordas do Paraná pixuna seu afluente do lado direito perto do Jupurá de onde eles vinham sem dúvida para caçar. A vista de seus traços os fez recuar. É em vão que eles têm medo e os atribuem à morte dos seus como Wili-dapá. Estes no entanto mostraram seu caráter em Monte Duro com os Pidda-dyapá durante a guerra e eu mesmo passei oito dias como os Wili-dyapá aguardando a chegada dos Pidda-dyapá para uma festa à qual eles tinham prometido aparecer e não foram.

Os Pidda-dyapá

Os Pidda-dyapá formam dois grupos separados que habitam tanto o alto Biá quanto seu afluente o Pixuna acima de Carauari. Habitam também as águas do Pajurá de onde eles vieram em 1920 à Monte Douro sobre o Jupurá para cuidar pelos Wiri-dyapá suas mulheres doentes. É provável que as duas tribos tenham cada uma o seu totem mas, nunca os tendo visto não posso assegurar. Eles trabalham na borracha sobre a direção de um negro civilizado de Barbados chamado Carlos: eles estavam vestidos. Em 1921 eles vieram a Carauari na esperança de me encontrar por causa de um recado que eu os havia endereçado mas eu já havia deixado o lugar háalguns dias. A língua dos Piddá-dyapá era um pouco diferente da língua dos Wiri-dyapá; eles não se compreendiam perfeitamente.

#### Kutia-dyapá

Na bacia do Jutaí os índios assinalam ainda a existência dos Kutia- dyapá, os lontras. Suponho que são aqueles que vivem sobre o Curuena afluente direito do Jutaí e que um cônego brasileiro que era nosso agregado viu em 1921. Infelizmente ele não pôde me dar sobre eles alguma informação senão que havia batizado suas crianças e que eles trabalhavam com os civilizados na fabricação da borracha. Os índios me confirmaram este detalhe assegurando que eles estavam vestidos.

#### Cowō-dyapá (Tiōwōk)

Na mesma região mais a oeste e sem dúvida também ao sul nas águas do Itewahy afluente do Javari e do Yandiatuba afluente do Amazonas encontram-se os Cowō-dyapá chamados também de Tukano-dyapá traduzido em português ou em tupi seu nome totêmico é o do tucano. Eles têm a reputação de serem excelentes e intrépidos caçadores.

Em 1921 os Katukina do Alto Jutaí tinham massacrado o patrão e sua esposa e levado quatro filhas brancas para se casar. Durante quase seis meses eles escaparam a todas as buscas da polícia brasileira e dos seringueiros. O cunhado do defunto deu ideia de endereçar-se aos Cowō- dyapá para reencontrar seus rastros. Efetivamente eles chegaram diretamente ao endereço

onde dois dias antes os Kuiniba tinham caído numa emboscada que lhes foi preparada pelos Wadyu-paranin-dyapá a pedido dos civilizados. Eles seguem o animal de caça pelo faro e ao menor índice deixado sobre os galhos dos arbustos ou sobre a terra úmida. Seus vizinhos imediatos ao norte deveriam ser mais uma vez os Tikuna tribo de língua muito diferente ainda que seu nome lembre aqueles dos Tokona e que moram hoje à margem direita do Amazonas descendo o Javari e a margem direita acima.

É na região de São Felipe que encontra-se o agrupamento mais interessante desta nação. Na distância de quatro a cinco horas da margem esquerda do Jupurá sobre uma linha mais ou menos paralela ao rio encontram-se quatro malocas situadas a três ou quatro horas de caminhada uma da outra que não é uma distância apreciável neste país deserto. São a começar de baixo para cima: os Amena-dyapá (macacos de cor escarlata) e os Kadyu- dyapá (jacaré) atrás de São Felipe; os Wadi-paranin-dyapá (macacos...) atrás da Restauração; os Pucú-dyapá (pássaro-cassique) mais conhecidos sob o nome de Tawari sobre as margens do Cayuá; os Ben-dyapá (hocco) ou Natok- dyapá (peixe acará) sobre as margens do São Vicente ou Cumaruhã. Um

pouco mais longe são os Kadikili-dyapá sobre as margens do Camundé atrás de Santa Maria. Os Tawari veem algumas vezes residir a quinze minutos apenas dos Wadyu-paranin-dyapá e os Kadikili confraternizam-se mesmo com os Bende-dyapá. Mas as mudanças de relações são constantes entre todas as tribos. Os Amena-dyapá lembram-se ter habitado as margens do Eru; eles eram vizinhos dos Wili-dyapá de Sobral sobre o Tarauaçá o que explica a presença entre eles de um idoso casal de Wili-dyapá que tinham me adotado como neto. Eles tinham sido tirados do Eru pelos Curina. Os Kadyu-dyapá vieram do Purus que eles tinham deixado depois de uma epidemia. Encontram-se assim entre os Kamudya-dyapá.

Entre os Wadyu-paranin-dyapá encontram-se também os Ururu-dyapá (macacos paranacu) e os Cáha-dyapá (pássaros ...). Seriam os restos da tribo que morava mais alto sobre o Jupurá até a altura de Piscuna e que dizimados pela doença dos seringueiros vieram unir-se ao grupo mais forte onde foi possível encontrar as vantagens da sociedade dos seus semelhantes. Os Pucu-

dyapá vieram do Ipixuna e é provavelmente em razão da chegada deles em um meio estrangeiro que lhes foi dado o nome de Tawari que quer dizer amigo, aliado.

Os Kadikili-dyapá habitaram antigamente subindo o Gregório no território de Belém.

Quanto aos Parawa nós os encontramos as margens do baixo Embira onde eles atiraram-se a perseguir os seringueiros com atos de barbárie contra a vida dos civilizados.

Fehado o acesso ao sul eles se refugiaram sem dúvida entre os Wiri-dyapá em Sobral e de lá atravessaram o Eru onde a parte mais baixa não era talvez ocupada pelos Kulina. Após o Bahú eles vão se instalar na margem direita do Gregório, em Santo Amaro onde eu os encontrei em 1911 trabalhando pela conta de um civilizado em plantações de borracha. Soube que mais tarde abandonaram o patrão. Quando eu os encontrei em 1923 eles estavam em Adelia na margem esquerda do Gregório e tinham-lhes feito passar a golpes de fuzil a Reconquista e o Jupurá e parecia encarnar-se sobre eles pois em 1924 eu os vi em Ituxy. Eles tinham ido trabalhar as margens do Douro afluente esquerdo do Jupurá, enquanto uma outra parte da mesma nação encontrava-se a serviço do patrão de Rivalisa e estavam em contato com os Kadikili-dyapá.

Parece que os Kulina empurram os Kanamari. Eles os expulsaram do Cheruhan, do Eru e do Gregório, talvez também do Embira pois, situados as margens do Joacy eles tinham provavelmente ajudado os civilizados a caçar os Parana de seu habitat.

Assinalemos ainda os Mawi-dyapá (preguiça), no Tarauacá, os Keli-dyapá (periquitos) cujos sinais são duvidosos, os Waru-dyapá onde meu informante Djano viu uma espécie muito grande entre os Kadikili-dyapá e que tinham habitado segundo ele o alto Juruá.

Enfim falaram-me dos Hin-dyapá (homens da chuva) sobre as margens do Murú em uma época anterior. De fato, durante a minha viagem ao Murú em 1924 um caçador de índios me confirmou esta informação me assegurando que havia Kanamari as margens da primeira catarata do Humaitá afluente do Murú,

catarata que havia sido anteriormente destruída pelo trabalho das águas. Foram talvez estes Hin-dyapá que vivem entre o Massypira e o Embira. Aliás é preciso dizer que segundo Capistrano de Abreu os Kasinaua desta região traduzem inimigo por Tauari.

### Estruturas das tribos

#### Elementos

	<b>Materiais</b>	<b>Mentais</b>	<b>Intelectuais</b>
<b>Katukina</b>  <b>Do rio Teffé;</b>	<b>1926 – três casais idosos; Quase assimilados aos civilizados; 4 dias de canoa subindo a cidade de Teffé, lago Wirapagé; Viviam da agricultura e da pesca; Relações comerciais com negociantes da cidade, marreteiros dos rios; índios cristãos e outros;</b>	<b>Comportamento Social nas cidades: Alcoolismo; Verdadeiros pilares dos cabarés; Mantiveram relações sociais com outros Katukina (Baixo Tapawá, afluente do Baixo Purús);</b>	<b>Batizados mas sem alguma instrução religiosa; jamais foram nas cidades cristãs; Conservaram seu dialeto. A língua é a mesma dos Kanamari, com certas particularidades atribuídas ao isolamento; Mantiveram as crenças; Alcoolismo; Bêbados se recusam a visitar o missionário; Não querem “perder tempo” conversando com pessoas que aos seus olhos estão longe de dar-lhes valor;</b>

Do baixo Tapawá;	Descendentes. Katukina do Baixo Tapawá; Tribo Kolina ou Korina do Marary; 5 ou 6 mulheres, jovens e velhos, um homem; Relatos de mortes por anemia, infecção e envenenamento.		Língua ainda não esquecida; Homem: prisioneiro de guerra; Kolina: falta de mulher; Poliandria;
------------------	---	--	--

Do lado esquerdo do	Chiruhã: afluenta à direita		Inimigos dos Kolina,
---------------------	-----------------------------	--	----------------------

Chiruhã;	do Médio Yuruá; Habitavam ao fundo da propriedade "Manichy";		acusados de serem a causa de todos os males que ciam sobre eles e se vingavam;
----------	--	--	--

<p><b>Dyapá Pidda dyapá</b></p>	<p><b>2 grupos separados; Alto Biá; Afluente do Paraná Pixuna (altura de Caruarý); Pajurá; 1920 saídos das águas do Pajurá chegando a Monte Mouro, no Yuruá; 1921 vieram a Caruarý encontrar Tastevin (encontro não ocorrido).</b></p>	<p><b>Trabalhavam como seringueiros para um Barbadiano, negro, Carlos; Estão vestidos;  Buscam tratamento para as mulheres doentes com os Wiri dyapá</b></p>	<p><b>A Língua dos Pidda dyapá era um pouco diferente da dos Wiri dyapá; eles não se compreendiam perfeitamente; Batizaram as crianças;</b></p>
<p><b>Kutia dyapá (os lontras)</b></p>	<p><b>Vivem no Curuena, afluente à esquerda do Jutahy;</b></p>	<p><b>Trabalhavam com os civilizados na fabricação da borracha;</b></p>	<p><b>Armavam emboscadas às outras tribos tais como os Kuiniba;</b></p>
<p><b>Cõwö dyapá (Tukano dyapá); Tucanos</b></p>	<p><b>Ao oeste e ao sul das águas do Itewahy, afluente do Jawary e do Yandiatuba, afluente do Amazonas; Caçadores; 1912 mataram o patrão e a mulher, levaram as 4 filhas brancas para a floresta como</b></p>		



	esposas; Durante 6 meses escapam às buscas da Polícia Brasileira e dos seringueiros;		
Dyapá da Região de São Felipe	As mudanças de relações são constantes entre todos os clãs; Os Kulina empurram os Kanamari. Eles os expulsaram do Cheruhan, do Erú, do Gregório e do Embira; Às margens do Joacy eles ajudaram os civilizados a cassar os Parana do seu habitat.	Perseguem os seringueiros com atos de barbárie contra a vida dos civilizados;	
Ame (ö?)na-dyapá (macacos de cor escarlate) e os Kadyu-dyapá (jacaré);	Localizados atrás de São Felipe; Eles lembram terem habitado às margens do Eru, vizinhos dos Wiri-dyapá de Sobral, sobre o Tarauacá o que explica a presença entre eles de um velho dos Wili-dyapá; vieram do Purús;		
Wadi-paranin-dyapá (macacos...);	Localizados atrás da		

	<b>Restauração;</b>		
--	---------------------	--	--

<b>Pucú-dyapá ou Tawari (pássaro-cassique);</b>	<b>Às margens do Cayuá;</b>		
<b>Ben-dyapá (hocco) ou Natol-dyapá (peixe acará);</b>	<b>Sobre as margens do São Vicente ou Cumaruhã;</b>		
<b>Kadikili-dyapá; Ururu-dyapá (macacos paranacu);</b>	<b>Margens do Baixo Embira; Se refugiaram com os Wiri dyapá em Sobral, de lá atravessaram o Eru;</b>		

<p><b>Parawa;</b></p>	<p>Em 1911 estavam em Santo Amaro, onde Tastevin os encontrou trabalhando em plantações de seringueiras; Em 1923 se encontravam em Adelia, ao lado esquerdo do rio Yuruá; Os Kurina os haviam expulsado do lado esquerdo do Gregório e os obrigados a passar sob golpes de fusil para o Reconquista e o Yuruá; 1924 Tastevin os encontrou em Ituxy, lado esquerdo do</p>		
	<p>Yuruá, vizinhos do Adelia; Dividiram-se. Uma parte da nação trabalhava para o patrão de Rivalisa e outra parte estava em contato com os Kadikili-dyapá.</p>		
<p><b>Cáha-dyapá (pássaros...);</b></p>	<p>Sobre as margens do Camundé atrás de Santa Maria;</p>		
<p><b>Mawi-dyapá (preguiça);</b></p>	<p>Tarauacá;</p>		

<b>Keli-dyapá (periquitos);</b>	<b>Tinham habitado o Alto Juruá;</b>		
<b>Waru-dyapá ; Hin-dyapá (homens da chuva);</b>	<b>Margens do Murú, entre o Massypira e o Embira;</b>		

A estes dados Tastevin inclui adições. Numerados os textos alteram-se informações datilografadas em manuscritos. Estas adições foram retiradas de diferentes documentos originais.

Os Pucú-dyapá viviam no rio Pixuna (alto Juruá). Atualmente eles estão estabelecidos sobre Cayuá ao lado dos Wadju-paranin-dyapá. Eles têm também uma maloca para alojamento dos Waryu-paranin-dyapá sobre o Mawi tek, pequeno afluente do Juruá saindo da Restauração onde passam o inverno;

1. Do clã dos Hödya-dyapá só restam alguns sobreviventes. Eles viveram um certo tempo com os Wadyú-paranin-dyapá. São eles que tem o nome Cuata-tapuya (tradução tupi do seu nome) e de Ugi-na (corruption de Hödya-na). São mencionados desde o século XVIII. Hödya significa coatá (ateles paniscus);
2. Os Waru-dyapá mantém-se atrás Muira Pirera, sobre o lado direito do Juruá imediatamente rio abaixo do Tarauaca entre as três Bocas do Itucumã;
3. Os Ityang-dyapá (homens do sol) são vindos do Erú. Eles são muitos entre os Pucú-dyapá;
4. Um indivíduo que estava entre os Pucú-dyapá se dizia pertencer a um clã os Turuhang-dyapá. Talvez fosse ele um Ururu;
5. Uma mulher que vivia entre os Pucú-dyapá se declarava Nuro-dyapá (pessoas do macaco roxo, wapayesa);
6. Entre os Pucú-dyapá havia igualmente dois indivíduos pertencentes ao clã dos Wiripang-dyapá (clã das serpentes...);

7. O clã dos Kawódak-dyapá é igualmente representado por uma pessoa entre os Puccú-dyapá. Kawödak: carapaça de tartaruga;
8. A caminho do Veneza os Kamudy-dyapá se hospedaram sobre o Itucuma afluente do Tarauaca e mesmo em outro lugar sobre o Wahe-teknin (rio Negro dos Katukina). Este rio é provavelmente o Jurupary o único rio com águas negras da região e que corre paralelamente lado ao lado do itucuma. A menos que eles lá estivessem antes de chegar a Sobral;
9. Os Pyddá-dyapá são por enquanto os únicos inimigos dos Wiri-dyapá. Seus ataques são durante a noite;
10. Os Kanamari que habitam o Mapuá afluente do Juruá abaixo do Aurora e as Fontes do Pajurá ou Binwã vieram se estabelecer sobre o Igarapé Gavião próximo de Veneza à direita onde viviam antigamente os Kasinawa que tinham sido massacrados por um certo Alexandre. Alguns destes índios fugiram para o Tarauacá;
11. Os antigos Wiri-dyapá de Monte Alegre contavam que seus familiares foram massacrados pelos Brancos a golpes de fuzis em Sobral, no Tarauacá;
12. Os Tuma-dyapá foram vistos sobre o Envira entre este rio e o Jurupary (Cf. Teguma);
13. Midakprö-dyapá. Estes índios vivem ou viviam com os Caha-dyapá. Eles devem sem dúvida terem sido assimilados aos Ururú-dyapá que foram extintos por doença no sítio Japiim no rio Curú de onde sai o Paraná que passa atrás de Belém;
14. Os Uru-dyapá vivem no Tarauacá;
15. Os Kiring-dyapá no Pauhiny;
16. Os Caa-dyapá foram vistos no Itecoahy nas fontes do rio das Pedras. Eles não existem mais como clã;
17. A nação Kudidyé que vive no Pauhiny falam Katukina. Seu chefe tem nome desta língua: Kaimo;
18. Ignora-se a situação dos Warikama-dyapá (o clã dos cabiaye);
19. Os Ben-dyapá tinham uma maloca sobre o Itecoahy de onde vieram sobre o Juruá;

20. Os Amona em 1881 estavam no lado esquerdo do Erú em Carpina a um dia de canoa a montante da foz. Tres dias mais acima se encontram os primeiros Kurina do lado do Igarapé Preto (Igarapé das piranhas). Eles passaram em seguida para o Igarapé subindo o Porto Sergio no Juruá. A varíola os dizimou e eles se retiraram às margens do Mamaxi onde estão hoje. Eles habitaram o banco onde hoje é São Felipe;
21. Os Kanamari viviam a tempo em relação com os Katawisi. Estes tinham uma maloca em terras Kanamari subindo o Chirua em frente de Nazaretto do Biá ao lado esquerdo. Um Katawisi declarou: “o chefe chama pessoas a povoarem o Juruá. Se apresentam pequenos homens vindos do oeste e ele os manda de volta. Ele chama outra vez e do leste vêm grandes e bonitos homens: Katukina, Kanamari e Kanamari. Estes eram bons. Ele coloca os Kanamari em um urukurizal, os Katukina no centro das terras e os Katawisi no baixo Juruá. Estes disem que os Kanamari são verdadeiros mestres de cerimônias do Arapiku. Os Kanamari vêm às vezes passear entre os Katawisi. As mulheres Kanamari eram casadas com os Katawisi.
22. Os Ityang-dyapá (pécari) mraram no Pauhiny. Foram destruídos pela varíola;
23. Os Kutyoed-dyapá: tribo do Alto Jutahy exterminada. Kutyoed: pássaro jubi;
24. Os Katukina do lado direito do Juruá apareciam às vezes na Boca do Jainú (1880) e vinham em visita aos Kuniba que habitavam em terra firme em frente ao Cubiú e Maxirixy no Cubiú e no Tamaquaré rio acima de Manichy do lado esquerdo. O testemunho de uma mulher katukina os Katukina se cobriam de pinturas mas ao encontrar os Kaman-nawa do Gregório que se disem hoje Katukina, eles nem conheciam a tatuagem. Eles não mataram ninguém: enquanto os Nawa exterminadores dos Kuniba do Jainú, do Cubiú, do Tamaquaré. Estes extermínios são hipotéticos pois os Indios atribuem os fleaux, as epidemias, aos malefícios dos seus inimigos;

25. Segundo uma informação os Amona-dyapá tinham vivido perto dos Nawa no Igarapé Cauuia Gaviãozinho rio situado ao norte do lado esquerdo do Juruá onde havia muita borracha;

26. Os Katukina tinham campos em Soriano, Yanu e Maxinixy. Eles eram amigos dos Kasinawa e dos Kuniba (1880).

Detalhando as etnias segue Tastevin a descrever a cultura dos índios em constituições estruturadas em dados antropológicos, religiosos, intelectuais, mitológicos apresentados ao mundo científico do século XX. Mais uma vez surgem sujeitos produtores discursivos. A complexidade permanece diante da particular perplexidade do padre em missão religiosa na Amazônia ilustrando a vida dos clãs em minúcias diferenciadas entre mundos primitivos procurados em referências mentais e intelectuais dos civilizados.

**4. Sistemas Estruturados; Epigenética dos Katikuna-Kanamari: A Filogenia; A Ontogenia; Elementos universais *in natura*; Ontologia em epistemologia mitológica; Elementos Materiais, Elementos Mentais e Elementos Intelectuais**

A história da ocupação humana das Américas ainda parece confusa. Povos indígenas da Amazônia e do cerrado carregam em seu DNA as marcas de um parentesco insuspeito com aborígenes da Austrália e nativos de Papua-Nova Guiné. Estes são os resultados, que aparecem de forma independente em dois estudos reforçando a ideia de que o povoamento original do continente americano foi muito mais complexo do que os arqueólogos costumavam imaginar.

A questão é como explicar exatamente essa complexidade. Enquanto uma das pesquisas diz que duas populações diferentes se misturaram logo no início da presença humana nas Américas, a outra defende uma única grande onda migratória no começo com a vinda posterior de grupos aparentados aos povos da Oceania.

O ceticismo dos arqueólogos e geneticistas sobre a ideia de ancestralidade da Oceania nos primeiros habitantes das Américas deu lugar a

revisão desta posição destruindo alguns dos argumentos sólidos repensando e construindo novas razões explicativas.

Os geneticistas por impossibilidades técnicas não plantearam a possibilidade de os nativos apresentarem elementos da morfologia austronésia [da Oceania]. Precisam obter genomas dos esqueletos o que ainda é tecnicamente difícil mas não impossível.

A partir destas pesquisas podemos deduzir que a ancestralidade dos nativos amazônicos é recheada de filogenia e ontogenia herdadas das culturas *matrízicas* além mar. A miscigenação e adaptação necessária à sobrevivência do *homo sapiens* nas Américas permanece enigmática. Pouco a pouco dados genéticos são revelados expondo a multiplicidade de teorias nascidas nos objetos empíricos revelados.

Assim as perspectivas arqueológicas e a biologia contemporânea produzem a gênese do homem nas Américas entrelaçadas a diferentes colonizadores. A história é contada nesta narrativa:

Há cerca de 20 mil anos, as Américas eram a última fronteira para a ocupação do planeta pelos humanos modernos (*Homo Sapiens*). Então, uma ponte de gelo e terra uniu o Nordeste da Ásia ao Alasca na região do atual Estreito de Bering criando um caminho que permitiu aos primeiros colonizadores chegarem ao nosso continente. A cronologia desta migração e a identidade destas populações pioneiras no entanto ainda são objetos de muitos debates e dúvidas entre os cientistas. Nos últimos anos diversos estudos morfológicos, genéticos, arqueológicos e linguísticos reforçam a tese de que este processo se deu em três grandes ondas encontrando ligações entre os índios nativos americanos com grupos que habitavam e ainda habitam áreas que hoje compreendem a Sibéria, a Mongólia e o Leste da Ásia no que ficou conhecido entre os especialistas como o “modelo paleoamericano”.

As duas novas pesquisas divulgadas em adiantamento pelas prestigiadas revistas científicas “Nature” e “Science” vêm complicar ainda mais este cenário do povoamento das Américas. Embora o estudo na “Science” corrobore em grande parte o chamado “modelo paleoamericano” ele fornece



uma cronologia mais precisa e indica uma importância maior da corrente migratória inicial dos siberianos na formação dos povos indígenas das Américas. Já o estudo na “Nature” que contou com a participação de cientistas brasileiros identificou pela primeira vez uma contribuição genética significativa de uma população “fantasma”, desconhecida, relacionada aos atuais aborígenes australianos nativos e da Nova Guiné e das Ilhas de Andamã ou seja entre o Sudeste Asiático e a Oceania na formação de pelo menos três etnias brasileiras: Suruí e Karitiana, da Amazônia com a Língua Tupi; e Xavante, do Cerrado e de Língua Jê. Para piorar ainda mais a situação esta contribuição parece estar misteriosa e praticamente ausente nos demais grupos nativos americanos analisados até agora tanto no Norte quanto no Centro e no Sul do continente.

Esta contribuição dos melanésios (nome dado a um grande conjunto de povos da atual Oceania) nunca tinha sido aceita nos modelos sobre o povoamento das Américas. O refinamento das análises genéticas demonstra sinais cada vez mais fortes destas heranças biológicas. Uma população não pode simplesmente desaparecer sem deixar uma marca genética nas subsequentes. Esta é a principal razão das pesquisas: descobrir a ancestralidade dos ameríndios. Coincide com a forma apresentada nas razões mitológicas elaboradas em linguagens explicativa dos fatos. Assim não seria o “espírito vivo” dos seres animados e inanimados constituintes da onisciência, em movimentos moleculares da mecânica quântica, cibernéticos mundos possíveis em tudo, em todos, sendo, existindo na confirmação do Boson de Higgs? Aqui; agora. O passado apresenta memórias integradas à evolução contínua do cosmos. O futuro resulta das ações e reações disponíveis em movimento. Desta forma, os “primitivos” por estarem integrados ao movimento dos seres em espírito elaboram conexões mentais em outro sistema. Este sistema compõe outros subsistemas em ação neuronal da linguagem expressando ação mitológica em fenótipos e genótipos herdados dos ancestrais. Assim a herança dos ameríndios surge das matrizes genéticas cujas marcas singulares estão diante dos nossos olhos.

Segundo os pesquisadores, Suruís, Karitianas e Xavantes apresentam ao menos 2% de seu genoma vindos desta misteriosa e já extinta população de origem melanésia provisoriamente batizada de “Ypykuéra”, palavra tupi para

“ancestral”. Esta proporção indica que a contribuição é muito antiga e que estes migrantes provavelmente chegaram às Américas, se não, juntos, pouco antes ou pouco depois dos “primeiros americanos” vindos da Sibéria. Eles teriam se mesclado durante o longo isolamento na chamada Beríngia, as terras em torno do atual Estreito de Bering, até que o derretimento das geleiras que tomavam o Norte do Canadá permitiu que se deslocassem cada vez mais para o Sul, chegando então à América do Sul e ao Brasil. Além disso, o fato de a sua contribuição genética estar presente tanto em povos de idioma Tupi quanto Jê, troncos linguísticos que se separaram há mais de seis mil anos sugere que os Ypykuéras ou seus descendentes miscigenados já estavam aqui antes disso.

A montagem do cenário em cima de um resultado que outros pesquisadores não conseguiam explicar dentro do que era conhecido sobre o povoamento das Américas cujos nativos americanos tinham esta herança siberiana clássica foi possível graças ao encontro com um estoque genético diferente, que também teria contribuído para a formação destes povos, de origem da Melanésia, que veio do Sul da Ásia e chegou à Beríngia talvez junto com os siberianos. As populações que aqui chegaram eram muito mais diversas tanto morfologicamente quanto geneticamente. Estes povos eram uma mistura dos siberianos/beringianos clássicos como os Ypykuéras numa contribuição que pode ter sido pequena mas importante nas populações indígenas de hoje da Amazônia e do Cerrado.

O grande desafio dos cientistas é descobrir mais detalhes sobre quem seriam os misteriosos Ypykuéras já que levando em conta o cenário de miscigenação com os “primeiros americanos” siberianos na Beríngia a contribuição genética total desta mistura na formação dos povos indígenas brasileiros pode chegar a 85%. E já existem fortes suspeitos: os parentes de Luzia, um dos mais antigos fósseis de humanos modernos já encontrados nas Américas. Datados em cerca de, 11 mil anos os restos de Luzia foram achados na região de Lagoa Santa, em Minas Gerais, em 1975. Desde então diversos outros fósseis de antigos habitantes da área foram desencavados, muitos dos quais com traços morfológicos considerados por alguns cientistas similares aos hoje vistos nos aborígenes australianos e em outras populações melanésias. A esperança é que futuras análises genéticas destes restos assim como de outros

povos indígenas brasileiros e da América do Sul atuais e antigos reforcem a tese de que o povoamento de nosso continente recebeu uma contribuição significativa dos Ypykuéras.

Os dados apresentados por Constant Tastevin inscrevem comportamentos dos índios amazônicos envoltos em sabedoria natural da natureza. E Tastevin pertencia à neblina das culturas dos povos indígenas, fornecendo e formatando os dados em ciências surgidas naquele contexto selvagem. Ele mesmo expõe quantidades de seres produtores dos discursos preenchendo as informações e os pensamentos em textos escritos. Os traços da organização social destes povos surgem em matrizes comportamentais instituídas a partir do momento em que foram invadidos e obrigados a sobreviver em novo contexto.

As descrições morfológicas e tipológicas dos elementos materiais, mentais e intelectuais estão dispostas na condensação explícita dos dados etnográficos, linguísticos, geográficos, antropológicos, sociais, culturais, filosóficos, mitológicos surgidos em praticamente todos os relatos escritos sobre as tribos dos Katukina, Kanamari, Pano, além dos destribalizados, espalhados naquelas terras firmes. Isto significa tratando das diferentes nomenclaturas estruturadas pelo antropólogo ser facilmente identificável a quantidade de informações se encaixando em diferentes elementos. Muitas anotações são referências importantes em vários detalhes semióticos das culturas dos povos indígenas. A quantidade de dados a serem estruturados em seus elementos referentes é exaustiva. Por vezes não nos referenciamos a aspectos presentes por não considerarmos pertencentes ao contexto.

Em formato de cubo os elementos constituem os dados observados em domínios científicos formando a conjunção aqui apresentada em dados encontrados. Os elementos elaboram abordagens antropológicas, etnológicas, sociológicas, recheadas por informações geográficas, linguísticas, históricas plenas de elementos mitológicos significáveis.

Importante observar a estrutura textual aqui apresentada. Trata-se da tradução pessoal dos documentos escritos por Tastevin. Desta forma, as variações discursivas surgem entremeadas em objetos empíricos dos dados fornecidos. A quantidade dos textos é razoável possibilitando tornar as normas da ABNT adequadas ao funcionamento dos argumentos em um composição e configuração necessária à estrutura dos sistemas em sistema.

Outro fato a ser esclarecido é a ausência dos registros formais dos documentos arquivados. A forma como os textos vieram às minhas mãos foi exuberantemente inovadora. Apenas os carimbos dos Arquivos da Bibliotecado Mosteiro de Chevilly-la-Rue, em páginas amareladas assegura a veracidade dos textos. Assim, a numeração das páginas, por exemplo surgem em alguns textos e inexistem em outros. As referências tratarão dos textos originais com o máximo de informações possíveis. Assumindo o "mea culpa", tratarei o mais breve possível apresentar os textos formalmente registrados em arquivos disponíveis institucionalmente.

Separamos os elementos constituídos e classificados à luz da antropologia, assim como da sociologia afinando as estruturas em ambas as ciências:

#### 1. Elementos morfológicos

- Materiais: Alimentos, cuidados pessoais, vestuário e ornamentos, casa, móveis e ferramentas ... ou mesmo Técnicas Sinérgicas habituais, Artesanatos, Agricultura, portanto, "Industria e Comercio", como também a técnica e meios de comunicação e trocas assim ...; por um lado; e:

#### 2. Elementos tipológicos

- Mentais: Regras da vida familiar, social, estado civil, condutas e regras de etiqueta, urbanidade;

- Intelectuais: Linguagem, simbólica na mitologia, a "ciência", os conhecimentos chamados naturais, artes, as 'belas artes', a moral, a filosofia, e, finalmente, a religião.

### Elementos sociais em estrutura



Cubo Gráfico 6 – Sistemas em complexidade: objetos empíricos

Árdua missão de pioneirismo faz Tastevin separar as tribos e classificá-las, ordenando as histórias das línguas, fornecendo mapas, encontrando e desfazendo confusões teóricas anteriormente registradas enfim, regendo a orquestra científica com destreza em múltiplos domínios afetando o panorama documental sobre a Amazônia e seus habitantes. Vejamos os textos formatando os elementos das estruturas sistematizadas na complexidade universal discursiva de Constant Tastevin.

Ao iniciar a localização dos Kanamari e Katukina no mapa cartográfico de Tastevin percebemos a proximidade geográfica destas duas etnias propiciando a interação social harmônica entre povos diferentes. Considerando a imensa extensão territorial a quantidade de terras a área entre o rio Purus e o rio Juruá era o espaço habitado tanto pelos Katukina quanto pelos Kanamari. A pesquisa na cartografia de Tastevin será importante ao entendimento da localização dos povos, ou etnias, ou tribos, ou seringais onde residiam os índios Katukina e dos Kanamari.

Mapas revelarão a realidade territorial dos povos, os troncos linguísticos e os diletos usados nas línguas dos índios com os quais Tastevin estabeleceu relações religiosas e científicas. A proximidade ou distância nos espaços de

terras entrecortados pelos rios, lagos, furos, paranãs, ilhas, estabelecerá as relações culturais, demarcadas pela geografia sem fronteiras entre os povos do Peru e do Brasil, entre a Colômbia e o Brasil, assim como entre o Peru e a Colômbia. As relações sociais de guerra ou paz entre as etnias dos povos indígenas na Amazônia inserem a relação de troca no modo de vida nômade, navegando em águas percorrendo a terra em espaços dos lugares favorecendo a ecológica superação da exploração na elaboração de uma nação única (Sistema) repartida em pequenos agrupamentos (sistemas menores) exibindo o segredo protegido em si através das constituições explicativas via rituais em mitologia. As fronteiras na selva podem ter estabelecido união dos povos latinos convertidos às culturas da contemplação e do usufruto da natureza oferecendo alimentos, moradia, conhecimento e harmonia no viver de uma sociedade *matríztica*, cujas estruturas distribuem as funções regidas em mitologia representando a ontologia unitária das mágicas ideologias. Saber navegar, caçar, colher, recolher, tecer moradias, costurar a infância adolescente dos jovens e adultos em cosmos vivente os faz expelir conhecimento apresentado com sabedoria.

Pretendo recorrer a representação visual a fim de delinear as informações da estrutura social dos Kanamari e dos Katukina fornecidas por Tastevin. Entender primeiramente do que se trata a informação, de quem se fala, onde estão localizadas as tribos, que relações são mantidas entre elas, variações linguísticas, dialetos não deixando rastros a compreensões confusas. Supomos que Tastevin referenciava suas informações em suas próprias configurações mentais. Não havendo ordem ou sequência pré-estabelecida ele ia juntando informações às inscrições dos seus pensamentos nos arquivos da sua memória.

Muitos documentos trazem escritos complementares atravessados ao longo do texto. Palavras, frases, elaborações sinápticas em linguagem pessoal tratando de ordenar os documentos. Equalizando.

Ampliando o caleidoscópio da complexidade ressaltamos a presença das seguintes dimensões argumentativas na condução das descrições estruturais sistemáticas organizadas nesta tese diante dos documentos sobre os Katukina e os Kanamari:

- O antes, ou o passado das etnias em cultura *matríztica*;
- O agora, o presente realizado no período em que Constant Tastevin exerce a missão religiosa de conversão ao cristianismo dos povos *matrízticos* da Amazônia;
- O depois. Implicações das relações sociais dos povos *matrízticos* diante da cultura imersa na epistemologia do valor, hierárquica, invasora, colonizadora imposta aos índios. O contemporâneo universo dos povos indígenas.

### Katukina e os Kanamari



Cubo Gráfico 7 – dimensões do tempo

Podemos acrescentar mais uma dimensão: 4) os textos/discursos nos argumentos científicos produzidos na escrita desta tese. Para isso todos os detalhes pertencem às estruturas. A semiótica construção das formas. A escrita, os desenhos, os mapas. A leitura, a compreensão, a localização. Dimensões do Sistema e dos subsistemas em formato geométrico do cubo matemático.

Os elementos surgem no texto o que torna necessário na medida do possível apresentar a tradução para a língua portuguesa dos documentos originais em língua francesa. O estado material dos papeis e tintas datilografadas ou manuscritas apagados pelo tempo, esfacelando os elementos trazidos em palavras ausentes sem no entanto perder o significado, as ideias, os discursos tornam a pesquisa complexa missão das descobertas.

A responsabilidade duplica-se quando os documentos originais estão em língua estrangeira e são inéditos. Portanto só na apresentação de alguns elementos mesmo porque quantitativamente os documentos de Constant Tastevin dispõem de material suficiente a pertencer a uma linha de Pesquisa dos Sistemas na Teoria da Complexidade, incluindo tradução dos textos, pesquisas acadêmicas, livros, discos, vídeos, filmes, enfim, fazer, fazer o conhecimento do conhecimento durante o aprender a aprender. Creio ser este o fio condutor do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura da Amazônia, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação, do Instituto de Ciências Humanas e Letras, das Instituições Federais de Pesquisas e Ciência.

Assim, executei a tradução destes elementos, os sujeitos discursivos, nos textos escritos por Constant Tastevin. Espero ter conseguido fornecer os significados dos significantes elementos. Multiplas moléculas producentes em pensamentos. Os documentos de Tastevin, a minha leitura dos dados empíricos, a minha leitura dos interdiscursos de Tastevin.

## Elementos Materiais

### A Habitação

A apresentação tipográfica do documento apresenta o uso da máquina de datilografar recheados por textos escritos à mão, acrescentando detalhes, ou ainda, substituindo vocábulos, em uma espécie de revisão do texto originalmente redigido. Especificamente este Documento Original apresenta falhas seja pela ausência ou excesso de palavras. Muitos riscos de eliminação ou acréscimos de dados dificultaram a tradução de todos os elementos frasais. Tentei manter a estrutura semiótica dos sentidos dos discursos narrativos do objeto empírico.

O documento original em Anexos fornece visual explicação do que acabo de apresentar.

Antes da chegada dos civilizados todos os Katukina viviam de maneira sedentária em malocas, grandes casas para toda a família do clã. Como estes



clãs ainda são isolados uns dos outros a aldeia se compõe por uma só choupana. Encontra-se ainda estas malocas nas tribos dos Amna-dyapá, os Wandyu-paranin-dyapá, os Puíu-dyapá, os Berí-dyapá e os Kadikini-dyapá. Os Marõ-dyapá, os Winí-dyapá, os Kamudya-dyapá e Wadyu-tekniú-dyapá não existem mais. Quanto aos outros eu não os visitei mas tudo nos faz supor que os Cawadyapá e os Pidda-dyapá conservam ainda o uso da casa comum.

Estas choupanas erguem-se no meio de uma plantação. Estes índios tem o costume de construir sua moradia no meio dos primeiros terrenos que eles roçam assim que eles estabelecem-se em uma nova região. Cada ano eles praticam de novo abatidas situadas a uma ou mais ou menos grande distância de sua choupana. Deste lugar irradiam-se em todas as direções vários caminhos que pode-se seguir às vezes durante uma hora. Entre os Anna-dyapá por exemplo estes caminhos tem uma largura de 50 cm e mesmo a tribo dos Wiri-dyapá de 1 metro. Os caminhos estão sempre bem conservados e limpos de toda vegetação.

As choupanas Katukina tem a aparência de uma cúpula (domicílio) repousante sob (sobre) o sol em cujo ápice teria sido nivelado (esmagado). A primeira vista seu plano pode passar por circular mas se examina-se com atenção constata-se que está mais para pentagonal ainda que para dizer a verdade esta figura geométrica com exceção de um só lado que é pouco distintivo (muito para a cabeça, claro) confunde-se quase com um círculo. A estrutura é formada por uma viga horizontal onde se apoiam duas extremidades sobre quatro hastes inclinadas bem compridas que se cruzam dois a dois até o ápice como o de um cavalete. Sobre esta copa que não é sustentada por nenhuma viga central, (nem aplica-se) veem ..... da grossura do antebraço e que estão dispostos a dar à choupana a forma arredondada que lhes é própria. Pode-se avaliar a distância média entre pilares de sustentação..... Estes são reunidos entre eles até uma certa altura por travessas da mesma grossura. Esta estrutura cujo todos os elementos são fixos por cipós é revestida por folhas da palmeira que são ....., da palmeira urukuri, como é geralmente o caso..... O habitador com o qual ..... são entrelaçados de todos os lados da estrutura é admirável. Estas pequenas cabanas são bastante resistentes e constituem um abrigo de primeira ordem contra animais selvagens.

Constatamos de passagem que os civilizados não utilizam as folhas do urukuri, pois eles acham que não vale a pena trançá-las.

Ela duraria pouco mais que seis meses em suas construções. Em revanche entre (a casa dos) os índios elas podem ser utilizadas durante quatro anos.

A casa uma vez terminada a uma altura total de 10 a 12 m e um diâmetro de 30 m aproximadamente. Penetra-se por duas portas de 1m de altura sobre 2m de largura uma em frente à outra (que se) ..... (face) e cuja orientação é sempre leste-oeste. Estas aberturas são colocadas em frente do intervalo que separa as duas vigas formando cavaletes sobre as quais repousa a viga mestra. As partes da choupana onde as portas são organizadas apresentam uma face mais arredondada que os dois outros lados. Esta convexidade de frente e de trás da maloca é obtida com o auxílio de hastes repousante de uma parte sobre a viga mestra e de outra parte sobre o lintel da porta cujos pilares são sustentados por postes que os impedem de se afastarem.

No interior da choupana de uma porta a outra erguem-se dois enfileiramentos paralelos de 5 a 6 postes que sobem à meia altura da choupana e que podem ser ligados em cada alinhamento por barras transversais atadas quase a metade da sua altura. ....piedosa são unidos a seu cume àqueles que seu .....por uma peça de madeira horizontal. O corredor central assim formado serve de lugar de passagem de sala de dança e de salão de conversação em todas as malocas, assim por exemplo falta na casa dos Marydyapá ou Parouva.

Dos dois lados deste corredor, ao longo do ..... alinham-se as redes de cada família. São atadas de um lado às hastes da estrutura e do outro lado ao poste (porte) do centro. Cada família tem seu lugar reservado. O pai tem sua rede ao lado da rede da mãe, a criança de acordo com a idade está por cima deles ou perto da sua mãe se ainda for muito pequeno. Como as redes de uma mesma família são fixadas no mesmo poste, (interior) eles irradiam um triângulo ....., se eles estão empilhados. Entre as redes é acendido o fogo de cada família.

Nas paredes são pendurados cestas que contém quase todo o ter das índias: seus ... de reserva, seus miúdos objetos seus....., etc.

Faz bastante frio no interior destes..... e reina uma escuridão que repousa os olhos da claridade do dia. De todos os lados do ....., a superfície é .....bem limpa, .....o terreno que se estende em frente das portas é bem batido e cuidadosamente.....

Faz bem pegar o frio, brincar e dançar antes e depois do grande calor do dia.

As choupanas dos Katukina abrigam em média 12 famílias seja (cerca) de 30 a 40 indivíduos.

#### Choupanas-mosquiteiros (danyu-hak)

A maloca só é habitada durante o dia. Ninguém dorme jamais o que se explica pela crença inspirada no assédio constante dos mosquitos. Alguns jovens cachorros são os únicos hóspedes noturnos da casa. Cada família possui dentro da floresta que contorna a clareira da maloca uma pequena cabana hermeticamente fechada a todo inseto e a qual nós podemos chamar de cabana-mosquiteiro. A altura deste abrigo não chega a dois metros. O teto distinto da parede é de dois lados na forma de uma abóboda na sacada. As paredes laterais constituem um retângulo alongado proporcional ao de uma rede mais ou menos com quatro metros. Certas choupanas têm tamanho duplo a fim de abrigar uma família mais numerosa e as crianças atam suas redes seguindo as dos pais. Estas (estruturas?) são constituídas por galhos de palmeiras fincadas na terra umas ao lado das outras. Sua solidez não deixa nada a desejar já que o filamento (o eixo?) central das folhas é mais resistente que uma estaca. Quanto à cobertura esta é semicircular e composta por uma armação de poleiro flexível

colocada sobre vigas que formam o quadro superior das paredes laterais. Nestas duas travessas são fixadas as redes estendidas por todo o comprimento da cabana.

Penetra-se no mosquiteiro por uma única porta: esta é baixa e para atravessá-la é preciso inclinar-se e mesmo rastejar. A abertura é fechada hermeticamente por três folhas de patawa trançadas montado em uma vara central e vertical a qual serve como uma maçaneta. Ao entrar na choupana mosquiteiro a índia traz sempre com ela os carvões de sua casa pois os índios não dormem sem fogo. Nesta cabana a rede do homem é atada paralelamente à da mulher e a fogueira é colocado entre os dois. Durante a noite aquele entre eles que se acorda alimenta e arruma a fogueira. Um detalhe interessante é que eles não ignoram o uso do vaso à noite. O ar destes abrigos é restrito e não podendo ser renovado torna-se pela manhã irrespirável, impregnado de um odor repugnante.

Em certa época os índios se deslocam para se transportar a um lugar de pesca ou à localização de uma antiga plantação onde existem muitas bananeiras ou de *ariquiera speciosa*. Eles constroem então pequenos abrigos mais ou menos menores conforme o tempo em que eles pensam passar. Para uma estadia de uma noite ou de uma semana contentam-se em colocar um teto com dois lados sobre quatro pequenos postes fortemente fixados na terra. O telhado é de folhas de palmeira patauá. Estas choupanas têm mal a altura de um homem: cada casal constrói a sua. As redes são penduradas em dois bastões transversais e paralelos fixados em cada extremidade aos pilares de sustentação da choupana. Os índios não temem passar a noite nestas cabanas. Se o acampamento durar mais tempo, se a cabana passar a ser a residência habitual do índio, como é o caso atualmente dos Wiri-dyapá e todos os que não têm uma grande casa, o abrigo é então mais amplo. Não sendo mais um acampamento a cabana é fechada sobre um ou dois lados para proteger os habitantes do sol ou do vento (intempéries). Este fechamento é feito com folhas de palmeiras cortadas no sentido do comprimento e dobradas em dois. Esta casa que abriga duas ou três famílias matrimoniais (casais) só serve durante o dia já que à noite usam as choupanas mosquiteiros.

As choupanas-mosquiteiros têm 4 m de comprimento: 3 para a rede e 1 para as cordas. Um destes tapiris tinha 4 ou mais 3 metros. Os três correspondem ao lugar ocupado pelas redes das crianças que é mais curta.

A área limpa em frente a casa tinha um raio de 20 metros. Uma árvore pode às vezes servir de suporte em uma habitação como poste sustentando a viga mestra.

A porta da choupana-mosquiteiro é formada por 3 folhas de jacy trançadas entre elas. Ao meio do espesso tapete que é assim formado se encontra um bastão que permite remover a porta à vontade. Para suspender as cestas na choupana, eles têm ganchos em madeira.

### A Agricultura

Quando os cristãos penetraram o Juruá os Katukina possuíam vastas plantações. As do Igarapé do Gaviãozinho onde viviam três grupos eram particularmente importantes. Encontrava-se principalmente o milho e grande quantidade de mandioca, bananeiras, abacaxis e (palmeiras – aréquiers?) em centenas e milhares. Não é surpreendente o testemunho daqueles que viveram entre os índios o fato de eles serem fortes, musculosos e bem nutridos. Hoje encontra-se ainda em alguns clãs belas plantações de mandioca e de milho mas elas são insuficientes para alimentar todo mundo. O tamanho de uma maloca é o mesmo de uma família de civilizados. É insuficiente assegurar a subsistência e isto os obriga a se aproximarem dos cristãos e a se colocar a seus serviços para receber em troca farinha de mandioca.

As plantas que eles cultivam: em primeiro lugar a mandioca (aipi(m), juca ou macaxeira), o milho (potates) que tem uma variedade amarela e muito (tendre), os tarós, tayoba/taros (ou repolho do caraibas) das quais eles conhecem três variedades que os fornecem um tubérculo mais fino que a batata, uma espécie de inhame que é o cará dos Tupi, abacaxis em grande quantidade, assim como as bananas de diferentes variedades e conhecida há muito tempo

antes da chegada dos civilizados, a pimenta, enfim, os Katukina não deixam jamais de plantar em um canto o campo de aréquiers (*Gulielma excelsa*) da qual a fruta chega a amadurecer em janeiro que para eles é o mês das grandes festas. Em 1921 durante 8 dias passados entre os Wiri-dyapá nós tínhamos poucos alimentos, os caçadores não venceram o jogo: mas eu nunca experimentei o sentimento da fome. As mulheres ao contrário embora comessem ao longo do dia, assim como eu, também faziam três refeições regulamentares. Elas alegaram que apenas a carne acalmaria seus apetites. Le anéquin dá uma fruta granulada e oleosa. Com a forma cônica revestida por uma pele coriácea vermelha ou amarela e tendo ao centro um pequeno caroço redondo igual ao da mirabelle; algumas frutas não apresentam o caroço. A palmeira se reproduz pelos caroços. O pé mãe produz também (*des ujetons*) como as bananeiras, mas não são transplantados. L'aréquier é a árvore sagrada dos Katukina.

Entre as plantas que servem ao consumo assinalamos: a palmeira pupunha que só produz frutos de quatro a cinco anos após ter sido plantada, a cana de açúcar para adocicar, os mamões, mais raros em suas áreas. A cultura do aracnídeo, a fruta sagrada dos Pano, seus vizinhos... (*semble leur faire défaut*).

Os Katukina cultivam o tabaco em pequena quantidade no meio ou ao centro que como nós veremos é de uso forte muito difundido entre eles. Eles mantem também em suas áreas diversas plantas que eles empregam unicamente em um objetivo industrial, medical ou mágico. Assim eles cultivam o cupinã (*cunambi* dos Tupi, *waká* dos Pano) que é um abrisseau cujas folhas contem um poder violento atordoando os peixes durante a pesca, juncos para as flechas, fazem também objetos, assim como outra cana, *l'ikoek*, com frutas violetas, não comestível aos quais atribuem-se um lugar sagrado na origem de alguns Índios. Sinalizemos enfim um *Calladium*, que por seu aspecto lembra o taro (?) comestível e o tubérculo do qual exprimem um amido de cor vermelha que os *pyddá-dyapá* mancham o rosto. Conta-se que esta substância é um excelente remédio para os prazeres (*syphillitiques*) do nariz.

Os dois únicos utensílios agrícolas destes índios são a *hac* e o pau para cavar (*capinar?*). A clareira da floresta se faz como sempre: começa-se a abater

a vegetação rasteira pondo-a para secar, depois de abater as grandes árvores às quais coloca-se fogo durante dois ou três meses perderam toda a humidade. Suas plantações são sempre bem guardadas: não há nenhuma erva ruim. Eles colhem sempre cedo, antes que estejam maduros desde que o tubérculo apresente o tamanho de uma cenoura ordinária e a medida das necessidades cotidianas. Mesmo seguindo a diminuição dos seus recursos alimentares, eles arrancam a mandioca muito cedo. Acrescentemos a esta observação que eles não poiam em nenhum caso deixar ficar muito tempo na terra por medo de que fiquem aguadas. Eles semeiam o milho no meio da mandioca e o colhem no início dos três meses. No mês de dezembro, a colheita do milho dá lugar a grandes festas. Eles não têm armazéns de grãos e não fazem provisão de seus cereais. Talvez seja o contrário, uma vez, que aqueles que os viram escreveram em seu relatório que tinham grandes quantidades em reservas, no caso dos Kashinauá.

As colheitas das frutas selvagens, principalmente aqueles de diversas espécies de palmeiras (abiurana, açai, patoá, miriti – buriti, tucumã, bacaba, bacabinha, urana, bacuri, graviola) os fornecem complementos alimentares na matéria prima de onde eles fazem suas bebidas. Cada vez que estão na floresta, mulheres e homens colhem as frutas comestíveis que eles encontram. Assim durante a caça eles param nos pés de todas as árvores com frutas maduras encontradas em seu caminho. Em alguns casos um dos homens sobe na árvore balançando para fazer cair as frutas, outras vezes eles cortam o tronco com um machado ou um facão. Para subir em uma árvore particularmente lisa os homens utilizam uma corda enrolada nos pés. Os Katukina organizam de vez em quando uma pequena expedição para colher as frutas de l'aréquier, pupunha, no lugar onde eles sabem que é particularmente abundante, em suas antigas plantações.

Frutas selvagens consumidas: marã (pequena fruta vermelha) e *warapiku* (fruta...?); *hewe*, sova; *työhe* c'est le *purumã*; parece que eles cultivam o cipó chamado *pehe ho* de onde tiram o *curare*.

OBS: entre as frutas selvagens que eles colhem há algumas comidas diretamente, mas um grande número serve para fabricar *chicha*.

Colhem a ingá, a castanha, (*le pouroui* ?). Todas estas frutas são comestíveis. Faz lama a ingá e o ?

Entre magia ou Encantos para a caça e a pesca, estão os elementos técnicos usados para a obtenção dos alimentos.

- Indo à caça os Katukina colocam um cintão de folhas de uma pequena planta selvagem que sai diretamente com apenas uma haste. É chamada *köna-bae mok epene*, remédio de anta;
- *Etiang-hōri*: Poção para caçar caititu (porco) com sucesso. Infusão de *kinam* misturado com polpa de pupunha. "*suser meuekina*" É dado ao cão para beber;
- Fazem tatuagens nos braços com o fel do animal que desejam pegar durante a caça ou na pesca: tartarugas, mamuri, tambaqui. Representam os animais de um modo simbólico e também o sol e a terra que é a Grande Mãe. O fel da tartaruga permite caçar toda espécie de tartarugas;
- *Hödyá micanin* e *Kamudya micanin* (gordura do macaco barrigudo): pequena bola de gordura com a qual engraxam as pontas das flechas para não serem panema (para não errar o alvo);
- Os Katukina creem (*kupinan*) que o papel do veneno vegetal é transformar as folhas mortas que estão no fundo da água em peixes. Depois transformam-se em cães, como em um jogo, fazendo os peixes saltar para escapar de seus perseguidores. Esquentam no fogo as bolas de folhas de *kupinan* trituradas com terra antes de usar. Talvez seja para esticar seus membros, porque ele deve correr e perseguir os peixes. O chefe na pesca *dokupinan* coloca 2 penas da cauda da arara vermelha na cabeça e por trás da orelha;
- Para extrair do corpo a má sorte os índios vacinam o antebraço com a exsudação oleitosa de parte de trás do *sapowakurú*. Esta secreção é chamada *böle* ou *wahule*. Este animal é pego, amarrado em pequenos galhos e colocado sobre o fogo de barriga para cima. A gosma do dorso é recolhida em pequenos paus mantida até a manhã seguinte ou mais tarde. Então soltam o sapo, não só porque ainda pode precisar dele, mas porque se o matarem o efeito do remédio será contrário. No início da



manhã com o estômago vazio fizemos três ou quatro pequenas queimaduras no braço ou no estômago deixando a carne aberta onde se aplica o remédio. Quase em seguida você sente a língua engrossar, incha a cabeça e um estranho mal estar em todo o corpo. Somos pegos por vômitos e diarreias que duram de 1 a 2 horas. É o mal estar que se vai. Após esta purgação, os olhos, as orelhas e o olfato estão mais vivos. Podemos ir caçar: encontraremos sem dúvida o macaco e os braços sobre ele não falhará. Fazemos também des entailles avec un dard de raie;

- Os Katukina se barbouillent le visage de rouge avec urucum antes de entrarem na água para pegar o peixe entorpecido pelo kupinan afim de preservar os ataques de arraias, dos surubins, dos mandi, etc.

#### Elementos Mentais

##### Regulamento da casa.

Tastevin alerta ao fato deste ser particularo fato de ser a cabana um modelo mais recente. Não havendo porque generalizar.

As sujeiras se acumulam em um canto, atrás de um tronco de árvore. As louças de barro agrupadas, os cestos suspensos nas vigas transversais e as peneiras, leques, plumas, flechas, bilro em um utensílio e enfeites caídos entre as folhas das paredes ou do telhado.

A choupana-abrigo pode ter um teto abobadado como existe em duas tinas. Os pilares de sustentação que suportam o telhado são sustentados por adereços.

##### Casamento (Katukina)

O genro reparte com seus sogros tudo o que ele adquire pelo seu trabalho ou pela caça. Frequentemente, se não, todos os dias o jovem noivo fica com os pais da noiva na mesma casa. É a mãe quem dirige a preparação dos alimentos. A jovem noiva não tem fogo (para preparar alimentos).

## Poligamia

Os chefes são frequentemente poligâmicos. O chefe dos Kamudya-dyapá tinha quatro mulheres a seu encargo e o dos Wiri, três e este último se propunha a adquirir mais uma. No entanto os caciques dos Amöna-dyapá, os Ben-dyapá, só tinham uma mulher. Além dos chefes podemos constatar alguns casos de bigamia tratando-se sempre de um privilégio dos bons caçadores.

Awano o chefe dos Wir havia trocado com Tuokue, um dos índios, duas moças. Se bem que Awano já já tinha duas mulheres e Tuokue, uma. Entre os Wadyu paranin um rapaz tinha por esposa uma velha enquanto procurava (aguardava) por uma jovem mulher.

## Pinturas

Eu não me lembro de ter visto homens pintados exceto um ou outro cujo o rosto era lambuzado de vermelho. Eles se reservam sem dúvida para os dias de festa. Quando as mulheres e as crianças sobretudo nos clãs que tem poucas relações com os cristãos, seu corpo é coberto de desenhos geométricos variados desde a cabeça até os joelhos, por trás e pela frente.

A matéria destes desenhos é o suco de jenipapo que é preto e da polpa de urucum que é vermelho. As vezes elas misturam o urucum com o amido de um certo ... que tem igualmente um tom avermelhado e ao qual emprega-se... mágicas.

O vermelho é geralmente reservado ao rosto aplicado em pontos como pequenos como ervilhas formando linhas variadas sobre a fronte e no rosto, ou branco total no rosto. Os desenhos têm diferentes nomes tanto descritivos quanto simbólicos.

Weruweru é o zigzag formado por linhas quebradas que se sucedem no mesmo plano.

- Aukaki kanarunaniñ:
- Mukung ko, makuna kohgnanin; significa pequenas folhas do cará.

- Áub, kmek, aub knin, aub knain, aub köda ubek: traços longos.
- Cirikó: estrelas
- Tabatab nin:
- Siruprahonaniñ: desenho da lua. Idem.
- Kawaboe kanarunanin: desenho da carapaça do jabuti ou tartaruga da terra.

Alguns se pintam com resina. Muito raro. Eles sabem tirar a cor do jenipapo com suco do tabaco.

## Elementos Intelectuais

### Mitologia genética x cultura invasora

A Amazônia fornece esmiuçadas perspectivas disponíveis das pesquisas em múltiplos objetos empíricos entrelaçando a composição de diferentes sistemas. A crítica da crítica nada esclarece aos interessados nos arquivos genéticos dos índios através das teorias possíveis em uma única estrutura própria: a ontogenia propicia a ontologia mitológica.

Os elementos constituintes dos sistemas pertencem ao diferente percurso ontológico. Os discursos apresentados em argumentos prováveis elaborados póscontactos continuam impenetráveis à complexidade teórica das civilizações amazônicas. Parece que por termos compreendido os termos da epistemologia do valor apresentada pelos invasores europeus, assim como nos tornamos cristãos, não esquecemos, mesmo porque é algo impossível ser feito, nossas matrizes biológicas. Jamais abandonarmo-nos-emos a nós mesmos. Talvez isto explique “A Farsa da Boa Preguiça! Ou, quem sabe permita a vida ao Saci e Macunaíma.

Constituem o caleidoscópio teórico sobre a Amazônia detalhes cujas perspectivas estão do lado de fora. Ora, ora. De que servem as análises surgidas em fragmentos do impenetrável e inalcançável acesso aos sistemas formatados em herança biológica programada a se programar (*autopoiese*)?

Desta forma nós, os teóricos amazônicos, somos impregnados por nós mesmos.

O dilema é a alternativa imanente da ontologia determinada antropológica ou historicamente gravada na herança genética dos seres em sociedade gerando ontologia da sociabilidade. A estrutura social dos povos indígenas das Américas move os indivíduos em lúcida explicação racional da magia. A razão teórica das civilizações em ontologias estruturadas cientificamente existe em subsistemas do sistema único e quântico.

É de Carlos Fausto a voz discorrendo sobre a história, relatos e transformações na Amazônia fazendo o mito. Creio ser esta a máxima compreensão do Artigo “Faire le mythe. Histoire, récit et transformation en Amazonie”, cujo primeiro parágrafo destaca as estruturas resultantes das relações entre americanos sobre europeus e europeus sobre americanos. Bom esta dimensão dual existe sim mas existem outras dimensões incluídas em sistemas: as estruturas resultantes das relações dos americanos com os americanos.

A conquista e colonização das Américas foi um evento significativo não só pela extensão das terras conquistadas ou os seus efeitos sócio-demográficas, mas também pela grande produção de imagens e interpretações que arraigou na prática tudo fornecer orientações a esta prática. Neste campo das ações e disposições, veio um interpretações dos nativos americanos sobre os europeus e dos europeus sobre os nativos americanos que, ao longo do tempo tornou-se estável em certas formas.

Os determinantes discursivos consideram “um evento considerável” a conquista e colonização das Américas cujos elementos são a quantidade de terras e efeitos sócio-demográficos no mesmo patamar das interpretações enraizadas na prática enquanto fornece direções para colocá-las em prática. O campo cruzado de interpretações dos Ameríndios sobre os Europeus e dos Europeus sobre os Ameríndios tomaram corpo e se estabilizaram sob algumas formas.

Dispondo das condições vitais *in vitro* a Amazônia abriga complexos universos biológicos integrados aos elementos químicos elaborando física energia vital em quantidade matematicamente perfeita. A água transforma-se em ar e volta em forma de torrenciais nuvens de chuva enchendo as nascentes dos rios, molhando e invadindo o chão. A terra firme despenca nas beiradas os barrancos levando raízes e preparando a várzea com elementos vitais à

plantação. As idas e vindas da lua orientam as estações. Cardumes reproduzem seus óvulos em águas quentes mornas e frias das nascentes das águas puras das matas. Os múltiplos sistemas integram a complexidade vivente dos índios neste cenário resplandecente da integração.

O discurso apresentado na Antropologia ainda busca a estrutura determinante pelas taxionomias na relação com o objeto empírico. Em *Narrativas e história do contato katukina: “etno-história” de um povo da Amazônia Brasileira* artigo de Jeremy Paul Jean Loup Deturche, encontro mais desencontros do que argumentos plausíveis ao estabelecimento da relação. Ainda o cientista não pertence, apenas observa de longe. E a partir daí estabelece as premissas. Observemos a estrutura textual apresentada no Resumo do artigo:

Resumo: Esse texto propõe uma reflexão a cerca do relato que os Katukina do Biá (população ameríndia da Amazônia brasileira) fazem a respeito da chegada dos brancos pela primeira vez. Tentarei demonstrar como não podemos entender esse relato seguindo um regime de historicidade como o nosso, onde os eventos se encontram organizados seguindo um quadro cronológico. Dito de outra maneira, o relato Katukina não procura situar o evento no tempo. Mas uma das características da narrativa Katukina é, apesar de ser a história da chegada dos brancos, de falar muito pouco deles e muito mais da relação entre os Katukina e uma população de índios considerados selvagens: os Nawa. Pretendo mostrar porque os Nawa ocupam por assim dizer “le devant de la scène” e quais são as relações estruturais que os ligam aos brancos, obrigando-nos a repensar a relação entre história, transformação e organização social do ponto de vista Katukina, na ótica de um outro regime de historicidade.

Estrutura:

#### Proposta negativa 1

Tentarei demonstrar como não podemos entender esse relato seguindo um regime de historicidade como nosso, onde os eventos se encontram organizados seguindo um quadro cronológico;

#### Proposta negativa 2

Dito de outra maneira, o relato Katukina não procura situar o evento no tempo;

### Proposta confusa 1

*Mas uma das características da narrativa Katukina é, apesar de ser a história da chegada dos brancos, de falar muito pouco deles e muito mais da relação entre os Katukina e uma população de índios considerados selvagens: os Nawa;*

Encontro características operantes em negativos argumentos ao fato atestado de que a história nada tem a ver com a chegada dos brancos, mas sim com o contato com os Nawa. Configura-se o fato de que sendo o objeto da pesquisa, o contato com os brancos, apresentada aos índios Katukina o jeito foi incluí-los como figurantes ou seja, resolvendo todas as questões solicitadas pelo pesquisador embora a narrativa se refira à relação deles com os Nawa. Esta sim era a história pertdesta formaente ao objeto empírico no entanto não realizada pelo pesquisador apesar de atestada. Verdadeira distorção empírica realizada em nome da antropologia científica?

### Proposta confusa 2

Pretendo mostrar porque os Nawa ocupam por assim dizer “le devant de la scène” e quais são as relações estruturais que os ligam aos brancos, obrigando-nos a repensar a relação entre historia, transformação e organização social do ponto de vista Katukina, na ótica de um outro regime de historicidade.

As cores dos pensamentos elaborados nas orações demonstram certas confusões causadas pela apresentação dos elementos dos dados através da negação dos fatos demonstrando total incapacidade operante dos parágrafos confusos. Explicando suas razões civilizatórias encontramos o sujeito discursivo revelando direções inexistentes relacionando a prioridade discursiva dos Katukina aos Nawa, buscando relações estruturais ligadas aos brancos e ainda se obrigando a repensar a ralação entre história. Transformação e organização social doponto de vista dos Katukina na ótica de outro regime de historicidade

(será que existem?). Neste ponto chega-se ao absurdo do inventário de possibilidades executantes elaboradas em racionalidade estruturada pela ciência europeia e americana.

A história dos povos indígenas no Brasil é um assunto que foi até relativamente recentemente pouco estudado e pouco debatido fora de contextos políticos particulares ou da “mise en perspective” das monografias produzidas no meio acadêmico. Não é por acaso que a história trate dos povos “vencedores”, jogando os “vencidos” no esquecimento, sobretudo quando esses vencidos “não tinham história” e, portanto precisavam ser vencidos para enfim ingressar e obter história. No meio acadêmico, tais percepções renderam o que Calavia Saez chama de “capítulo do contato” (2005, p. 39) onde o pessimismo da aculturação muitas vezes dominava. Contudo, a partir dos anos oitenta, dispomos de trabalhos antropológicos e históricos que tentaram caminhar na trilha denominada “ethnohistória” com o objetivo de tornar visíveis os esquecidos. Esse movimento tinha como pano de fundo um contexto político específico onde as reivindicações indígenas e a retomadas de uma certa agência política a nível nacional tomava conta das populações nativas brasileiras. Para Calavia Sáez essa trilha tem três “vertentes” que representam três maneiras de tentar se aproximar da “historiografia dos povos indígenas” (2005, p. 40): 1) a constatação da riqueza das fontes documentais produzidas pelos colonizadores, que permitiram uma reintegração dos nativos na própria constituição da nação brasileira, 2) o reconhecimento do valor documental da “tradição oral” e 3) a relação entre estrutura e história. Não cabe aqui dialogar com cada uma dessas vertentes nem apontar os maiores benefícios ou as falhas e problemáticas que cada uma poderia ter, mas devemos reconhecer que esses trabalhos renderam para a história indígena no Brasil resultados significativos como aqueles apresentados no livro “História dos Índios no Brasil”, coletânea publicada em 1992 e organizada por Manuela Carneiro da Cunha (frutos de trabalhos iniciado nos anos oitentas), os trabalhos de Antônio Porro (1992; 1993; 1996), Dreyfus (1992) ou ainda de Calavia Sáez (2000, 2002, 2005, 2006).<sup>57</sup>

Impregnando a ideologia mantida nos escritos científicos sobre os povos indígenas no Brasil o capítulo do contato é retratado com o pessimismo da aculturação dominante. Mesmo o propósito da ethnohistória em tornar visíveis os esquecidos ou os “vencidos” torna-se inconsistente e impenetrável porque carrega em si o olhar dos “vencedores” fechando o círculo externo ao processo em andamento nos índios em sua autêntica *autopoiese* produzindo os elementos naturais em mitológica existência.

Sob a égide dos vencedores jamais existirão os vencidos. Este segredo mantém incólume e preservado o ser Índio.

---

<sup>57</sup> CUNHA, Manuela Carneiro (organizadora). História dos Índios no Brasil (Coletânea). 1992.

O primeiro trabalho que se aparenta mais a uma etnohistória indígena é aquele de Peter Gow sobre os Piro da Amazônia Peruana (1991; 1993; 2001). Ele conseguiu demonstrar como os Piro pensam a sua própria história e se constroem junto com ela, saído assim de uma visão “vitimista” dos povos indígenas, rompendo com o olhar ocidental separador entre um passado tradicional e original, e um presente “aculturado”, resíduo sem futuro. Começou a se pensar com os próprios processos indígenas de transformação social, as próprias histórias nativas, não nos seus acontecimentos registráveis, mas nas relações que os nativos têm com elas.

Quem nos vitimizou? Os próprios estrangeiros aventureiros colonizadores vencedores. Todos os elementos estruturados até então ficam fora da real situação em continua transformação existentes em nós.

Porém, o relato que os Katukina me fizeram desse encontro me obrigou a repensar essa preocupação – ou pelo menos a tentar - simplesmente para entender o relato e suas estruturas particulares e não perder parte de seus significados. O relato que os Katukina fazem a respeito do seu encontro com os Brancos pode ser dividido em duas partes que não estão contadas da mesma maneira. Trata-se de um relato de “contato”, e não de “origem” dos Brancos. Esse assunto é tratado no mito de origem dos diversos povos que povoam a terra, oriundo das sementes de palmeiras “plantadas” pelos demiurgos-irmãos Tamakori e Kirak.<sup>58</sup>

A origem do Branco é explicada pelas sementes de palmeiras plantadas por Tamakori e Kirak.

Antropologia em Primeira Mão é uma revista seriada editada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realiza publicação de artigos, ensaios, notas de pesquisa e resenhas, inéditos ou não, de autoria preferencialmente dos professores e estudantes de pós-graduação do PPGAS.

Percebemos o complexo caminho sem rota de Deturche elaborando posições simétricas provando através das ausências sem considerar outras presenças finaliza o Artigo:

---

<sup>58</sup> Revista Antropologia em Primeira Mão. UFSC. 131 Narrativas e história do contato Katukina: etno-história” de um povo da Amazônia Brasileira. Jeremy Paul Loup Deturche.



O que conta essa história são eventos passados, porém não para situá-los no tempo, nem dar a eles o estatuto de uma passagem entre um tempo “pré” e um tempo “pós”; não são “eventos históricos”. O que importa para os Katukina não é saber quando isso aconteceu, nem mesmo se esse casal existiu (não é uma questão pertinente), mas sim de contar, em certo sentido, um processo que continua ainda hoje, de mostrar como esse processo se dá e quais são os atores implicados. Sendo que de fato os Brancos são uma das peças chave desse processo. Não se trata de contar uma derrota ou uma vitória, mas sim um movimento transformacional nos quais os Katukina estão engajados de maneira ativa. Processo que pode ser mobilizado não somente para explicar mudanças passadas, mas também mudanças atuais. Nesse sentido ele não pode ser o marco de uma mudança de era, seria mais a própria era se fazendo continuamente.<sup>59</sup>

Carlos Fausto afirma textualmente que construir desconstruindo é um caminho árduo, longo, difícil por assegurar a permanência estática do vivente. Esta perspectiva iniciada abrirá a lente refletindo a nossa história presente. Subalternos aos mitos construímos outros sistemas envolvendo outras complexas estruturas.

Nesta direção produzimos nossa razão elaborada na razão apresentada; compondo. Pertencente. Fazendo parte. Executando nossos sistemas neuronais não negamos nossa existência perene em espíritos, na metafísica do cosmos, elaborado em mitologias ontológicas geneticamente existentes em nossos corpos e mentes.

## Cosmogonia

Os elementos constituintes dos sistemas matrízicos elaboram outras dimensões diante da religiosidade missionária. Desta forma, podemos considerar a elaboração mitológica dos elementos estruturados pela racionalidade de Constant Tastevin.

---

<sup>59</sup> Revista Antropologia em Primeira Mão. UFSC. 131 Narrativas e história do contato Katukina: etno-história” de um povo da Amazônia Brasileira. Jeremy Paul Loup Deturche.

## O céu e a terra

Os Katukina representam o céu como uma tampa de pedra repousando sobre a terra. Como a terra é plana, o firmamento seria comparável ao telhado de suas cabanas. Antigamente eles dizem, o céu era baixo, as flechas dos caçadores permaneciam caindo e perdíamos quantidades delas. Tama inconsciente, elevou o céu da mesma forma que faria no telhado de uma casa. O céu no entanto manteve-se relativamente perto do chão para que possamos ir lá e voltarmos em um período relativamente curto de tempo. Não é preciso mais do que uma noite para chegar lá e os Uru que caminham de dia sobre a terra em busca de comida vão dormir durante a noite.

Os rios que vemos sobre a terra atravessam os espaços celestes. Eles seguem a mesma estrada do sol mas em sentido contrário porque o Juruá vai de oeste ao leste, assim os outros não conhecem a boca dos grandes rios. Quando os cursos de água do céu estão baixos os daqui baixam e vice-versa. As mesmas particularidades hidrográficas se encontram nestes dois mundos. Os Katukina pensam que além do horizonte existe outra terra.

## O sol

Os Katukina dizem que o sol é um homem chamado Maripö ikné ou Waru upo (palavra que significa papagaio).

O sol executa seu curso diário sentado em uma vara que dois papagaios (domesticados) carregam em seus bicos. Durante a noite passa Waru upö passa debaixo da terra com o sol em suas costas e reaparece no céu ou menos no mesmo ponto em que saiu ontem. Se o sol é dia não é o mesmo à noite quando

parece ser assistido por um companheiro ou se dividir. Estes mesmos índios também identificam o seu herói civilizador Kirak com o sol.

#### A lua

Corre entre os Katukina vários mitos para explicar a existência da lua e suas fases. Estas tradições diferem significativamente uma da outra e devem certamente ter diversas origens. Para alguns grupos a lua é Narigura (sirupöpö) Tama. Este carácter divino da lua primeiro no oeste e cada dia um pouco mais ao leste é para iluminar o seu povo. Com o nariz servindo de ornamento aproximando-se do leste, a lua torna-se cada vez maior chegando ao tamanho da figura de Tama. Em seguida ela cai e morre.

Os Amöna-dyapá para quem a lua nova muito fina é apenas Nariguerra de Tama. Dizem que ela foi jogada para o céu pelo herói que explodiu com sua zarabatana. Quando a lua nasce no meio do céu como em 06 de outubro de 1921 por exemplo, quando é no primeiro trimestre leva o nome do próprio Tamakuri.

Segundo Wiri-dyapá a lua seria um casal em que o homem chama-se Dyurunyã e a mulher Apohayã. Sentam-se no céu eles dizem, e do alto contemplam a terra. Quando eles viram a cabeça desencadeam ventos. Há dias em que se vão para o Alto Juruá ou seja, para o oeste, longe do seu país. Quando ao contrário ela é clara significa se encontrar bem no meio do céu. Equidistante do Alto e do Baixo Juruá.

A lua é um menino. Ela fica morta por três dias renasce e depois cresce em lua cheia. Em seguida ela perde peso diminui e morre. Deus (sic) deixa o primeiro filho, faz outro e assim por diante. Deus habita acima das estrelas (versão Ben-dyapá).

A lua é uma jovem que em o seu período menstrual aparece redonda. Durante o primeiro um quarto de lua ela não tem sangue ou não evacua. A lua cheia é chamada de Wadya kidak ou seja, lua velha. As estrelas são luzes, laureantes, flambantes, iluminadas pelos habitantes do céu. Quando venta elas piscam e brilham.

### As constelações

Orion é um Uru (tipo de perdiz). Ainda vêem no céu um jacaré ou exatamente uma mandíbula de jacaré (kadyu nokura) e uma aranha (kora). Kora é também uma constelação cujo formato é a ferradura de um cavalo que é talvez o nosso escorpião. O Cruzeiro do Sul é chamado por eles a casa de trahira ou tarahira (uma espécie de peixe que vive na várzea e permanecem sem água e sem se mover durante a grande seca de verão).

### Venus – Wayivay

### Fenômenos meteorológicos

Reina entre os Katukina opiniões diferentes sobre a causa de um trovão. Para muitos ele é produzido por Dyano ou Dzano, "nosso pai" que vive no céu e se manifesta assim com raiva. Ele está com raiva porque seu filho não queria morrer e permaneceu na terra para comer pupunha. Sua ira é aplacada com o tempo então se compadece de seus filhos e ordena parar o aguaceiro. "- Chega". Ele diz. - Deixe meus filhos trabalharem.

A incorporação visível dos elementos relacionados à negação ao cristianismo surge no pensamento em palavras:

- “nosso pai” que vive no céu (refere-se ao pai do céu cristão);
- Se manifesta assim com raiva (refere-se à emoção dominante dos invasores);
- (raiva) porque seu filho não queria morrer (diferente de Jesus Cristo);
- Permaneceu na terra para comer pupunha (execrando a ressurreição);
- Sua ira é aplacada com o tempo (expondo os elementos racionais do tempo e espaço dos colonizadores);
- Então se compadece de seus filhos (perdão do Deus cristão);

- Ordena parar o aguaceiro (ação emocional da dominação e do poder);
- - Chega! (grito: ordem, poder, dominação total)
- Deixem os meus filhos trabalharem (trabalho: ideologia inexistente no universo linguístico e mental nos povos das nações *matrízticas* programadas mentalmente por outros sistemas).

Outros ouvem no trovão o barulho feito pelos espíritos do céu ao rolar troncos de madeira (umang pua). Eles se envolvem neste exercício por raiva ou diversão.

- Imagem dos espíritos do céu executando concomitantemente a ação sonora ao rolar troncos de madeira e ação emocional que podem ser por raiva ou diversão.

“Finalmente o trovão também é produzido por Maharawa e Wahiliya, ambas, mulheres do grande Kohana (que dansando e cantando) arrumam o mobiliário docéu’.

- Relação cujos elementos sistematizam a poligamia (ambas, mulheres, do grande Kohama); • Relação ideológica do trabalho (arrumam o mobiliário do céu).

A faísca do relâmpago é um anel (axianin) girando no céu e onde vemos a luz como em um espelho. Esta ideia deve ser moderna e data do tempo em que os fizeram ver as luzes elétricas. A mesma situação ocorreu entre os Mura para a explicação da água das torneiras e da luz elétrica em Manaus.

A faísca do relâmpago em formato anelar girando no céu é sistematizada como imagem da luz em um espelho. Esta definição faz surgir o sujeito discursivo em reflexão instantânea da modernidade e do calendário em ação no tempo diante dos elementos novos constituintes do mundo moderno com luz elétrica e torneiras com água. Trata de compor a identificação da explicação dos Mura ao universo linguístico mitológico e mágico dos avanços científicos e tecnológicos do homem civilizado. Ação promovida na racional concepção dos exploradores

inadequada ao contexto de superioridade existente diante da sistemática ontologia neuronal dos índios.

No verão colocam fogo nos matos e arbustos do céu e o fogo sai do topo. As nuvens são a fumaça destes incendios celestiais. “- Este lugar não é agradável” dizem os Índios. Este incêndio é atribuído a Kariya do céu (a brancura do céu) que seria numerosa.

A mãe da chuva é uma das habitantes do céu. Para chover ela joga uma pedra contra a barragem em um reservatório que contém todas as águas do céu, fazendo um buraco por onde a água flui em tempestades sobre a terra. Assim é a trovada na Amazônia. Representam a "mãe da chuva" como uma mulher encarregada de abrir a porta ou mais exatamente a válvula barragem de argila que ela tem. Quando considera ter chovido o suficiente ela fecha o buraco com a válvula de argila. Ela também é representada como a "mãe da chuva" uma mulher que abre a porta ou a válvula da barragem.

Kohana não é um simples mortal. Morto há alguns anos como outros, assim como Kariyo e Korikana cujo coração foi ao céu com “nosso pai”. Não é tão pouco um homem médico contemporâneo porque Dyaho o chefe dos Bén-dyapá que era o mais velho dos Katukina e deveria ter uns 90 anos afirmava não tê-lo conhecido. Trata-se provavelmente de um gênio o que permitiria explicar que os Katukina o fizeram “o pai” do Padre Tastevin. Sua personalidade e das duas mulheres é familiar a todos os Katukina. Dyaho é conhecido apenas pelos Wiri-dyapá e seria o pai do meu informante.

O arco-íris é chamado de "Mapere nanin" que significa serpente (os Mura e Amazônicos geralmente dizem que cobra grande é a filha do grande espírito da serpente e uma mulher que tinha milagrosamente concebido). Fora suficiente a este monstro se deitar em seu vestido ou de acordo com outra versão tocar em seu braço para que ela engravidasse.

Os sistemas estruturados pelas definições apresentadas por Tastevin e sua composição racional configura como estranhos os elementos apresentados pelos Katukina ao direcionar o universo e os elementos da natureza aos seguintes fatos:

- A terra, o céu, os rios, a lua, o sol, as estrelas, os relâmpagos, os trovões, as constelações, pertencem aos elementos vivos constituindo outra ontologia representada em epistemologia unitária através da linguagem (racional);
- A racionalidade dos índios pertence à dimensão inserida no passado e no presente, nos traços humanos nomeados, nos vivos e nos mortos (vivos), transitando em ocupações mirabolantes da magia existente no nano mundo?
- A sistematização racional dos civilizados impede a compreensão dos elementos agregados ao conhecimento do todo e tudo incluindo a travessia dos elementos apresentados também através da linguagem;
- As sociedades *matrízicas* estabelecem claramente os elementos em espirituais existências adequando as explicações ao universo linguístico dos colonizadores em sua cultura cujo avanço científico demonstra as nano partículas da existência cósmica e universal nos dias de hoje;
- Os recursos tecnológicos permitem a aproximação com a caótica elaboração molecular composta em sistema linguístico elaborando compreensão da magia. O estado sólido, assim como o líquido e o gasoso fluem em tudo e em todos, os elementos químicos se unem em massas formando composições possíveis enquanto improváveis transmissões energéticas de neurônios gerados em genética profunda da elaboração dos significantes em significados.

#### Crenças Totêmicas – Katukina

1. Kariyu (os Brancos) são pais da serpente. Não podem comê-las.

- Se comeres, ficarás doido. Podes comer Parahon (mussu: enguia que vive em pântanos, na lama);
2. Tatu canastra é gente, nasceu no toco do pau. A unha é como enxada. Não encontra raiz. Tem o casco duro. Cortou o pé e ficou como capivara. Vestem colete preto. Tama soprou. Nem com fome se come porque é patrício (parente/irmão?);
  3. Os Pidda-dyapá comem todas as frutas mas os Wiri-dyapá não comem frutas das grandes árvores que se assemelham exteriormente à cédrelle (?). Algumas pessoas cozinham os caroços, núcleo da fruta coberto pela polpa da fruta para comer com mandioca;
  4. Os Wiri-dyapá não comem nem o javali (dicotyles labiatus) nem a capivara (wari-kaman) porque são “patrícios” quer dizer seus parentes que foram metamorfoseados em wiri ou wari kaman. Mas esta abstenção não é absoluta ao menos no que concerne à capivara uma vez que eu havia comido com eles.

#### Crenças (Katukina)

Os animais da floresta pertencem e estão sobre a proteção do pequeno monstro chamado Adyapá. Há somente um. Para conquistá-lo precisa lhe dar tabaco. Ele assobia todas as manhãs e isto significa que ele está disposto a permitir a caça de todos os animais que desejarem.

1. Todo pássaro que canta tem o canto imediatamente interpretado. Às vezes os auditores emitirão uma opinião isolada e isso provoca imediatamente uma péprobation concerto para o endereço do animal, às vezes, todos juntos a gritar de alegria ou indignação dando livre Corus à adivinhação da engenharia com animação. Exemplos de alguns desses presságios: “O caçador vai trazer um jacaré”; Ele vem do mundo onde o djurikô cantou: “O katataw (gavião) anuncia uma epidemia de febre”;
2. Um trovão deu um golpe soando no lindo céu acompanhado por um vento forte. As mulheres choraram juntas. São os Katukina (Pidda-dyapá) se aproximando. Eles deram a este prognóstico a



seguinte explicação: quando os Katukina se aproximam de um acampamento eles mancham o rosto com Rucu e um amido do tubérculo tajá vermelho. O trovão é ouvido para anunciar a sua chegada. Os olhos anunciam os trovões surgidos depois do mestre relâmpago.

## Elementos Intelectuais

### Mitologia genética x cultura invasora

No campo de experimentação laboratorial das sociedades primitivas o método de observação participante no local e a constituição de modelos de funcionamento ao voltar da pesquisa de campo constituem o projeto da compreensão do homem total, suas variações sociais e culturais, históricas e regionais realizando a antropologia da alteridade cultural.

O padre europeu Frédéric Rognon elaborou argumentos sobre a alteridade cultural na antropologia explícita do livro “Os primitivos, nossos contemporâneos”. Rognon convida-nos a, na estreita passagem que conduz o monólogo sobre o selvagem-álibe, uma real abertura à alteridade ao atestar o negativismo presente nos termos que qualificam os povos tribais perante o grande público e entre os antropólogos, conduzindo ao levantamento de suas faltas: sem história, sem Estado, sem escrita...

As sociedades primitivas são sociedades “sem”.<sup>60</sup>

Argumento precioso ao estabelecimento de outras dimensões culturais estabelecidas pela ausência das nossas referências. Sociedades primitivas sem história, sem Estado, sem escrita, formulam na ausência a marca positiva de uma vontade consciente e de um domínio do meio social no convívio da harmonia.

---

<sup>60</sup> ROGNON, Frédéric. Os Primitivos nossos Contemporâneos. Hatier, 1991. p. 18

Afirma Rognon ser a ótica evolucionista estabelecida no fato de que todas as sociedades deviam passar sucessivamente por quatro tipos de organização política: o bando (grupo homogêneo e autônomo, de pouca importância demográfica); a tribo (unidade social mais ampla que conhece certa diferenciação interna entre grupos especializados); chefaria (em que a autoridade é exercida de maneira permanente por um único indivíduo); e enfim, o Estado (instância de poder vasta, centralizada e fortemente estratificada), ser unilateral, radical.

Adiante Rognon considera o fato de marcar a ruptura entre etnocentrismo e racismo dois tipos de relação com a alteridade em que um é universal e o outro próprio do Ocidente moderno. É efetuar um retorno a nós mesmos.

Diante da clareza mental de Rognon textualmente discorrendo sobre o mito primitivo afirmando serem as sociedades primitivas hoje a existência das sociedades inencontráveis, a realidade dos “seres primitivos” na contemporaneidade elabora a pergunta: “- Onde se escondem? Assim: - Se você decide hoje partir ao encontro deles correrá o sério risco de voltar sem nada ter conseguido”. Concordo. A formatação científica contemporânea urbana permite:

“Dirigir-se ao museu de etnografia mais próximo transbordando os objetos retirados de todas as regiões da terra trazidos em barcos abarrotados, testemunhas mudas de um passado desaparecido, é mais fácil. Ou ainda você pode ser conduzido no meio de uma multidão de turistas às representações folclóricas ouvindo o guia num inglês perfeito sobre a vitalidade da cultura local e do sentido profundo dos grandes ciclos rituais de outrora que perdura nesses espetáculos destinados aos estrangeiros como prova de seu valor universal”.<sup>61</sup>

Este é o espetáculo das culturas *matrízticas* mortas.

“Mas não examine o avesso do cenário pois é menos róseo: se as jovens dançarinas à mercê da imposição da companhia hoteleira não possuem nenhum outro meio de sobreviver além de se exibirem em público para o novo Estado independente em composição, a prostituição cultural tornou-se fonte de divisas de primeira ordem”.<sup>62</sup>

Seguramente convivemos com a apropriação dos mitos, da história, da cultura dos povos *matrízticos* da Amazônia, pela cultura urbana dos espetáculos. E os *hoyalties*?

<sup>61</sup> ROGNON, Frédéric. Os Primitivos nossos Contemporâneos. Hatier, 1991. p. 54.

<sup>62</sup> ROGNON, Frédéric. Os Primitivos nossos Contemporâneos. Hatier, 1991. p. 56.

"Em cada aldeia de fato, os bens de consumo foram gratuitamente distribuídos, às centenas. Assim foi despertado o gosto de cada índio por todos os produtos novos; estabelecida a dependência das tribos com respeito ao sistema de mercado e de trabalho assalariado; constituiu-se uma mão-de-obra dócil e barata. E na terra inteira assiste-se à uniformização dos desejos de consumo, à homogeneização das aspirações, em resumo, ao nivelamento cultural".<sup>63</sup>

Desta forma ao tratarmos de nós os descendentes dos índios, precisamos estabelecer a primitividade positiva diante da racionalidade travada em ausências sociais conflituosas às quais pertencemos por vivermos neste sistema recheado de subsistemas conflituosos.

Em *Para Aquém ou Para Além de Nós* a filósofa e pesquisadora Neiza Teixeira singularmente apresenta a mitologia da etnia Dessana firmada nas expressões étnicas dos humanos que ainda "vivem o mito vivo e que possuem uma ontologia original".<sup>64</sup>

O encontro com os escritos de Neiza propiciaram fundamentação a um dos temas a ser apresentado nos textos e discursos de Constant Tastevin, os mitos dos Katukina-Kanamari. Neiza habilita-se fundamentando os elementos mitológicos destas etnias na filosofia, antropologia, sociologia e outras ciências ocidentais, tornando críveis, os argumentos racionais, da Mitologia Dessana. Neiza demonstra claramente a rejeição da nominação das etnias indígenas amazônicas com os vocábulos "primitivos", ou "bárbaros" usados pelos civilizados europeus.

Ao afirmar: "se a filosofia é o conhecimento do universal, então, ela precisa universalizar-se", Neiza incita a inclusão das sociedades *matríticas* amazônicas ao pensamento racional mundial.

A narrativa de Neiza Teixeira nos convida através das suas ideias originais acentuando a urgência de nova produção cognitiva distinta das usadas em algumas ciências. Acerca-nos da proposta de pensarmos de outra maneira ou definirmos com os índios o destino de viver a lenta agonia da própria morte. Esta afirmação de Murilo Carvalho na obra *O Rastro do Jaguar* ancora e não surpreende aqueles que assistem a morte anunciada dos povos *matríticos* diante dos próprios olhos.

---

<sup>63</sup> ROGNON, Frédéric. *Os Primitivos nossos Contemporâneos*. Hatier, 1991. p. 57.

<sup>64</sup> TEIXEIRA, Neiza. *Para Aquém ou Para Além de Nós*. Editora Valer, 2012. p. 74.

A magia explicativa dos mitos amazônicos considera o acaso acumulado nas memórias dos vivos. Os mitos transmitidos a cada nova geração através dos relatos orais eternizam as explicações da vida sem morte. Explica, através das magias é possível quando a contemplação acontece cotidianamente nas aldeias. Explicar a mitologia dos povos *matrízticos* através dos parâmetros racionais torna-se quase impossível.

Segundo Neiza as raízes ontológicas dos povos matrízticos estão em outro lugar. Há um recomeço constante, presente, existente em outra metafísica. Nós, pobres mortais nos aproximamos destas intenções mágicas explicativas. Penetrá-las, concebê-las parte de nós em nós precisa de uma ontológica mutação. Nosso racional não permite.

Outra importante relação dos povos matrízticos apresentado por Neiza é a relação circular do tempo e sua eterna repetição.

Todos os gestos do período original, praticados pelos deuses ou pelos heróis, são reatualizados pela tribo. O mito é o lugar onde todas as leis estão estabelecidas. Ele é sagrado, incontestável e irreduzível.<sup>65</sup>

O pensamento racional impede transpor o portal da magia uma vez que as sociedades matrízticas não racionalizam do mesmo modo dos civilizados. Os índios vivem os mitos. Todos os elementos da natureza têm alma portanto pertencem à composição molecular do espírito em tudo. O Todo é vida

Se nos permitirmos aceitar esta Epistemologia Unitária vencemos o abismo. Se nos permitirmos entrar no portal humanitário da nudez criativa, sem culpa, sem martírio, sem mistério, deixamos o sofrimento no buraco negro do medo e nos eternizamos.

Vejamos como Neiza Teixeira apresenta a relação do tempo marcado pelas festas e pelos rituais que periodicamente reatualizam o tempo primordial.

---

<sup>65</sup> TEIXEIRA, Neiza. Para Aquém ou Para Além de Nós. Editora Valer, 2012. p. 18.

Ele, o tempo, tem uma estrutura periódica, ou seja, circular, curvando-se sobre si mesmo, repetindo-se sem cessar e, com ele, repetindo os acontecimentos inaugurais que não tem data, mas que não se distanciam e nem se apagam, já que se presentificam na Memória, e que são constantemente reatualizados. A ontologia, aqui, encontra a sua simbologia no próprio ritmo do universo. Ao mesmo tempo, a forma circular é um elemento de diversidade e um fator de unidade. Uma vez que o tempo circular é fechado, ele afirma no múltiplo a cifra e a intenção do Um. A intenção do Um faz com que a dispersão que se concretiza na aparência, que desperta no homem um sentimento de impotência, e que podemos empiricamente comprovar, não leve à destruição de todas as coisas.<sup>66</sup>

Assim como o tempo mítico o espaço mítico é diferente. Não sendo um espaço de dispersão e de privação das coisas. Neiza afirma ser um espaço de reunião e de totalidade, de implicação entre continente e conteúdo.

Assim sendo, igualmente ao tempo, ele, o espaço, apresenta-se pleno, completo, cada fração estando eivada de vida, poque plena de totalidade. Em suma, ele designa um elemento constitutivo e intrínseco da coisa ou do acontecimento, uma configuração.<sup>67</sup>

O espaço abriga todos os elementos que fazem parte da vida na floresta. É complexo. Animais, vegetais, heróis místicos, o universo com estrelas, lua, cometas. A terra, os rituais, os segredos desvendados e entendidos constituindo a ciência, a filosofia e a espiritualidade em religião e em magia. Compondo o ser. Abrigando explicações das nascenças, das mortes, dos desaparecimentos, das invasões dos inimigos destruindo o mundo. Repetição em reverencia sagrada.

“A ideia de um *espaço de repetição* está implícita na noção de tempo e de espaço sagrados.”<sup>68</sup>

Ao constituir o espaço e o tempo mitológico realiza-se a integração dos povos *matrizticos* no domínio do sagrado. A percepção do tempo e do espaço nos povos *matrízticos* compõem o mundo dos espíritos na natureza.

<sup>66</sup> TEIXEIRA, Neiza. Para Aquém ou Para Além de Nós. Editora Valer, 2012. ps. 69, 70.

<sup>67</sup> TEIXEIRA, Neiza. Para Aquém ou Para Além de Nós. Editora Valer, 2012. p. 73.

<sup>68</sup> TEIXEIRA, Neiza. Para Aquém ou Para Além de Nós. Editora Valer, 2012. p. 77.

## Mitos dos Katukina

A fascinação de Tastevin em missão religiosa, científica e humana surge refletida em seus textemunhos textuais. Há textos cujos dados empíricos estabelecem o Tastevin científico, outros documentos narram os acontecimentos atrelados aos dados empíricos e cá e lá cruzamos com o extase total apresentando o narrador de si mesmo. Assim as lendas ou mitos indígenas surgem em discursos de encanto entre outros discursos atrelando dados empíricos aos comentários pessoais.

A particularidade subjetiva de Tastevin constatada na apresentação mitológica das origens das nações tem certo encanto poético.

### As origens das duas nações Wani e Kama

- Na época em que Pinotyé organizador do mundo e instrutor dos índios realizava sua missão sobre esta terra, ele se sentou um dia sobre um tronco de árvore da floresta para chorar. Por que será que ele chorava? Pouco importa! Era sem dúvida pelo prazer de chorar ou para realizar o milagre que ia acontecer. Das lágrimas que caíram dos seus belos olhos brotaram dois rios: o Epeya (Lorena) e o Mamapo (São João) cujas nascentes estão razoavelmente próximas uma da outra. Quando ele olhava sua imagem nesta água cristalina de repente esta se transformou: a da direita num grupo de Wani-nawa e a da esquerda numa tribo Kama-nawa. Uns e outros são portanto filhos da menina dos olhos de Deus origem seguramente muito nobre só que não mais do que as do Tama que são filhos do sol (Warinawa) e nem tampouco mais do que a dos Nai-nawa que poderiam ser filhos do céu (Nai).

Tastevin considera estas narrativas “sagradas”. Nomeia esta parte dos escritos “Um pouco de Religião”. Afirmar estar em excelente companhia para falar das coisas sobrenaturais. A religião cristã é conversada à noite sob a luz da lua.

Afirmando ficar embaraçado ao explicar os mistérios das origens cristãs e dos dogmas quando têm índios em sua frente Tastevin diz que o espírito deles não é exatamente uma tábula rasa.

Eles também têm a sua teoria, a sua explicação do mundo e quão diferente da nossa ela é. Eles acreditam no poligenismo, no espiritismo, na metempsicose. Para eles não há nada entre o branco e o índio, pelo menos não mais do que entre a anta e o queixada.

Por estabelecer os mitos das sociedades matrízicas nascidos em ontologia própria as narrativas de Tastevin são fundações a sua busca por elementos espirituais e religiosos. Vejamos o comentário de Tastevin enquanto fala sobre Noé, a dispersão de sua descendência, e da chegada do Nosso Senhor Jesus Cristo, de quem Pontyé poderia ser um pálido reflexo ou uma caricatura.

Aqui é preciso entrar em muitas explicações para fazer os índios compreenderem as belezas do céu porque eles não estão nem um pouco seduzidos pelo que os espera lá em cima. O que eles vêem lá, efetivamente? Eis Kana, deus do Trovão sempre encolerizado de cabelos e cor de brasa e o topo da cabeça calvo. Por um sim ou por um não ele fica bravo sem que se saiba o porquê e lança enormes rochedos que ao se entrechocarem fazem um barulho espantoso e produzem relâmpagos que frequentemente matam. Os índios têm terror dos raios: quando o trovão estrondeia eles param de falar, todos permanecem imóveis na rede em silêncio. "Bico calado! Kana está bravo!

Tastevin relata um acontecimento demonstrando o grau da relação dos índios com os deuses:

Um dos meus paroquianos que a natureza dotou de uma cabeça bem reluzente e de alguns cabelos ruivos passava aos olhos dos Katukina por um irmão de Kana. Um dia em que ele visitava um amigo, este o convidou para dar uma volta entre os índios estabelecidos sobre seu terreno:

- Te previno – disse-lhe – que você passa por ser irmão do deus do raio entre os índios e que lhes anteciparam que você desprende a dentadura quando está com raiva.

Este homem tinha efetivamente uma dentadura artificial. Eles foram então ao acampamento dos índios. O feiticeiro-médico avançou para recebê-los e seguindo o costume perguntou inicialmente ao suposto irmão de Kana:

- Você está bravo?
- Não, nem um pouco, eu te estimo bastante e sou teu amigo.

Então todos os índios se aproximaram para admirar de perto a sua cabeça careca e os cabelos ruivos. Enquanto isso com a língua ele soltou a dentadura. Quando ficou pronto abriu a boca e arregalou os seus grandes olhos. O feiticeiro caiu como que fulminado com todos os membros, tremendo, batendo precipitadamente na sua barriga e pronunciando com ar espantado gritos inarticulados. Os outros fugiram pela floresta de onde foi difícil fazê-los retornar.

Tastevin segue sua apresentação do mundo das crenças dos Katukina. Ao lado de Kana eis Tyuvu que cozinha os mortos num grande caldeirão: é o seu alimento favorito ou seu único alimento. O seu caldeirão que é um buraco do céu está cheio de ossos humanos.

Eis ainda animais de um mundo “fantástico”: uma grande queixada pai de todas as queixadas que come pupunhas na própria árvore; urubus que falam como os homens; um tipo de hipopótamo de orelhas brancas como algodão; uma enorme tartaruga que se alimenta de mamões; um caracol colossal Tawanuo que escavou todos os rios da terra. Tudo o que vê é monstruoso, é o mundo das idéias de Platão reproduzido aqui em baixo em miniatura e com milhares de exemplares.

Tanto lá como aqui é preciso trabalhar para ganhar a vida mas em vez de viver à sombra da floresta como aqui, lá só existe uma planície desolada, sem árvores e um sol de fogo que queima.

O céu Katukina não tem portanto nada de atraente. Na morte o espírito se separa do corpo mas não o abandona. Ele ainda reside perto dele enquanto ainda restar um pouco de carne ou um pouco de osso. Mas desde que tudo desaparece o espírito bebe um gole de água doce do céu e imediatamente esquece todo o seu passado terrestre e deixa então os outros homens em paz.

O terror que os índios têm dos espíritos explica segundo Tastevin, as práticas incluindo o canibalismo. Segue relatando fatos não raros ver, um ou outro deles enlouquecido, precipitando-se a correr dentro da maloca: “Yonchi! Yonchi!” e todos se calam apavorados. Yonchi é um espírito que ele pensa ter visto e é frequentemente a sombra de uma árvore, o sopro do vento, o grito de um inseto. Estes espíritos errantes só pensam em fazer mal aos vivos; eles lhes lançam flechas invisíveis como eles próprios e que são a fonte de grande número de doenças: vejam este tuberculoso, foi um espírito que se agarrou nele e lhe sugou toda a sua carne e sangue. Os espíritos são rivais dos feiticeiros nisto; mas enquanto que é possível vingar-se destes, só se pode fugir frente aos outros. Com frequência infelizmente é tarde demais. Também a pessoa que viu um espírito fica consternada durante vários dias até que a evidencia lhe prove que a visão não lhe fez mal algum.

Seguindo a narrativa Tastevin explica o terror dos espíritos dos mortos relacionado a outro costume. O fato de que ninguém jamais querer apropriar-se daquilo que pertencia a um morto. Também as questões de herança jamais causaram intriga entre os nossos índios. Quando um homem morre quebram-se



as suas armas, destroem-se as suas coroas e cintas de plumas, os seus braceletes e suas tornozeleiras e joga-se tudo no fogo. Se se trata de uma defunta cortam-na em pedaços, colocam-na nos seus caldeirões, suas tijelas, seus pratos; quebram-se os seus enfeites de madrepérola e de contas multicolores; queimam a sua cinta, os seus braceletes de algodão e suas tornozeleiras; destrói-se o seu pequeno espelho, o seu pente, as suas agulhas, o seu fio e as suas tesouras. Tudo isto porque se tem medo que o espírito venha reclamar o seu bem e punir o ladrão. Pensa-se por outro lado firmemente que todos os objetos destruídos ou os espíritos desses objetos destruídos, seguem o destino de seu dono, e vão imediatamente encontrá-lo em outro mundo onde eles lhe prestarão os mesmos serviços que aqui embaixo.

O conquistador Poya-nawa do Môa querendo convencê-los de que eles não deveriam destruir os sabres de madeira dos defuntos, instrumentos que lhes custavam muito caro, teve que persuadí-los que o mestre do céu Papai Emi era como ele e obrigava os seus visitantes a depor suas armas antes de entrar em sua casa. A partir desse dia os Poya-nawa não destroem mais as armas polidas dos seus mortos.

O nome de Papa-Emi dado a Deus pelos Poya-nawa lembra o Deus-sol dos Incas, Inti ou Insi. Não há nada de espantoso nisso já que estamos aqui sobre a fronteira oriental do Peru às margens do rio Ucayali cujas águas vêm da região de Tzucu. No entanto o fato era interessante para ser assinalado.

Pinotyé o criador e o civilizador dos índios Wani e Kama-nawa aparece também como deus solar correspondente a Punchas, o senhor do dia dos Incas. Com efeito depois de criar os primeiros Katukina ele lhes ensinou a plantar o milho, a mandioca, a banana, etc., a caçar, a pescar, a fazer fogo, a beber, a comer, a fumar, a cuspir, a fazer tudo, numa palavra; depois ele se retirou pelo ocidente onde vive na casa do sol.

- Vamos vê-lo – disse eu a Mame – deve fazer tempo bom perto dele!

- É impossível – respondeu ele sorrindo – faz tanto calor que estaríamos cozidos antes de chegar lá!

Em outra produção escrita Tastevin produz discurso atrelado aos dados que chegavam a ele nos textos. Os sujeitos discursivos produzem conhecimento em domínios diferentes atrelando em nós as frases. Outra sensação disponível aos leitores.

Detectamos a estrutura sistematizada em elementos apresentados nos dados (material empírico) pertencente o cientista antropólogo etnólogo em missão religiosa neste domínio particular. Os dogmas religiosos cristãos não pertencem à cultura indígena. Tratar do *Pére du Ciel* tampouco está incluído na sociedade tribal. Difícil retirar-se dos elementos racionais das linguagens.

Responder a questão do foco na forma de apresentação dos mitos Katukina realizada textualmente por Constant Tastevin através dos sujeitos discursivos precisa da ação ou não realizada na cognição mágica das narrativas. A magia estrutura os elementos mitológicos configurando a razão, o porquê de tudo, a explicação mental dos Katukina. As narrativas seguem o curso da história onde elementos surgem do nada alterando o enredo. Podemos supor que Tastevin enumerava os dados sequenciando os fatos em situações discursivas impessoais buscando entender. Ou quem sabe já apresentava os dados constituindo elementos da ciência através da sociologia, da etnologia e da antropologia.

De qualquer modo a fonte parece secar. Falta a interação subjetivada pela compreensão explicativa do sim e do não diante das narrativas mitológicas. Impessoal.

Surgem outros sujeitos discursivos. Vejamos:

1. O grande herói civilizador dos Katukina é Tama. Assim é chamado entre os Wiri-dyapá. Todos outros acampamentos depois dos Katukina de Tefé até Bem-dyapá do Médio Juruá o chamam Tamakuri;

Estruturas

- Sujeito Narrativo Científico
  - a) Categoria adjetivada definitiva nos vocábulos: *grande, herói, civilizador*. A marca cultural internalizada nos vocábulos significativos definitivos da cultura europeia; ausência objetiva da subjetividade de Tastevin; Nominalizador: *é Tama*.
  - b) Localizador etnolinguístico nominando a etnia: *Assim é chamado entre os Wiri-dyapá*.
  - c) Localizador geográfico espacial: *Todos outros acampamentos depois dos Katukina de Tefé até Bem-dyapá do Médio Juruá o chamam Tama-kuri*;
- 2. *Tama-kuri tem um irmão ou um companheiro inseparável cujo nome é Kirak (esta palavra designa também a marca coloridas sobre a pele de muitos índios)*;
- Sujeito Narrativo 1
  - a) Contador da história, sequenciador dos fatos: *Tama-kuri tem um irmão ou um companheiro inseparável cujo nome é Kirak*;
  - b) Dados Linguísticos: *(esta palavra designa também as marcas coloridas sobre a pele de muitos índios)*.
- 3. *A mãe de Tama é Kadipõ, a de Kirak, Piddak Karume que significa jaguar negro representado como muito grande. Enfim o pai de Piddak teknin é Wanawana tipo de grande jaguar habitante das árvores que se nutre de macacos. Tawarana é negro de um lado, amarelo ao meio e branco de outro. Não se conhece o pai de Tama e alguns clãs ignoram a filiação Kirak e de Tama*;
- 4. *Tama e Kirak existem desde a origem dos tempos, quando ainda nem havia nem Índios nem Brasileiros. Foram eles que fizeram a terra, o céu, as estrelas e a floresta assim como os homens e grande número de espécies vegetais e animais*;
- 5. *Não havia no início outros homens que Tama e Kirak. Tama cansado de queimar os dedos fazendo comida fez uma mulher com a resina à qual ele dará a vida soprando acima. Ela se chama Wahiya. Contudo Tamakurinao gosta das mulheres. Ele trata a sua*

*como irmã e a guarda próxima a ele para que ela fazer a sua comida.*

## Porque os paneiros de carga não trabalham sozinhos.

Em outro tempo os paneiros de carga andavam sozinhos. Tama fazia limpar o caminho diante deles, bateu-o para excitá-lo como fazemos com mulas e caminhavam. Um dia um filho de Tama apesar do aviso de seu pai quis abrir um dos paneiros para ver o que continha. Desde esse dia os paneiros se recusam a andar.

## Conto do menino maravilhoso que ajudava seu pai na caça.

Um dia um homem chamou seu filho e disse:

- Vamos à caça!

De repente o pequeno diz ao seu pai:

- Olha um esquilo! O velho nada via além da sua velha casca.

– Atira nele, lhe disse a criança. O velho atirou uma flexa com sua sabarcana e um esquilo caiu morto no chão.

Adiante mostrando uma folha longa ele lhe diz: - Onde? Só vejo folhas! –Atire uma flexa e tu verás. O velho soprou a sarbacana e um mutum cai por terra.

Outra vez o pequeno pediu a seu pai para preparar grande quantidade de flechas e eles foram caçar em um matagal baixo. O pequeno chamava os animais pelos nomes. Eles corriam e o pai os matava.

O amigo do pai do menino queria também ir à caça com a criança extraordinária. Ele o levou consigo a floresta. Ao longo do caminho a criança lhe disse: - Meu tio me deixe aqui, vou chamar os animais. Vieram muitos e o caçador os apreendia ou matava: eram jabutis, antas, onças, cobras, etc, etc. O Coata ou macaco preto também vieram. Ele agarrou o menino e o levou para longe. Desde então a magia passou e nós ficamos com os olhos a chorar. Agora quem quiser matar um animal precisa correr atrás. Ninguém sabe atraí-los.

## Tradição local

No Alto Juruá há um pequeno rio chamado Cawiya (é o Gavião de Veneza) chamado Paikó iwina hã, quer dizer Riacho do Paikó. O rio foi feito da perna de um animal Paiko (probrablement a Caima) que foi cortada. É por isso que os matrinhãs adoraram este rio. Cawiya não seria uma corruptela da palavra Gavião mas o nome de uma fruta parecida com a sorva da qual fazem uma bebida refrescante. Passando perto l'lwinatok (?) cantou: - Cawiya! Alguém ouviu e exclamou: - Ah! Isso é bom. Este será o teu nome.

Iwinatok é uma palavra que significa visão do rio ou a dôr do rio.

## Tama e a criação dos rios

Um homem tornou-se papagaio. Waru chamava os nomes dos rios enquanto Tama os soprou. Ele gritou: - Woni, Woni (Juruá-Juruá), Kuciha-Kuciha (Eru-Eru), Tarauacá-Tarauacá, Dyuna-Dyuna (Gregório), Sakya Sakya- (Jutahy-Jutahy). É atribuído a Kirak os afluentes do Jutahy: Kuruina ou Kuruini e Itecoahy, um afluente do Javari. Naquela época havia apenas índios e não brancos.

Este papagaio é quem traz o Sol de um lado a outro no céu durante o dia e debaixo da terra durante a noite.

Os mitos Katukina recheados de elementos vivos em magia carregam complexos significados por acionarem sistemas mentais biologicamente compostos em heranças genéticas movendo cognições definitivas envolvente dos elementos da natureza. Os fatos mágicos explicam os por quês.

Em “Origem do raio e do cunambi (classificado entre as metamorfoses de Tama)”, o Sujeito Narrativo e o Sujeito Científico misturam-se. História e dados epistêmicos:

O raio branco nasceu da pequena folha do Tajá ou Taro (baxta em Katukina), enquanto o grande raio com dois dardos saiu do grande Tajá ou Chou caraïbe ou Taro.

SN1 + SC1 + SN1

O cupinã, cunambi dos Tupi, wáka dos Pano ou Nawa foi tirado da Hagba, arbusto da floresta cujas folhas emitem mal odor.

SN1 +SC1 + SC2 + SN1SC1

*Hagiba – folha forte.*

SC1

Religião

Tastevin segue apresentando os mitos e crenças mas não trata da religião especificamente.

1. Os Katukina de acordo com outra inteligência comer todos os animais, exceto o tamanduá-bandeira. O matam quando se

- deparam com ele. Se eles comessem formigas, morreriam ou uma serpente os viria morder;
2. Os Katukina não matam a formiga tucandeira por medo de se perder na floresta. Eles têm a temer a vingança do espírito da floresta ou talvez a de tucandeira;
  3. Indígenas das margens do Amazonas acreditam que quando a tucandeira torna-se velha se dirige ao pé de uma árvore; as patas traseiras se transformam em raízes, seu corpo em cipó e suas patas dianteiras em raízes aéreas. Eles afirmam que você pode observar este caso de metamorfose enxergando com os olhos.

### Le Père du ciel

É possível verificar textualmente o emocional regente das produções discursivas em sujeitos sistematizados na complexidade dos elementos fornecidos, os dados, incluindo a si mesmo diante dos fatos nos escritos de Tastevin. As formas discursivas ora demonstram perplexidade, ora rejeição de Tastevin ao Universo mágico daquelas culturas. Alguns comentários demonstram a ironia levando ao extremo a incompreensão, ao não pertencimento.

O processo neuronal apresentado por Alain Cardon expõe as condições naturais executante da linguagem. O sistema é formado em subsistemas de coordenação continua das ações. Tudo passa por sinapses executadas e selecionadas pelos movimentos dos subsistemas em movimento. Explicativo argumento científico da linguagem, do pensar, das palavras, das ideias em significantes significados. Observemos o processo:

Para desenvolver um modelo de geração de pensamentos no que é designado como um sistema é necessário especificar as características de uma abordagem construtiva. Tal abordagem é, obviamente, com base em observações feitas em neurociência, onde analisamos movimentos neurais especificando o que pode ser a arquitetura de um sistema dinâmico que se baseia essencialmente na manipulação e tratamento de múltiplas informações muito organizado. Lá, no caso real, inúmeras informações de base nas sinapses, mas compreender a produção de idéias manipulação de palavras será localizado

em um nível diferente. O pressuposto é que devemos colocar-nos na compreensão da arquitetura de um sistema complexo realmente especial, gerar e manipular fluxos de informação com personagens de nível conhecimento para construir formas que serão idéias. E para entender essa arquitetura, é essencial modelar, não apenas para comentar e classificar.

O sistema neural opera na produção de múltiplos sinais neurais que formam através de suas associações e agregações um complexo que pode ser interpretado como formas dinâmicas combinadas consistem em atividades e intercâmbio de informações com indicações cognitivas. Cada organização destas formas dinâmicas estabiliza um tempo muito curto de modo a formar um pensamento concebida e percebida. Esta estabilização é baseado em uma propriedade que fundou a vida: quase constantemente formas que podem ser produzidas e reproduzidas também. Todos a considerar é a produção de combinações de formas de atividades, morfologias, formas que combinam, juntem-se, confrontem-se para produzir uma organização dinâmica de formas estabilizadas no momento permitindo o pensamento ser assim expresso e percebido. Esta é a geração física de pensar produzidas quando considerada pensamento ao seu nível eficaz no cérebro.<sup>69</sup>

Tastevin surge em múltiplos sujeitos apresentando resultados das sinapses elaboradas e selecionadas em palavras expressas na linguagem, nos sentidos ativados diante da razão durante a escrita dos argumentos em documentos. A complexidade formata inúmeros sistemas em ação organizando as situações.

Os estilos dos documentos se pluralizam ora em narrativas, ora em dados empíricos, multiplicam-se informações recheando as comunicações e seus comentários. Assim é possível reconhecer os Sujeitos em cada estilo discursivo. Tastevin não consegue esconder-se de si mesmo.

A geração de pensamentos é o processo contínuo de organizar o que o cérebro faz quando trabalha ou seja, produz construindo o que chamamos geralmente comprovadas representações sensíveis sobre muitas coisas do mundo. Isto é chamado de "consciência sensível dos fatos." A noção de representação que usamos aqui é que de uma avaliação complexa e forma totalmente dinâmica de um construído em espírito e disponibilizados e que vai para a sua proposital intencional que é ele próprio um certo coisa do mundo. Por favor, consulte a semiótica triádica C. S. Peirce para entender exatamente o que o verbo "afirmar" que usamos aqui [C. S. Peirce, textos anti-cartesianas, filosofia da mente, ed. Aubier, 1984].

Tal sistema gera pensamentos é, obviamente, muito complicado para a concepção absolutamente diferente de um mecanismo que correlaciona a sua saída à sua entrada e funciona por passagem através de uma série de relatórios predefinidos, tais como um PLC praticado por engenheiros. Mas será ainda um sistema de fato um sistema de sistemas feitos vários processos

---

<sup>69</sup> CARDON, ALAIN. Les systèmes de représentation et l'aptitude langagière. Maio, 2013. p. 35.

dinâmicos de diferentes níveis e fortemente interligados, dependentes uns dos outros, simultaneamente, em múltiplas escalas e múltiplas variáveis maneiras finas mas ainda pode claramente seres especificado. Este sistema, no caso de cérebro, os neurónios activo com os seus dendritos e exprime o facto física de transmissão de transferência de movimento e informações de energia. No caso conceitual ou artificial, o sistema e expressa fluxos de atividades do processo, o senso de computador, as ondas que combinam e coativam. Ele constrói suas próprias entradas de adaptações informativos com os sentidos do corpo e sua construção constantemente ciente de fatos sobre algo que foi alvo. Esses estados específicos do sistema são sempre de curta duração e são produzidos de acordo com as restrições que são inatas ou adquiridas pelo fato do funcionamento do sistema e regulação da sua corporeidade. E estas declarações globais vontade, que é a principal propriedade do sistema, com experiência por si só irá testar a manipulação, implantá-los, armazená-los para uso em mais tarde e para produzir os seguintes estados de consciência.<sup>70</sup>

Embora ancorados em outras nascentes neuronais os dados fornecidos pelos índios eram encaixados à cultura cristã de Tastevin no instante em que eram coletados. O documento intitulado *Le Père du Ciel* exemplifica isto.

O título deste texto sugere a presença cristianizada católica de Constant Tastevin, o padre. O Pai do céu é o deus cristão. Sendo as crenças dos índios compostas pelos mitos para compreendê-los é necessário conhecer os elementos constitutivos nos dados fornecidos efetivado nos processos neuronais da memória de Tastevin durante a escrita dos textos. Constant Tastevin evidentemente documentou os próprios sistemas entre os sistemas surgidos em outras conexões neuronais estabelecidos em outra ontologia e em constituição particular genética. A sequência dos fatos não necessariamente sequencia os dados. O Pai do céu

O Pai do céu queima como o relâmpago.

Ele é chamado Piddaxba, mão de jaguar, em consequência ele tem uma mão que é uma pata de jaguar. Ele se alimenta de homens.

Dyano identificava este Piddaxba com Dyano que Tama tinha enviado ao céu e ele mesmo o fazia chamá-lo Piddaxba porque ele tinha matado um jaguar. O Dyano do céu seria morto uma segunda vez no Céu e iria a um céu mais elevado. Ele foi substituído no céu inferior por Marauá, paiko Marauá, o ancestral Marauá é quem comanda agora os habitantes da terra. É Marauá quem nos chama ao céu uns após outros.

Quando Dyano me fala de Maruá todos os Wiri-dyapá que até aquele momento estavam fora das revelações pareciam olhar com "maus olhos" a indiscrição de Dyano se aproximam de nós a fim de participar da minha instrução. Ao lado de Maruá, falam agora com entusiasmo, há inúmeros nomes de heróis e grandes médicos: Paikó, Dyokó, (alto, grande e gordo), os Paikó: Umo, Kaiware, Madörö, Wariyo, le Paikó Munda, morto há pouco tempo, pai de um dos informantes e que lhe enterrou no Baixo Biá, o país dos Piddá-dyapá. Ele era filhode Maraua Budá que o chamara e o enviara ao céu; o Paiká Warina, morto em Queimados, afluente do Alto Biá. Ele era filho de Wariyo assim como seu irmão Atone. Os dois irmãos morreram juntos; o Paikó Bionko, o Paikó Kurunache, o Paikó Dionco, o Paikó Kurunache, o Paikó Wanduca é grande e gordo e é ele quem comanda, agora.

<sup>70</sup> CARDON, ALAIN. Les systèmes de représentation et l'aptitude langagière. Maio, 2013. p. 26.



Tastevin se apropria da narrativa expressa em seu pensamento no comentário: "Vemos por esta narrativa que a maior parte destes Paikó senão todos eles, são somente os pais ou os avós dos Wiri-dyapá. A maior qualidade era ser grande e gordo como o chefe dos tapirs em tempos heróicos.

Mais Tama, acrescentam, é o chefe de todos. É ele quem envia todo mundo ao céu. Dyano Piddaxba, ele mesmo, foi tirado de Ikoek como os Kanamari, pelo sopro de Tama.

## Tamakuri o herói civilizador

Tamakuri desceu do céu para fazer tudo o que existe: canoas, rios, etc.

Quando alguém é velho e não quer morrer é chamado Tamakuri, sobrenome usado por todos os velhos que Tastevin conheceu.

Estes são apenas alguns exemplos das inúmeras narrativas envolvendo os heróis, espíritos, alma dos animais e plantas, tudo vivo e movente ou movido. O herói existe. Basta estar vivo para ser herói. O herói pertence. E pertence sem morrer, apenas indo. Meta cognição molecular *in vida, in vitro*.

E assim Tastevin segue apresentando o céu em cantos dos Katukina muito próximo da terra. Heróis morrem e voltam a viver novamente. Torna-se possível estabelecer elos inteligíveis dos sistemas complexos explicativos no real imaginário.

O universo dos mortos entre os índios é descrito por Tastevin no texto *Au-delà*. Trata-se do universo celestial cristão representado pelos elementos pertencentes ao mitológico mundo neuronal indígena.

## L'au-delà

Hiyo (um índio) viu o céu aberto: estava cheio de gente, todos se divertiam muito.

No céu planta-se como na terra. O terreno é apropriado, não há floresta. Come-se mamão maduro, bananas grandes e maduras.

Parece que Deus do céu e os espíritos em geral ouvem muito bem os cânticos dos Katukina já que o céu é pertinho da terra.

Quando Manuel morreu ele foi para o céu. Milhares de demônios queriam se apropriar dele porque ele tinha matado pessoas. Tamakuri não permitiu. Ele voltou para a terra e não está mais morto. Ele mora agora em Tinumaría (cujubim) com os Kadikiri-dyapá.

Tökõna ikunanin é o espírito das mortes;

A cada espírito é dado um nome que Tastevin transcreve textualmente. Em detalhes. Inumeros tabus alimentares explicados em razões malélicas. Cada etnia pertencia a determinado caractere totêmico. Os jaguars, os porcos, os tatus iam marcando existência em diversidade. Bestas fabulosas e espíritos pertencem ao universo do *habitat* biológico. Ornamentos, talismãs, simpatias, magia na caça e na pesca. Poligamia. Cantos entoados em rituais. Mágicos elementos eternos em espíritos viventes.

Os heróis indígenas são numerosos. E cada um exerce determinado poder relacionado ao vivente e cotidiano presente. A cada espécie corresponde um espírito. E todos vão para o céu concebido como o terreno apropriado à agricultura. Onde há frutas em abundância. No céu, todos são aceitos. Mesmo os mais terríveis pecados são perdoados. Todos os espíritos pertencem ao céu.

Os índios já não eram puros. Estavam entre mundos escondendo o resto de traços étnicos em necessidade vital. A própria existência dependia das relações estabelecidas com os invasores colonizadores. Mesmo assim a herança genética, os conhecimentos ancestrais insistiam em se manifestar. Os índios incluíram deus e mantiveram os espíritos.

## Os espíritos

No céu há os espíritos dos macacos negros, tatus, porcos selvagens, cabras. O ancião dos espíritos dos porcos selvagens se chama Wiri ikunanin;

O espírito do cervo: dadyang e dadzayang;

O espírito das borboletas: awano ikunanin (ele é velho e voa em círculos);

O grande vampiro do céu: Ina Kariya;

O espírito dos tigres: Wöna Wöna (ele come gente);

## Sepultura

Quando uma criança morre fazem fogo sobre a tumba para aquecer sua alma. Fazem isso pelas grandes pessoas, pois todas elas vão para o céu.

Ao tratar a memória como um tesouro sagrado dedicando um capítulo à essência existencial do mito em “Para além ou para além de nós”, Neiza Teixeira recorre aos gregos cuja narrativa mítica era a veiculação dos saberes necessários à vida. Encadeia os fatos à história criando os dados referenciais textualmente em Platão, Sócrates, Aristóteles e Hesíodo citados por Vernant<sup>71</sup> até chegar à proximidade genealógica entre os dois universos, o humano e o divino. Texto bonito ao se ler. Vejamos:

...Os dois universos tocam-se e cada um experimenta o resultado desse contato. Existe entre eles uma proximidade genealógica, portanto, que não pode ser desfeita ou negada. O mundo narrado pelos poetas é um mundo de deuses antropomorfos que emergiram no mundo com o mundo e do mundo, adquirindo a partir dessa origem caracteres de mundanidade onde se misturam todos os componentes materiais, sejam eles orgânicos ou inorgânicos. Assim sendo tudo o que a nossa vista ou a nossa imaginação possam alcançar está manifesto nos deuses.

Uma das características dos deuses é o seu caráter antropomorfo.<sup>7273</sup>

Neiza segue alertando:

...Atentemos para o mito! É no coração de uma noite tenebrosa – a noite originária – percorrida pelos ventos que aparece a figura de um deus que engendra a si mesmo. Ele não pré-existe a um mundo vazio e tenebroso ao qual ele tem como função criar e povoar; ao contrário ele nasce justamente em um mundo vazio que começa o seu povoamento no ato da própria criação do deus por si mesmo. No momento grandioso e poético do seu nascimento nascem as flores que se desenham como as suas mãos. Também a sua cabeça nasce ornada de flores em uma expressividade estética de inigualável beleza. Mais adiante, no canto sabemos da existência de maino, o colibri que tem a função de umedecer a sua boca revelando a sua importância para o proferimento da Palavra. Portanto o fato de o deus Guarani pertencer ao mundo e com esse nascer admiti-lhe a inclusão nos mundos vegetal e animal algo que só é possível em um deus mundano. Todavia a sua distinção dos humanos é imediatamente demarcada: ele nasce de pé, os pés ficando como uma base sólida e inabalável em um mundo que é produto de sua criação. A forma como vem ao mundo instala imediatamente a diferença entre ele, o homem e os animais. Ele é um deus!<sup>81</sup>

O cosmos linguístico de Neiza Teixeira também emana magia poética em seus argumentos científicos. Não esquece o contraste com o deus monoteísta.

<sup>71</sup> TEIXEIRA, Neiza. Para quem ou para além de nós. Editora Valer, 2012. Pag. 145.

<sup>72</sup> TEIXEIRA, Neiza. Para quem ou para além de nós. Editora Valer, 2012. P. 154, 155.

<sup>73</sup> TEIXEIRA, Neiza. Para quem ou para além de nós. Editora Valer, 2012. P. 156, 157.

<sup>82</sup> TEIXEIRA, Neiza. Para quem ou para além de nós. Editora Valer, 2012. p. 156, 157.

Em contraste com estes, o deus monoteísta está situado numa esfera transcendente, inacessível ao homem em vida, afim de (?) eliminar todo o contato íntimo e toda a proximidade física, psicológica e emocional entre ambos. Mesmo assim, isto é uma aporia (?), Ele não pode libertar-se completamente da sua criação, como vemos no elo estabelecido por Cristo entre o mundo humano e o mundo divino. O grande desafio continua sendo isolar deus do contato com o homem e com tudo o que seja frágil ou perecível, sujeito à ação do tempo ou à limitação do espaço.<sup>82</sup>

É esta a forma do foco argumentativo necessário à alusão da imersão em nosso mundo particularmente amazônico. A nossa herança genética e genealógica em nossa biologia nos obriga a constituir outra ontologia. Neiza assegura a mesma constituição biológica a gregos e índios ao afirmar:

O Mito era para os gregos de outrora e, também é, para os “povos primitivos”, nossos contemporâneos, completo. Nada lhe falta e por meio dele nada falta ao homem, que nele busca orientação e o estabelecimento do seu assento no mundo.<sup>74</sup>

Devidamente preenchido o vácuo deixado ao longo da história dos sobreviventes primitivos, os índios. Admitamos a dinâmica racional da espécie humana possibilitante de todas as possibilidades e estas são incomensuráveis neste infinito universo em expansão. Os neurônios pululam constituindo-se ao constituir. Instantaneamente. Moléculas divisíveis em frequentes íons energéticos compõem as matérias. Todas, incluindo nós, classificados como *homo sapiens, sapiens*.

Determinante entre os povos que vivem o “mito vivo” em circular consonância com o Mito.

Tudo o que podem compreender e tudo o que lhes falta está nele contemplado. Isso implica a sociedade, os costumes, os cantos, as danças, a comida, a indumentária, as origens e os males.<sup>75</sup>

As teorias científicas seguem em direção a uma epistemologia unitária expressa nas linguagens e em línguas atreladas aos grupos, tribos, sociedades humanas neste imenso território condensado, o Planeta Terra. A certeza das diferenças é fato. Os milhões de neurônios agem cosmicamente em sistema e seus subsistemas. Atrelados, acoplados respondentes aos agentes interados.

<sup>74</sup> TEIXEIRA, Neiza. Para quem ou para além de nós. Editora Valer, 2012. P. 158.

<sup>75</sup> Idem. p. 159

As ideias equalizam-se automaticamente compondo as ações envolvidas nas vivas participações das memórias buscando significados em significâncias funcionais resultando na composição dos pensamentos devidamente processados.

Esqueçamos o esquecimento. Esquecer faz parte. Pertence à seleção natural de Darwin. Tratemos de revelar o ajuste do “nascer sabendo por nascer sinestésicos” à busca das razões racionais em explicações. Chegaremos ao mesmo lugar percorrendo diferentes caminhos? Quem sabe com alguns e todos os ajustes necessários. Teorias científicas equalizadas em permanente unicidade constituída pela complexidade sistemática dos processos.

Ouvindo atentamente as recomendações de Neiza Teixeira sobre ouvirmos os nossos “primitivos” afirmamos estarmos caminhando em direção ao desejável olhar não superficial do mundo.

## Totemismo

Os Kuniba afirmam ser o jaguar da mesma nação que eles quer dizer têm a mesma essência, são da mesma raça, da mesma família. O jaguar é Kuniba, o Kuniba é o jaguar o que fica provado nesta afirmação de Dyano com ar surpreso ao perceber meu espanto. Mas nós somos os Porcos! E um velho que morava junto aos Amõna me dizia: “- Eu sou um Porco!” O Kuniba que comer um jaguar ficará louco e ficará indo e vindo dia e noite. Os Amõna não comem o macaco Amõna. É verdade que não eles não estavam deste lado esquerdo do Juruá. Às margens do Tarauacátinha um Amõna todo branco com o rosto vermelho. O Amõna mais conhecido é marron com o rosto vermelho, os olhos bem azuis e os cabelos escovados.

“Os brasileiros cortam os cabelos mas os macacos não. É por isso que eu também não corto os cabelos, pois sou da mesma nação. Os cabelos longos, é bonito”.

Eles não comem os macacos amõna. Os macacos não têm sobrancelhas nem barba, assim, os índios também não. Os índios comem o macaco coata (hodya e os hadyu). Estes não são seus parentes.

## Crenças totêmicas

O macaco hurleur (*kainã* em Katukina, *do* em Pano) era o totem dos Jaminawa e o grande caiman (*kadyu*) era o totem dos Nawa. O nome de Jaminawa que significa os homens do naches não se opem a esta afirmação: não é um nome totêmico. Quanto aos Nawa se for verdade que este nome designa os Kanamari selvagens como me disseram os Wiri pode ser que esta declaração se aplique aos Kadyu-dyapá atualmente reunidos entre os Amõna-dyapá atrás de São Felipe. Os Kadyu-dyapá vieram das águas do Purus enquanto que os Kadyu-dyapá habitavam abaixo do Liberdade.

O que confirma a crença totêmica dos Katukina é a afirmação de Dyano: que os Turcos (Sírios muçulmanos) não comem porco, porque o porco era antigamente um deles. Isto eles ouviram dos Brancos. É a mesma interpretação que eles dão à nossa repulsa pela carne de serpentes. Não é preciso comer serpente bôa, dizia Dyano, porque a serpente bôa é “patrícia” dos Brancos. Se comeres a serpente ficarás louco. Mas tu podes comer sem medo agulhas do marais (*mussú* em tupi, *parahã* em Katukina).

Os Kanamari não comem o tatu, é um patrício também. Mesmo em caso de fome não comem. Se comerem o ventre inchará e a pessoa morrerá.

## Magia

### Encantos para caça e pesca

Para extrair dos corpos o azar eles vacinam o antebraço com exsudação leitosa do dorso do sapo wakurú. Esta secreção é chamada böle ou wahule. O animal é preso atado a pequenos gravetos e passado sobre o fogo com a barriga para cima. O líquido do seu dorso é recolhido em pequenos bastonetes e guardados até a manhã seguinte ou um pouco mais tarde. É preciso em seguida soltar o sapo pois não somente pode-se precisar dele novamente mas, porque se alguém o mata o efeito do remédio será contrário. Pela manhã faz-se três ou quatro queimaduras pequenas sobre o braço ou na barriga onde é aplicado o remédio. Quase ao mesmo tempo sente-se a língua engrossar, a cabeça inchar e uma sensação estranho no corpo. Somos pegos pela diarreia que dura de uma a duas horas. O azar se vai. Após esta purgação os olhos, ouvidos e odores estão mais vivos. Pode-se ir caçar e facilmente encontrarão o gibier (macaco) e o braço seguro de si não falhará. Também são feitas incisões com uma picada de raio do dardo.

Os Katukina mancham o rosto com urucum antes de entrar na água para pegar os peixes intoxicados pelo kupinan, também para preservá-los dos ataques de arraias, surubins, manii, etc.

## Encantos para os cuidados pessoais

Os homens cantam com uma folha de roucou na boca para manter a voz.

## Simpatias para destruir inimigos à distância

O Pagé dos Marö-dyapá guardava consigo uma semente de Jacy e uma de Inajá que ele permitiu me ceder. Um representava os Kurina e outro os Kanamari. Ele usava as sementes para práticas mágicas, lançando pequenas bolas de resina de Copal, ensorcelées para deixar doentes e matar os Kurina.

(Os Kurina nasceram de uma semente de Inajá. Cf. mythe).

## Ornamentos

A batata da perna, dos pés, das mãos e do biceps aumenta a força dos músculos. Eles amarram quatro fios de casca no antebraço na mesma distância para retirar o azar.

Hong hang: pata de sapos cortados em pequenos pedaços enfileirados em um colar com um objetivo, evidentemente, mágico.

## Talismãs

Representa-se (todos os tipos de desenhos) sobre as cuias usadas para secar canoas durante a pesca. São ornamentos que permitem a sobrevivência durante a pesca, representados pela Sucurijú ou outras grandes serpentes para não serem vítimas deste animal poderoso.

## L'au-delà

Baway (homem médico), Pagé dos Wiri-dyapá dizia ter ido ao céu mais de duas vezes. Ele falou com o pai celeste que fala como os Cariya. Ele comeu porco e galinha. Ele encontrou seu pai e muitos Canamari. Eles o convidaram a ficar. Lá tinha tartarugas, des lamentins, uma serpente de pescoço branco, etc, e enfim, belas moças. O peixe era abundante também. As tempestades vinham dançar. Não havia nenhuma grande árvore. O sol era quente. Serviram-lhe carne, aguardente e café. Lá no alto não era bom.

Aqui temos a tartaruga (quando morremos ficamos bem pequenos). A terra é quente e queima os pés: só espinhos. Baway tomou um banho e voltou à noite. Havia um negro entre os homens. Baway comeu Pécarí com Papi grande. Mas havia também Jurupary (diabo, palavra dos Miranha que os seringueiros levaram ao Juruá em 1878) que come gente.

Quando morremos vamos geralmente ao céu. Os homens maus estão condenados a errar; eles estão encarregados de fazer o mal e a torturar os vivos. Eles são os "mai da caça" quer dizer, os mestres da caça, espírito da floresta.

- Baway significa homem médico;
- Note que este pai com o qual Baway falou não foi o mesmo que recebeu da mesma forma foi o índio e mesmo Amena-dyapá que estava morto e foi para o céu e voltou: era Kohana.

O céu é organizado como a terra com os seus clãs, suas barreiras entre os clãs, os chefes são os mesmos da terra, as mesmas ocupações: dançam, bebem, trabalham e dormem

"Uma Amõna foi para o céu: Kohama a fez sentarem uma rede, eles deram-lhe de beber, eles conversavam, ela voltou para a terra, porque sua filha estava chorando, pedindo desculpas a Kohana como ela teria feito ao chefe e aos pais".

Somente os vilões estão vagando na terra transformados em espíritos de madeira, malintencionados. Mas quem vai dizer que ele é ruim? Quando o chefe Awano Wiri-dyapá morreu, foi perguntado onde estava seu espírito e todos responderam que ele estava no céu porque era muito bom. Na terra Awano era, sobretudo, preguiçoso, sempre cercado por suas três mulheres e encarregado de outras, um homem que trocou sua filha de 12 anos com um de seus pais que lhe deram uma menina da mesma idade, etc, etc.

No céu encontramos os espíritos dos animais. Não parecem ser espíritos dos animais daqui, em baixo: parece serem outros animais, do mesmo tipo, mas maiores; as frutas também são maiores e doces, etc.

História de um Katukina: "eu deixei meu filho no céu com Papai Tamakuri vestido de branco. Ele estava no colo de Tama-kuri".

## O grande deus Itia

A quarta parte do livro de Neiza Teixeira trata o poeta, o filósofo, o vidente e o pajé ou xamã, como elementos significativos ao pensamento europeu ocidental com “o invólucro sagrado que, no início da caminhada, os envolvia, os protegia e os engrandecia”, ao mesmo tempo em que afirma a autora que “por outro lado, trazemos um passado, que se encontra adormecido em cada um de nós, até o presente, dado que ele, além de permanecer no nosso íntimo, encontra-se ativo nos povos espalhados pela Amazônia brasileira, colombiana, venezuelana e de norte a sul do Brasil, um país continental”.

É justamente esta herança genética estruturada em fenótipos e genótipos, a responsável por este pensamento singular e diferente, em nossa razão amazônica. Esta é uma das hipóteses desta tese cuja *matrix* tece rede complexa em sistemas atado em subsistemas. As dúvidas e polêmicas instaladas em toda Europa cristã quanto a classificação da peculiaridade do universo mágico e místico da ânima dos povos indígenas e “primitivos” da Amazônia, propiciaram, segundo Neiza, “as novas teorias do universo indígena fundamentam-se em Locke, sobre a existência de povos ateus, a partir de viagem de Lévy e de Rousseau na famosa tese do “bom selvagem”.<sup>76</sup>

Além do mundo “espiritual” dos “primitivos”, o mundo grego dos séculos de Homero e Hesíodo, fazem a referência ou estudo sobre os poetas unindo e distanciando ambos os mundos em um solo comum: o politeísmo, portanto a inexistência de uma visão de mundo orientada por um deus único. Neiza afirma ainda a certeza de que o mundo religioso grego encanta mais do que o mundo religioso dos chamados “povos primitivos”. Penso na acessibilidade antes de afirmar o encantamento dos gregos. Creio em segredos protegidos pela mitologia espiritual dos seres pertencentes ao universo indígena. Talvez seja possível equalizar o dizer de Neiza quando afirma que no mundo indígena não existia e não existe a necessidade de cantr o feito dos deuses, que aninha no seu centro a origem do mundo, para todos os homens espalhados pelos rios e

---

<sup>76</sup> TEIXEIRA, Neiza. Para quem ou para além de nós. Editora Valer, 2012. p. 182.



florestas. Nesse mundo, que muito se assemelha ao grego, também apresenta distâncias imensuráveis, cada tribo tem o seu mito de origem, sua cultura distinta das demais, mas que, quando reunidas, formam um conjunto harmonioso.

No parágrafo seguinte, Neiza compõe o encatamento do mundo religioso grego, superior ao mundo religioso dos chamados “povos que ainda vivem o mito vivo”. Ambos os povos são politeístas, ambas são culturas mescladas ao cristianismo. No entanto, o paganismo considerado garante perenidade. O mito está sempre aberto ao que de novo possa surgir enquanto mantém a sua base referencial. A harmonia existe em todos os universos em mundos animais, vegetais, astros, elementos inorgânicos, etc.

E agora chegamos ao foco em forma de epistemologia unitária, descrito assim:

Trata-se de uma unidade e não das coleções de antagonismos que divisamos no cristianismo, a começar pelo antagonismo maior e mais perigoso: o que dissocia alma e corpo. Criando entidades à parte, uma privilegiada e outra subjugada e que por fim, desembocam na teoria da salvação do indivíduo, um dos pilares do cristianismo e uma ideia inconciliável com o politeísmo.<sup>77</sup>

## **5. A Linguagem e seus Fundamentos – elementos teóricos**

Creio ser importante iniciar apresentando os elementos da Epistemologia Unitária e da Teoria da Linguagem envolvendo a Linguística (ciência da linguagem) uma das partes do cubo cujos elementos dimensionam os ângulos iniciados na filosofia. Tratar a biologia da linguagem em Humberto Maturana e finalmente desembocar na física da linguagem de Alain Cardon eleva a dinâmica desta nave ou deste barco ao espaço percorrido em dimensões quânticas.

Início a viagem pela filosofia simplesmente pela necessidade pessoal em certificar os elementos estruturados elaborando argumentos tanto epistemológicos quanto linguísticos, agregando os elementos da física na execução da linguagem.

---

<sup>77</sup> TEIXEIRA, Neiza. Para quem ou para além de nós. Editora Valer, 2012 ps. 187, 188.

Considerar as produções acadêmicas e científicas realizadas durante os séculos em ângulos sistematizados assegurados pela teoria da complexidade confirma a certeza particular da necessidade horizontal nas abordagens filosóficas e científicas sendo impossível pormenorizar os elementos explorados nas produções acadêmicas relacionadas a esta ampla e pretenciosa colaboração conceitual.

Ao tratar a Epistemologia Unitária estou relacionando além dos elementos constituintes da linguagem também a elaboração epistemológica no pretérito perfeito da filosofia no tempo. Cabe lembrar a constituição sistemática em inúmeras abordagens possíveis à teoria da complexidade. Tudo pertence aos vários objetos empíricos inseridos ao pensamento dos seres humanos neste processo argumentativo em singularidade particular das abordagens, ou leituras ou observações já realizadas ou ainda em possibilidades de olhares científicos produzidos agora e sempre, continuamente em movimento cósmico do Universo.

O formato documentando historicamente a fim de localizar tanto a epistemologia quanto a linguagem chegando ao objeto empírico desta tese sem atropelos relacionados à cronologia destes focos me proporciona a equação filosófica da razão.

Uma dúvida entranhava minhas memórias realizando as sinapses na continuação do processo de escrita desta Tese. Iniciaria a busca da epistemologia unitária abrindo a porta da história da filosofia ou adentraria imediatamente na ontogenia e sua aparição na história? Inteiramente confusa inicio com a história da metafísica e me dou conta do encontro no encontro singular da metafísica com a filosofia via linguagem desde os primeiros registros dos pensamentos humanos.

Parti para a ação consultiva via cibernética reativando as memórias cujo conteúdo teórico estava devidamente armazenado desde 1979 quando iniciei a graduação. A academia à qual pertencço forneceu todos os fundamentos teóricos ministrados por competentes professores e mestres em pedagogias apropriadas ao desenvolvimento racional. A cada um deles reverencio e agradeço a ativação neuronal constituinte da racionalidade científica na Amazônia, no Estado do Amazonas em meu cérebro *naïf* ainda formatando os dados.

Abrindo as lentes focando a filosofia encontramos Parmênides na escola helênica (?) ocupando-se do ser enquanto ser. O vocábulo ontologia surge no século XVII a partir da palavra grega *ontos*. Mas a ideia, o sentido, o pensamento, a preocupação com o ser, já se apresentava. Platão concebe a existência de um único domínio ontológico formado por princípios imutáveis e universais, independente do intelecto cujo mundo sensível é o reflexo.

Em Aristóteles a substância transita no ser, no princípio e nas causas do ser. A *ousia* é a substância. E através da análise da linguagem traduz o seu pensar analítico e as tentativas de abandonar a metafísica antiga. No conjunto da sua história, o pensamento filosófico grego tentou elaborar respostas racionais e satisfatórias ao olhar demonstrado ou suposto do discurso (*logos*) e da razão. O ser é assim uma das categorias fundamentais do pensamento antigo.

No período helênico, os estóicos que serão os defensores mais marcantes da substância, elaboram uma concepção lógica da realidade que será descoberta somente no início do século XX. A luta entre metafísica e ceticismo estrutura uma grande parte da história da filosofia.

Na Idade Média surge integração entre as civilizações islâmicas, judias e cristãs transformando consideravelmente os fundamentos intelectuais estritamente teológicos. Várias foram as etapas. A idade do ouro da civilização árabe-muçulmana apresenta a integração do pensamento de Aristóteles e de Platão, no século VIII, no centro intelectual de Bagdá, favorizam o desenvolvimento das ciências. O monge Gerbert d'Aurillac, o papa Silvestre II, introduziu os elementos do pensamento de Aristóteles, pouco antes do Ano mil, nas escolas urbanas do ocidente. A Metafísica de Aristóteles foi traduzida do grego para o latim. Esta época corresponde também ao apogeu da leitura das Sagradas Escrituras seguindo os quatro sentidos da tradição judaica.

Albert Le Grand e São Tomás de Aquino introduziram nas universidades da Europa, (em criação), as ciências grega e árabe-muçulmana. Tomás de Aquino recupera a metafísica (*meta ta física, após a física*). Tomás distingue o ser e a essência. Há quem considere a reconciliação entre o cristianismo e Aristóteles. Deus é a essência, mas a criatura tem o ser. Durante o período

escolástico, o pensamento metafísico e o pensamento teológico, estão indissociavelmente ligados e formavam o fundamento do ensino nas universidades. A *episteme* era mais apreciada do que a *thechne*. A influência teológica foi até Heiggel e Schopenhauer, tendo sido violentamente denunciada por Friedrich Nietzsche.

O Renascimento chega e ainda a metafísica é escolástica. Charles de Bovelles, Pierre Charron e Descartes que se inspirou no método da dúvida, para escrever o *Discurso do Método*, nos idos do século XVI. O século XVIII apresenta uma crise que começa a se instalar no campo da metafísica, simplesmente com a mudança de representação do mundo, o heliocentrismo. Descartes colocara o indivíduo como sujeito que estuda o objeto. *Cogito ergo sun.*

Spinoza institui a percepção e a intuição. A metafísica se apresenta como geral e especial. Spinoza distingue os tipos de ser (real, ficção, razão), distingue também, o ser da essência, da existência, da ideia. Trata da modalidade do ser: necessário, possível, impossível e contingente. Enfim, Spinoza trata da duração, do tempo, do um, da verdade, do bem. Deus é o *summum*: eternidade, unicidade, imutabilidade, simplicidade. Da criação do espírito humano.

É o leito teórico de Spinoza lugar repousante da Teoria da Complexidade envolvida em Sistemas: conceito filosófico da Natureza substituindo a ideia de Deus na religião. Utilizar a geometria definindo e postulando a ética é provar. Assim agregado a este sistema, o biológico, somos iguais em nossas estruturas vitais.

Seguimos e percebemos que a filosofia de Leibniz, é nitidamente metafísica como o mostra sua análise da substância. Será no século XVIII que acontecerá a autonomia da Razão. A seguir, Christian Wolff define a ontologia como parte da metafísica. A parte mais geral em oposição às três disciplinas da “metafísica especial”, a teologia (Deus), a psicologia (Alma) e a cosmologia (Mundo).

Voltaire foi um dos propagadores da noção de ser supremo encontrado no deísmo. E aí, chega Kant com a crítica da razão. Para Kant, a metafísica seria uma ciência analítica. Aqui, pausa. Preciso conceber melhor a questão

metafísica em Kant. Jean Ferrari dispõe uma Crítica e Refundação da Metafísica em Kant no site *Archives de Philosophie*. Como afirmei acima, a produção textual/discursiva dos estudiosos, deve ser reconhecido pelo grau de profundidade com os temas aproveitando o máximo sentido na busca por uma epistemologia unitária foco central desta Tese. Portanto, copiarei ideias já elaboradas unindo minhas sinapses cognitivas ao pensar surgido no outro e aceito por mim, em mim.

Citando a citação, Ferrari <sup>78</sup> (ver índice ...) apresenta em Kant, a determinação metafísica, a metafísica ontológica da metafísica propriamente dita. Em Kant, a ontologia é assim determinada:

- A metafísica contém em uma de suas partes (a ontologia) os elementos do conhecimento humano *a priori*, tanto nos conceitos quanto nos princípios e ela deve de acordo com seu objetivo mantê-los;
- Ela [*i.e.* a ontologia] é esta ciência... que constitui um sistema de todos os conceitos e princípios do entendimento, mas somente na medida em que portam sobre os objetos que podem ser dados aos sentidos e portanto serem justificadas pela experiência... Ela é a entrada ou o vestíbulo da metafísica propriamente dita... Kant determina a metafísica propriamente dita:

O fim último ao qual se organiza a metafísica totalmente é fácil de descobrir... O antigo nome desta ciência  $\mu\epsilon\tau\grave{\alpha}$  τὰ φυσικά dá uma indicação sobre o tipo de conhecimento ao qual tende seu desenho. Queremos, graças a ela, se elevar abaixo de todos os objetos da experiência possível (*trans physicam*) para conhecer o que é não pode absolutamente ser um objeto da experiência, e a definição da metafísica, segundo um desenho que contém a razão pela qual candidata-se como ciência seria esta: é uma ciência que consiste a progredir o conhecimento do sensível ao do suprassensível.<sup>88</sup>

Concebendo a metafísica pertencente à ontologia da metafísica, é possível iniciar o processo da unicidade epistemológica na linguagem. A relação

---

<sup>78</sup> FERRARI, Giuseppe. Filósofo, escritor e crítico de artes italiano.

pertencente une. E o Universo agradece. Leibniz afirma não haver diferenças entre a ordem lógica e a ordem ontológica: *l'ordre logique est d'emblée, l'ordre ontologique*. A classificação<sup>89</sup> dos três estados, de ordem sistemática, da metafísica em Kant, se explica:

1. O primeiro estado (chamado por Kant “doutrina dogmática teórica”) é aquele de uma ontologia, realizada de maneira crítica, que constitui um “*progresso assegurado*” da metafísica;
2. O segundo estado (a “disciplina cética”) é aquela da “parada cética” do progresso da metafísica: a tentativa da razão de transcender, pelo menos do único *principium rationis sufficientis*. O *principium rationis sufficientis* intervem aqui como o mundo sensível chega ao suprasensível; parada cética que, segundo Kant, abrirá durante o mesmo tempo uma saída possível;
3. O terceiro estado (a “doutrina dogmática prática”) é aquela do *transitus* (“*Überschritt*”) efetiva no suprasensível através da lei moral de sorte que a metafísica atinge seu objetivo final: o conhecimento prático-moral das ideias suprasensíveis.

A existência pensante de Kant a partir das duas respostas antagônicas à questão da origem e da possibilidade do conhecimento existentes desde os antigos gregos: o *racionalismo* e o *empirismo* faz diferença na história ocidental. Kant conferiu à metafísica, estatuto epistemológico ao invés de ontológico, de modo que a ontologia mesma é vista como ferramenta epistemológica. Ao final da reconstrução kantiana, afirmações metafísicas não são mais vistas como representações de algo ‘lá fora’, mas como regras de um préordenamento racional da experiência.

Bitbol, filósofo e físico, deseja aplicar a metafísica reflexiva para clarificar e eliminar certos paradoxos da necessidade quântica, de modo que os recursos da filosofia transcendental possam – e devam – ser explorados ao máximo. Uma forma, desse modo, de lidar kantianamente com as questões trazidas pela mecânica quântica, é usar estratégias que Kant desenvolvera para propósitos que não foram imediatamente vinculados à física, como a teleologia biológica presente na Crítica da faculdade de julgar. Outra forma possível é a relativização

das formas *a priori* da primeira Crítica, como fez o neokantismo. Trata-se, nesse caso, de uma definição pragmática de *a priori*, não mais condição intelectual para conhecimento objetivo, mas condição

---

pragmática – localmente e provisoriamente necessária – para a determinação do domínio de intersubjetividade compartilhada de intervenção experimental ou tecnológica.

Bitbol propõe, nesse sentido, uma versão generalizada desse método para mostrar como ele pode envolver um raciocínio que se pode chamar dedução transcendental da mecânica quântica.

Estruturados, aliando Kant aos discursos produzidos por Constant Tastevin sobre as etnias Katukina-Kanamari podemos perceber os três estados da ordem sistemática da metafísica em Sujeitos Produtores textuais encadeando o círculo atando os nós de acordo com a sequência das frases, orações e períodos, acrescidos de anotações, dados, documentários, informações, foco, forma dos objetos empíricos desta tese.

Bitbol aponta que a mecânica quântica permite conceber como formalismo preditivo pode ser derivado como estrutura antecipativa, desde que restrições bem gerais sejam impostas à predição dos fenômenos. O Formalismo é compatível com a mecânica transcendental e permite convergência reflexiva entre mecânica clássica e quântica, bem como uma unidade preditiva, e antecipação a partir de tal unidade: “O polo unificador não é mais uma entidade mentalista (a apercepção, ou a ‘consciência de si’), mas o fim-produto objetificado de uma atividade experimental (a preparação). E os elementos a serem unificados não são mais conteúdos recebidos passivamente da intuição, mas atos formalizados de antecipação”.

Benefícios de uma dedução transcendental da mecânica quântica seriam (a) fuga de uma atitude positivista dos fatos ou da atitude realista dos objetos; (b) importância de se pensar na formalização dos elementos mínimos da experiência; e também (c) relevância de se evitar ontologização, reduzindo-se

noção kantiana de objeto, de modo a se flexibilizar ou até mesmo de se radicalizar a filosofia transcendental.

Afunila-se em direção à hipótese filoontogenética geradora da ontologização das nações indígenas amazônicas. As línguas e as linguagens em ontologia constituída geneticamente.

Se, nesta caminhada em direção à epistemologia unitária, acontecer de encontrar em toda a existência do pensar através da linguagem, a presença de provas possíveis ao argumento científico tratarei de usá-las. Desta forma Platão argumentava que o *Mundo Sensível* (o mundo percebido pelos 5 sentidos) encontrava-se em contínua alteração e mudança. Como o verdadeiro saber tem as características da necessidade lógica e da validade universal, não se pode procurá-lo no *Mundo Sensível*. Para Platão, existe um segundo mundo – *Mundo das Ideias* -; este tem realidade independente do homem, existe objetivamente, fora de nós, apesar de ser imaterial. Os objetos do *Mundo Sensível* são cópias distorcidas das *Ideias*. Os conceitos éticos e estéticos, como de *Justiça*, de *Virtude* e de *Beleza*, também são objetos do *Mundo das Ideias*. Mas de que maneira é possível ter acesso a este mundo? Platão respondeu com a teoria da *anamnese* ou teoria da *recordação*: existência pré-terrena da alma, reencarnação como um membro da espécie humana, trazendo consigo, ideias inatas, os objetos imateriais daquele mundo. Desta maneira, para Platão conhecer é recordar.

A pergunta surge ao perceber o racional no empírico e o empírico no racional. Ao afirmar que o *Mundo Sensível* encontra-se em contínua alteração e mudança, Platão chega à contemporaneidade do universo nano/quântico. Energia em movimento. Inscricões genéticas presentes na memória propiciando o recordar? Movimento, esta é a palavra chave no contexto resultante dos elementos químicos equacionando energia física elaborada no processo biológico.

O movimento também é perceptível a Descartes com o Princípio da Conservação do Movimento Total no mundo físico; se assim não fosse, o Universo pararia, revelando uma imperfeição divina. Enunciou o Princípio da Inércia; afirmou que os corpos podem interagir em contato e negou a



possibilidade do vácuo; deduziu que o movimento deve ser constituído por um rearranjo cíclico de corpos, isto é, que um número finito de corpos podem alterar as suas posições, sem criar vácuo, caso apenas se mova ao longo de uma malha fechada (*teoria dos vórtices e dos turbilhões*). O peso dos corpos era consequência da ação, por contato da corrente de matéria dirigida ao centro do *vórtice* associado ao planeta; os planetas moviam-se no *vórtice* solar.

A consequência da percepção circular energética já existia, portanto, em inúmeras formas do pensar o Ser. Esta é a constatação da energia presente em tudo quando as moléculas circulam no espaço continuamente, vertendo ação no tempo da existência presente em passado. Por carecer do movimento, nossa existência atua no tempo.

Kant tece o caminho via sensações. Espaço e Tempo são *formas a priori da sensibilidade*, resultando nas percepções; a razão aplicava-lhes *as formas a priori do entendimento*, alcançando então as coisas para nós. Portanto, os *objetos* nos eram dados na *sensibilidade* e pensados através de *conceitos e princípios* no *entendimento*. As duas faculdades cognitivas estavam indissoluvelmente ligadas, sendo ambas indispensáveis ao conhecimento. Esta relação entre as faculdades cognitivas é de pertencimento total. Unidade.

Fritjof Capra nos faz recordar Heráclito de Éfeso e a noção de mudança contínua, expressa na sua máxima “tudo flui”, além do conceito de que todas as mudanças são cíclicas. Esta é a compreensão de que todos os opostos são polares, e, por isso mesmo, unidos. Capra relaciona as visões de mundo de Heráclito e Lao Tzu com a física moderna e o Taoísmo, isto no século VI a.c. Acaso? Coincidência? Talvez a epistemologia unitária já escondesse seu próprio segredo. Vale lembrar que todos estes Tratados, todas as formas de pensamento só existem na linguagem. Parece ser a metafísica ontológica da metafísica. E tudo só existe na linguagem, na genética evolução fisiológica movendo a mente e suas memórias tudo ao mesmo tempo, agora.

As considerações e referências aqui expostas em um texto/discurso dirigido ao leitor exigindo a atenção ao fato de considerarmos a epistemologia unitária a revelação do segredo da busca pela explicação filosófica, científica e religiosa a divina trindade manifestada na *Omnisciência, Omnipotência e*

*Omnipresençtia* desta existência neste planeta assim configurado. O Oriente e o Ocidente se completam. Religare X Ciência, Metafísica X Ontologia. Pausa X Movimento. Dentro X Fora. Fácil X Difícil. Bem X Mal. Bom X Ruim. Paz X Guerra. Passagem X Permanência. Duro X Mole. Yin X Yang. Pura linguagem.

*O significado espiritual de Omnisciência é a unicidade de todas as coisas, o grande todo que tudo inclui.* REF: Ashvaghosha, *The Awakening of Faith*, trad. D. T. Suzuki (Open Court, Chicago, 1900).

A partir do século XVI, durante a Renascença, a metafísica é disciplina da escolástica. Descartes inspira-se no método da dúvida para a redação do *Discours de la méthode*.

O século XIX apresenta uma rejeição à metafísica optando pelos sistemas ideológicos. A Revolução Francesa e a Revolução Industrial se desenvolvem a partir da ideia de progresso técnico e industrial. O ano de 1825 foi pleno na reflexão sobre um sistema filosófico global. A metafísica sede lugar às utopias ideológicas. No século XIX, Marx propõe deixar de considerar a ideologia como um sistema neutro e faz uma abordagem crítica ao conceito original de ideologia da época: uma ideologia como um sistema de opiniões servindo os interesses das classes sociais.

Saint Simon desenvolve uma nova utopia chamada “novo cristianismo” e que era, na realidade, uma ideologia materialista. Os vocábulos religiosos foram substituídos por vocábulos científicos. Deus foi substituído por gravitação universal. Os seres humanos estavam conectados via redes físicas (filosofias das redes). Augusto Conte, fundador do positivismo, se proclama sucessor de Descartes, radicalizando o primeiro princípio cartesiano do cogito. O santosimonismo e o positivismo fazem sucesso do século XIX até a Segunda Guerra Mundial. As diferentes formas de cientificismo, o marxismo e o nihilismo tem em comum a negação da metafísica.

Entra Nietzsche. Combatente violento da metafísica em seus aspectos teológicos, Deus está morto. Nietzsche, filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta, e compositor alemão do século XIX. As ideias de Nietzsche incluíam a dicotomia apolíneo/dionisíaca, o perspectivismo, a vontade de poder, a morte de Deus, o

super-homem (o *Übermensch*), e eterno retorno. A tradição filosófica continental compreendendo existencialismo, pós-modernismo, pós-estruturalismo. A crítica que Nietzsche faz do idealismo metafísico focaliza as categorias do idealismo e os valores morais que o condicionam, propondo outra abordagem: a genealogia dos valores. Nas suas obras vemos críticas bastante negativas a Kant, Wagner, Sócrates, Platão, Aristóteles, Xenofonte, Martinho Lutero, à metafísica, ao utilitarismo, antisemitismo, socialismo, anarquismo, fatalismo, teologia, cristianismo, à concepção de Deus, ao pessimismo, estoicismo, ao iluminismo e à democracia. Nihilismo em pleno período romântico. O Anticristo, Nietzsche era um autor de *fin-de siècle*.

Decadência da *belle époque*. Ao tratar deste tema, Fabiano Lemos<sup>79</sup> afirma:

A metafísica no século XX, até a segunda guerra mundial, passa por diferentes movimentos entre os limites, os sentidos de destruição pura e simples e a tomada de consciência dos limites da metafísica. A metafísica sobrevive, notadamente, em relação ao positivismo, ao cientificismo e à Primeira Guerra Mundial, embora os filósofos se deem conta do fosso que separa o método científico e o método filosófico, talvez esperassem que a filosofia se dirigisse em direção da exatidão.

A chegada do existencialismo afasta o espiritualismo como tendência dominante aberta na filosofia dos valores. Os filósofos existencialistas, Heidegger e Sartre terão o mesmo combate diante da revalorização da existência humana antes das fenomenologias existencialistas.

A total rejeição da metafísica acontece no Círculo de Viena. O positivismo lógico do Círculo de Viena rejeitou a metafísica ao conduzir a todo enunciado uma análise lógica rigorosa no domínio do conhecimento cujos enunciados são desprovidos de significação e de possibilidades de verificações empíricas. Carnap, Popper e o positivismo jurídico reduzem a metafísica a uma poética que exprime o sentimento que temos da existência.

---

<sup>79</sup> LEMOS, Fabiano. Disponível em: [www.cadernosnietzsche.unifesp.br/](http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br/). Consulta em: 18 abr. 2015.

Martin Heidegger desenvolveu a questão do ser, em uma das obras mais importantes do século XX ao lado de Russel, Wittgenstein, Adorno, Popper e Foucault – quer pela refundação da Ontologia, quer pela importância que atribuiu ao conhecimento da tradição filosófica e cultural. Heidegger considerava o seu método fenomenológico e hermenêutico. O método vai diretamente ao fenômeno, procedendo à sua análise, clareando o modo da sua manifestação. A inflexão do ponto de vista, operada em sua metodologia, desviando o foco do *dasein* para o ser. *Dasein*, de difícil tradução, este termo conduz ao sentido do ser aí, ou o ser do mundo. O importante está em alcançar a colocação correta da questão pelo sentido do ser. Assim, ele esclarece a desvirtuação dessa investigação ao longo da tradição que sempre se prendeu a uma compreensão ôntica, dominada pelo ente, em vez de se dedicar adequadamente ao estudo do ser. Esta notificação deve indicar-nos que não apenas o ente é, mas que o ser tem modos: há modos de ser. E cada ente deve ser abordado pelo modo adequado de o abordar, o que deve ser esclarecido a partir do modo de ser próprio próprio do ente que em cada caso está em estudo. O *Dasein*, pela sua especificidade, inicia qualquer interrogação. O *Dasein* é o ente que em cada caso propriamente questiona e investiga. É também o *Dasein* que detém a possibilidade de enunciar o ser, pois é ele que tem o poder da proposição em geral. Daí que na questão acerca do sentido de ser seja fundamental começar por abordar o ser deste ente particular. E tem que ser o próprio *Dasein* a fazer isso, tem que ser ele próprio a mostrá-lo, a partir duma análise fenomenológica esclarecida (hermenêutica).

Algumas obras de Heidegger revestem-se de inspiração kantiana, quer pelo método crítico que os rege, quer pelos seus resultados, quer pela escolha dos temas. Regra geral considera-se que as obras anteriores a *Ser e Tempo* são de teor kantiano. Esta fase do seu pensamento constitui para alguns estudiosos o primeiro momento da sua filosofia, marcado pela influência de Kant e pela pujança fenomenológica. Apesar das reservas dos seguidores da sua metodologia, Heidegger tende a ser aproximado ao movimento existencialista. Esta fase é aquela que mais facilmente se relaciona com este movimento. A facticidade da existência, que viria a fazer parte da terminologia de *Ser e Tempo*, torna impraticável a posição de um sujeito do conhecimento como sujeito puro

que se supõe na reflexão de tipo transcendental. A consciência implica uma temporalidade irreduzível ao tempo físico, estritamente *métrico* ou cronológico.

Hegel desenvolveu uma estrutura filosófica abrangente (ou "sistema") do Idealismo Absoluto a fim de referir, mediante um modo integrado e desenvolvido, a relação entre mente e natureza, sujeito e objeto do conhecimento, psicologia, Estado, História, Arte, Religião e Filosofia. E, particularmente, ele desenvolveu o conceito de que a mente (ou espírito) – "Geist" – manifesta-se em um conjunto de contradições e oposições que, no final, integram-se e se unem, sem eliminar qualquer dos polos ou reduzir um ao outro. Exemplos de tais contradições incluem aqueles entre natureza e liberdade e entre imanência e transcendência.

Hegel propõe um grande sistema filosófico em que o mundo, como Espírito, se encontraria em um processo histórico contínuo de racionalidade e perfeição cada vez maiores. A teleologia proposta por Hegel será explicitada tanto na análise da totalidade do universo, quanto nos diversos processos e desenvolvimentos que o constituem, através do método dialético, em que as tendências contrárias (tese e antítese) se entrecrocaram resultando em uma síntese, por definição mais perfeita e completa que as anteriores. Hegel tem como mérito a criação de uma nova tendência na filosofia: a de abordar os diversos assuntos a partir da investigação de sua gênese ao longo da história. Em seu sistema filosófico, Hegel aborda o mundo físico, os animais e a humanidade de uma maneira evolutiva, em que, respectivamente, o espírito toma uma consciência cada vez maior de si mesmo.

As obras de Hegel possuem a fama de serem difíceis, devido à amplitude dos temas que pretendem abarcar. O fato é que sua filosofia é realmente difícil, embora isso não se deva necessariamente a uma confusão na escrita. Afinal, Hegel era crítico das filosofias claras e distintas, uma vez que, para ele, o negativo era constitutivo da ontologia. Neste sentido, a clareza não seria adequada para conceituar o objeto. Introduziu um sistema para compreender a história da filosofia e do mundo mesmo, a *dialética*: uma progressão na qual cada movimento sucessivo surge como solução das contradições inerentes ao movimento anterior.

A trajetória histórica da metafísica, da filosofia, da ontogenia, da teologia, da fenomenologia e da física, é apresentada como ondas em tsunamis avassaladores de encontros e desencontros epistemológicos, ora unindo, ora separando as abordagens teóricas. O século XX não eliminou a metafísica, embora tenha esclarecido as razões de distinguí-la da física. Precisamos seguir as escolas contemporâneas da metafísica na filosofia analítica e continental. A filosofia continental se contenta em estudar as consequências das evoluções científicas no plano intelectual. A filosofia analítica, as consequências são analisadas em um plano mais prático: metafísica descritiva, filosofia da linguagem, filosofia do espírito e suas relações com as ciências cognitivas.

O todo não pensa a si mesmo, daí que, a consciência buscando a verdade levantou a cortina que cobria o objeto e deu de cara consigo mesma, percebendo que o eu, é toda verdade, por ser relação e conteúdo da relação. O eu, só existe como relação, essa é a sua verdade. Admitir a diferença e a multiplicidade no mesmo é muito importante para entender a dinâmica do eu que Hegel aponta e, que se mostra exatamente o contrario do que era até então determinado. Estar consciente é ação, é ato, é relação é intencionalidade, portanto, se a consciência é intenção e relação não deve ser pensada como algo cristalizado e sim como algo em movimento. O mesmo, diferente a cada instante.

No entanto, é a física a responsável por revelar através da filosofia da mente e da consciência, a presença das partículas moleculares em tudo o que percebemos como matéria e existência. As reflexões metafísicas retornam através de Michel Bitbol ao tratar da física quântica em *Mecânica quântica uma introdução filosófica* (Flamarion, 1996). Neste momento voltamos ao início fechando o círculo. E esta parte da história, merece considerações contemporâneas buscando uma epistemologia unitária concebendo o todo. Estâmos no âmago da questão mais importante da humanidade: o processo vital do ser.

Em a Filosofia da ciência contemporânea, Roland Omnès<sup>80</sup> pontua os elementos constituídos desde os primórdios do empirismo e da razão travando relações equilibradas entre os sistemas formatados pela física, química, matemática e biologia em evolução.

Wittgenstein no *Tractatus Logico-Philosophicus* (TLP) explica como a linguagem consegue representar o mundo. Mais especificamente, Wittgenstein pretende mostrar como uma proposição é capaz de representar um estado de coisas real ou possível. A resposta de Wittgenstein a esse problema ficou conhecida como "teoria pictórica do significado", pois estabelece que uma proposição é uma representação figurativa dos fatos, assim como uma maquete é uma representação figurativa de um edifício (TLP 4.01).

Daí que as investigações sobre o sentido do mundo como totalidade não é assunto para o filósofo, mas para o místico: "O sentimento do mundo como totalidade limitada é o sentimento místico" (6.45). A filosofia não tem nada a dizer sobre a forma lógica, já que a forma lógica é a condição de possibilidade de toda e qualquer figuração e não pode, ela mesma, ser afigurada. A forma lógica não se explica, se mostra, e "o que *pode* ser mostrado não *pode* ser dito" (4.1212).

Wittgenstein teve de se valer de proposições gerais e metafísicas para expor suas teses. Ele afirma, por exemplo, que a totalidade das proposições é a linguagem; que a proposição é uma figuração da realidade; que os limites do

---

<sup>80</sup> OMNÈS, Roland. *Philosophie de la science contemporaine*. Gallimard, 1994. p. 53

mundo são os limites da minha linguagem, etc. Ou seja, ele não se limita ao que se mostra, mas pretende falar sobre como as coisas são em sua totalidade.

A linguagem e seus fundamentos físicos surgiram em Humberto Maturana, configurados na *autopoiese*. Afirmando não ser linguista, mas sim, biólogo, Maturana se dedicou a duas questões biológicas, a saber:

- 1) Que processos devem ocorrer num organismo para que ele estabeleça um domínio linguístico com outro organismo?
- 2) Que processos devem ocorrer numa interação linguística que permitam a um organismo (nós) descrever e prever eventos que ele possa experimentar?

Ao desenvolver seu discurso sobre linguagem, Humberto Maturana afirma:

*Dessa maneira, devo falar da linguagem como biólogo. Fazendo isso usarei a linguagem, mesmo que esse uso da linguagem para falar da linguagem esteja no âmago do problema que eu quero considerar.*

Partindo desta declaração, Maturana adentra a Epistemologia, trata da Ciência, explica a Explicação para os Fenômenos Observados caracterizando as Operações de uma Explicação Mecanicista, aborda os Sistemas Determinados Estruturalmente, chega ao Acoplamento Estrutural e finalmente trata dos Sistemas Vivos e o Sistema Nervoso, com a *autopoiese*. Estabelece a linguagem como comportamento consensual de segunda ordem. Observa, ainda, a peculiaridade da linguagem e sua recursividade ocorrida por meio do comportamento de organismos num domínio consensual cujo estado estrutural do organismo ao atravessar a interação consensual com o outro. (?)

Ao satisfazer minhas certezas sobre a linguagem descobri que em Maturana eu encontrara as chaves dos inumeráveis portais fazendo da linguagem a essência em nossa existente dinâmica molecularmente programada às incontáveis possibilidades comunicativas encaixando o todo ao nada impossível aos processos sistematizados. Humberto Maturana fundamentava ainda mais os princípios de Edgar Morin, justamente na definição da linguagem em sistemas revelando os processos ativados em nossos neurônios. Reluzi em



brilho cognitivo naquele exato instante da incerteza possível da regularidade. Depois, creio ter passado uns dez anos tentando encontrar Humberto Maturana em um mundo teórico da linguística estruturalista das línguas estrangeiras tanto no Brasil quanto em França.

Os avanços cibernéticos transmutam realidades virtuais, inclusive, na economia capitalista através da tecnologia da informática propiciando tudo e muito mais ao cotidiano urbano em complexidade sistemática, ao encontro com os cientistas contemporâneos que desenvolvem pesquisas sobre a linguagem sistematizadas pelas leis da física/matemática/química/biológica da nossa espécie em nano mundos de vidas.

Alain Cardon, é um deles. *Les systèmes de représentation et l'aptitude langagière*, estabelece em Freud, a imerção na arquitetura do sistema psíquico. Saindo do forno, esta obra foi lançada em maio de 2013. Curiosamente, M. Cardon é Professor de Informática e desenvolve pesquisas sobre a Consciência Artificial, cujo objetivo é tratar justamente da composição da linguagem artificial. Para isto utilizou o processo da linguagem humana, ancorado ao funcionamento psíquico na evolução biológica dos humanos.

Ele diz ter encontrado duas questões inevitáveis:

- Por que o homem se comunica em linguagens formalizadas?
- Entre todos os mamíferos o homem foi o único a desenvolver esta aptidão?

Ele propõe então dois elementos:

- O sistema psíquico humano é constituído por dois subsistemas em arquiteturas similares e que se coativam continuamente, um subsistema psíquico sensível e um subsistema apto à abstração e à linguagem;
- Este sistema psíquico humano é o resultado de uma evolução dossistemas de representação. Estes partem de um sistema simplesmente reativo para realizar no sistema humano a ação de uma lei organizacional: complexificar os sistemas feitos de sistemas por cópias, duplicações, oposições, deformações.

Desenvolvendo estas duas teses, Cardon propõe:

1. Existe uma lei organizacional oportunista própria ao vivente que comanda a evolução dos organismos assim que o meio físico permite.  
Esta lei resultou por uma complexificação oportuna sistemática em um sistema psíquico de representação capaz de utilizar suas próprias produções como elementos manipuláveis. Criou, então, símbolos representando as coisas, os acontecimentos, as ideias.
2. Mesmo com tal potência, o sistema psíquico humano apresenta uma grande fragilidade. Ele é dual pelo fato da coexistência dos dois subsistemas evocados acima, sistema sensível e sistema da linguagem. Para que o sistema da linguagem possa criar as ideias, ele deve abstrair reduzindo tudo o que vê em elementos de linguagem fazendo o corte totalmente com a natureza. Ele não pode, portanto, ao contrário dos outros animais mais simples, representar tal qual é. Nenhuma língua é neutra ou natural, ela é um produto social sobre o qual não há medida ética. Ela permite fluir o imaginário, as ideologias e as tecnologias que pretendem fazê-las viver.

Com este discurso vanguardista, futurista, a ciência da linguagem reúne as condições em direção, cada vez mais, à epistemologia unitária, através da física quântica ontogênica e ontogeneticamente (?) formatada para a autoformatação.

Cardon inicia formulando a modelização construtivista do sistema gerando os pensamentos. O domínio deve ser unificador para compreender o gerir pensamentos.

O sistema neuronal opera ao nível da produção de múltiplos sinais neuronais formando, por suas associações e agregações, um conjunto muito complexo que podemos interpretar como formas dinâmicas constituídas de atividades e trocas informacionais formando indicações cognitivas. Cada organização destas formas dinâmicas estabiliza um curto momento para formar um pensamento conhecido e percebido. Esta estabilização é baseada em uma

propriedade fundadora do vivo: a quase permanência das formas que podem ser produzidas e reproduzidas. O conjunto a considerar é a produção de combinações das formas de atividades, de morfologia das formas que se combinam, se associam, se confrontam, para produzir uma organização dinâmica de formas estabilizadas por um instante permitindo ao pensamento ser assim expresso e percebido.

Esta é a geração física do pensamento produzido, considerando o pensamento em seu nível efetivo no cérebro. Um pensamento é formado por inúmeros caracteres relacionados à coisa que é apreendida, alguns importantes, outros secundários, contextuais, associados, opostos. O número de caracteres é importante, mas é finito e manipulável ao nível cognitivo. Estes caracteres podem ser representados pela ação de grupos significativos de neurônios, ativos entre eles por comunicações, e que estes grupos são interpretáveis como formas dinâmicas constituídas de informações. E estes grupos de neurônios são ativos entre eles em escalas maiores para formar assim grupos dos grupos que será o pensamento se exprimindo.

Minuciosa construção do potente sistema psíquico humano apresentando uma grande fragilidade. Dual, formatado em dois subsistemas: sistema sensível; b) sistema do linguajar.

Para que o sistema do linguajar possa criar as ideias, ele deve se abstrair, reduzir tudo aos elementos da linguagem abortando-se totalmente da natureza.

A abordagem construtivista, fundando o calculável para redefinir a organização dos sistemas em seu funcionamento, se torna muito importante atualmente. O modelo que proponho deve permitir investir nos dois domínios considerados muito diferentes. Por um lado, o domínio do psiquismo humano, meu modelo deve permitir uma melhor compreensão da sua dupla atitude, que é experimentar as emoções gerando continuamente a apreensão dos sentidos e de produzir múltiplas representações conceituais mais ou menos abstratas e racionais se apoiando no uso sistemático da linguagem.

Há uma pergunta inevitável que devemos fazer; de onde vem essa propriedade humana de ter a capacidade de gerar atos de fala?

Vou tentar responder, afirma Cardon, sob a suposição de que essa capacidade é devido à dualidade do sistema psíquico humano, que é o resultado de uma evolução dos sistemas de representação na vida. O sistema psíquico dos mamíferos, considerado como um sistema que produz representações sensíveis comprovadas; em seres humanos é composta por dois subsistemas desenvolvidos fortemente e coativos, um sensível e sendo o outro específico para a manipulação abstrata e geração dos atos das linguagens.

Estenovo subsistemano sistemapsíquicotem umacapacidade de abstração, ou seja, considerar oselementos de suasrepresentações mentaiscomo objetossimbólicosapreciados aos quais ele pode manipularcomo objetosinternos quesão consideradospelo seucomosistema de analisável, decomponível, uma vez que podemser classificadosecombinadoscomoutrapor poderosasoperações internas. Assim, temuma novacapacidade dereflexividadesobre as representaçõesque ele gera. Esta é a propriedadecentral daabstração, a consideração de caracteresnecessários e suficientes paradefinir epraticamentedesignaras coisas, e é a basedas línguas humanas.

Estenovo subsistemado sistemapsíquicotem umacapacidade a abstrair, ou seja, a considerar oselementos de suasrepresentações mentaiscomo objetossimbólicosapreciados aos quais ele pode manipularcomo objetosinternos quesão consideradospelo seu sistema comoanalisaveis, decomponíveis, que podemser classificadoseassociadosoutrospor poderosasoperações internas. Assim, temuma novacapacidade dereflexividadesobre as representaçõesque ele gera. Esta é a propriedadecentral daabstração, a consideração dos caracteresnecessários e suficientes paradefinir edesignar virtualmenteas coisas, e é o fundamentodas linguagens humanas.

Segundo Alain Cardon, conceber e gerir os pensamentos na arquitetura do sistema psíquico incorpora o sentido da palavra "sistema". Todo sistema é estruturado, e o sistema construtivista é:

- tipo de sistema que gera pensamentos que não será absolutamente um sistema de estados com um estado inicial e um estado final expressando o pensamento representado, o que é redutor e até mesmo absurdo, mas

sim será continuamente formado por um conjunto de elementos dinâmicos ativos, com linhas de forças variáveis e, *a priori*,

não harmoniosas entre si. É necessária a ação do processo meta de estruturação particular, impondo restrições organizacionais para estruturar os elementos do sistema e torná-lo uma organização consciente e aprovada.

Qualquer fato da consciência é, portanto, uma ação organizacional, estritamente construtiva sobre o elemento dos elementos constituintes do sistema e o colocando em um estado admissível para ser aprovado. Mas tal ação elabora primeiramente um objetivo, depois uma duração, contrações, expansões e dispõe de um substrato global que é disponível como o resultado atual de todas as operações do sistema constituindo o aprendizado e evolução contínua.

Mas, afinal, o que é um sistema complexo e como pode a geração de pensamentos ser considerado como gerador de algum tipo de sistema complexo? Sendo um pensamento um sistema que pode os gerar terá os padrões e bifurcações em seu comportamento, ele vai ter causas locais de actividades, vai desenvolver continuamente a novidade dos caracteres da conformação dos seus estados emergentes, e ele irá armazenar selectivamente os fatos de forma radicalmente diferentes da memorização factual dos fatos em bases de dados ou de conhecimentos. Haverá leis comportamentais gerais e permanentes, restrições estruturais que, quando inadequadas, conduzirão a falhas que serão as patologias correspondentes.

Descrevendo minuciosos detalhes sobre o sistema produtor dos pensamentos e por produzi-los de múltiplas formas (*autopoiese*), Alain Cardon desenha a arquitetura geral compondo o quadro seguinte, composto por cinco instâncias: um centro de tratamento das emoções, um não consciente integrando uma memória organizacional, um pré-consciente, um consciente e principalmente um completo sistema organizacional unificando todas as instâncias.

A elaboração das instancias, aprofunda, adentra a descrição do movimento molecular em energia física exequível compondo o pensar através da linguagem. Vejamos:

- O centro de tratamento das emoções gerando os diferentes tipos de emoções como respostas imediatas interpretando a atividade da corporeidade e dos dados externos e internos dos sentidos. Exercem esta função o *talamus* e o *sistema límbico*. Este componente é finamente ligado aos componentes da corporeidade, mas também e principalmente no pré-consciente e no nãoconsciente, com os quais ela se comunica continuamente para produzir as emoções como representações sensíveis, principalmente imediatas e reativas, quer dizer, não conceitualizadas. Ela gera a formação e o desenvolvimento das emoções no pré-consciente e participa da sua transformação em emoções sentidas, quer dizer, em sentimentos, se ligando ao consciente;
- O não consciente que localiza os impulsos e em uma memória organizacional, os eventos memorizados, em forma de estruturas dos elementos de base, representando os eventos memorizados. Esta composição reifica as estruturas e a organização dinâmica dos eventos acontecidos representando uma memória organizacional;
- O pré-consciente onde transitam os elementos ativos e estruturados vindos do não consciente e do centro das emoções, com os controladores repartidos com o não consciente elaborando agregados ativos significativos para a representação que se constitui. Este componente constroi formas preemergentes em concorrência utilizando fortemente a análise morfológica. Ela será o *site* de um controle exercido por controladores de análise racional, de julgamentos, de posturas, de desejos, de sensações, de sentimentos;

- O consciente onde irá emergir uma forma distinta que será manipulada para ser aprovada segundo um processo particular autônomo, em um sistema específico de nível meta.

Apresentando os reguladores que fazem o controle como elemento fundamental deste modelo, sendo estes, os reguladores do pré-consciente, os reguladores do consciente, a memória imediata, considera o fluxo de elementos e de controle e cria o circuito sistêmico organizacional. Um regulador é um sistema operando sobre os elementos de base e os agregados do sistema de base para ativá-los e organizá-los, sabendo que os elementos são proativos. Eles pertencem a uma categoria e se comunica constantemente com outros reguladores para se unir ou se opor, para formar os grupos de controle.

Os reguladores representam ontologicamente os “verbos de ação”, toda e qualquer ação real ou virtual expressa em uma representação onde os elementos de base são os aspectos estruturados desta cena de ação. Os reguladores formarão os espaços dinâmicos organizados, onde operarão também sobre eles mesmos. Trata-se de um tipo de controlador de um sistema que é autocontrolado. Onde o controle não é externo, mas se faz e se modifica segundo sua ação. São dois os níveis de reguladores, em instâncias nas quais operam: a) reguladores operantes ao nível dos elementos de base; b) reguladores ao nível organizacional.

O problema do status da linguagem no sistema gerando os fatos da consciência é, portanto, fundamental: qual o controle que permite definir as formas ideais emergentes para que estas formas sejam intencionais, para que elas sejam finamente qualificadas com julgamentos e razões planificadoras, para que elas integrem as características mais profundas da linguagem, sendo esta vista como uma ação interna própria se realizando em uma organização de elementos que permitem produzir os atos de linguagem. Toda a questão será definir esta organização dos elementos internos precisando bem estes elementos que não se reduzem evidentemente à simples forma das palavras enunciadas, mas que as enunciam.

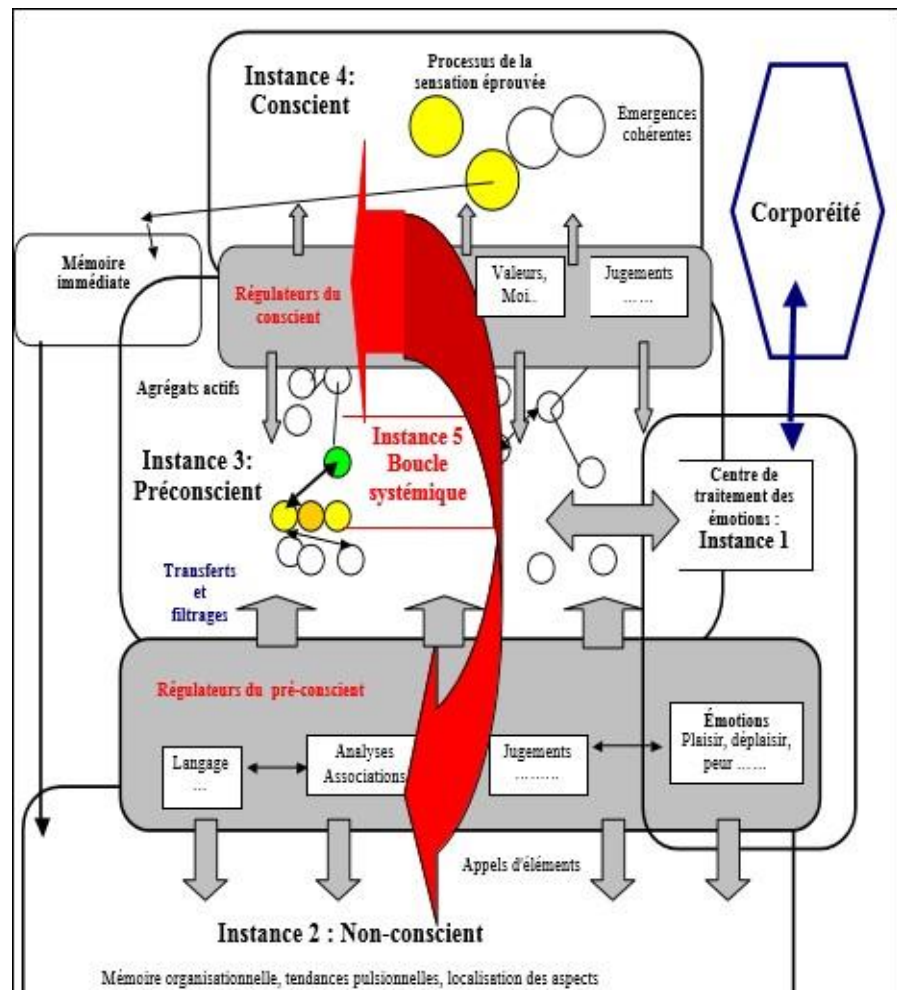


Figure 1 : L'architecture du système psychique avec ses cinq instances

A arquitetura do sistema psíquico com suas cinco instâncias

Centro de tratamento das emoções – Instância 1;

Não consciente – Instância 2;

Préconsciente – Instância 3;

Consciente – Instância 4;

Circuito sistemático – Instância 5.

Surgem os elementos constitutivos da epistemologia unitária necessária à contemporaneidade regida pela revelação do segredo protegido em si mesmo fazendo-nos fechar o círculo em reluzentes ions incandescentes. Cardon propõe um domínio unificador para compreender a geração dos pensamentos. Expõe a epistemologia unitária necessária à Teoria da Complexidade em Sistemas.



Para abordar uma unificação de modelos em domínios tão diferentes, é preciso primeiro investir e estar familiarizado com os cinco domínios acima apresentados, isto significa que devemos lutar contra essa tendência subjacente, embora comum hoje em dia, que consiste em isolar as disciplinas para torná-los bastiões estanques sem abertura. É preciso ser multidisciplinar, repensar todos os resultados, todos os modelos definidos nestas disciplinas, colocando-os em uma nova luz para a adoção de uma atitude construtivista unificadora. É preciso abordar “de cabeça” uma nova classe de arquiteturas de sistemas que têm a capacidade de se auto-organizar com a intenção em relação aos seus insumos informacionais contínuos e suas produções internas, gerando paralelismo e, acima de tudo, permitindo-lhes testar suas produções. Temos de encontrar as chaves para controlar uma organização espacial e temporal complexa formada por uma multiplicidade de elementos em reorganização contínua, se confrontando sob um fluxo de informações vindo dos múltiplos sensores interfaciando a corporalidade.

Florien Forestier apresenta a obra e teoria de *Michel Bitbol: de l'intérieur du monde. Pour une philosophie et une science des relations*, de uma forma inebriante compondo, finalmente a unidade da filosofia e da ciência, através da epistemologia unitária de Maturana e Varela, do próprio Bitbol e de Fritjof Capra, vejamos:

Michel Bitbol completa a obra de epistemólogo já abundante e reconhecida, nutrindo uma profunda erudição em diversos domínios científicos (Michel Bitbol é Neurologista de formação, doutor em Medicina e doutor em Física), bem como em filosofia. Isso contribui para o esclarecimento de uma série de sutilezas epistemológicas contemporâneas (sobre a interpretação dos paradoxos da mecânica quântica, os chamados fenômenos de emergência, etc.), mas também à colaboração de perspectivas continentais e analíticas. Esta é uma das características mais originais de Bitbol ocupar o lugar em um campo de discussões e de referências essencialmente analíticas, mas usando molas que são mais questões de filosofia continental. Singularmente, veremos, Bitbol desenvolve forma original e inovadora Neo-Kantiana, se inscreve pelo seu

respectivo método pelo enciclopedismo de seus conhecimentos pós Cassirer—um Cassirer em diálogo com Wittgenstein.

Wittgenstein revolucionou os conceitos e as taxonomias da linguagem por permitir fronteiros mundos paralelos e possíveis. Denso, o pensar os pensamentos de Wittgenstein são coletados e apresentados agrupando cognições em domínios plurais relacionados à linguagem. Tanto a Linguística quanto a Teoria da Literatura exploram o dito em dizeres de Wittgenstein. Pedras preciosas divagando no pensamento metaelaborado diante do espelho.

- As fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu universo.
- "Filosofar é como tentar descobrir o segredo de um cofre: cada pequeno ajuste no mecanismo parece levar a nada. Apenas quando tudo entra no lugar a porta se abre."

Diz-se “primeiro Wittgenstein” porque a obra deste eminente filósofo da linguagem do século XX é comumente dividida em duas partes: a que se refere ao *Tractatus Logico-Philosophicus*, que será visto aqui, e as *Investigações Filosóficas*.

O “Tractatus”, como ficou conhecido, foi a primeira obra do pensamento contemporâneo que pretendia aplicar não só a matemática e seu rigor à linguagem, mas também compreender a relação ontológica que há entre o mundo e o pensamento. Essa foi a primeira etapa do pensamento de Ludwig Wittgenstein.

Conforme Wittgenstein, o mundo é dividido em partes menores. A representação complexa do real subdivide-se no que ficou conhecido por fatos atômicos. Dessa forma, a linguagem, através das proposições, alcança o real por fazer parte da estrutura mesmo desse. A linguagem também pode ser subdividida até princípios elementares que são frases, palavras e letras que, moldadas devidamente, seriam capazes de espelhar exatamente a realidade.

Wittgenstein parece recuperar uma discussão antiga estabelecida no livro “Crátilo” de Platão que versa sobre a correção dos nomes e do elo natural que há entre estes e as coisas. Assim, desenvolve a partir da compreensão platônica de que o nome imita a sua coisa, a sua teoria pictórica ou figurativa, em que a linguagem representa exatamente o mundo. No entanto, a estrutura simbólica não é dada a partir de letras e sílabas, nem ao menos da palavra isolada. A menor unidade de sentido estabelecida na linguagem é a proposição (portanto, referindo-se não mais ao “Crátilo” e sim ao diálogo “Sofista” de Platão onde fica claro que o pensamento é proposicional). Assim como há fatos atômicos, há também proposições atômicas que expressam devidamente a realidade.

Há, assim, uma estreita conexão também entre Wittgenstein e Kant. Este dizia que o nosso conhecimento só poderia ser fenomênico, ou seja, através de uma aliança entre o que percebemos (intuição) e o que julgamos (conceito), segundo as formas transcendentais. Foi justamente esse caráter antimetafísico que fez com que os pesquisadores do Círculo de Viena se interessassem pela filosofia de Wittgenstein. No entanto, há o indizível, há o *aquilo* que não se pode dizer e que, portanto, promove a distinção entre o Círculo e Wittgenstein: para o grupo de Viena, o que não se pode dizer, sequer existe e justamente por isso, a ciência natural e a linguagem adequada constituem a totalidade do mundo, enquanto que para o nosso filósofo, “daquilo que não se pode falar, deve-se calar”, ou seja, para Wittgenstein, o indizível, o inefável é mais importante do que o dizível. A ética e a metafísica não podem traduzir-se em discursos. E é nisso que consiste o aspecto místico do “Tractatus”.

Ultrapassando as humanidades as químicas em movimento físico das moléculas constituíram os pensamentos nos movimentos sistemáticos. Surgem estruturas dos elementos, calcula-se o quanto vale o *quantum* e chega-se ao êxtase da afirmação de que a ciência apresenta a existência energética nano física do *infinitum* Deus. O bóson de Higgs.

Em 1980, Jacques Monod radicaliza ao ser obrigado a reconhecer que a antiga aliança animista está morta e bem morta... Está bem morto o mundo finalizado, estático e harmonioso destruído pela revolução copernicana quando lançou a Terra nos espaços infinitos. Ao tratar “O Acaso e a Necessidade”, Monod adentra ao espaço epistemológico em um ensaio sobre a filosofia natural da biologia moderna abandonando o postulado da objetividade.

Neste sentido, parece estarmos caminhando muito rápido no avanço científico e tecnológico inserindo a compreensão da unitária relação físico/químico/biológico das espécies vivas deste planeta.

Esta perspectiva existencial responde a razão ao nosso ser? Existe, culturalmente, esta possibilidade ocidental? Qual a formatação, ou o processo, comandante em nós, humanos, nesta direção? Como funcionamos nesta proposta não fragmentada?

Adentramos ao formato biológico. E será aqui o encontro da Física, da Química em uma perfeição Matemática da nossa constituição Biológica, neural, *autopoieticamente* presente nos processos da espécie *homo sapiens, sapiens*.

Fecha-se o círculo a cada segundo metafísico sujeito às estruturas sistematizadas em possibilidades complexas e caoticamente exequíveis em dinâmica da mecânica quântica funcional da energia vital. O tempo desaparece diante do instante. Mesmo que este instante aconteça em um único círculo sistemático, existe o conhecimento do conhecimento via capacidade metacognitiva geradora do pensar o pensar, constituintes da linguagem.

Autopieise de Maturana e Varela, Prix Scientifique digno do Prêmio Nobel.

Dimensões da eternidade perene divina.

- Corpo;
- Mente;

- Espírito;

Divina composição da biológica formatação ao êxtase, à louvação, em dinâmico pertencimento ao ritual xamânico organicamente herdado e carimbado em filo e ontogenética molecularmente cósmica. *Autopoiese Cósmica In Dios!*

## 6. Reflexões

6.1.O porto: ideias em pensamentos; a contribuição em contrito agradecimento; In Dios.

O século XX se anunciava promissor. A curiosidade e o exotismo moviam leitores ávidos por artigos publicados em revistas especializadas tanto na Europa quanto nos Estados Unidos cujas narrativas tratavam das descobertas científicas e aventurescas na Amazônia. O padre Constant Tastevin, etnólogo francês e o etnógrafo alemão Curt (Unkel) Nimuendaju (1883-1945) viveram na Amazônia na primeira metade do século XX. A saga das aventuras científicas dos civilizados fora escrita tornando crível todas as descobertas sobre os “primitivos”. As civilizações existentes naquela floresta de águas era o objeto empírico sólido ao universo do novo mundo. Naquele momento configurava-se a antropologia e a etnologia com a presença dos sujeitos imersos em culturas nativas.

Constant Tastevin movia-se em universos regidos ora pela missão religiosa, ora pela racionalidade científica devidamente financiada pelo Estado Francês no âmago da floresta amazônica, emêxtase celeste nas matas e rios cujos segredos eram conhecidos pelos índios. As narrativas pertencem a inúmeras linguagens sendo constante o fluxo literário em sujeitos produtores do imaginário marcando presença nos textos. Neste fluxo pululam também produção de artigos científicos em revistas especializadas. Enquanto tratavam da ciência surgia a necessidade da “luta pelos povos indígenas” movimentando a política missionária no Brasil. Deste modo atesta-se a complexidade envolvente de Tastevin diante do sistema funcional da composição harmônica em vidas espirituais significadas pelos mitos apresentados nos rituais xamânicos, nas bebidas, nos alimentos, nos animais, nas águas, terras e céus.

A Europa tratava de constituir espaços abrigando o registro das civilizações primitivas em museus, revistas, exposições, antes que fosse tarde demais e tudo ao alcance do mais comum dos mortais. Enquanto isso Tastevin

pertencia ao objeto empírico segundo leis estabelecidas pela natureza, em plena selva, percorrendo espaços distantes entre humanos pagãos.

Inúmeros elementosteciam a teia detalhada das especificidades significativas executadas através dos textos e discursos produzidos durante as anotações da escrita em momentos diferentes representados pelo tempo e espaço do novo mundo faz a grandiosidade da extensão territorial na Bacia Amazônica ser percorrida abrindo caminhos das águas floresta adentro gerandos o êxtase daquele curioso padre, sacerdote, missionário cristão, antropólogo, etnólogo, linguista, geógrafo, biólogo. Constant Tastevin esmiuça contextos discursivos múltiplos das suas memórias em narrativas.

O artigo de Mustafá Ali Kanso<sup>81</sup> conceitua a Teoria da Complexidade ou o Pensamento da Complexidade compreendendo um amplo corpo de conhecimentos cujo foco essencial é o estudo dos sistemas dinâmicos não lineares, em comportamento imprevisível, perpassa disciplinas tradicionais e contraria o mecanicismo clássico.

### Mustafá Ali Kanso

A Teoria da Complexidade fundamenta-se numa visão interdisciplinar que pode ser aplicada ao comportamento emergente de muitos sistemas, tais como sistemas complexos adaptativos, ou no estudo dos sistemas em rede e sua complexidade, da teoria do caos, estudo dos fractais, do comportamento dos sistemas distanciados do equilíbrio termodinâmico e das suas faculdades de auto-organização.

Envolve aplicações tão variadas e tão distintas umas das outras como, por exemplo, os modelos matemáticos de Estudo do Clima em Meteorologia ou o estudo das formações de cristais na Química ou mesmo a Plasticidade Neuronal do cérebro humano em Fisiologia ou mesmo nas novas Teorias de Gestão Empresarial em Administração.

Assim, a complexidade é aplicada nas mais variadas áreas do pensamento humano podendo destacar suas contribuições na linguística, pedagogia, matemática, química, física, meteorologia, estatística, biologia, sociologia, economia, arquitetura, medicina, psicologia, informática ou em ciências da computação ou da informação com consequências não só tecnológicas ou científicas, mas também, filosóficas.

Ainda, o termo complexidade é questionado na literatura de divulgação – principalmente pelo seu uso equivocado em artigos pseudocientíficos — particularmente em abstrações ao seu conceito medular da não linearidade.

No entanto tem ganhado notoriedade quando empregado como sinônimo de Epistemologia da Complexidade por intermédio dos trabalhos de Edgar Morin, Isabelle Stengers e Ilya Prigogine além da própria Teoria da Complexidade Computacional.

Na epistemologia apresenta características que atuam como contraponto ao classicismomo científico por oferecer contracorrente ao reducionismo, fragmentação e compartimentalização do conhecimento.

---

<sup>81</sup> KANSO, Mustafá Ali. <http://lattes.cnpq.br/8672639084217324>;

Disponível em: <http://hypescience.com/teoria-da-complexidade-o-que-e-isso/> Consultado em: 27 jan. 2016.

Pelo pensamento reducionista: o todo é a soma de suas partes. Por exemplo: uma equipe é o somatório das pessoas que a compõe.

Pelo pensamento complexo podemos encontrar a sinergia: a soma das partes ultrapassa o todo.

Assim, o pensamento complexo visa associar as diversas áreas do conhecimento sem no entanto fundi-las, distinguindo-as sem separar as diversas disciplinas e formas de ciência assim como as diversas formas de conhecimento e inclusive outras instâncias da realidade como o Estado, Mercado e Sociedade Civil não se limitando ao âmbito acadêmico, irradiando-se portanto para os diversos setores da realidade.

Desta forma a Teoria da Complexidade aprofunda os questionamentos ante todas as formas de pensamento unilateral, dogmático, quantitativo ou instrumental. Incorpora a incerteza como parte de seu paradigma como um desvelar de horizontes e não como um princípio que imobiliza o pensamento, daí a aplicação e a valorização do pensamento estimativo e estatístico.

Partindo da Filosofia pela discussão do método, perpassa a Psicologia e Sociologia e tangencia a Política propondo uma forma de pensar aberta, incerta, criativa, prudente e responsável que se reveste de desafio à própria democracia.

Daí a proposta de uma democracia cognitiva abordando o diálogo entre as diversas formas de conhecimento e concebendo o universo como um todo indissociável propondo uma abordagem multidisciplinar e multirreferenciada para a construção do conhecimento. Contrapondo-se à causalidade linear por abordar os fenômenos como totalidade orgânica.

De acordo com Edgar Morin, numa primeira análise, a complexidade é um tecido de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Na segunda abordagem, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações e acasos que constituem o nosso mundo fenomenal.

Portanto sua principal proposta é a abordagem transdisciplinar dos fenômenos e a mudança de paradigma, abandonando o reducionismo que tem pautado a investigação científica em todos os campos e dando lugar à criatividade e ao caos.

Na teoria do caos temos o célebre efeito borboleta que versa sobre a sensibilidade da evolução de um sistema não-linear às condições iniciais do processo, uma pequena mudança nas condições iniciais de um sistema não-linear, pode provocar sensíveis alterações a medida que este sistema evolui.

Complexidade exposta, encontrar esta pluralidade de elementos surgidos em natural produção e composição da linguagem escrita por Constant Tastevin formata a linguagem em cubo matemático perfeitamente encaixado nas dimensões estruturadas cujo foco dos elementos é o fato, o dito. O dito proporciona a revelação ao dizer. O dizer é resultado das ações de milhares de neurônios em sistemáticas relações. Assim em cada elemento explorado ilustramos a complexidade sistemática da epistemologia unitária da linguagem nas sociedades *matrízicas* da Amazônia.



Resultado do mergulho durante quatro anos de pesquisa PPGSCA elaborando as cognições produzidas em contato com o objeto empírico fornecedor da pluralidade dos sistemas neuronais de Constant Tastevin transpiro a ligação dos nós atando os discursos transitando nas formas escritas textuais. Dualidade intrínseca em dimensões infinitas de possibilidades eu espero ter preenchido os requisitos exigidos aos teóricos, alcançando o Grau de Doutora. No início pensei ser a enviada para revelar o segredo do cálice sagrado, depois me dei conta de que eu não devia provar o já provado, mas sim constituir-me de argumentos explícitos dos fundamentos mitoontogenéticos gerando ontologia plural em unicidade.

Assim sucede-se a pluralidade de possibilidades estruturais da tese e creio ter apresentado algumas perspectivas entre tantas possibilidades dos argumentos científicos.

A sinfonia executada em nome de todas as etnias destes brasis escoa em direção ao fechamento desta tese ecoando os argumentos produzidos em mergulho vertical na ciência de Constant Tastevinnos faz alcançar o estado de louvor, emagradecimento, em constrição.

Louvado seja Humberto Maturana Romesin!

Louvado seja Francisco Varela!

Louvado seja Edgar Morin!

Louvado sejam os Espiritanos!

Louvado seja Taiguara e seus hinos!

Louvado seja A Terra sem Males! Louvado

seja Dom Pedro Casaldáliga!

Louvado seja o canto do Tariri e dos agentes musicais e poéticos em plenitude primitiva!

Louvido sejam todos os hinos da vida em moléculas divinas do acaso em um tempo nesta dimensão planetária.

Louvido seja o elemento terra em consonância cósmica no signo de sagitário!

Louvido seja a elevação da flexa ao infinito alvo.

Louvados sejamos nós.

Ingênua e nativa percepção em almas mitológicas. Eternidade configurada em estados cujo pai criador torna-se presente de corpo e alma tanto na terra quanto no céu. Os relatos misturam os elementos apresentados aos índios em contraste com a ontologia nativa, estes mesmos índios tratam de responder as questões apresentando narrativas sobre o céu, cujo pai é o chefe e onde tudo existe em abundância entre os espíritos dos animais e vegetais viventes junto a eles e com os quais mantinham relações sagradas, xamânicas, esperteza em explicações mitológicas, compondo a *autopoiese* dos movimentos neuronais em linguagens composta de vocábulos exprimindo significados em línguas significantes daquele momento, nos idos de 1900, no século passado.

*Tama, Tamakuri, Tōkōna ikunanin*, o espírito das mortes, o espírito do cervo: *dadyang e dadzayang*; o espírito das borboletas: *awano ikunanin* (ele é velho e voa em círculos); o grande vampiro do céu: *Ina Kariya*; todos são mitos eternos.

Tastevin apresenta elementos, os dados, através das histórias possibilitadas em discursos dos discursos dos sujeitos plurais atuando em ciências, em religiões, em surpresas, em conversões, em odiosas rejeições dada a referência absurda em sua razão, produzindo sensações em situações.

Verdadeiro roteiro da sagacinematográfica aos olhos perceptíveis. A sequência alinhava os eventos em ebulições sinápticas. Sinestésica razão de ser.

Assim entrei nos barcos, viajei em canoas, conheci nuances produzidas na *autopoiese* neuronal dos sujeitos discursivos existentes como reagente das

ações linguísticas nas linguagens de Tastevin. Em nanofísica quântica da existência divina. Os espíritos mitológicos representam a certeza da vida dos índios. Contemplar, circular no espaço, respirar plenos do elemento ar, viagens químicas movimentam em múltiplas realizações existentes nesta dimensão dual, do bem e do mal, na certeza do acaso em encontrar o Boson de Higgs explicando Deus, *omnisciente, onnipotente, onnipresente*. Trindade dimensional respondendo as equações matemáticas nos segredos dos números.

Os índios contam até três. Realizam a certeza da divina trindade: corpo, mente, espírito? Juntos elaboram matrizes das ações, funções, convivência social harmônica, sem individualidades competitivas, socialmente fincadas no “um por todos, todos por um”.

Representando o cubo matemático construímos o sistema em subsistemas em três dimensões estruturados na

- Ciência;
- Filosofia (epistemologia mitológica);
- em unitária formatação da complexidade sociocultural.

Estabelecer os silogismos a partir de premissas prováveis podendo ser hipotéticas, portanto dialéticas e condicionais em silogismos demonstrativos e apodícticos, não é tarefa fácil. Este é um procedimento dialético de argumentações sólidas e seguras saídas dos meus julgamentos. Este ato pertence à ciência entre parênteses por permitir minha produção teórica e argumentativa.

Historicamente a lógica aristotélica é uma razão lógica com duas proposições (chamadas premissas) conduzindo a uma conclusão que Aristóteles foi o primeiro a formalizar, comumente exemplificado assim: *Todos os homens são mortais, ora, Sócrates é um homem, portanto Sócrates é mortal*. O Silogismo propõe as duas premissas (maiores e menores) que são asseguradas e dadas como supostamente verdadeiras permitindo validar a veracidade formal da conclusão.

Retomado por Boèce (+470/+524), depois Pierre d'Espagne (Papa João XXI), depois a Grande Escola de Artes dos Escolásticos entre 1040 e 1340, se desenvolveu entre 1341 e 1551. Enfim Leibnitz (1646-1716) e enfim C. S. Pierce, para quem o Silogismo pode: 1. Afirmar uma Lei; 2. Estabelecer um Caso; 3. Aplicar a Lei ou o Caso.

A lógica matemática da primeira depois segunda ordem engloba, incorpora e estende tudo o que os lógicos tinham laboriosamente estabelecido entre - 300 e 1900!

Os computadores permitem automatizar tudo isto desde 1950 – 1960 com os demonstradores de teoremas. O equivalente moderno da silogística na inteligência artificial revelam os motores das inferências chegam espontaneamente, ao equivalente axiomático assim como teoremas de Cantor e Gödel, sem falar das pesquisas de ponta na teoria dos nós!

A teoria dos nós nos interessa por demonstrar a coordenação neuronal produzindo movimentos físicos durante a produção da Linguagem. Tanto a Linguagem de Tastevin nos discursos dos documentos textuais quanto na Linguagem das linguagens e línguas indígenas.

As Regras de Validade permitem as Combinatórias:

Tastevin cumpriu missões em sua cristianidade xamânica.

Os discursos textuais de Tastevin são produzidos por vários sujeitos, ora Tastevin cumpre missões, portanto Tastevin preenche com sistemas, a complexidade.

Assim elaborando as Premissas argumentativas dos elementos encontrados em silogismo demonstrativo elabora-se:

Premissa 1 -O texto/discurso de Tastevin é complexo;

Premissa 2 – A Complexidade pertence aos sistemas atados em nós, logo O texto/discurso de Tastevin é Sistemático.

Vale lembrar que:

1. As Duas Premissas não podem ser Negativas;
2. As Duas Premissas não podem ser Particulares;
3. Se as Duas Premissas são Afirmativas, a Conclusão não pode ser Negativa;
4. Se uma Premissa é Negativa, a Conclusão não pode ser Universal;
5. O Meio Termo deve ser Universal em uma das Premissas, ao menos;
6. A Conclusão não deve conter o meio Termo.

A prerrogativa do uso das Premissas Prováveis e os Silogismos Demonstrativos é a fórmula aritmética do cubo proporcionando as conclusões que me foram dadas pelo Sistemático Francês, Monsieur Beaussart. A paciência manifestada em sabedoria e conhecimento teórico de M. Beaussart responderam as questões levadas pelas minhas necessidades teóricas, estruturais e sistemáticas durante a escrita da tese.

Perfeito. Marilene Corrêa e Monsieur Beaussart me fizeram atingir o alvo proporcionando o roteiro dos argumentos necessários à comprovação das hipóteses. Assim determinada a compor o texto/discurso agradeço as contribuições proporcionadas em diálogos acontecidos através do correio eletrônico e pessoalmente em sala de aula e encontros acadêmicos. Recebidos com a sensação de segurança ao produzir as fórmulas em textos, ao elaborar os quadros, ao executar a cognição realizada. A magia revelada por ambos direcionadores neste caminho encontra-se, por vezes, na relação holística das energias físicas em equações matematicamente perfeitas resultando em químicas do nosso processo molecular neuronal biológico, propiciando a preciosa relação mitológica amazônica fluir. Em sintonia. Mantendo a grandeza do saber fazer o aprender a aprender rumo ao conhecimento do conhecimento.

A estrutura geométrica do cubo foi apresentada por Monsieur Beaussart em demonstrações nós atados nos discursos em textos exalando linguagens das linguagens de Tastevin em Tastevinsemitindo graficamente narrações e roteiros das geográficas instalações explicativas ejaculadas em múltiplos significantes (ciência, religião, filosofia) nascidos em significados. Encadeando

as estruturas, formatamos o cubo em sistema de subsistemas perfeitamente encaixados. Já não há mais razão bidimensional possível.

Os dados se multiplicam através dos sujeitos discursivos encontrados nos objetos empíricos elaborados textualmente transformando o foco singular da forma em foco da pluralidade das formas em sistemas linguísticos elaborados em sequência neuronal.

Não uma mas inúmeras ciências multiplicando subsistemas possíveis à produção acadêmica e científica sob a mira dos documentos textuais e discursivos dos dados científicos estruturados em linguagens intercaladas entre elementos empíricos e sujeitos pensando o pensar, manifestando os privados pensamentos ora religiosos, ora morais, ora científicos escritos em linguagens discursivas do Padre Constant Tastevin. É possível mesmo conceber uma pesquisa unicamente nos manuscritos inscritos das narrativas complementando ou discordando sob os objetos empíricos em si.

Diante de tal estrutura textual sigo o alerta de M. Beaussart ao afirmar: *La mesure de la Complexité a dû commencer par les faits simples*. Eis que a sequência dos encontros com o acervo bibliográfico durante pesquisa em março de 2013 nos documentos da Prelazia de Tefé em cotidiano emocionante das descobertas *in loco*, me localizando e também produzindo textos em um diário de pesquisa atrelando a sequência dos eventos à sequência das certezas de estar entre inúmeras etnias dos povos mesclando águas e terras em máxima e pura relação urbana das selvas.

Na Feira do centro da cidade de Tefé onde mercadorias chegavam e saíam, diante das águas do Lago na terra firme servindo de porto ao movimento de gente em barcos e canoas indo e vindo, almocei com os “parentes” da imensa Floresta Amazônica onde fronteiras não existiam.

Achei que a sequência dos movimentos na multiplicidade de eventos constituíam as relações dos surgimentos diários aqui e lá, conhecendo a estrutura da apresentação dos “pequenos fatos acontecidos diante de Tastevin relacionado à farsa necessária à verdadeira etnia dos Canamari, ou Kanamari, e dos verdadeiros Katukina. Assim, sem “s” no plural. Os Arawak, os Pano, os

Dyapá, os Katukinae os Kanamari constituem verdadeiras civilizações. À medida em que a distância propicia o acesso à civilização as etnias misturam-se em urbanidades de cidades e comunidades, vilas, seringais, viagens de dias e dias rareiam o encontro com os primitivos índios da selva.

O enredo (encontrado em narrativa das memórias do diário) sequencia a apresentação do texto sobre os “falsos Katukina” estabelecendo o antes e o depois, o tempo da construção da narrativa emocionante do primeiro encontro com os verdadeiros índios Katukina. Os documentos diferentes tanto na forma, quanto no conteúdo, uma vez que não encontramos referências posteriores aos “falsos Catukina” (grafados com a letra C nos primeiros documentos). O primeiro texto estava no livro da Antropóloga Manuela Carneiro, o segundo texto manuscrito exalava as emoções entrelaçadas aos dados empíricos estruturados em sistemas etnoantropogeográfico-histórico-socioculturais encontrados.

Tudo: horas, segundos, minutos a minutos são descritos em parágrafos explicativos dos fatos e acontecimentos naquele local onde o Padre Tastevin atuava em *autopoiese* produzindo sinapses em cognições elaboradas pelas lembranças inscritas em memórias da missão religiosa de conversão dos índios ao cristianismo parecendo ter conseguido sucesso diante das liturgias e hinos e convivência superior em cânticos festejando a harmonia estabelecida pelo que parecia ser ritual mitológico em *omnipresença* dos espíritos. Diante da submissão traduzida pelo sacerdote como conversão ao cristianismo incluem a vestimenta ou a nudez através do discurso de um sujeito passando por inúmeros questionamentos várias razões em sérias afirmações textuais. Sem ater-me ao negativo sujeito discursivo e pensativo, tratei de aglomerar os cubos em subsistemas complexos do sistema. Desta forma a dimensão passa a ser a realização da concretização na intenção textual-argumentativa desta tese.

Lumiar de belezas eternas rodeiam as narrativas cujos olhares multiplicam focos, abordagens, cores, habitações, espíritos constantes, assim na terra como no céu em verdadeira contemplação mitológica privilegiando a sensação de magia. Tastevin provou. Experimentou a vacina do sapo (Sambô) e descreveu *pari passo* o processo. Tastevin bebeu Ayahuasca. Tastevin ouviu os espíritos manifestando a eterna harmonia dos segredos do cálice sagrado.

Tastevin presenciou curas. Tastevin perdeu a noção do tempo. Tastevin encontrava-se em outra dimensão do espaço.

O padre explicava Deus e encontrava espíritos. O Padre sentia fome, sentia frio, sentia dias e dias tudo o que acontecia no silêncio da existência natural. Correntes de correntezas.

Em verdade creio poder afirmar a importância do cientista religioso Constant Tastevin coletor de dados expostos em textos cuja complexidade composta em sistemas permite a prova da naturalidade em primitividade das matrizes sociais mantenedora da mitológica explicação aos fenômenos dos espíritos em tudo. Perceber o encaixe fornece ao cubo a geométrica matemática exercida em física energia transformando elementos químicos na pura biologia permite a exatidão das incertezas empíricas. Metafísica e razão juntas associando dimensões existenciais em moléculas vivas.

Dessa forma a concepção teórica dos fundamentos da Epistemologia Unitária da Linguagem nas Sociedades Matrízicas da Amazônia surge do enlace da ciência com a filosofia e a espiritualidade (em religiões, em rituais xamânicos) executadas no movimento molecular filogenético e ontogenético através das memórias herdadas do pensar. A metafísica, a filosofia, a fenomenologia, a epistemologia, expressas em linguagens. A ontologia da realidade; a circularidade da linguagem a ser tratada como fenômeno; a dinâmica estrutural; a linguística, a semântica, a semiologia, o texto, o discurso. A complexidade do sistema no processo *autopiético* neural em subsistemas.

As sociedades *matrízicas* através das narrações sobre aculturadas etnias dos índios Katukina-Kanamari em plena Amazônia, nos relatos de Constant Tastevin é epigênese da metalinguagem daquelas comunidades produzindo ontologia mitológica da existência em ciência molecular possibilitando a mitologia espiritual dos povos indígenas.

O método hermenêutico/histórico/científico permite o foco na forma e a forma encontrada no objeto empírico é pluri, composta por subsistemas em formatos estruturados sob a luz da etnologia, antropologia, linguística, história, transparentes nos dados sociais diante da manifestada racionalidade superior



dos colonizadores invasores e cientistas. Os desenvolvidos matavam sem razão e quando a emoção os obrigou a depender dos nativos o foco passou a ser a observação dos observadores. A farsa compõe elementos destruindo toda e qualquer razão explicativa das matrizes sociais dos povos indígenas. Impregnados pela força do poder dominante, munidos por sede de riqueza e aventuras os europeus provavam a existência de seres em primitiva constituição mental adjetivado no vocábulo “selvagem” os humanos levados à civilização racional europeia a prova viva destes quase humanos.

Dentro daquele cenário grandioso das cidades com prédios abrigando famílias separadas em graduada composição da pirâmide existencial onde a espécie *homo sapiens, sapiens*, era superior, o índio levantava a certeza de que a igualdade era humanamente impossível. O primitivo nu era bonzinho mas, coitado não sabia ler nem escrever palavras, nem definia a própria língua, exprimia-se em cores e matizes do colorido mundo de onde viera, a selva. Não sabia o que era valor, nem dinheiro, nem comprar, nem vender.

Os primitivos tinham o perfil da escravidão. No entanto definitivamente não era esta a programação biológica dos nativos. Nos dias de hoje nativos, índios e descendentes amazônicos ainda não entendem a epistemologia do valor. Valorizam nada pois são donos de tudo. Providenciam alimentos diariamente. O amanhã ainda não chegou. Só o agora existe. O eterno em eternidade está.

Os humanos nascidos na floresta transitam tanto na imensidão territorial das matas e rios quanto nas vilas, cidades e espaços urbanos. O meio de transporte ancorados nos portos enchem de cores as águas com motores ecoando no silêncio amazônico. O Estado Brasileiro oferece educação indígena reorganizando comunidades desaculturadas e perdidas ao entoarem cânticos natalinos ao Papai Noel em rede local das emissoras televisivas. Há inúmeras instituições oficiais e sociais direcionados às questões indígenas mas grande parte da população em tribos ou comunidades padece da fome e total abandono uma vez que foram obrigados a permanecer no espaço demarcado impedindo a natural programação biológica dos índios: a ecologia nômade em natural reciclagem. Ora aqui, ora ali as plantações eram deixadas, os peixes cresciam,

os animais se desenvolviam em habitat propício da terra, das águas, do ar em calor abafado da estufa filogenética em florestas enquanto outro espaço do território ocupado é usufruído. Não há porque criar animais, eles se reproduzem, plantas e árvores, palmeiras nutritivas produzem frutas com sementes soltadas pelos passarinhos, corujas, morcegos, em harmonia de preenchimento da vida.

Os Katukina e os Kanamari eram sobreviventes ao massacre dos invasores, os seringueiros. Habitavam terras no interior da Bacia Amazônica preservando língua, cultura, mitos e comunhão com os parentes. Mesmo sem falar a língua portuguesa os índios já conheciam o homem branco. Mantinham-se juntos nas aldeias vivendo a comum unidade social. As matrizes sociais surgiam em naturais prioridades de sobrevivência: habitação, caça, pesca, rituais, pinturas, celebrações, enfim elementos apresentados *in loco* a Tastevin.

A notoriedade do Padre Contant Tastevin impressiona diante da distância entre os continentes. A Europa produzia ciências entre guerras. As Américas eram os objetos empíricos do enorme laboratório selvagem do Vaticano e dos imperadores europeus. Com a faca e o queijo na mão os punhos do sacerdote ardiam durante a escrita. Manuscritos ou datilografados os textos viravam documentos perdidos. Os discursos publicados traziam elementos inéditos sobre os novos povos, as novas culturas deste continente inexplorado e rico.

Tastevin adentra a tribo. É recebido com honras e glórias ritualísticas de boas vindas. Participa e agradece. Canta hinos e pensa que converte. Representa os cristãos através de diferentes elementos formais dos ímpios. Solicita danças, percebe o sacro, sucumbe à crítica sobre o fardo das mulheres, torna crível o efeito do cipó da pesca, conhece as malocas, as pinturas e desenhos, descreve as raízes linguísticas das línguas, difere cada povo através dos múltiplos sinais. Cada detalhe pertence a diferentes espaços. Faz a antropologia dos Katukina e dos Kanamari através da linguística. Desce a correnteza formal das perspectivas em barcos lotados por dados empíricos. Separando os elementos constitutivos atando os nós discursivos espero ter conseguido elaborar mais uma das possibilidades teóricas.

Atar os nós significa encontrar os mesmos significantes em múltiplas perspectivas. Marilene Corrêa teórica das Ciências Sociais trata do pensamento imanente e do pensamento contingente. É possível encontrar afirmações de que o pensamento sociológico é muito influenciado por classificações de natureza dicotômica. Uma, especialmente influente, é a que se organiza em torno da categoria de modernidade e que opõe o moderno a pré-moderno, o pós-moderno a moderno. Mas o que queremos dizer quando usamos estas categorias e fazemos este tipo de oposições binárias? Elas ainda fazem sentido hoje para a teoria sociológica? Elas só podem ser empregues em dicotomias ou há formas alternativas e mais produtivas? Como lidar com a enorme influência cultural e teórica da ideia de modernidade e das categorias que dela decorrem considerando que estas categorias devem ser consideradas na sua tensão relativa: ainda somos modernos ou já não somos só modernos?

Em seguida que a redução dessa tensão à forma de uma dicotomia empobrece e enviesada a explicação sociológica. Cabe a matéria epistemológica: definirmo-nos apenas como contemporâneos, isto é membros da nossa circunstância mas capazes de mobilizar todas as possibilidades que ela nos confere.

O círculo se fecha ao atar os nós das hipóteses elaboradas ao ponto de partida desta pesquisa acadêmica e científica. O ponto de partida apresentado no projeto de seleção à entrada no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura da Amazônia (PPGSCA), apresentou como tema o duplo interesse pelos fenômenos biológicos da linguagem, a metalinguagem, e fenômenos linguísticos impressos no ser da nossa espécie. Nós somos e existimos na linguagem em sistema permissível a pensar o pensar.

As sociedades *matrízicas* formatavam a existência em espíritos presentes em tudo. O todo era igual a todos em tudo. Os paradigmas excludentes dos discursos científicos contemporâneo conduzem aos formatos complementares e constituintes de uma mesma unidade. Assim como a ciência, a filosofia e a espiritualidade religiosa ou xamânica formatam sistemas dimensionais em múltiplos focos emanando a mesma luz. Complexos e atados,

os nós abrem portais possíveis, inimagináveis universos do nano e macro cosmos.

Enquanto funcionária pública da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, exercendo o cargo de Professora de Língua Francesa lotada no Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras – DLLE, pertencente ao Instituto de Ciências Humanas e Letras - ICHL, atualmente faço parte do grupo de profissionais envolvidos no Programa de Qualificação Profissional para o melhor exercício das obrigações na Formação de Ensino Superior. Discente do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA, cumprindo o cronograma sob a Orientação da Dra. Marilene Corrêa. Trago no peito o soluço feliz deste pertencimento. Na alma o orgulho de ser daqui. Nunca, jamais tive problemas com a ciência, em qualquer área. As referências estavam em meus arquivos das memórias repletos de documentos e teorias recebidas nesta Universidade Amazônica, dentro e fora das salas de aulas. Não é banal a nossa pavulagem. Precisamos de ajustes sistemáticos na execução administrativa, embora isto também pertença ao processo. Administrar é difícil mesmo em nossa vida privada imaginemos em uma instituição pública. Creio e afirmo ser a *avant-première* das ações a pavulagem internacional da nossa ciência. Nós podemos e devemos não apenas receber mas principalmente apresentar nossa racionalidade mitológica. Mostrar ao mundo científico nosso roteiro primitivo e bárbaro das nossas ações acadêmico/científicas.

Fazer, fazer a máquina pública executar as ideias, os pensares, atuar. E o mercado está em alta. Ofertas e mais ofertas. Claro, os *selfies* científicos não menos curtidos e aó às vezes compartilhados. Organizados para competir em ideologia do progresso e do sucesso, ou ainda, marcando o território do macho alfa, não abandonamos a razão selvagem, como a chamou Antonio Paulo Graça.

A obtenção do Grau de Doutora requer a capacidade de provar cientificamente a possibilidade de ser em toda e qualquer dimensão. A tese pode ser única, as hipóteses podem ser todas. Provar é preciso. Em nome da razão.

A razão trata. E deve explicar até o inexplicável. Alcançar o inatingível. Chegar ao inimaginável. Torcer o rumo da história. Inverter, mexer, acoplar,

encadear, desligar, acionar, atingir. Atingir o alvo, mexer o tempo tratado como adjetivo ao sentido da palavra primitivo.

A elaboração da produção teórica e discursiva do texto argumentados na tese *A Epistemologia Unitária da Linguagem nas Sociedades Matrízicas Amazônicas* tratando os discursos produzidos sobre as etnias dos Katukina e dos Kanamari através dos textos do Antropólogo e Etnólogo francês, Padre da Ordem do Espírito Santo, Constant Tastevin revela cristalinamente a elaboração de dois roteiros: o científico devidamente argumentado e o pensar eu, em mim. Primeiro por pertencer geneticamente a uma etnia índia amazônica depois por tratar dos movimentos cósmicos explicativos da nossa existência adentrando aos relatos dos discursos de Tastevin recheados por observações pessoais dele, muitas vezes demonstrando a incredulidade ou a incompreensão da vida dos Katukina e Kanamari dentro da floresta.

A nossa dualidade racional existe na tese assim comona antítese ao repensar o dito científico. Tudo via linguagem.

A Mitologia não. A oralidade dos fatos mitológicos permite a mutação e adaptação temporal por ser atemporal, explicando, narrando, contando os por quês, convencendo. Através dos mitos configura-se a realidade, outra. Na Mitologia tratamos o É, ou seja, o Ser é. É assim, é assado. *Mutandis, mutatis*. E assim a ciência se constitui em nossos dias. Provando o tempo neste espaço terrestre da existência plural em formas vivas.

Tratar a Linguagem de Tastevin ao tratar a linguagem dos povos *matrízicos* amazônicos das etnias Katukina e Kanamari revelou a ontologia mitológica constituída nos elementos genéticos: a filogenia e ontogenia molecular herdadaelaborando ontologia em epistemologia unitária. Assim constitui-se uma a existência da complexidade plural em existência. O pensamento da existência nos possibilita a criação de nós mesmos.

Em elaboração cuidadosa e fundamentada Monsieur Beaussart constrói um dicionário de vocábulos e definições envolvendo a Teoria da Complexidade e os Sistemas. Encontramos singularidades expressas assim: “A complexidade traduz a idéia de trançar, tecer, entrelaçar. Nenhuma desordem, portanto e

desfazer, dividir, dissociar os elementos suprime a complexidade e o objeto (o conjunto, o Todo) – a complexidade é inerente e intrínseca ao objeto, independente de todo observador, não tem o sentido de complicação”.

O processo de complexificação é base de toda evolução e implica a ideia de compromisso, de conciliação. Compreender e controlar a complexidade é difícil a quem quer continuar indefinidamente as reduções analíticas por excesso de racionalismo.

As tensões entre aspectos cruciais de localidade em singularidade dual, talvez tri de uma entidade, envolve a noção de globalidade, em unicidade total são geradoras de incertezas. Assim como o desenvolvimento, implantação e as interações dos objetos complexos geram frequentemente, complicações que deixam perplexos os que tratam objetos não familiares.

Tão leve quanto o ar sentimos a probabilidade das incertezas como reais. A complexidade estrutura-se em sistemas envolvendo subsistemas continuamente expandindo a razão em linguagens.

Definir o ângulo de observação do real está pois, muito longe de ser um problema de moda, filiação em escola ou mera terminologia. É marcar uma perspectiva logo uma representação. A questão não é se podemos não escolher mas, como havemos de escolher.

A definição de sistema como complexo, conjunto, de elementos em interação; segundo definição dada por Ludwig von Bertalanffy pertence ao empirismo da teoria da complexidade.

M. Beaussart, sistemático em profusão de profissões teóricas, o define assim: “Organizado conjunto de elementos concebidos por intelectuais, como o espírito de hipótese para a crença na natureza do pensamento unidos por uma lei, ou melhor, um código de leis como axiomática”.

Explosão de ions preparados a programar-se continuamente em variantes de respostas elaboradas pós-ação conjunta destes mesmos sistemas. Em permanente evolução cósmica. Evoluindo!

Os parâmetros da Teoria da Complexidade surgem em cada um dos campos ou áreas ou ainda domínios da pesquisa científica contemporânea. Urge alinhar as constatações iguais na pluralidade das especialidades a fim de costurar a permanência das certezas incertas no domínio da razão. As fronteiras das especializações desaparecem diante da interdisciplinaridade anunciada e exposta por Edgar Morin.

Os problemas na proposição de pesquisas em Ciências Sociais tratado por Maria Isaura Pereira de Queiroz, Professora Emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo apresentam a dimensão discursiva diante da complexidade surgida em inúmeros domínios além das dificuldades emocionais no campo racional tornando necessário o salto ampliado no círculo cósmico e universal.

Desta forma, as ciências sociais sistematizam domínios pertencentes à complexidade estabelecida pela sociologia, antropologia social, ciência política, geografia humana, história, demografia, economia, psicologia social reunindo conhecimentos sobre a natureza humana, a sociedade e o pensamento. Podemos afirmar ser o sistema das ciências sociais formatado por subsistemas em mecânica funcional observado na estrutura existente.

O texto sobre os problemas na proposição de pesquisa em ciências sociais segue apresentando argumentos sobre as dificuldades do pesquisador, ao se colocar diante do seu objeto de estudo acreditando que este contém a chave do conhecimento da totalidade e que por meio de suas descobertas alcançará mudança do todo, seja no fato de que as ciências sociais se ignorem umas às outras e dificilmente procurem se unir e pesquisar juntas, frequentemente se combatendo, tornando negativa a percepção envolvendo a direção dos encontros possíveis diante dos argumentos, a outras constatações.

A dimensão amplia o formato estruturado em sistema. A forma geométrica do cubo matemático permite visualizar a complexidade sistemática dos processos. Ampliando a complexidade dos sistemas torna-se claramente visível a ontologia gerada na epistemologia unitária organizada em partes formatando

o todo. A unidade representada pela linguagem torna-se a única forma existente em cada segmento do cubo tornando esta capacidade de pensar o pensar, a meta linguagem, plural permitida pelo biológico formato *autopoiético* dos neurônios em funcionamento.

Adiante Maria Isaura afirma que a totalidade das disciplinas nas ciências sociais apresenta a mesma sequência nas suas pesquisas ou em outras palavras, o esquema da sua realização é idêntico. Mesmo o foco em diferentes formas mantém a distância na separação dos elementos das pesquisas científicas. Ressaltando a permanência da luta entre as várias ciências sob a alçada das ciências da sociedade. O curso natural da história propõe observar o afunilamento das pesquisas sistemáticas exercidas na complexidade. No século XIX, Émile Durkheim impôs definitivamente o termo “ciências da sociedade”, passando depois a serem denominadas “ciências do homem” ou “ciências humanas”. A natureza plural constatada nos estudos desenvolvidos em diversos ângulos tratando as formas de saber diferentes em seu objeto e em seus métodos, chegando à atualidade com grandes sociólogos como Edgar Morin chamando a atenção para a variedade dos objetos de estudo em ciências sociais assim como para as correntes teóricas diversas existentes no interior de cada problema não permitindo ignorar soberbamente, tal pluralidade de especificidades inerentes.

Edgar Morin apresenta a interdisciplinaridade como remédio. No entanto a dissemelhança entre as várias disciplinas tende a alimentar sua luta e seu desejo de sobrepujar todas as demais. Partindo deste princípio verifica-se que a única forma presente em todas as ciências em condição “*sine qua non*” de existência é a linguagem. Estabelecido o princípio ontológico em racionalidade programada à autoprogramação dos neurônios, a metafísica passa a ser o local da existência em mecânica funcional dos sistemas?

O comportamento metodológico e seu modo de agir constitui a primeira das bases a partir das quais se abre o leque das disciplinas que compõem as ciências sociais, o segundo aspecto deve-se ao fato de que o estudo do homem social e o fato social tratando homem biológico, psicológico e social, tornando o objeto complexo em cada uma das diferentes faces.



Chegamos ao âmago da complexidade ao nos depararmos com o ato de atar os nós envolventes das disciplinas em intimidade exposta e inerente dos sistemas. Físicos tratam da mecânica neuronal da linguagem, epistemólogos anunciam a relação cósmica dos movimentos moleculares regendo o Universo. Não há mais como desenvolver certezas únicas mas é possível desenvolver a epistemologia unitária das ciências através da linguagem, lugar da nossa existência. Os nós sequenciam a uniformidade ignorando as divergências dando lugar à transdisciplinaridade ao lado da interdisciplinaridade.

A transdisciplinaridade comporta cada uma das disciplinas em seu aspecto particular de subsistema do sistema científico. A transdisciplinaridade trata a complexidade em natural movimento caótico. Rumando nesta direção encadeiamos Constant Tastevin ao complexo mundo por ele apresentado através dos textos escritos.

Os elementos constituintes do objeto empírico, os documentos escritos, pluralizam as perspectivas possibilitando inúmeros aspectos nesta tese visando argumentar a favor das hipóteses teóricas em *práxis* exploratória. A missão transformou-se em missões executadas nas aventuras de Tastevin desenhando os contatos entre povos civilizados e povos “*primitivos*”.

Os estudos linguísticos contemporâneos das línguas indígenas produzem análises e descobertas entrelaçadas aos aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos de caráter sincrônicos e diacrônicos estabelecidos por diversos teóricos. Constatamos a ausência de referências aos documentos escritos por Tastevin. Rivet é mais citado academicamente. De qualquer modo as referências encontradas na classificação das línguas Katukina, Pano, Arawak e Kanamari tornam-se relevantes ao contexto científico do século XX no imbróglgio constitutivo da complexidade.

Os estudos antropológicos referem-se muito aos elementos empíricos estruturados em dados quantitativos enquanto a sociologia indígena perde-se em momentos fragmentados da história em busca do que já não é mais. As sociedades *matrízicas* desaparecem diante das sociedades hierarquizadas e

por mais que estabeleçamos a democracia jamais conseguimos resolver problemas causados pela verticalização da humanidade estabelecendo poderes a quem está no topo, minoria, diante do resto da sociedade transformada em auto-excludente.

O alcance científico obtido por Constant Tastevin deu-se graças ao subsídio financeiro do governo francês diante dos argumentos estrategicamente usados ao convencimento dos responsáveis pela sustentação da bandeira francesa. Desta forma ao assumir interesses nacionais o padre sacerdote responsável pela missão católica cristã dá lugar ao etnógrafo em campo com formação intelectual necessária ao preenchimento das limitações etnográficas produzidas nos gabinetes de Lévy-Brhun, Paul Rivet e René Verneau. A antropologia precisava de um esforço coletivo da coleta de dados fornecendo teorias elaboradas. Desta forma Tastevin é diferenciado dos teóricos enquanto coleta dados. E enquanto enche o baú com referências culturais, geográficas, históricas, sociais deste povo mesclava sua existência cristã aos rituais xamânicos envolvendo as condenações das certezas.

Diante dos textos produzidos sobre Constant Tastevin percebo a ausência desta presença humana de envolvimento cultural. Tastevin tudo fazia pela ciência, pela religião, pela cidadania com afinco. Ao ser convocado para a guerra, passando por Manaus, hasteou a bandeira francesa na igreja de São Sebastião em imperioso domínio cívico da sua nação.

A trajetória dele permanece oculta pelos elementos fornecidos das culturas *matrízicas* ao invés do testemunho em subjetividade discursiva ao longo dos textos. De fato as memórias pertenciam também ao reconhecimento do seu empenho representado pelas medalhas recebidas representando a aclamação pública muito mais do que na aclamação científica. Após retornar ao seu país Tastevin exerce a função acadêmica de professor em vez de participar do mundo dos teóricos e intelectuais. Assim e graças ao ineditismo dos documentos, hoje nos permitimos encontrar a complexidade teórica dos sistemas científicos de Constant Tastevin indo além das partes, vivendo outra dimensão de abordagem deste encontro.

O encontro permitido e propiciado pela linguagem escrita registrada em momentos únicos de descobertas formuladas em teoria permite acesso a teoria da complexidade observada com o foco externo dos cubos sistematizados do todo.

A lógica estabelecida entre os povos funciona para a aporética estipulando diferenças impossíveis à dialética existente. A razão metodológica da lógica formal ocupada apenas do produto ou do resultado passa a tratar do processo (o pensamento e a pesquisa). Afirmamos que Constant Tastevin adentrou ao âmago das elaboradas questões científicas e filosóficas durante seu encontro com os Katukina e os Kanamari. Sua missão religiosa traçou perfis em pesquisas científicas inovadoras ao civilizado mundo durante a experiência vivida em mundo primitivo.

A natureza dialética da realidade é também dialética natural ao conhecimento assim como ao pensamento. Tudo é e não é ao mesmo tempo. O princípio heterotético pertence ao sistema *autopoiético* em nossos neurônios produtora da realidade programada para a autoprogramação.

O encontro com os documentos escritos por Constant Tastevin propicia múltiplas pesquisas científicas revelando teses e antíteses equacionando a pluralidade em composição transdisciplinar neste Programa de Pós-Graduação desenvolvido pelo Instituto de Ciências Humanas e Letras através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas. A seta direcionada aos domínios de parcerias institucionais acadêmicas e científicas sujeitas a avaliações conceituais da CAPES/CNPQ permitirá atingir o conceito máximo no ranking científico nacional e internacional.

Chego ao ponto constituinte ao cerne da questão da complexidade exposta textualmente através dos sujeitos discursivos de Constant Tastevin, sem recorrer a um formalismo quântico, nem à matematização de uma autopoiese química de entidades biológicas, percebe-se a implicação e indução à uma vida social mais coletiva, mais molecular, entre os índios amazônicos do que entre os europeus pelo fato de uma epistemologia no sentido de visão de mundo mais

unitária do que aquela usada pela razão científica transbordando estudos fragmentados.

Não considero a possibilidade de demonstrar a complexidade quantitativamente em um sistema estruturalista de resultados por não ser possível mensurar a *autopoiese* neuronal. O processo autopoético existe somente para a permanência da própria existência. Desta forma a medida da complexidade inicia por fatos simples. O procedimento ou o critério de complexidade quando podemos caracterizar a profundidade lógica de Bennett-Kolmogorov segundo dois critérios:

- A capacidade dinâmica a gerar sequências de instâncias com baixas correlações ao longo da autocorrelação, por um lado;
- Por outro lado, a quantidade de passos necessários, incompressíveis para determinada geração, e portanto, a reprodução *a posteriori* de tal comportamento sobre o qual nos debruçamos.

Assim surge o procedimento do critério de complexidade científica estabelecendo o efeito de uma produção de fazer nascer qualquer coisa. Gerar, verbo transitivo permite tratar o objeto empírico dos documentos escritos por Constant Tastevin envolvidos pelos processos psíquico-fisiológicos e/ou mentais de produção do discurso entre outros.

“*Generatio*”, gerar é a função pela qual os seres se reproduzem com a produção de um novo indivíduo. A geração, função pela qual os seres organizados se multiplicam supõe a produção de novos seres que serão semelhantes àqueles dos quais eles derivam. Assim compor a ontologia dos Katukina e dos Kanamari só será possível se considerarmos também os processos filogenéticos e ontogenéticos herdados dos ancestrais tornando-os viventes em espíritos existentes em tudo e em todos naturalmente concebido em linguagem mitológica explicativa dos fenômenos.

Demonstrando cadencialmente a assertiva: “Para ser é preciso nascer” componho o formato multiplicado pelos discursos de Tastevin das etnias

amazônicas Katukina e Kanamari pertencerem a sociedades *matrízticas* cuja cultura é eminentemente realizada no formato circular da igualdade de todos os seres vivos.

A profundidade lógica de Chaïtin e de Kolmogorov para o critério de complexidade aleatória é estática e consiste em uma variedade e uma quantidade de “pacotes de componentes idênticos” podendo variar; variedade e quantidade tendem uma e outra ou ambas, em direção ao infinito o que poderá compor o sistema à *prioridados* como elementos de uma sequência, de um objeto natural ou não, tomados como objeto de estudo.

Considerar a verdadeira complexidade mensurável só é possível por um desvio do espaço das fases no primeiro ponto de vista, pelo espaço dos estados, em um segundo momento ou ainda pela topologia das trajetórias não somente lineares sobre as superfícies mas, fibradas e separadas em volumes em orbitais ligações portanto, em nós.

Eis que entrando no ano 2016 me aproximando da foz. Navegando em direção ao ancoradouro nas águas percorridas em velocidades alheias à minha vontade em fluxo energético da construção dos sentidos, faziam os momentos de pausa parecerem longos demais embora eu tratasse de observar a equalização neuronal da produção argumentativa da epistemologia unitária, da linguagem, das sociedades *matrízticas*, da *autopoiese*, dos círculos, dos nós atados pela Teoria da Complexidade e Sistemas estruturados no discurso de Constant Tastevin e seu encontro com as etnias Katukina e Kanamari, em inquietação produtiva movida a prazos e datas.

Envolta na neblina gerada pelo bafão amazônico em comunicação direta com a razão europeia surgida na França cada foco ou cada elemento do cubo matemático expira os sentidos da razão percebida através da lógica elaborada organicamente no cérebro, lugar da mente.

Eis que surge a comprovação da Teoria da Relatividade Geral de Albert Einstein. Tratando do tempo espaço na velocidade da luz causando oscilações em ondas gravitacionais elaborando nosso pulsar existencial no Universo.

Entender o clarão cósmico da física em estrutura comprovada e sistematizada pela composição da relação espaço-tempo de Einstein e suas equações surgidas com desenvoltura na linguagem das teorias torna a produção lógica da razão, o todo.

A expressão Teoria da Relatividade faz referência a duas teorias distintas elaboradas por Albert Einstein: a relatividade restringida (restrita?) e a relatividade geral. Este termo pode também nos transportar á uma ideia mais antiga, a relatividade de Galileu aplicada a mecânica de Newton. Assim o tempo e a historia se alinham.

Em 1906 o físico alemão Max Planck utiliza a expressão “teoria relativa” (Relativtheorie) que acentua o princípio da relatividade.

Os conceitos da teoria da relatividade restrita compreendem:

- O espaçotempo: o espaço e o tempo devem ser percebidos formando uma única entidade;
- A velocidade da luz no vácuo é invariável, independentemente da velocidade do observador e a fonte da luz. Os cálculos mostram que ela está também em velocidade máxima alcançado pela luz e toda noção desprovida de massa deve ser considerada como a máxima velocidade de movimento da informação;
- As medições de diversas quantidades são em relativas à velocidade do observador. Em particular, o tempo se expande e o espaço se contrai.

Os conceitos da teoria da relatividade geral compreendem:

- O espaçotempo se curva mais tanto quanto a massa for maior;
- A gravidade influencia a passagem do tempo.

Ao ancorarmos o barco navegado em esplendor dos descobrimentos na sequência dos movimentos da relativa gravidade equacionada em expansão do tempo e contração do espaço concebemos a explicação física dos espíritos em

matéria. A relatividade pertence à força da gravidade em matéria da energia criadora da linguagem em metaelaboração, estrutura só existente em nós os humanos capazes de pensar o pensar, meta, mitos, dimensionados em máxima constituição da expansão do tempo e da contração do espaço na matéria.

Na física o espaçotempo é uma representação matemática do espaço e do tempo como duas noções inseparáveis que influenciam um ao outro. Essa concepção do espaço e do tempo é uma das grandes convulsões no início do século XX no campo da física mas também em filosofia. Ela apareceu com a relatividade e sua representação geométrica que é o espaço de Minkowski; sua importância foi reforçada pela relatividade geral.

A nossa dimensão de existência permite elaborar fórmulas em equações matemáticas a existênciada composição do tempo e do espaço em gravidade material nutrida pela força gerando ondas em níveis dimensionados dos feixes luminares cósmicos. A epistemologia unitária da linguagem permite o espaço (matéria contraída, lugar) nutrido pelo tempo em expansão.

A expansão molecular dos nanos pontos da energia em velocidade máxima cria movimento dimensionado pelo impacto da energia em plena barreira molecular formando o espaço, enquanto o tempo se expande no vácuo. Neste vácuo luminoso dos seres vivos neste nosso planeta programados para expandir infinitamente neste espaço torna a mitologia ontológica dos índios recuperada em sua programação *matríztica* em sociedades “comunistas” sem marxismo, antecedendo a certeza da energia quântica racional da existência dos espíritos. Nano e macro mundos.

A lógica ontológica epistemológica permite à razão (ciência) explicações ao *religare* na linguagem filosófica. Descartes descartou o dizer atando os nós: Penso (linguagem), logo existo (realidade).

Os fragmentos sistematizados no cubo matemático localizando o discurso da Tese realizam-se em mostras dos fragmentos do texto de Constant Tastevin estruturados em parcelas de observações dos dados empíricos das etnias Katukina e Kanamari envolvidos em absolutas culturas em contração e expansão dos sujeitos discursivos em narrativas literárias, em épicas construções sociais expostas na individualidade cognitiva, sensitiva do humano em plena selva

primitiva fecundada por águas correntes nas veias da terra onde tempo e espaço alternam a primitividade nata em evolução tecnológica contemporânea.

A mitologia divina dos povos viventes In Dios. Em Deus. Índios.

A reflexão de cunho epistemológico, ontológico e ético a partir da Biologia do Conhecer, de Humberto Maturana Romésin nos conduz ao mecanismo gerativo cujo movimento produz os fenômenos que lhe interessa explicar e na medida em que sua teoria é uma teoria do viver e do observar ela é ao mesmo tempo uma reflexão filosófica. A questão do cerne da Biologia do Conhecer é o nosso viver na linguagem com outros seres humanos na responsabilidade do mundo que configuramos. Maturana afirma que nós seres humanos, operamos como observadores ao fazer distinção na linguagem. Afirmando que conhecer é viver e viver é conhecer, Humberto Maturana adota o caminho da objetividade entre parênteses na práxis do viver do observador na linguagem.

Espero ter realizado argumentos científicos da epistemologia e ontologia herdadas dos ancestrais em linguagem filoontogenética da estrutura *autopoietica* do nosso cérebro apresentando as dimensões de abordagem teórica da complexidade.

A partir da configuração da linguagem o homem configura a realidade. Os povos *matrízticos* amazônicos, os índios compunham a presença dos espíritos em seu espaço através dos tempos na mitologia explicativa dos elementos culturais. Estes fatos narrados por Tastevin agregaram a minha compreensão estabelecendo círculos discursivos de múltiplos sujeitos.

Apresentar esta perspectiva em perspectivas sistematizadas pertence a elaboração da tese de uma epistemologia unitária da linguagem nas sociedades *matrízticas* amazônicas. Os Katukina e os Kanamari objetos empíricos de Constant Tastevin apresentaram sistemas da demonstração do objeto empírico aqui desenvolvido.

Assim a *autopoiese* neuronal dos seres da mesma espécie sejam índios americanos ou europeus é realizada pelas associações correspondentes às sociedades às quais pertencem.

Desta forma a síntese apresenta o espaço das matrizes dimensionais existentes através do discurso escrito.



A matrix do cubo matemático cujo sistema é o próprio formato estruturado em sub sistemas (cubos menores pertencentes, atados entre si).

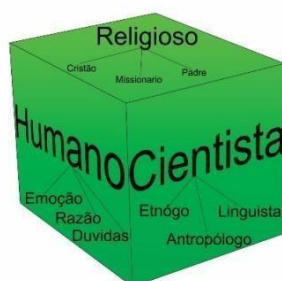
Tridimensões das abordagens argumentadas em complexidade sistematizada.

A conjunção tripartite é assim estruturada:

Constant Tastevin

- religioso – missionário, cristão, padre ;
- cientista – etnólogo, antropólogo, linguista;
- humano – emoção, razão, dúvidas

## Constant Tastevin



Cubo gráfico 8 – Múltiplos sujeitos discursivos

Formatação dos textos

- manuscritos
- datilografados
- desenhados

Formatação dos textos



Cubo gráfico 9 – documentos grafados manualmente, datilografados e desenhados

### Sujeitos discursivos

- científico
- cristão
- sinestésico

### Sujeitos discursivos



Cubo Gráfico 10 – nós atados entre os sujeitos discursivos nos textos de Constant Tastevin  
Estilo textual

- literário
- científico
- religioso

### Estilo

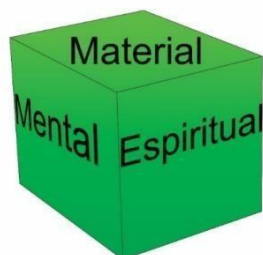


Cubo Gráfico 11 – o teor dos textos surge em complexidade múltiplas de estilos.

### Elementos sociais em estrutura

- material
- mental
- espiritual

## Elementos sociais em estrutura



Cubo Gráfico 12 – sistemas dos elementos sociais estruturados em dados antropológicos

Se considerarmos



Círculo gráfico 1 – relações elaboradas entre ciência e mitologia

O cubo (matrix-sistema) projeta os sub sistemas em matrizes descrevendo as diversas faces do conteúdo diferente dos discursos ordinários que se contentam com uma única dimensão traindo e desprezando a profundidade dos espíritos. Lembrando mais uma vez que a *autopoiese* neuronal existe apenas para a permanência da existência. Especificamente em todos os seres a permanência da existência reside em uma *autopoiese*. Esta síntese em atrator pseudocíclico autônomo e as vezes transitório, permite abrir a chave da descrição deste atrator. O que assegura a coesão do complexo pela coerência das relações.

Chegamos aos argumentos finais mostrando e demonstrando serem as sociedades *matrízticas* amazônicas (Katukina e Kanamari) unitárias, holísticas,

portanto resistentes aos recortes lineares que fragmentam as tentativas de apreensão.

Argumentos científicos justificam hipóteses. As teorias indicam a comprovação ou não das hipóteses através dos fatos, os objetos empíricos encadeados em tese. A tese surgida nos documentos de Constant Tastevin sobre as etnias *matrízticas* indígenas amazônicas: os Katukina e os Kanamari comprovam a existência de uma epistemologia unitária da linguagem nas sociedades *matrízticas* amazônicas desde que saíamos do círculo externo retornando ao nosso centro racional de pensamentos. Nos permitindo.

*"La religion de l'avenir sera une religion cosmique. Elle transcendera l'idée d'un Dieu incarné, évitera les dogmes et la théologie. Couvrant à la fois le domaine naturel et spirituel, elle se basera sur un sentiment religieux, né de l'expérience d'une unité significative en toutes choses, naturelles et spirituelles." - Albert Einstein*

Fim

## Referências

ADORNO, Theodor W. Dialética Negativa. Zahar, 2009.

AGUIAR, Maria Sueli de. Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano. Orientação: Charlotte Marie Chambelland Galves. Doutorado, Unicamp, 1994.

ARNTZ, William.; CHASSE, Betsy.; VINCENTE, Mark. Quem somos nós? A descoberta das infinitas possibilidades de alterar a realidade diária. Prestígio Editorial, 2007.

ASSMANN, Hugo. Reencantar a Educação. Rumo à sociedade aprendente. Petrópolis. Editora Vozes, 2003.

BARTHES, Roland. L'aventure sémiologique. Éditions de Seuil, 1985.

BENCHIMOL, Samuel. Romanceiro da bataha da borracha. Imprensa Oficial do Estado do Amazonas. Manaus, 1992.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. São Paulo. Companhia das Letras; Editora Schwarcz Ltda, 1987.

CALEB, Scharf. The Copernicus Complex : Our Cosmic Significance in a Universe of Planets and Probabilities  
Edition Scientific American, Farrar, Strauss and Siroux, 2014.

CAPRA, Fritjof. Pertencendo ao Universo. São Paulo. Editora Cultrix/Amana, 10ª edição, 1998.

CAPRA, Fritjof. O ponto de Mutação. São Paulo. Editora Cultrix, 1997.

CHOMSKY, Noam. Linguagem e mente. Editora Unesp, 2006.

COELHO, Teixeira. Moderno e Pós-moderno. Porto Alegre. L&PM Editores S.A., 1986

COMFORD, F. M. As origens o pensamento grego. Editora Fundação Galovsk Gwlbenkian, 1990.

CONNOR, Steven. Cultura Pós-Moderna. São Paulo. Edições Loyola, 2ª edição, 1993.

CORTES, Jacques; CORTES, Josyane (Orgs.). Essais. Une Introduction a la recherche scientifique en didactique des langues. Paris. Didier/CREDIF, 1987.

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). Tastevin, Parrisier. Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá. Série Monografias. Museu do Índio – FUNAI. Rio de Janeiro, 2009.

DESCARTES, René. Discours de la Méthode. Paris. Booking International, 1995. DUCROT, Oswald. O dizer e o ditto. Pontes, 1987.

ECO, Humberto. Pós-Escrito a O Nome da Rosa. Editora Nova Fronteira, 1985.

EDELMAN, Gerald. Traduction française de "A Universe of Consciousness. Gerald. Editions Odile Jacob 2000.

FAULHABER, Priscila. MONSERRAT, Ruth. Tastevin e a Etnografia Indígena. Série Monografias. Museu do índio – FUNAI. Rio de Janeiro, 2008.

FREGTMAN, Carlos D. Holomúsica. Um Caminho de Evolução Transpessoal. São Paulo. Editora Cultrix, 1985.

FINGER, Ingrid.; QUADROS, Ronice Müller de. Teorias da Aquisição da Linguagem. Editora da UFSC. Florianópolis, 2008.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Editora Graal, 1993

FREIRE, Paulo.; HORTON, Myles. O caminho se faz caminhando. Petrópolis. Editora Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra, 1996.

GLEISER, Marcelo. A dança do Universo. Dos Mitos de Criação ao Big-Bang. Companhia das Letras, 1998.

GONDIM, Neide. A Invenção da Amazônia. Marco Zero, 1994.

GRAÇA, Antonio Paulo. A Catedral das Impurezas. Crítica da Razão Liberal. Editora Imaginário, 1992.

GRAÇA, Antônio Paulo. A razão selvagem. Livraria Editora Maíra, 1985.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo. Editora Unesp, 1991.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Hachette, 1993.

GRUPIONE, Luis Donisete Benzi.; VIDAL, Lux.; FISCHMANN, Roseli (Orgs.). Povos indígenas e tolerância. Construindo práticas de respeito e solidariedade. Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

HARVEY, David. A condição pós-moderna. Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. Edições Loyola, 1993.

HORKHEIMER, Max. Teoria Crítica uma documentação. Tomo 1. Editora Perspectiva, 1990.

HISTÓRIAS DA TRADIÇÃO SUFI. Rio de Janeiro. Edições Dervish, 1993.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 2ª edição, 1992.

KRISHNAMURTI, J. Novos Roteiros em Educação. São Paulo. Editora Cultrix, 2ª edição, 1980.

JÚNIOR, Almir diniz de Carvalho.; NORONHA, Nelson (Orgs.). A Amazônia dos Viajantes. História e Ciência. EDUA – Editora da Universidade Estadual do Amazonas, 2001.

LABEL FRANCE. Magazine trimestriel d'information du ministère des Affaires étrangères. N° 54. Avril/juin, 2004.

LACAN, Jacques. Escritos. Editora Perspectiva, 1978.

LACAN, Jacques. O Seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud. Jorge Zahar Editor, 1981.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (Org.). Desafios da pesquisa em Ciências Sociais. Humanitas FFLCH/USP, 2001.

LA TAILLE, Yves de. Ensaio sobre o Lugar do Computador na Educação. Iglu editora, 1990.

LELOUP, Jean-Yves. Apocalipse, Clamores da Revelação. Ed. Vozes, 2003.

LYONS, John. Linguagem e Lingüística. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1981.

LUCKESI, Cipriano; BARRETO, Elói; COSMA, José; BATISTA, Naidison. Fazer Universidade: Uma proposta metodológica. Cortez Editora, 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. L'analyse du Discours. Introduction aux lectures de l'archive. Hachette Supérieur, 1991.

MARKHAIN, Clements. A list of the tribus of the valley of the Amazons, including those on the banks of the main stream and of all the tributaries in The Journal of the royal anthropologieul Institut, Londres, vol. XI. 1910.

MARTIUS, Carl Friedrich Phil von. Beitrage sur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens, Leipzig, 2 vol. 1867.

MATURANA, Humberto. A Ontologia da Realidade. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005.

MATURANA, Humberto.; VARELA, Francisco. A Árvore do Conhecimento. As bases biológicas da compreensão humana. São Paulo. Editora Palas Athena, 2004.

MATURANA, Humberto.; VERDEN-ZÖLLER, Guerda. Amar e Brincar. Fundamentos esquecidos do Humano. São Paulo, 2004.

MATURANA, Humberto.; MAGRO, Cristina.; PAREDES, Victor (orgs). Cognição, Ciência e Vida Cotidiana. Editora UFMG, 2001.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. O Pescador. Histórias, instrumentos, técnicas e folclore. EDUA – Editora da Universidade Estadual do Amazonas, 2010.

MORICONI, Italo. A Provocação Pós-Moderna. Rio de Janeiro. Diadorin, 1994.

- MORIN, Edgar. La Méthode I, II, III, IV, V. Paris. Éditions du Seuil. 1986.
- MORIN, Edgar. Saberes Globais e Saberes Locais – O olhar transdisciplinar. Ed. Garamond, 2001.
- NACCACHE, Lionel. Perdons-nous connaissance? : De la Mythologie à la Neurologie. Éditions Odile Jacob, coll. « Sciences ». 2010.
- NEF, Frédéric. A Linguagem. Uma abordagem filosófica. Jorge Zahar Editor, 1995.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de. Tratado de Metodologia Científica. São Paulo. Pioneira, 1997.
- PAUWELS, Louis; BERGIER, Jacques. O Despertar dos Mágicos. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1971.
- PESSIS-PASTERNAK, Guitta (Entrev.). Do Caos à Inteligência Artificial. Unesp, 1992.
- PESSOA, Protásio Lopes. Primeiro Centenário dos Espiritanos em Tefé – síntese histórica. 1997.
- PINTO, Renan Freitas. Viagem das Idéias. Valer Editora, 2006.
- RIMPOCHE, Jayang. Contos Populares do Tibete (Sel.). Laudy Editora, 2003.
- RODRIGUES, José Ezequiel Basini et al. Fronteiras, diálogos e intervenção social no contexto Pan-Amazônico. EDUA – Editora da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2012.
- ROGNON, Frédéric. Os primitivos, nossos contemporâneos. Papirus Editora, 1991.
- SHAFF, Adam. A Sociedade Informática. Editora Unesp, Editora Brasiliense, 1993.
- Schwartz, Monika. Teoria Cognitiva da Semântica & Relidade Neuropsicológica. STEFANI, Giancarlo (Trad.). EDUA – Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2006.
- SILVA, Marilene Corrêa da. O País do Amazonas. Valer Editora, 2012.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). Teoria Educacional Crítica em Tempos Pós-Modernos. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 1993.
- SILVA; MOREIRA, Antonio Flávio. Territórios Contestados. O currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis. Editora Vozes, 2001.



SPIX, John Bapt von e MARTIUS, Carl Friedrich Phil von. ...on Bresilien, Munich, 3 vol. I atlas. 1828 – 1831.

SORMAN, Guy. Le progrès & ses ennemis. Fayard, 2001.

SUBIRATAS, Eduardo. Da Vanguarda ao Pós-Moderno. São Paulo. Editora Nobel, 2ª edição, 1986.

TALGER, Werner. Paidéia. Martins Fontes.

TASTEVIN, Constant. Documentos escritos sobre os Katukina e os Kanamari. Acervo da Prelazia de Tefé.

TEIXEIRA, Neiza. Para alguém ou para além de nós. Valer Editora, 2012.

TOCANTINS, Leandro. Amazônia. Natureza, homem e tempo. Biblioteca do Exército, 1982.

TOFFLER, Alvin. A Terceira Onda. Rio de Janeiro. Editora Record, 1980.

TOFFLER, Alvin. Powershift. As mudanças do poder. Rio de Janeiro. Editora Record, 2ª edição, 1990.

TOFFLER, Alvin. O Choque do Futuro. Rio de Janeiro. Editora Record, 1970.

TONONI, Giulio. Comment la matière devient conscience. Éditions Odile Jacob, 2000.

TOURAINÉ, Alain. Crítica da Modernidade. Petrópolis. Editora Vozes, 1995.

VALLEJO, Américo.; MAGALHÃES, Ligia C. Lacan: operadores da leitura. Editora Perspectiva, 1981.

VARGAS, Milton. Para uma filosofia da tecnologia. Editora Alfa-Omega, 1994.

VASCONCELOS, Maria José Esteves de. Pensamento sistêmico. O novo paradigma da ciência. Papyrus, 2006.

VATTIMO, Gianni. O fim da modernidade. Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Lisboa. Editorial Presença Ltda, 1987.

VERON, Eliseo. A Produção de Sentido. São Paulo. Editora Cultrix.

VIGOTSKI, L. S. A Construção do Pensamento e da Linguagem. Martins fontes, 2001.

WEIL, Pierre. D'AMBRÓSIO, Ubiratan. CREMA, Roberto. Rumo à Nova Transdisciplinaridade. Sistemas abertos de Conhecimento. Summus, 1993.

ZANELLA, Andréa Vieira.; COSTA, Fabíola Cirimbelli Búrigo.; MAHEIRIE, Kátia.; SANDER, Lucilene. ROS, Sílvia Zanatta da (Orgs.). Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Publicações, 2007.

## Referências com suporte eletrônico

AUTOMATES INTELLIGENTS. <http://www.automatesintelligents.com/biblionet/index.html>.

Association Française de Science des Systèmes Cybernétiques Cognitifs et Techniques (AFSCET): <http://www.afscet.asso.fr/>;

BEAUSSART, Éric. e-mail [eric.beaussart@orange.fr](mailto:eric.beaussart@orange.fr).

CARDON, Alain. Les systèmes de représentation et l'aptitude langagière. Disponível em: <http://www.admiroutes.asso.fr/larevue/2013/136/LivreACmai07.pdf>;

DAHENE, Stanilas. Consciousness and the Brain: Deciphering How the Brain Codes Our Thoughts. Disponível em: The Journal of Undergraduate Neuroscience Education **12** (2): R5–R6. Retrieved 25 July 2014.

DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol. Tastevin: uma história da etnografia indígena (apresentação). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v4n1/v4n1a16.pdf>.

KANSO, Mustafá Ali. <http://lattes.cnpq.br/8672639084217324>; <http://hypescience.com/teoria-da-complexidade-o-que-e-isso/>.

KUPIEC, Jean-Jacques, L'Origine des individus, Le Temps des Sciences, Paris, Fayard, 2008. Trad. angl. The Origin of Individuals, World Scientific, 2009. Disponível em: AUTOMATES INTELLIGENTS. <http://www.automatesintelligents.com/biblionet/index.html>

Manifesto da Ecologia Profunda: <http://ecologiaviva.com.br/blog/manifesto-da-ecologiaprofunda/#sthash.uHbNSR89.dpuf>.

Philoscience: <http://philoscience.over-blog.com/>.

BAQUIAST, Jean-Paul; JACQUEMIN, Christophe: <http://philoscience.over-blog.com/>.

STAPP, Henri. Article. A quoi sert la conscience humaine? La question de l'observateur en physique. A propos de Mindful Universe, Quantum Mechanics and the Participating Observer, de Henry Stapp (2e édition, Springer, 2011) Jean-Paul Baquiast 17/07/2012 Disponível em: [www.agoravox.fr](http://www.agoravox.fr) › Actualités › Technologies.

PRIGOGINE, Ilya. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilya\\_Prigogine](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ilya_Prigogine).

## DOCUMENTÁRIOS E VÍDEOS

### **DMT: The Spirit Molecule**

Gênero: Documentário sobre Ciência e Natureza

Direção: Mitch Schultz;

### **Quem Somos Nós? - Só Filosofia - Filosofia e Outras Áreas**

[www.filosofia.com.br/vi\\_filme.php?id=14](http://www.filosofia.com.br/vi_filme.php?id=14)

Gênero: Documentário Física Quântica e Metafísica

Um filme de William Arntz, Betsy Chasse com Marlee Matlin, Barry Newman, Elaine Hendrix, Armin Shimerman.

### **Encontro com Lacan**

Gênero: Documentário

Diretor: Gerard Miller, 2011.

### **Chomsky & Cia**

Ep. 1

Diretores: Olivier Azam e Daniel Mermer, 2008.

Gênero: Documentário

### **Claude-Levy Strauss**

Gênero: Documentário

Diretor: Pierre Beuchot, 2004

### **Fronteiras do Pensamento: Encontros e dissonâncias**

Diretora: Camila Gonzatto, 2012

Alain de Botton, Edgar Morin, Fredric Jameson, Mohsen Makhmalbaf e Orhan pamuk conversam com pensadores e artistas brasileiros criando um diálogo a partir de suas teorias.

Gênero: Documentário

## Índice Remissivo

A tradução dos textos originais de Constant Tastevin e dos teóricos do idioma francês, pertencem aos argumentos da tese. Os originais dos fragmentos analisados foram digitados e geraram este índice remissivo. A ordem alfabética é sequenciada pela numeração das páginas da tese onde encontram-se as traduções e argumentações produzidas.

### A - Página 4

BAQUIAST, Jean-Paul. <http://philoscience.over-blog.com/> Si l'on entreprend de raisonner un tant soit peu philosophiquement sur le rôle des cerveaux dans la production d'hypothèses concernant la nature profonde de l'univers, on sera obligé de faire une constatation qui n'est en rien un retour au religieux, mais qui découle d'un fait communément observé en anthropologie humaine. Les sociétés les plus primitives (peut-être même certains animaux) ont toujours généré spontanément le concept d'infini, appliqué au temps, à l'espace ou au contenu même des connaissances. Ne serait-ce pas que d'une certaine façon, elles étaient en relation avec des formes de connaissances dépassant la seule rationalité telle que nous voulons la limiter aujourd'hui?

### B - Página 26

DAHENE, Stanilas - Il résulte de tout ceci que la chimie prébiotiques, nécessaire à l'apparition de la vie, ne s'est jamais limitée à la Terre primitive. Elle est au contraire partout dans le cosmos (sans préjudice de formes encore plus complexes que celles aujourd'hui découvertes). Elle aurait donc très vraisemblablement été apportées par des comètes ou des météorites sur la Terre, où elle a pu prospérer dès que les conditions géologiques de celle-ci se sont stabilisées.

### C - Página

Constant Tastevin

- Tu comprends la langue des Katukinas?
- Moi comprendre; Katukina est notre parent! - Alors, à demain.

### D - Página 82

**Humberto Maturana** -“Cuando el patriarcado pastor llegó se produjo un encuentro violento entre la cultura patriarcal y la cultura matrística, que eran diametralmente opuestas. Mientras que en la cultura patriarcal había apropiación en la otra no la había; mientras que en la cultura patriarcal había signos de jerarquías, en la cultura matrística no hay signo de jerarquías; mientras que la cultura patriarcal estaba centrada en la guerra, la matrística no. [...] Cuando la cultura patriarcal englobó a la cultura matrística, mataron a los hombres y los guerreros patriarcales se apropiaron de sus mujeres, quedando lo matrístico retenido en la relación materno infantil y lo patriarcal como la imagen externa pública. Yo creo que las culturas no son ni de los hombres ni de las mujeres, hombres y mujeres en la cultura patriarcal son patriarcales; hombres y mujeres en la cultura matrística son matrísticos. De modo que las mujeres al ser apropiadas por los hombres patriarcales guardaron un núcleo matrístico que aún está presente en nuestra cultura occidental. Lo matrístico se conserva en la relación materno infantil. Fíjense ustedes que en la relación materno infantil y en el jardín infantil es un continua invitación a la colaboración, a la participación, a resolver los conflictos en la conversación, a la no apropiación; allí el cuerpo es legítimo y los niños y niñas pueden andar desnudos. Cuando se reclama por una convivencia en el mutuo respeto, en la colaboración y no en la competencia, se dice que es utópico, que es un deseo idílico propio de infantes. La vida adulta es de competencia, de lucha, de defensa de los intereses, las discrepancias son conflictos, los argumentos son armas. Hacemos polémicas, la palabra polémico tiene que ver con la guerra.[...] Pero no es un conflicto de lo masculino y lo femenino. Solo en la cultura patriarcal original había un conflicto entre lo masculino y lo femenino. Lo que vivimos en el presente como un conflicto entre lo masculino y lo femenino es un conflicto entre lo patriarcal y lo matrístico. Nuestros niños tienen otra dificultad fundamental, que es la adolescencia. La adolescencia es el tránsito cultural de pasar de una cultura matrística a otra patriarcal. La cultura matrística y patriarcal son completamente oponentes: se crece dentro de ciertas relaciones de colaboración, de respeto y de participación, luego de lo cual se pasa a vivir en la competencia, en la negación, en la lucha.”

## E – Página 77

Constant Tastevin

La nuit venue, comme de coutume tout le hameau se réunit pour la prière du soir et la confession annuelle. Il me semble que je priai avec plus de ferveur à la pensée de la rencontre que **je allais** faire le lendemain. Cette première entrance d'une tribu nouvelle avec le ministre de Jésus-Christ allait-elle par ma faute avoir un résultat défavorable au aurais-je au contraire le Bonheur de les bien impressionner. Le doute était angoissant: venir de si loin poser un but déterminé, avoir si peu d'occasion de réaliser le rêve de sa vie, et être à la ville de réussir ou d'échouer, il y avait bien pour les rappeler au coeur de Jesus, toutes les prières des amis des Indiens. Il y en a-t-il beaucoup. C'est le secret de Dieu.

## F - Página 80

On ne peut m'offrir le café avant le départ. Il n'y avait au barracon ni café ni sucre. Et dans mon canot il n'y en avait pas davantage. “Manger ce qu'on vous offre!” C'est le conseil que nous suivons. On m'offrit trois oeufs frits à la graisse de poisson. Je les mélangeai avec de la farine de manioc et les partageai avec mès deux rameurs! Par-dessus je pris un verre d'eau du fleuve, et en route!

**G -Página 81**

1. Après une demi-heure qui me parut bien longue, mon homme revint avec as blague et nous commençâmes a escalader une seconde colline. Comme elles sont belles ces promenades sous la grande forêt vierge! Et comme l'on comprend que les Indiens qui ne s'y perdent jamais, se plaisent à circuler comme les fauves sous a plafond de verdure que les rayons du soleil ne pénètrent jamais!
2. - Écoute-moi Baway, le papa qui est au ciel n'a jamais eu de tête!- Il n'a pas de tête ton papa du ciel? Ça c'est vraiment drôle! Et il n'est pas mort? - Non! Et il n'a pas de bras, non plus.- Pas de bras?- Non! Et pas de jambes, pas de ventre, rien, rien qu'on puisse voir ou toucher.- Hé! Fit mon Baway, et il resta songeur.
3. - Si les Katukinas ne sont pas ici, dit-il, c'est qu'ils se sont arrêtés em chemin. Demain, nous les verrons.

**H Página 81**

1. Un instant je fus tenté de pousser mon excursion jusqu'au Bia où les autres Canamaris fairaient la cueillette des poupognas, mais peu habitué à la marche, je me sentais fatigue. J'ai acceptai donc de m'installer dans le troisième ajoupa que Baway mettait à ma disposition pour moi et mês compagnons.
2. Il resté seul avec les trois Indiennes et mês compagnons, ce qui prouve à quel point j'avais acquis la confiance de mês hôtes, je me mis à examiner les demeures des Canamaris.

**I Página 82**

1. Vers deux heures le éperner se fit entendre sur um grand arbre qui dominait le hameau à la lisière du bois: "Katatan! Katatan!" Les voilà qui arrivent, disent les trois Indiennes en même temps. – Qui donc? Demandai- je. – Les Canamaris! Et eles paraissaient aussi convaincues l'une que l'autre.
2. Dix minutes après on entendait le chant de l'urú, joli petit gallinacée de la forêt:  
- "Courou, courou, courou, courou, courou!"  
  
- Tu vois! Me dit Warma, trionphante.

Je ne voyais rien du tout, mais c'était bien eux qui imitaient à la perfection et tous en chœur le cri de l'urú pour s'annoncer. Ils ne tardèrent pas à déboucher de la forêt. En tête, un jeune homme, Marawi, balançant ses fleches et son arc au bout du bras, s'avavançait d'un pas soufle et élastique. Derrière lui, Panawan son ami et compagnon du même âge, aussi leste que lui, mais plus timide, puis Owano (Iepapillon) le cacique de la tribu; Kaimon (la petite tortue d'eau); Aro et sa seconde femme Eyawi (la sardine). Celle-ci c'était chargée comme une pauvre bete, d'un panier qui lui descendait de la nuque au jarret, rempli de chair de poupounha débarassée de son écorce des noyaux. Et c'était tout. Ils était tous peinturlurés de rouge comme des diables, vêtus seulement jusqu'à la ceinture. Aro portait dessiné sur son ventre, un petit navire joint on noir qui témoignait de l'habileté de sa campagne.

**J -Página 99**

O céu me olha, ele me vê  
É ele quem faz cair a chuva

Venha pular no campo

### **L -Página 100**

RIVET, Paul. TASTEVIN, Constant. P. 80/XXXV – N 5.

Notre carte précise les zones qu'il est le plus urgente d'explorer, les tribos qu'il serait indispensables d'aller étudier avant qu'elles ne disparaissent. Ne servirait-elle qu'à orienter les recherches des voyageurs avides d'inconnu et de terres inexploitées, que nous aurions atteint notre but essentiel.

### **M - Página 101**

Pag. 479. Les tribos de langue katukina occupent une bande continue dont l'axe serait le Juruá, formée par les territoires contigus des Tukundiapá, des Parawá, des Bendipá, des Tawari, des Kayarara, des Kanamari, des Buruá, des Katukina, des Katawisi.

### **N -Página 104**

DETUCHE, Jeremy. Les Katukina do rio Biá. Université de Paris Ouest, Nanterre, La Défense. 2009 (Nota de Rodapé) Pág 02.

Tastevin devait être capable de parler un peu le Kanamari-Katukina, mais nous ne savons pas en quelle langue il faisait ses enquêtes et, probablement, le portugais devait être très présent comme le montre « l'événement » de ce passage. De plus, cette lettre n'acertainement pas été écrite sur le terrain et il est impossible de savoir à quel point Tastevin a réécrit les dialogues. Il est aussi possible qu'il ait écrit cette lettre en pensant aussi au destinataire. Comme on le voit, de nombreuses incertitudes demeurent...

### **O - Página 94**

TASTEVIN, Constant. ... C'est assez extraordinaire, et il faut en finir. – D'où venez-vous? – Barracão! Fut la réponse. Quel laconisme!... – De quel barracão venez-vous? – Celui-là! De plus en plus fort! Vous venez de Pau Furado, sans doute.

–

In, in. A cette réponse je vis que j'avais à faire à des Indiens, et je fus transporté de fois. Il y avait si longtemps que je désirais voir les Indiens de ces plages, soit les Canamaris qui habitent entre le Jutuhy, à l'ouest et le Juruá à l'est, soit les Colinas qui parcourent la forêt vierge entre le Juruá à l'ouest et le Purus à l'est. Je me serais attardé avec eux, mais déjà courant entraînait mon canot, et nous ne nous entendrions pas, n'ayant aucune langue commune entre nous. - Où allez-vous? Leur demandais-je, encore? – Itanga, répondirent-ils. Itanga est un lac formé par l'ancien Juruá, juste en face de les endroits où nous étions. Je savais qu'il y avait là plusieurs habitations. Dites à tous ceux qui vous rencontrerez – que le Père est à rive à Pau Furado, cria-je aux Indiens. A ce mot de Père, je vis surgir du canot une quinzaine de têtes d'hommes et de femmes, celles-ci ayant les cheveux coupés aux enfants d'Edouard. Puis ce furent des cris de joie et des chants et sous la poussée des rames le canot disparut en un clin d'oeil derrière en onde du fleuve. J'étais ravie de cette rencontre qui en présageait une autre jour le lendemain, et dans le désir d'aller vite aux renseignements, je ramai avec deux fois plus d'énergie et arrivais vers quatre heures du soir au barracão du Pau Furado (bois fercé).

## P - Página 102, 103, 104, 105

Kanamari – Ce nom sert à désigner un ensemble de tribus de langues différentes, ainsi que Chandless l'avait déjà noté (11,302). Il résulte de cette homonymie une très grande confusion, susceptible de créer des erreurs. Il convient de classer, suivant leur langue, les Kanamari en trois groupes:

1. Le premier groupe comprend les Kanamari ou Kanawari, établis sur le Purus en amont du Rixalá, affluent de droite de ce fleuve, et surtout sur le Curuumahá, affluent de gauche, qui parlent un dialecte pano (9, 105 – 106, 1118).
2. Le second groupe comprend:
  - a) Les Kanamari, qui vivent à l'intérieur des terres sur la rive gauche du Juruá, su rio Pupunha en aval à l'embouchure du Tarauacá en amont jusqu'aux sources du Jutahy et de son affluent de droite le rio Biá (42, 123). Les Kanamari que Chandless rencontra sur le Juruá et qui lui dirent habiter à quelques milles en amont de l'Acará, appartenait sans doute à cette tribu; ils ne comprenaient pas la langue des Kanamari du Curumahá et n'étaient par conséquent pas des Pano (11, 302).
  - b) Les Kanamariqui, d'après Marcoy, vivent depuis le Tarauacá (en amont des Katukina) jusqu'aux sources du Pauhiny et au sud de ce fleuve jusqu'au Purus (24, 11, 415 carte n 17). Selon toute probabilité, les Kanamari, installés dans le bassins du Jurupari, affluent de droite du bas Envira, et du Missipiri, affluent du Jurupari (23), ne sont que les représentants les plus occidentaux de ce grand groupe, auquel appartiennent aussi les Kanamari des sources du Tapauá, qui sont originaires d'entre Pauhiny et Jurupari.

A ce vaste groupe Kanamari se rattachent les Parawa, les Bendiapá, les Tawari (42, 133) les Kayarara, les Tukundiapa, toutes les tribus que nous avons rangées dans notre troisième groupe Katukina [Cf. Katukina], et vraisemblablement aussi les Katawiki et les Buruê.

Tous ces indiens ont un nom générique: Atukôna ou Tukôna, d'où dérive évidemment le nom des Katukina sous lequel on désigne un grand nombre de leurs tribus; leur langue s'appelle tukôna kône.

Les noms spéciaux qu'ils se donnent à eux-mêmes sont les suivants:

Kanamari de la rive gauche du Juruá: Wili ou Wélé dyapá (tribus des sangliers)

Katukina du Biá : Pidá dyapá (tribus des jaguars)

Katukina du Jandiatuba: Kutia dyapá (tribus de loutres)

Tukundiapa: Tukano dyapá

Bendiapa: Bem dyapá (tribus des mutuns ou hocco)

Tawari: Kadenkili dyapá (tribus des singes sawi)

KayaráraWandyo paraniã dyapá (tribus des singes kayarara)



Kanamari de la rive droite du Juruá (entre Pauhini et Envira): Tyumã dyapá (tribus des agoutis).

3. Le troisième groupe comprend les Kanamari de l'Hyacú (9, 100) et des sources de l'Ituxy, entre le Caramanú ou Abunã, affluent du Madeira, et l'Aquiry (13, 300 – 301). Selon toute vraisemblance, le vocabulaire kanamirim ou kanamare, recueilli par Spix à l'ouest de l'embouchure du Juruá (26, 11, 235, note), représente la langue de ce troisième groupe. Cette langue est très étroitement apparentée au Contakiro-Piro, au Kuniba du Juruá, au Kampa, à Ipuriná, au Maneteneri et à l'Inapari, toutes langues appartenant au sous-groupe Arawak que nous avons proposé d'appeler "pré-andin".

Le terme de Katukina sert à désigner des tribus de langues diverses (36<sup>1</sup>). Il convient de classer ces trois groupes distinctes:

1. Le premier groupe comprend les Katukina, installés sur la rive gauche du Gregorio aux sources du Reconquista, qui parlent un dialecte pano. C'est sans doute à cette tribu qu'appartenait les Indiens qu'Chandless rencontra sur le Juruá, un peu avant d'arriver au Um ou Liberdade; le seul mot de leur langue, que l'explorateur anglais ait pu noter: wary, soleil, est en effet exactement le même qu'em Katukina (11, 302). A ce groupe doivent sans doute être rattachés les Katukina du Javari-alto ou Yaquirana, apparentés, dit Stiglich, aux Nawa et aux Kapanawa, qui sont des Pano (41, 406, 420) et sans doute aussi les Katukina signalés par Linhares sur le rio Katukina, affluente du Tarauacá et sur le haut Envira (23).
2. Le second groupe comprend: les Katukinarú, qui vivent entre les rivières Embyra et Embyrasu, affluent du Tarauaca près du Jatuarana-parná (12, 64). Leur langue, qui ne nous est connue que par un court vocabulaire recueilli par Bach, appartient à la famille linguistique tupi (36) et non pas, comme l'admettait Brinton à la famille Arawak (5). Il est probable d'ailleurs que le Guarani n'a été adopté par la tribu qu'à une date récente, comme langue de relation. Leur langue primitive permettrait sans doute de la classer soit dans le groupe précédent, soit plus vraisemblablement dans le groupe suivant.
3. Le troisième groupe comprend:
  - a) Les katukina ou Pidá dyapá (tribus des jaguars), qui vivent sur le moyen Jutahy et en particulier sur ses deux affluents le Mutum et le Biá (7, V, 83) et dont une peuplade, les Kutia dyapá (tribu des lontres ou phoques), vit sur l'Igarapé Preto, affluent de droite du Jandiatuba. Comme Spix et Martius n'indiquent sur leur carte ethnique que cette tribu katukina (38, Atlas, carte 7), il y a lieu de supposer que c'est à elle qu'on doit rapporter le vocabulaire recueilli par Spix sur un affluent du Juruá (sans nom), à eaux noires (26, 11, 161, note). L'hypothèse est d'autant plus vraisemblable que les Kanamari de la rive gauche du Juruá, quoique pendant des longues années en guerre avec les Katukina, parlent la même langue qu'eux, et que, précisément, la langue recueillie par Spix est très étroitement apparentée à la langue parlée par les dits Kanamari.
  - b) Les Katukina, qui, d'après Marcoy, s'étendent de la rive droite du Tarauacá à la rive gauche du Purus, au sud du Tapauá, en face du Mucuí (24, II, 372, carte 17), grande tribu à laquelle appartenaient, selon toute vraisemblance, les Katukena que Chandless rencontra sur le Juruá, à une semaine en amont de l'Igarapé Acará, quelques jours avant d'atteindre l'embouchure du Tarauacá (11, 302 – 303), probablement au point où l'explorateur anglais marqua sur sa carte un lac de Catuquenas, les Katukino signalés par Bates sur le Chiruan (3, 370, note), les Katukino, qu'un des informateurs de de Castelnau lui signala sur le Purus, et sur un affluent de droite de ce fleuve, le Oiday, à quinze ou dix-huit jours en amont du Tapauá et à douze jours en aval du lac de Cacuatan (7, V, 92,93)[sans doute l'Igarapé Caquataha, porté sur la carte de Chandless un peu en aval du Mucuí (9)], les Katukino que Marcoy (24, II, carte 17) indique entre

le Juruá et les sources du Coari, don't des représentants vivaient encore sur le Teffé en 1909 et se seraient retirés depuis lors sur le Tapauá.

Linguistiquement, les Katukina de ce groupe sont apparentés aux Kanamari de notre deuxième groupe [Cf. Kanamari].

### Q -Página 121

Mais tous se donnent le nom de Takana (grafia do texto traduzido) qui signifie homme.

La nation Katukina a son centre entre les cours moyens du Javary et du Purús: le Javary est le fleuve frontière entre le Brésil et le Pérou au sud de l'Amazone dont le Purús rejoint la rive droite en amont du Madeira. Il n'existe aucune preuve qui permette de supposer que les Katukina soient venus jusqu'aux bords du grand cours d'eau qu'on pourrait appeler l'équateur américain visible.

### R -Página 122

1. D'où provient cette erreur?
2. Elle a pour cause avant tout l'ignorance des civilisées.
3. Les efforts de la presse, mais surtout des Indiens civilisés et du clergé ainsi que ceux de la "Comissão para a proteção dos Índios do Brazil" ont réussi à leur faire comprendre que les indiens sont bien des hommes, mais il n'y a guère que des rares initiés qui sachent qu'ils se partagent en plusieurs nations de langues différentes.

### S -Página 123

J'avais retenu chez moi pendant deux heures pour recueillir un petit vocabulaire de la langue, l'un d'entre eux, Alfredo, homme d'une soixante d'année, le seul avec qui je sois entré en relations et qui prétendait n'avoir que trois ans, ce qui entre parenthèse nous montre l'idée qu'ils se font de la numération.

### T -Página 125

1. Oui, nous aussi nous appelons Tama Tamakuri, Kirak, Kirak, mais c'est toi qui es savant, les autres prêtres ne savent rien du tout mais toi tu connais les choses!
2. Ces Indiens sont très enclins à l'ivrognerie, comme en général tous les Indiens pêcheurs civilisés des bords de l'Amazone, et quand ils viennent en ville, ils ne songent qu'à s'enivrer. Ce sont de vrais piliers de cabaret. Dans cet état, ils n'osent guère se présenter au missionnaire et surtout ils n'aiment pas "perdre leur temps" dans des conversations qui sont loin d'avoir à leurs yeux la valeur que nous leur donnons. Quand ils se rembarquent, c'est avec peine qu'ils retrouvent leur canot. Étant donné ces conditions et la répugnance qu'ils éprouvent à conter leurs légendes religieuses, surtout de jour, ce que porte doublement malheur, on comprend fort bien que cet Indien n'ait rien voulu ajouter à ce que je venais de lui dire, mais cette façon de vanter nos connaissances me semble prouver évidemment que lui-même les possédait puisqu'il s'étonnait de les trouver absentes chez les prêtres chrétiens. La langue de ces Katukina est essentiellement la même que celle des Kanamari avec certaines particularités dialectales qui s'expliquent par leur isolement.

### U - Página 166

La conquête et la colonisation des Amériques furent un événement considérable non seulement par l'étendue des terres conquises ou leurs effets socio-démographiques, mais aussi par la vaste production d'images et d'interprétations qui prit racine dans la pratique, tout en fournissant des directions pour cette mise en pratique. Dans ce champ d'actions et de dispositions, se produisit un chassé-croisé des interprétations des Amérindiens sur les Européens et des Européens sur les Amérindiens qui, avec le temps, prirent corps et se stabilisèrent sous certaines formes.

#### **A1. Página 194**

CARDON, ALAIN. Les systèmes de représentation et l'aptitude langagière. Maio, 2013. Pour pouvoir développer une modélisation de la génération de pensées dans ce que l'on désigne comme un système, il est nécessaire de préciser les caractères d'une approche constructiviste. Une telle approche s'appuie évidemment sur les observations faites en neurosciences, où l'on analyse les mouvements neuronaux, mais il faut finement préciser ce que peut être l'architecture d'un système dynamique qui est essentiellement fondé sur de la manipulation et les traitements très organisés de multiples informations. Il y a, dans le cas réel, d'innombrables informations élémentaires, au niveau des synapses, mais la compréhension de la production d'idées manipulant des mots sera située à un tout autre niveau. L'hypothèse est que nous devons nous placer dans la compréhension de l'architecture d'un système complexe vraiment particulier, générant et manipulant des flots d'informations ayant des caractères de niveau connaissance pour construire les formes qui seront les idées. Et pour comprendre cette architecture, il faut absolument modéliser, et pas seulement faire des observations et les classer. Le système neuronal opère au niveau de la production de multiples signaux neuronaux formant, par leurs associations et agrégations, un ensemble très complexe que l'on peut interpréter comme des formes dynamiques combinées constituées d'activités et d'échanges informationnels portant des indications cognitives. Chaque organisation de ces formes dynamiques se stabilise un très bref moment pour former une pensée conçue et perçue. Cette stabilisation est basée sur une propriété qui fonde le vivant: la quasi-permanence des formes qui peuvent être produites et ainsi reproduites. L'ensemble à considérer est la production de combinaisons de formes d'activités, de morphologies de formes qui se combinent, s'associent, se confrontent, pour produire une organisation dynamique de formes stabilisées un instant, en permettant à la pensée d'être ainsi exprimée et perçue. Ceci est la génération physique de la pensée produite, lorsqu'on considère la pensée à son niveau effectif dans le cerveau.

#### **A2. Página 195**

Nous posons que la génération de pensées est le processus organisateur continu de ce que font les cerveaux quand ils fonctionnent, c'est-à-dire produire par construction, ce que nous appellerons de manière générale des représentations sensibles éprouvées à propos de très nombreuses choses du monde. C'est ce que l'on appelle usuellement les "faits de conscience sensibles". La notion de représentation que nous utilisons ici est celle d'une appréciation complexe et totalement dynamique d'une forme construite dans l'esprit et mise à sa disposition, et qui vaut pour son objet visé, objet visé qui est, lui, une certaine chose du monde. On se reportera à la sémiotique triadique de C.S. Peirce pour bien comprendre ce que précise le verbe "valoir" que nous employons ici [Peirce C.S., Textes anticartésiens, Philosophie de l'esprit, éd. Aubier, 1984].

Un tel système générant des pensées est évidemment très compliqué à concevoir, absolument différent d'un mécanisme qui corrèle sa sortie sur son entrée et qui fonctionne par passage dans une succession d'états prédéfinis, tel un automate, ce que pratiquent les ingénieurs. Mais il s'agira quand même d'un système, en fait d'un système

de systèmes fait de multiples processus dynamiques de niveaux différents et fortement liés entre eux, dépendant les uns des autres simultanément à plusieurs échelles et de multiples façons fines, variables, mais pouvant quand même être bien précisées. Ce système, dans le cas des cerveaux, active des neurones avec leurs dendrites, et exprime le fait physique de transmission de mouvements d'informations et de transferts d'énergies. Dans le cas conceptuel ou artificiel, le système active et exprime des flots d'activités de processus, au sens informatique du terme, des flots qui se combinent et se coactivent. Il construit ses propres entrées à partir d'adaptations informationnelles avec les sens du corps et construit sans cesse ses faits de conscience à propos de quelque chose qui a été visé. Ces états spécifiques du système sont toujours éphémères et ils sont produits selon des contraintes qui sont innées ou acquises par le fait du fonctionnement du système et des régulations de sa corporalité. Et ces états globaux seront, ce qui est la propriété majeure du système, ressentis par lui-même qui les éprouvera en les manipulant, en les déployant, en les mémorisant pour en user par la suite et pour produire les états de conscience suivants.

### A3. Página 205

La métaphysique contient dans l'une de ses parties (l'ontologie) des éléments de la connaissance humaine *a priori*, *tant dans des concepts qu'en des principes, et elle doit, conformément à son but, en contenir de tels...* [3] [3] P, 3e ms, P III, p. 1263 (XX, 7,313). ...

*Elle [i.e. l'ontologie] est cette science... qui constitue un système de tous les concepts et principes de l'entendement, mais seulement dans la mesure où ils portent sur des objets qui peuvent être donnés aux sens et donc être justifiés par l'expérience.... Elle est [l'] entrée ou le vestibule de la métaphysique*

[La] fin ultime à laquelle s'ordonne la métaphysique tout entière est facile à découvrir...

[5] Le nom ancien de cette science *μετάτὰ φυσικά* donne déjà une indication sur le genre de connaissance auquel tendait son dessein. On veut, grâce à elle, s'élever au-dessus de tous les objets de l'expérience possible (*trans physicam*) pour connaître ce qui ne peut absolument pas être un objet d'expérience, et la définition de la métaphysique, selon le dessein qui contient la raison pour laquelle on se porte candidat à une telle science serait donc celle-ci : c'est une science qui consiste à progresser de la connaissance du sensible à celle du suprasensible[6] [6] P, 3e ms, P III, p. 1264 (XX, 7,316).

### A 4. Página 207

Le *premier stade* (appelé par Kant la « doctrine dogmatique théorique ») est celui d'une ontologie, réalisée de manière critique, qui constitue alors un « *progrès assuré* » de la métaphysique[26]

Le *deuxième stade* (la « discipline sceptique ») est celui de l'« arrêt sceptique » du progrès de la métaphysique : la tentative de la raison de transcender, au moyen du seul *principium rationis sufficientis*[27] [27] Le *principium rationis sufficientis* intervient ici comme le monde sensible jusqu'au suprasensible; arrêt sceptique qui, selon Kant, ouvrira cependant en même temps une issue possible.

Le *troisième stade* (la « doctrine dogmatique pratique ») est celui du *transitus* (« *Überschritt* ») effectif au suprasensible au moyen de la loi morale, de sorte que la métaphysique atteint alors son but final : la connaissance praticomorale des Idées suprasensibles.

### A5. Página 218

CARDON, Alain. Pour pouvoir développer une modélisation de la génération de pensées dans ce que l'on désigne comme un système, il est nécessaire de préciser les caractères d'une approche constructiviste. Une telle approche s'appuie é neuronaux, m videmment sur les observations faites en neurosciences, où l'on analyse les mouvements ais il faut finement préciser ce que peut être l'architecture d'un système dynamique qui est essentiellement fondé sur de la manipulation et les traitements très organisés de multiples informations. Il y a, dans le cas réel, d'innombrables informations élémentaires, au niveau des synapses, mais la compréhension de la production d'idées manipulant des mots sera située à un tout autre niveau.

### A6. Página 223

Pour pouvoir développer une modélisation de la génération de pensées dans ce que l'on désigne comme un système, il est nécessaire de préciser les caractères d'une approche constructiviste. Une telle approche s'appuie é neuronaux, m videmment sur les observations faites en neurosciences, où l'on analyse les mouvements ais il faut finement préciser ce que peut être l'architecture d'un système dynamique qui est essentiellement fondé sur de la manipulation et les traitements très organisés de multiples informations. Il y a, dans le cas réel, d'innombrables informations élémentaires, au niveau des synapses, mais la compréhension de la production d'idées manipulant des mots sera située à un tout autre niveau.

### A7. Página 224

BITBOL, Michel. Michel Bitbol signe avec *De l'intérieur du monde* un livre important, qui complète une œuvre d'épistémologue déjà abondante et reconnue, et que nourrit une érudition profonde dans des domaines scientifiques variés (Michel Bitbol est neurologue de formation, docteur en médecine et docteur en physique) aussi bien qu'en philosophie. Celui-ci contribue à l'éclaircissement d'un certain nombre de subtilités épistémologiques contemporaines (sur l'interprétation des paradoxes de la mécanique quantique, des phénomènes dits d'émergence, etc.), mais également à la collaboration des perspectives continentales et analytiques. C'est une des grandes originalités de Bitbol que de se placer dans un champ de discussions et de références essentiellement analytique, mais en usant de ressorts problématiques qui relèvent davantage de la philosophie continentale. De façon caractéristique, on va le voir, Bitbol développe une forme originale et novatrice de néo-kantisme, s'inscrit, de par sa méthode comme de par l'encyclopédisme de ses connaissances, dans la postérité de Cassirer – d'un Cassirer en dialogue avec Wittgenstein.

### A 8. Página 229

Pour aborder une unification des modèles dans des domaines si différents, il faut d'abord investir et bien connaître les cinq domaines précédemment présentés, c'est à dire qu'il faut lutter contre cette tendance de fond, si usuelle aujourd'hui, qui consiste à isoler les disciplines pour en faire des bastions étanches sans ouverture. Il faut donc être pluridisciplinaire, il faut repenser tous les résultats, tous les modèles définis dans ces disciplines, en les plaçant sous un nouvel éclairage permettant d'adopter une attitude

constructiviste unifiante. Et il faut aborder de front une nouvelle classe d'architectures de systèmes ayant l'aptitude à s'auto organiser avec de l'intention par rapport à leurs entrées informationnelles continues et à leurs productions internes, en gérant du parallélisme et surtout en leur permettant d'éprouver leurs productions. Il faut trouver les clefs pour contrôler une organisation spatiale et temporelle très complexe formée d'une multitude d'éléments en réorganisation continue, se confrontant sous un flux informationnel venant des multiples capteurs interfaçant la corporéité.

#### **A 9. Página 230**

BITBOL, Michel. Michel Bitbol signe avec *De l'intérieur du monde*, un livre important, qui complète une œuvre d'épistémologue déjà abondante et reconnue, et que nourrit une érudition profonde dans des domaines scientifiques variés (Michel Bitbol est neurologue de formation, docteur en médecine et docteur en physique) aussi bien qu'en philosophie. Celui-ci contribue à l'éclaircissement d'un certain nombre de subtilités épistémologiques contemporaines (sur l'interprétation des paradoxes de la mécanique quantique, des phénomènes dits d'émergence, etc.), mais également à la collaboration des perspectives continentales et analytiques. C'est une des grandes originalités de Bitbol que de se placer dans un champ de discussions et de références essentiellement analytique, mais en usant de ressorts problématiques qui relèvent davantage de la philosophie continentale. De façon caractéristique, on va le voir, Bitbol développe une forme originale et novatrice de néo-kantisme, s'inscrit, de par sa méthode comme de par l'encyclopédisme de ses connaissances, dans la postérité de Cassirer – d'un Cassirer en dialogue avec Wittgenstein.

#### **Anexos**

Documento 1 – Le Père Constant Tastevin. Texto e Fotografia. Arquivo da Prelazia de Tefé – Am. 604.3.1 (2 págs);

Documento 2 – A Monsieur le Ministre de l'Instruction Publique. Demande de subvention pour mission d'études chez les indiens de l'Amazonie. Arquivo da Prelazia de Tefé, Am. 604.3.1 (11 págs);

Documento 3 – Publications du Père Tastevin relationnées à l'Amazonie. Chevilly Larue – France – 15/12/1986 (3 págs);

Documento 4 – Texto L'Habitation. Arquivos Générales des P. P. du St-Esprit. 12, rue du P. Mazarié, Chevilly, 94150. 294 – B;

Documento 5 – Carte Géographique des Katukina;

Documento 6 – Mapa. Croquis du Haut Tarauacá. La Géographie, Paris;

Documento 7 – Mapa. Haut-Juruá et Affluents. La Géographie, Paris.